



literatura
livre

El Zarco

IGNACIO MANUEL
ALTAMIRANO

El Zarco (1901)

Tradução: Renato Roschel

Edição bilingue: POR/ESP
Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

El Zarco

Ignacio Manuel Altamirano

Edição Bilingue

sesc **mojo**^{.org}

El Zarco

Ignacio Manuel Altamirano

Tradução:

Renato Roschel

YAUTEPEC

Yautepec é uma vila de terra quente, onde o casario se esconde sob um lindo bosque.

Ao longe, para quem chega de Cuernavaca pelo caminho tortuoso das Tetillas, que serpenteia por entre duas colinas rochosas cujo formato se parece com dois seios femininos; ou para quem desce da fria e empinada serra de Tepoztlán, pelo lado norte; ou ainda para aqueles que seguem o caminho plano do vale de Amilpas no lado oriental, atravessando as ricas e belas fazendas de cana de Cocoyoc, Calderón, Casasano e San Carlos, Yautepec surge como uma imensidão verde da qual sobressaem apenas as torres da igreja.

De perto, a vila de Yautepec é pitoresca por sua originalidade. É um povoado metade oriental e metade americano. Oriental em razão do embriagante perfume das árvores frondosas e sempre carregadas de laranja e limão que compõem o bosque. Há uma extraordinária profusão de laranjeiras e limoeiros por todos os lados, onde quer se olhe. Essas

duas espécies de origem asiática parecem até um produto espontâneo da terra, tamanha é sua exuberância. Formam enormes grupos de ásperas e verdes cúpulas nas grandes e nas pequenas propriedades dos moradores locais. Seus galhos verde-escuros e brilhantes, carregados de frutas alaranjadas, despontam acima dos telhados das casas. Mignon¹ não estranharia sua pátria, em Yautepec, onde os laranjais e limoeiros florescem em todas as estações do ano.

A verdade é que essa composição se modifica em parte em razão da mistura de plantas: as bananas-ouro mostram belos e esbeltos caules e suas flores roxas, os sapotizeiros e outras árvores frutíferas nativas elevam suas copas sobre os bosques. Entretanto, são as abundantes laranjeiras e os milhares de limoeiros que dominam o local. Em 1854, Yautepec pertencia ao Estado do México e nesse período foi feito um levantamento em que se descobriu que no povoado existiam mais de quinhentas mil árvores de frutas cítricas na região. Vinte anos depois, é natural que esse número tenha duplicado ou até mesmo triplicado. Os moradores do local

1 Personagem da célebre "*Balada de Mignon*", da obra *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (Os Anos de Aprendizado, de *Wilhelm Meister*), na qual a heroína Mignon personifica, em sua nostalgia da Itália natal, a angustiada busca do poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe pela pátria ideal.

vivem quase exclusivamente da produção desses preciosos pomares. Antes de existir a estrada de ferro até Veracruz, Yautepec era a única fonte de abastecimento do Estado do México com laranjas e limões.

De resto, o aspecto do povoado é muito parecido com o das demais localidades das terras quentes da República mexicana. Algumas casas com telhados pintados de cores brilhantes; outras de telhados escurecidos pela umidade; e muitas cobertas com telhados de palha ou de folhas de palmeira. Todas moradias amplas, feitas com paredes de adobe, de madeira ou de pedra. Residências alegres, bem abastecidas com água, cercadas de flores. Todas muito aconchegantes e confortáveis, apesar do quase inexistente refinamento moderno.

Em Yautepec há um rio de águas transparentes e calmas, de correnteza tranquila, mas crescente em tempos de chuva. Ele divide o povoado do bosque, atravessando a praça, lambendo docemente as paredes de algumas das casas, muitas das quais roubam as águas do rio por pequenos aquíferos que tortuosamente seguem em diversas direções. O rio é o deus fecundador da comarca e pai dos doces e abundantes frutos que, após serem transformados em sucos, refrescam os moradores da região nas épocas de calor. Essa fartura também alegra as festas populares mexicanas durante praticamente todo o ano.

A população é pacata, trabalhadora, amante da paz, franca, simples e hospitaleira. Vive rodeada de magníficas fazendas de cana-de-açúcar, com as quais mantém um ativo comércio. O mesmo ocorre com as cidades de Cuernavaca e Morelos, centro de numerosos povoados indígenas situados na parte inferior da cordilheira que divide a terra quente do vale do México. A fruticultura da região também atende à capital da República.

Política e administrativamente, Yautepec, desde que passou a pertencer ao Estado do México, foi elevando sua posição de região subalterna e dependente de Cuernavaca até se tornar o local mais importante do distrito, caráter que ainda conserva. Yautepec não tomou parte nas guerras civis mexicanas, das quais certamente foi vítima. Sempre se reconstituiu em razão de seus inesgotáveis recursos e de seus próprios esforços. O rio e as árvores frutíferas são seu tesouro. Suas riquezas são alvo constante de ataques de bandidos, os quais, apesar de muitos, não foram capazes de destruí-la.

A população toda fala espanhol e é composta de mestiços. Os índios puros desapareceram completamente da região.

O TERROR

O Sol acabara de se pôr. Era agosto de 1861. As primeiras sombras da noite começavam a envolver o povoado de Yautepec. Um silêncio profundo tomava conta do lugar. Aterrorizados, os moradores que regularmente saíam para respirar o ambiente fresco do final de tarde após um dia de trabalho, ou para se banhar nos remansos do rio, ou ainda para passear pela praça, trancavam-se em suas casas como se o povoado estivesse tomado por uma epidemia. Todos estavam com medo, e tremiam a cada ruído.

Nessas horas, naquela época de calamidades, os povoados que não contavam com a presença de forças do governo conviviam com o iminente perigo do assalto de bandidos e todos os horrores que isso acarretava: assassinatos, sequestros, incêndios e extermínio. Os bandidos das terras quentes eram sobretudo cruéis. Por mais desnecessárias e horrendas que fossem as atrocidades, eles as cometiam por instinto, por brutalidade e pelo simples desejo de ampliar o terror entre o povo. Divertiam-se com isso.

O tempo dos prateados (assim eram chamados os bandidos dessa época) foi uma explosão de vícios, crueldades e infâmias inéditas no México.

A vizinhança de Yautepec, como em todos os outros povoados das terras quentes, vivia prisioneira do medo. Durante o dia, vigias permaneciam a postos nas torres das igrejas para avisar da chegada de alguma tropa de bandoleiros. Em alguns casos, a população defendia-se como podia; em outros, trancava-se em suas residências. Durante a noite, essa precaução era inútil. De nada adiantava dispor de uma vigilância avançada nas redondezas do povoado, pois para isso seria necessária uma quantidade enorme de pessoas, que além do risco que correriam, seriam insuficientes para vigiar todas as estradas e trilhas de acesso. Para piorar, os bandidos conheciam perfeitamente tais caminhos.

Além disso, os prateados tinham informantes nos povoados e nas fazendas. As pobres autoridades da região, acovardadas pela falta de elementos para se defender, viam-se obrigadas, quando chegava o momento, a estabelecer canais de negociação com a bandidagem. O melhor nesses casos era conseguir fugir ou se esconder, e assim salvar a própria vida.

Os bandidos, ainda mais destemidos em função dessa luta desigual e confiantes em razão das dificuldades que o governo sofria, pois estava ocupado em combater a guerra

civil,² formavam grupos de cem, duzentos e até mesmo quinhentos homens. Percorriam toda a região praticando as maiores barbaridades, impondo pesados pedágios às fazendas e sequestrando pessoas em troca de resgates. Este último tipo de crime, o que mais terror produzia na população, foi introduzido no país pelo espanhol Cobos,³ chefe clerical espanhol de terrível fama que acabaria pagando por suas más ações em seu suplício.

Muita vez, os prateados estabeleciam um centro de operações, uma espécie de quartel-general, de onde os chefes ordenavam os assaltos, os sequestros e escreviam as cartas enviadas aos fazendeiros e à população local para pedir dinheiro. Tais cartas deveriam ser sempre respondidas atendendo às demandas dos bandidos sob pena de o destinatário perder a vida caso isso não ocorresse. Nesses quartéis-generais, os

-
- 2 Em 1861, o México foi palco de duas guerras: a Guerra da Reforma, que acabaria no início do ano, e a Guerra Civil entre os governos das cidades de Veracruz (conservadores auxiliados por tropas espanholas e francesas) e do Estado do México (liberais). Esses confrontos foram seguidos pela intervenção francesa no México, que durou de 1862 a 1867 e reunia forças da Inglaterra, França e Espanha.
 - 3 O general conservador Marcelino Cobos ganhou notoriedade no México por ser um dos primeiros a utilizar como método o sequestro de seus inimigos.

bandidos mantinham presos os sequestrados, os quais invariavelmente era submetidos às mais cruéis torturas.

No período tratado aqui, o quartel-general dos bandidos era a localidade de Xochimancas, fazenda antiga e abandonada, próxima de Yautepec. Essa vizinhança deixava os povoados e fazendas do distrito de Yautepec pressionados pela presença constante do terror.

Isso explica o silêncio lúgubre que reinava em Yautepec nesse lindo fim de tarde de agosto que incitava à sociabilidade e ao passeio pelas belas ruas do povoado. Era época de chuvas, mas não havia chovido. O céu não tinha nuvens carregadas e de aspecto ameaçador. Ao contrário, a atmosfera estava limpa e serena. Para além da serra de Tepoztlán, agrupavam-se algumas poucas nuvens tomadas pelas cores violáceas do entardecer. Começava a escurecer nos canaviais que rodeavam Yautepec, o que tornava sombrias as plantações das fazendas. Sobre as longínquas ondulações das montanhas via-se aparecer a tênue e vaga luz da lua cheia.

DUAS AMIGAS

No pátio de uma casinha pobre, porém graciosa, situada já no fim do povoado e à beira do rio, com seu respectivo laranjal, seus limoeiros e suas bananeiras, conversava uma família composta por uma senhora e duas belas jovens de fisionomias muito diferentes.

Uma era branca, até mesmo pálida para terras tão quentes. Tinha olhos vivos e a boca encarnada e de riso fácil. Possuía uma soberba e um ar de desdém que pareciam estar diretamente ligados ao nariz fino, empinado e belo. O movimento constante de suas sobrancelhas somado ao lindo e aristocrático pescoço deixavam seu sorriso mais sarcástico do que benévolo. Estava sentada em um banco rústico e muito entretida em brincar com as negras e sedosas madeixas de seus cabelos, nos quais tentava colocar uma coroa de rosas brancas e calêndulas roxas.

Parecia uma aristocrata disfarçada e escondida naquele pedaço de terra quente. Seria talvez Marta ou Nancy, uma nobre que havia fugido da corte para encontrar seu namo-

rado. A outra jovem tinha dezoito anos. Era morena, da cor delicada das mestiças que estão distantes do biótipo europeu e espanhol, mas que não chegam a ser índias. Sua pele indicava origem humilde. Porém, em seus olhos grandes e também escuros; em sua boca, que desenhava sorrisos tristes para cada frase zombeteira da outra moça; em seu pescoço, quase sempre inclinado para baixo; e em seu corpo frágil havia certa melancolia que evidenciava um caráter diametralmente oposto ao da outra.

Colocava na cabeça, lentamente e sem vontade, uma guirlanda de flores de laranjeira, as quais colhera por entre os espinhos dos laranjais e que custaram vários cortes em suas mãos, o que se tornava motivo para mais uma das chacotas da amiga branca.

— Veja, mamãe — disse, dirigindo-se à senhora que cosia sentada em um banquinho de palha —, olhe essa tonta. Não vai conseguir fazer uma guirlanda decente. Machucou as mãos colhendo essas flores e mesmo assim quer, a todo custo, casar.

— Casar? Eu? — perguntou a morena, envergonhada.

— Sim. Você — replicou a outra. — Ora, não seja dissimulada. Você só pensa no casamento. Não faz outra coisa. Fala disso o dia inteiro, por isso escolhe as flores brancas. Eu prefiro escolher as flores que mais me agradam. Além do

mais, com uma guirlanda de flores de laranjeira você parece mais um defunto do que uma noiva. Sabia que é assim que se enterram as donzelas?

— Talvez seja assim mesmo que vão me enterrar — disse a morena. — Eu prefiro esses adornos.

— Meninas! Não falem essas coisas — exclamou a senhora em tom de repreensão. — Numa época dessas, falar de coisas tristes é para deixar qualquer um aborrecido. Você, Manuela — disse dirigindo-se à moça branca —, deixe Pilar em paz. Se ela quiser colocar flores de laranjeira no cabelo, isso é problema dela. No final, ambas estão muito bonitas com essas flores nos cabelos... e como ninguém vai ver vocês... — completou a frase com um suspiro.

— Esse é o problema! — disse enfaticamente Manuela. — Essa é a lástima — repetiu —, se pudéssemos pelo menos abrir as janelas ou ir a um baile... saberíamos se estamos bonitas ou não...

— Bonito está o tempo — exclamou amargamente a senhora —, ótimo para andar em bailes e ficar debruçada na janela. Para que queremos mais festa? Deus me defenda! Todo esse trabalho para viver escondidas desses malditos prateados! Não vejo a hora que meu irmão venha do Estado do México para nos levar, mesmo que seja a pé. Não é mais possível viver aqui. Um dia desses acabo morrendo de medo. Isto não é vida. Meu

Deus, não é vida esta que vivemos em Yautepec. De manhã, nos assustamos se a campainha toca. Vivemos escondidas dentro da casa, dentro da igreja. De tarde, comemos com pressa e nos assustamos novamente se a campainha toca ou se passa alguém correndo na rua. Durante a noite, temos sonhos intranquilos, trememos a cada ruído, cada passo que se ouve na rua. Não pregamos os olhos se ouvimos tiros ou gritos. É impossível viver assim. Só se fala de roubos e assassinatos: que fulano morreu, que seu cadáver foi jogado no meio da estrada; que há urubus sobrevoando esse ou aquele local; que o padre foi ouvir a confissão de alguém ferido de bala e à beira da morte; que esta noite seremos atacados por Salomé Plasencia;⁴ que as famílias estão todas escondidas; que estão chegando os bandos de El Zarco e Palo Seco; e, depois, que está a caminho a tropa do governo, fuzilando e prendendo pessoas inocentes. Isso lá é vida? Não, é um inferno.... ai, meu pobre coração.

A senhora concluiu a descrição derramando grossas lágrimas. Desgraçadamente, aquele relato, apesar de exato, era inexpressivo quando comparado à realidade.

A atenção de Manuela se acendeu quando ouviu o nome El Zarco e se comoveu quando soube que a senhora sofria do coração.

4 Um dos maiores e mais temidos bandidos da época.

— Mamãe, por que você não me contou que estava mal do coração? Sente alguma dor? Está doente? — perguntou a jovem cheia de ternura.

— Não, filha. Não estou doente. Não tenho nada, mas a vida que levamos me entristece demais. Estou desesperada e vou acabar ficando doente de verdade. Graças a Deus estou boa e essa é a riqueza que nos restou em meio a todas as desgraças que nos afligiram após a morte de seu pai. No final, após tanta ansiedade, tantos sustos diários, todas as aflições e os cuidados que preciso ter com você, fico com medo de acabar doente. Aqui neste povoado, tendo você aqui em casa... Todos me dizem: “Dona Antonia, esconda sua Manu ou leve-a para o Estado do México ou Cuernavaca. Aqui ela está muito exposta, ela é muito bonita. Se os prateados descobrem, se algum de seus informantes falarem que ela está aqui, esses bandidos são capazes atacar o povoado durante a noite e levá-la embora.” Deus me livre! Todos me dizem isso. Até o padre já me aconselhou, o prefeito, nossos parentes. Não há uma bendita alma neste povoado que não me diga a mesma coisa todos os dias. Não sei mais o que fazer... estou sozinha... sem meios para sobreviver além desta chácara e sem outro amparo que não seja meu irmão, a quem eu já enviei inúmeras cartas, mas que insiste em se fazer de surdo. Veja, minha filha, esse é o espinho que carrego em meu coração e que não me dá nenhum

momento de descanso. Se meu irmão não vier, só nos restará uma saída capaz de nos livrar da desgraça que nos ameaça.

— Qual é a saída, mamãe? — perguntou Manuela sobressaltada.

— Você se casar, minha filha — respondeu a senhora com uma ternura infinita.

— Me casar? Com quem?

— Como com quem? — respondeu a mãe docemente.

— Você sabe muito bem que Nicolás gosta de você, que seria muito bom se você aceitasse, faz dois anos que o pobrezinho vem aqui quase todos os dias, apesar dos perigos e das suas malcriações, tudo porque ele ainda tem esperanças de que um dia você aceitará o amor dele e o terá como seu esposo...

— Ai, meu Deus, tínhamos de acabar nisso, mamãe? — interrompeu enfaticamente Manuela, que desde as últimas palavras da senhora não havia dissimulado seu desgosto. — Eu deveria ter desconfiado desde o princípio. Você sempre fala dele, sempre diz que eu deveria me casar com ele, como se fosse o único remédio para nossa atual situação, como se não houvesse outra saída...

— Mas qual seria a outra saída, mulher?

— Fugirmos para o Estado do México para viver com titio ou continuarmos vivendo aqui, nos escondendo quando sentimos que há algum perigo.

— Como, se seu tio não vem nos buscar? Você acha que nós podemos ir sozinhas para o Estado do México? Que outra pessoa poderia nos levar nesses tempos perigosíssimos em que vivemos, com caminhos recheados de prateados, que podem ser avisados e nos surpreender durante a viagem?

— Mas se nós fôssemos com titio o perigo seria o mesmo, não seria? — respondeu a jovem.

— Talvez, mas ele está interessado em nos ajudar, somos parentes e ele certamente espera pelo envio de algum destacamento do governo para vir até aqui a partir do Estado do México ou de Cuernavaca junto com os militares, por isso guardo em segredo a possibilidade da nossa saída. Por fim, eu não correria o risco de fazer o trajeto durante a noite por Totolapam ou por Tepoztlán. De qualquer modo, com seu tio nós estaríamos mais seguras, mas acho que ele não virá. Não responde minhas cartas. Deve saber como estão as coisas por aqui. Minha cunhada e os sobrinhos não deixarão que ele se arrisque vindo até aqui. O fato é que não devemos depositar muitas esperanças nele.

— Então mamãe, continuaremos fazendo o mesmo, isto não é o inferno que você descreve. Algum dia tudo isso vai acabar e ficarei aqui para vestir os santos...

— Oxalá fosse esse o único perigo que corremos aqui: o de acabar vestindo os santos! — contestou a senhora com

amargura. — O certo é que não podemos continuar vivendo em Yautepec. Viver assim é um inferno na terra. O pior é que eu não acho que isso vai acabar logo, ao contrário. Olha só — disse quase sussurrando —, me disseram que os bandidos decidiram se estabelecer em Xochimancas, isso significa que corremos muito mais perigo do que imaginamos, eu mesma já vi alguns deles disfarçados, andando pela nossa rua durante a noite. Eles sabem que você está aqui, mesmo sem você ir à missa. Soube que algumas pessoas do povoado já os ouviram falando sobre você. Nossos amigos e vizinhos queridos já disseram várias vezes: “a Manuela vai acabar nas mãos dos prateados; qualquer dia desses, Manu amanhece em Xochimancas...” e coisas do tipo. Minhas comadres, meus parentes, já te disse, até mesmo o padre já me disse: “dona Antonia, o que a senhora está fazendo que ainda não levou Manu para Cuernavaca, para Cuautla ou mesmo para alguma grande fazenda? Aqui ela corre muito perigo de ser levada pelos bandidos. Leve-a embora a senhora, dona Antonia, esconda-a para não ter de viver um pesadelo” — contou a senhora. — É isso o que eu constantemente ouço. Cada conselho desse tipo é como se me apunhalassem o coração. Não podemos seguir vivendo assim.

— Mas mamãe, isso são bobagens para assustar a senhora. Eu não vi nenhum bandido na nossa rua durante a noite.

Se algum prateado vier aqui me roubar você vai ver que não será fácil, porque nós certamente ficaríamos sabendo antes, ouviríamos o tropel dos cavalos e poderíamos nos esconder facilmente ou fugir pelo quintal até a praça. Não se engane e não conte comigo para essa agonia. Só serei capturada se for surpreendida na rua, porém, como não saio nunca desta casa, sequer vou à missa, fico enfurnada aqui o dia inteiro. Como é que eles podem saber que eu existo?

— Ai meu Deus! Não, Manuela! Você não tem medo porque é nova e vê as coisas de outro modo. Eu sou velha, tenho experiência, sei que o que está acontecendo é algo que nunca vi em minha vida. Esses homens são capazes de tudo. Se eu ficar sabendo que há tropas do governo ou se o povoado tivesse armas para se defender, eu estaria mais tranquila, mas até o prefeito se esconde quando os bandidos estão por perto, o povo daqui não sabe mais o que fazer. Eles não assaltaram Yautepec porque nós pagamos todo o dinheiro que eles ordenaram, eu mesma contribuí com as economias que havia guardado. Agora, não temos mais refúgio, o que resta é correr para o mato para se esconder. E se um dia esses bandidos decidirem nos atacar, se um dia eles decidirem se mudar para cá, como fizeram em Xantetelco e como fazem hoje em Xochimancas? Você não vê que até mesmo os fazendeiros mandam dinheiro para que os deixem em paz? Não sabe que os fazendeiros pagam para

poder enviar seus carregamentos de cana-de-açúcar para o Estado do México? Não sabe que em grandes povoados como Cuautla e Cuernavaca a própria população teve de pegar em armas para se defender? Você acha que esses bandidos andam em grupos de dez ou doze? Não, minha filha! Eles formam bandos com mais de quinhentos homens, usam canhões para sitiá-los. Até o governo tem medo deles. Por isso estamos aqui presos feito mouros sem um senhor.

— Certo — respondeu Manuela, dando-se por vencida —, vamos supor que seja realmente essa a nossa situação, o que ganharíamos se eu me casasse com Nicolás?

— Ah, minha filha! Você melhoraria de vida e teria um homem de bem para protegê-la.

— Mesmo se esse homem de bem for o ferreiro da fazenda de Atlihuayan? Se até mesmo o dono da fazenda, que é um sujeito muito poderoso, não pode nada contra os prateados, o que um ferreiro, que não passa de um pobre artesão, vai fazer? — perguntou Manuela, fazendo um gesto de desdém.

— É pobre, é artesão, mas é um homem honrado. Ele a colocaria sob sua proteção. Só isso já mudaria completamente sua situação. Você não seria mais uma mulher que só tem o apoio de uma velha como eu e que qualquer um pode importunar. Estaria casada, teria um marido com força para defendê-la. Um homem que tem muitos amigos na fazenda

dispostos a lutar do lado dele até a morte. Nicolás é valente. Os bandidos nunca se atreveram a atacá-lo pelos caminhos. Em Atlihuayan, nenhum prateado se atreveria a mexer com você. Esses bandidos atacam sobretudo as populações que têm medo ou os viajantes desamparados, porém não se arriscam com os que têm coragem. Em segundo lugar, se você não quiser ficar aqui, Nicolás tem dinheiro guardado, tem suas economias. Seu professor, um estrangeiro que o deixou encarregado da ferraria da fazenda, vive no Estado do México e gosta muito dele. Nós poderíamos viver lá enquanto as coisas não melhoram por aqui.

— Não! Nunca, mamãe! — interrompeu bruscamente Manuela. — Estou decidida. Não me casarei nunca com esse índio horrível... não suporto estar na sua presença... sinto um desgosto imenso... prefiro qualquer outra coisa a viver com esse homem... prefiro os prateados — completou decidida.

— É assim? — falou a mãe, jogando sua costura indignada. — Você prefere os bandidos? Pois pense muito bem no que está dizendo, Manuela, porque se você não quer se casar honradamente com um rapaz que é um grão de ouro de honradez e que poderia fazê-la respeitada e feliz, vai acabar arrancando os próprios cabelos de desespero quando estiver nos braços desses bandidos, que são demônios vomitados do inferno. Eu não testemunharei uma coisa dessas, meu

Deus, morro antes de luto e de vergonha — disse com o rosto coberto por lágrimas de raiva.

Manuela ficou pensativa enquanto Pilar tentava consolar a velha tia.

— Olha só você — disse a senhora para a humilde morena que havia presenciado em silêncio todo o diálogo entre mãe e filha —, é minha afilhada, não me deve tanto quanto essa ingrata e tenho certeza de que jamais me daria tamanho pesar.

Após um momento de embaraçoso silêncio para as três, a senhora disse, cheia de ironia e despeito:

— Índio horrível! Essa vaidosa acha que merece um noivo mais bonito que um São Luiz Gonzaga.⁵ De onde vem toda essa soberba em uma pessoa que não passa de uma pobre jovem, ainda que tenha, por graça de Nosso Senhor, esse rostinho branco e esses olhos que tantos elogios ganham dos comerciantes de Yautepec? Você é tão convencida que podem pensar que é a dona de fazenda. Nem eu nem seu pai lhe demos essas ideias. Sua educação foi humilde. Ensinamos você a amar a honradez e não o dinheiro. O dinheiro acaba quando chegam as doenças ou a idade, o dinheiro termina como o vinho, só a honestidade

5 Santo sempre representado por pinturas nas quais aparece com ar juvenil e belo, sempre bem vestido e de pele clara. É o patrono dos jovens.

é um tesouro que nunca acaba. Índio horrível! Um pobre artesão! Saiba que aquele índio horrível, aquele pobre ferreiro é um rapaz de bons princípios, um pobre órfão de Tepoztlán que aprendeu a ler e escrever sozinho, que mais tarde entrou na forja e que na idade em que todo mundo ganha regularmente não mais do que um salário ele é o mestre principal da ferraria. Um jovem muito estimado até pelos ricos, com uma reputação muito boa e que conseguiu o pouco que tem graças ao suor de seu trabalho e à sua honestidade. Que em qualquer momento, porém ainda mais agora, é uma glória que poucos têm. Talvez não haja rapaz aqui que possa ser comparado a ele. Diga-me Pilar, estou certa?

— Sim, madrinha — respondeu a jovem —, você está coberta de razão. Nicolás é um homem bom, trabalhador, que gosta muitíssimo de Manuela. Tenho certeza de que seria um ótimo marido. Sempre digo isso a ela. Também não acho que ele seja horrível...

— Ele não é horrível — exclamou a senhora. — Essa tonta fica colocando defeitos nele só porque não o quer. Nicolás é um homem como qualquer outro e não tem medo de nada. Não é branco, nem espanhol, nem anda por aí reluzindo seus ouros e suas pratas como fazem os administradores de fazendas e os bandidos. É um homem reservado, que não

perde seu tempo com bailes e festas. É quieto e não creio que isso seja lá um defeito.

— Nem eu — concordou Pilar.

— Muito bem então, Pilar — disse Manuela —, se gosta tanto, por que não se casa com ele?

— Eu? — respondeu Pilar ao mesmo tempo assustada e envergonhada. — Eu, prima? Por que você está dizendo isso? Eu não me caso com ele porque não é a mim que ele quer, mas você.

— Ou seja, se ele quisesse se casar, você certamente aceitaria, não é mesmo? — perguntou Manuela sorrindo, implacável.

Pilar preparava-se para responder ao ataque quando alguém bateu à porta.

— É Nicolás — disse a senhora. — Corre lá, Pilar.

— A jovem humilde, ainda confusa e corada de vergonha, retirou rapidamente as flores que levava nos cabelos e as colocou no banco.

— Por que tirou as flores? — perguntou Manuela que também retirava rapidamente as flores que tinha em seus cabelos.

— Porque são flores de noiva e eu não sou noiva de ninguém — respondeu Pilar, triste e nervosa ao mesmo tempo — E você, por que tirou as suas?

— Porque não quero estar bonita para esse índio, esse homem de bem, que mais parece um santo — disse Manuela em tom de deboche.

Pilar correu para abrir a porta, não sem antes tomar as devidas precauções que toda a população de Yautepec tomava nesses tempos.

NICOLÁS

Aquele que tivesse escutado Manuela falar de maneira tão depreciativa sobre o ferreiro de Atlihuayan, como ela acabara de fazer, poderia imaginar tratar-se de um tipo de monstro, algo como um espantalho repugnante capaz apenas de inspirar medo ou repulsa.

Engana-se quem pensou assim. O homem que atravessou os cômodos da casa e chegou ao pátio onde ocorreu a conversa que acabamos de ler era um jovem indígena de pele morena, alto, esbelto, musculoso e de fisionomia inteligente e benévola. Os olhos negros e doces, seu nariz fino, sua boca grande, seu sorriso branco e brilhante, seus lábios grossos e sombreados por uma barba curta e escassa que lhe davam um aspecto, ao mesmo tempo, melancólico, forte e varonil. Era inegavelmente um índio, mas não um índio abjeto e servil. Era um homem culto, enobrecido pelo trabalho e que tinha a consciência da força de seu valor. Estava vestido como todos os outros funcionários das fazendas açucareiras: usava uma jaqueta de

brim clara, uma camisa azulada por dentro da calça e levava na cintura um largo cinto de couro cheio de cartuchos de rifle, porque naquela época todos andavam armados e prontos para se defender. Além disso, calçava botas escuras e resistentes e levava na cabeça um chapéu de feltro cinza com abas largas, mas sem nenhum ornamento de prata. Seu propósito era evidente: ele queria se diferenciar, pelo modo de se vestir, dos bandidos que ostentavam exageradamente adornos de prata em suas roupas, especialmente nos sombreiros. Esse exibicionismo era o motivo de os bandidos serem conhecidos como prateados em toda República.

Nicolás costumava, em suas visitas praticamente diárias à família de Manuela, deixar seu cavalo e suas armas em uma casa ao lado para poder partir assim que anoitecesse para a fazenda de Atlihuayan, que ficava a aproximadamente dois quilômetros de distância de Yautepec.

Após as saudações de praxe, Nicolás se sentou em um banco ao lado da senhora. Ao notar inúmeras flores aos pés de Manuela, perguntou:

— Manu, por que colheu tantas flores?

— Estava fazendo um ramalhete — respondeu secamente Manuela —, mas me enjoei e as deitei de lado.

— São tão belas! — disse Nicolás inclinando-se para pegar algumas delas, o que Manuela observou com aberto

desdém. — Você está sempre descontente! — Nicolás comentou tristemente.

— Pobre da minha filha! Enquanto estamos em Yautepec e presas nesta casa — disse a mãe —, não é possível nenhum momento de felicidade.

— A senhora tem razão — afirmou Nicolás. — E o seu irmão? Respondeu às suas cartas?

— Nada. Nenhuma resposta. Estou desesperada... E você, Nicolás, que notícias nos traz?

— As mesmas de sempre, senhora — disse sombrio. — Assaltos, sequestros, crimes em toda parte, não há outra coisa. Anteontem, pela manhã, mataram alguns tropeiros que viajavam de Cocoyoc em direção ao Estado do México.

— Deus tenha misericórdia de nós! — exclamou a senhora. — Não é mais possível viver neste lugar. Estou desesperada e não sei como fugir daqui...

— A propósito — continuou Nicolás —, se a senhora ainda deseja ir ao Estado do México, mesmo depois de recusar meus serviços para acompanhá-la, em breve surgirá uma oportunidade.

— É verdade? Como? — perguntou a ansiosa senhora.

— Já se sabe que ontem uma força de cavalaria do governo saiu de Cuernavaca em direção a este povoado. Eles passaram a noite em Xiutepec, porém, ao amanhecer, receberam a

ordem de perseguir um grupo de bandidos que havia assaltado uma família rica que viajava em direção a Acapulco na companhia de alguns estrangeiros e rapazes armados. Parece que, exatamente para ver se conseguia escapar dos ladrões, aquela família deixou Cuernavaca durante a noite e viajou rapidamente para chegar cedo hoje à Ponte de Ixtla ou San Gabriel. Porém, perto de Alpuyeca, um bando de prateados esperava por eles. Os estrangeiros que acompanhavam a família a defenderam, mas os rapazes traíram os viajantes que prometeram proteger e uniram-se aos bandidos. O resultado foi que os estrangeiros e a família acabaram todos mortos.

— Jesus! Que horror! — exclamaram a senhora e Pilar, enquanto Manuela empalideceu levemente e ficou pensativa.

— Foi uma coisa terrível — continuou Nicolás. — O dia amanheceu com o local cheio de cadáveres, e apenas os cadáveres, porque os bandidos levaram todo o resto: cavalos, equipamentos, mulas, tudo. A notícia chegou a Cuernavaca muito cedo. Os moradores de Alpuyeca trouxeram os corpos, entre os quais estavam crianças. É por isso que o governo enviou as forças que deveriam vir para cá perseguirem os bandidos.

— Eles os prenderam? Acha que eles conseguiram pegar os bandidos, Nicolás? — perguntou a Senhora.

— Não — respondeu com intensa amargura o honrado jovem —, não prenderam ninguém. Os soldados eram poucos em comparação aos prateados, que foram para Xochimancas, onde há cerca de quinhentos bandidos, todos armados e com boa montaria a seu dispor. Isso sem contar os outros bandos menores espalhados pelas estradas da região. Além do mais, estamos acostumados com esses alardes inúteis. Quando se comete um roubo de valor muito alto, ou quando são assaltadas pessoas ricas, se faz grande escândalo. O governo ordena que as autoridades daqui façam alguma coisa e elas colocam em ação pequenas forças policiais nas quais há vários cúmplices dos bandidos e que avisam tudo o que está ocorrendo. Fazem muito barulho durante uma semana ou duas e logo tudo acaba. Enquanto isso, ninguém presta atenção aos roubos, assaltos e assassinatos cometidos diariamente contra a população pobre, que não tem nada que atraia a atenção.

— Ai meu Deus, Nicolás — disse a senhora, preocupada —, e você se arrisca todas as tardes para vir de Atlihuayan até aqui para nos ver! Eu rogo a você que não faça mais isso.

— Ah! Não, senhora — respondeu Nicolás tranquilamente. — Eu sou pobre, não tenho nada para ser roubado. Além disso, a distância entre Atlihuayan e esse povoado é muito curta, não me arrisco em nada ao vir até aqui visitá-las.

— Como assim, não se arrisca? — perguntou a senhora, aflita. — Em primeiro lugar, mesmo que seja pobre, todos sabem que é um artesão honrado e trabalhador, que é o ferreiro mais importante de Atlihuayan. Logo, os bandidos devem supor que você tenha algo de valor guardado. Além disso, você sempre monta bons cavalos e carrega boas armas...

— Oh, Senhora! — exclamou rindo Nicolás. — Pelo pouco que tenho guardado é certo que os bandidos sabem que não vale a pena me atacar. Sabem que os riscos são maiores que os possíveis lucros. Eles também sabem muito bem que eu não ficaria sem reagir. No fundo, senhora, a verdade é uma só: vale mais morrer uma vez só do que sofrer as mil mortes dos sequestrados. A senhora já ouviu sobre o que os bandidos fazem com as vítimas? Pois muito bem, a meu ver, a melhor maneira para escapar desses tormentos é defender-se até a morte. Assim, eles terão de pagar caro caso triunfem, e eu salvo minha dignidade de homem — completou com orgulho varonil.

— Ah! Se todos pensassem assim — disse a senhora —, se todos resolvessem se defender não haveria bandidos nem necessitaríamos das forças do governo. Nós não viveríamos aqui mortos de medo, tremendo feito passarinhos assustados.

— É verdade, senhora. Assim deveria ser e para tal é necessário apenas um pouco de sangue frio. Repare bem:

em Atlahuayan todos ficaram apavorados quando os bandidos começaram a aparecer. Muitos não sabiam que partido tomar. No entanto, antes mesmo de eles começarem a nos importunar, nós, os ferreiros e os mecânicos da fazenda, nos reunimos determinados a comprar bons cavalos e nos armarmos bem. Decidimos lutar sempre unidos, mesmo sendo poucos, para enfrentá-los. E quando o administrador da fazenda e os dependentes souberam da nossa determinação, decidiram que também se juntariam a nós. Depois disso, expulsamos da fazenda todos os alcaguetes que colaboravam com os bandidos ou aqueles que foram pegos de conversa com os prateados. Assim, todos os trabalhadores de Atlahuayan são fiéis e ajudam-se uns aos outros. A fazenda está bem armada e não corremos mais o risco de encontrar os bandidos pelo canavial. A vigilância é constante e feita todas as noites. Tudo para evitar o mal. Os bandidos já pediram dinheiro ao dono da fazenda, ameaçaram atear fogo no canavial, mas ficaram só na ameaça. Eles também já escreveram cartas aos funcionários solicitando dinheiro, mas ninguém os respondeu. Eu, particularmente, sei que sou odiado por eles. Sei inclusive que alguns já se ofereceram para me matar. Aliás, não sei por que, pois nunca fiz mal a ninguém, nem mesmo aos bandidos. Acho que deve ser porque sabem que eu sou um sujeito resolvido e que não titubearia em me defender.

Mas eu tenho cuidado, por isso sigo sem que ninguém tenha me atacado pelos caminhos.

— Mas você anda sempre sozinho, Nicolás — disse a senhora —, isso é uma temeridade.

— Quando posso ando acompanhado. Por exemplo, quando tenho de ir a uma fazenda mais distante..., mas para vir até aqui não creio que haja necessidade de companhia. Acima de tudo, no entanto, o que mais me preocupa é cuidar de sua partida. Como havia dito, uma força do governo que estava a caminho de Yautepec teve de sair na perseguição dos assaltantes que mataram a família que viajava para Acapulco. Depois disso, a força do governo vai regressar para Cuernavaca e, na sequência, deve se dirigir para cá. É tempo de aproveitar a ocasião. Vocês deveriam se preparar para seguir viagem com eles.

— Está bem — disse a senhora. — Vamos nos preparar. Obrigada, Nicolás, pela notícia. Espero que venha nos visitar sempre que tiver alguma novidade e também espero que você fique responsável por minhas coisas aqui em Yautepec... não tenho nenhum homem de confiança além de você!

— A senhora sabe que estou às ordens para o que der e vier. Pode ficar tranquila com relação às suas coisas, pois eu continuarei aqui cuidando de tudo.

— Eu sei, eu sei e esperarei por você amanhã, como sempre. Agora está na hora de você voltar. Já anoiteceu e

temo que algo aconteça a você no caminho até a fazenda, que é curto, mas também muito perigoso... Adeus! — disse, apertando as mãos de Nicolás, que em seguida foi se despedir de Manuela, a qual o cumprimentou friamente, e de Pilar, que se despediu com a costumeira e humilde timidez.

Quando elas ouviram o trote do cavalo se afastando, a senhora, agora triste e calada, suspirou longa e dolorosamente.

— O único remorso que terei quando deixar esse povoado — disse — será deixar aqui esse rapaz, que é o único protetor que temos na vida. Como eu gostaria de tê-lo como meu genro!

— Credo mamãe! Como seu genro? — disse Manuela aproximando-se da pobre senhora e abraçando-a carinhosamente. — Não pense nisso! Nós vamos sair daqui e você terá um genro bem melhor!

— Ele te oferece um amor honrado — disse a senhora.

— Mas não um amor que me agrada — replicou a bela jovem franzindo a testa e sorrindo.

— Deus queira que você nunca se arrependa por tê-lo recusado.

— Mamãe! A esse respeito você pode ficar tranquila. Nunca me arrependerei. O coração vai para onde ele quiser... não aonde o mandam ir! — comentou com gravidade enquanto ajudava a senhora a se levantar do banquinho.

A noite avançava, o sereno, tão abundante nas terras quentes, começava a cair. As sombras do arvoredos se tornavam mais intensas em razão da luz da lua, que começava a iluminar. As mulheres seguiram cada uma para seu quarto.

EL ZARCO

Na época em que tudo isso acontecia em Yautepec, ao lado da fazenda Atlihuayan e ao longo de um caminho pedregoso e íngreme que descia das montanhas, ladeado por ervas altas e árvores escamosas, um belo cavaleiro cantava com uma voz aguda e alegre. Montado em um alazão veloz que parecia impaciente, marchava tortuosamente ao descer lentamente naquele caminho onde suas ferraduras ecoavam.

O cavaleiro continha cada passo da montaria e, com a atitude mais calma possível, parecia abandonar-se a uma meditação deliciosa, cruzando uma perna sobre a sela, como fazem as mulheres, enquanto entoava, repetindo distraidamente, o dístico de uma canção estranha, composta por bandidos e bem conhecida então naqueles lugares:

*Gosto da prata cintilante,
Mas de dinheiro não reclamo.
Me visto todo brilhante
Para agradar a mulher que amo.*

O ginete, montado em seu cavalo como uma mulher, não parecia apressar-se para chegar à planície e, de vez em quando, parava por um momento para deixar o cavalo respirar e contemplar a lua nas clareiras entre as árvores da montanha. Assim, olhando-a de perto, ele também observava as estrelas e parecia descobrir a hora, como se estivesse a caminho de um compromisso.

Finalmente, ao contornar uma curva na estrada, onde as árvores eram mais raras, as ervas daninhas menores e o caminho mais amplo e menos pedregoso, parecia que a colina ondulava suavemente e tudo anunciava a proximidade da planície. Depois que o cavaleiro observou esse aspecto menos selvagem, parou por um momento, esticou a perna e espreguiçou-se dengosamente, firmou-se nos estribos, examinou rapidamente as duas pistolas que trazia à cinta e o mosquete pendurado na sela, do lado direito e do lado de trás, como era costume usar. Depois puxou cuidadosamente o lenço vermelho que levava no pescoço e o colocou cobrindo o rosto, deixando apenas espaço para os olhos. Ele então desviou-se um pouco da estrada e foi para uma pequena esplanada, onde passou a examinar a paisagem.

A lua havia aparecido no horizonte e elevava-se majestosa no céu por entre as nuvens. Ao longe, as montanhas formavam uma grossa moldura negra para o quadro cinza

onde se destacavam as massas escuras das fazendas. A enorme faixa de Yautepec, as colinas e bosques e o pé da colina que servia como gazebo ao cavaleiro eram diferentes dos canaviais de Atlihuayan, pontilhados de vaga-lumes, e, no meio deles, os grandes prédios de fazenda com suas altas chaminés, suas abóbadas e janelas cheias de luz. Havia ainda o barulho das máquinas, o rumor distante dos trabalhadores e o melancólico canto com o qual os pobres mulatos, como faziam seus avós escravos, alimentam sua fadiga ao cumprir as tarefas do dia.

Esse aspecto tranquilo e aprazível da natureza, esse rumor divino do trabalho e do movimento, que parecia um hino à virtude, não produziram nenhum efeito no ânimo do cavaleiro, que só se preocupava com o horário. Depois de ter permanecido em silenciosa contemplação durante alguns minutos, apeou do cavalo, andou um pouco, depois apertou o cinto, montou e, interrogando novamente a lua e as estrelas, retornou cautelosa e silenciosamente à trilha. Em pouco tempo aproximou-se do vale e seguiu um amplo caminho que levava ao portão da fazenda, mas ao chegar a uma encruzilhada, virou em direção a Yautepec, abandonando a fazenda.

No momento em que caminhava em direção ao ponto de entrada do desfiladeiro, viu outro cavaleiro a uma peque-

na distância conduzindo seu magnífico cavalo escuro para o mesmo local. Imediatamente, seguiu na direção oposta.

— É o ferreiro de Atlihuahuan! — disse em voz baixa e inclinando a aba de seu sombreiro para não ser visto, mesmo tendo metade do rosto coberto pelo lenço.

Depois murmurou, olhando ligeiramente para trás para ver o cavaleiro, que lentamente se distanciava:

— Que ótimos cavalos tem esse índio! Mas não tem problema... Já já ele vai ver só uma coisa! — Completou, em tom ameaçador.

Seguiu caminho até chegar ao povoado de Yautepec. Ali ele abandonou a estrada principal e se enveredou por uma trilha que conduzia a uma parte mais escondida do rio que cortava o local. Encaminhou sua montaria até uma pequena curva do rio, passou por entre dois pequenos barrancos de bordas altas cheias de mato, cactos e árvores silvestres. Em seguida, chegou em um terreno plano e arenoso e depois cruzou duas fileiras de pomares grandes e muito espessos que flanqueavam o povoado.

Ali, a lua cheia iluminava o campo e reluzia nas águas cristalinas do rio. Sob essa luz era perfeitamente possível ver como era o misterioso cavaleiro que descera a montanha.

Era um homem de aproximadamente trinta anos, de corpo hercúleo e bem proporcionado. Estava literalmente

coberto de prata. O cavalo que montava era um soberbo alazão, de boa altura, musculoso, de cascos pequenos e pernas poderosas como todos os cavalos das montanhas. Tinha um pescoço fino e uma cabeça inteligente e ereta. Era o que os rancheiros chamam de montaria de batalha. O cavaleiro estava vestido como os bandidos da época. Era um charro⁶ vestido como os charros mais charros que se tem hoje no México. Vestia uma jaqueta de pano escuro e bordados de prata. Suas calças tinham duas fileiras de adornos redondos de prata, que pareciam moedas brilhantes, todas unidas por correntes feitas do mesmo material. Usava um sombreiro escuro, de abas grandes, as quais levavam, na parte de cima e na parte de baixo, uma espessa fita prateada bordada com estrelas de ouro. Na parte superior do sombreiro, na sua copa, havia um detalhe de prata sobre a qual caíam, uma de cada lado, dois detalhes também de prata presos em duas pequenas cordas douradas que terminavam em dois laços. Levava também o lenço, que cobria boa parte do rosto, uma camisa de lã debaixo da jaqueta e um par de pistolas com as empunhaduras de marfim presas à cintura em coldres

6 Típico cavaleiro mexicano, que tem uma vestimenta também típica. Para se ter uma ideia, sua figura pode ser comparada com a dos gaúchos do Sul ou os vaqueiros do Nordeste brasileiro, cada qual com sua vestimenta típica, mas todos eles habilidosos ginetes.

de couro preto com detalhes bordados em prata. Trazia na cintura também uma cartucheira carregada de munição para rifle. Na parte lateral da sela, a qual era abundantemente bordada em prata, também levava preso um facão mateiro com a empunhadura feita de prata. O pito e a cabeça da sela eram de prata, o mesmo ocorria com os estribos. Os freios do cavalo levavam figuras e estrelas entalhadas na prata.

A manta da sela era feita de belos pelos de cabra. Atrás, pendurado no assento, pendia um mosquete, e uma linda capa cobria e protegia a traseira do animal. Em todo lugar naquela montaria havia prata, inclusive nas esporas das botas do cavaleiro. Aquilo representava claramente muito dinheiro e esforço. Era uma ostentação insolente, cínica e de mau gosto. O luar brilhou sobre todo esse conjunto e deu ao cavaleiro a aparência de um estranho fantasma com uma espécie de armadura de prata. Lembrava um picador de touradas ou um despropositado e estrambótico centurião da Semana Santa.

O cavaleiro examinou o local durante alguns segundos. Tudo estava tranquilo e silencioso. Os canaviais se espalhavam ao longe, cobertos pela luz prateada e translúcida da lua. As árvores dos pomares estavam imóveis. Yautepec parecia um cemitério. Nenhuma luz nas casas, nenhum barulho nas ruas. Até mesmo os pássaros noturnos pareciam

todos dormir. Somente os insetos faziam movimentos no bananal, enquanto uma nuvem de vagalumes revoava entre as sombras das árvores.

A lua estava em seu zênite. Eram onze da noite. O prateado se dirigiu, após um rápido exame do local, a um lugar ermo próximo ao rio. Ali, perfeitamente oculto pela sombra das árvores, desmontou, soltou o cavalo, que foi beber água tranquilamente a pouca distância de seu dono. Assim que o animal acabou de beber, o ágil prateado montou novamente, atravessou o rio e entrou em uma das vielas estreitas e sombrias formadas pelas cercas de árvores dos pomares à beira da água.

Caminhou como se estivesse esperando o tempo passar até chegar às cercas de pedra de um jardim extenso e magnífico. Lá, ele parou ao pé de um colossal sapotizeiro, cujos galhos frondosos cobriam como uma abóbada toda a largura do beco. Buscando enxergar para além da sombra muito densa que cobria a cerca, fez uma espécie de som de chamada duas vezes seguidas: Psiu! Psst!

O chamado foi respondido por um som similar e, logo em seguida, surgiu uma figura branca.

— Manu! — disse em voz baixa o prateado.

— Meu Zarco, estou aqui! — respondeu uma doce voz de mulher.

Aquele homem era El Zarco, o famoso bandido cujo nome aterrorizava toda a comarca.

A CONVERSA

A cerca não era alta. Formada por grandes pedras, entre as quais brotaram centenas de trepadeiras, urtigas e cactos verticais e finos que compunham um muro espesso feito uma manta verde. Sobre essa cerca, aproveitando-se de uma das clareiras e sob os ramos sombrios do sapotizeiro, cujo tronco cheio de saliências parecia uma pequena escadaria para dentro do pomar, Manu improvisara um assento para conversar com El Zarco em suas frequentes conversas noturnas.

O bandido não descia do seu cavalo durante esses encontros. Sempre muito desconfiado, como todos os homens da sua espécie, preferia se manter sempre pronto para fugir ou lutar, mesmo quando falava com sua amada altas horas da noite, na solidão daquele local deserto, e quando a população dormia sobressaltada sem se atrever a fazer nada ou mostrar a cara após o toque de recolher.

Além disso, assim, montado, ficava na altura ideal para falar com a jovem e abraçá-la com toda comodidade, pois a

altura da cerca não era maior que a cabeça da sela do cavalo, o qual era um animal ensinado como todos os cavalos dos bandidos. Sabia ficar quietinho quando a vontade do ginete exigia. Já a manta verde que revestia o cercado de pedra apresentava ali um vão que permitia aos amantes falarem bem de perto, segurar as mãos um do outro e abandonarem-se às intimidades de um amor apaixonado e violento.

Por várias vezes alguns dos moradores de Yautepec, que pela manhã ao sair para trabalhar no campo passavam perto do local do encontro dos dois amantes, reparavam na presença das marcas deixadas pelas patas do cavalo nas noites de chuva. Eram marcas que indicavam ter ali parado por muito tempo um cavalo que tinha vindo do rio e retornado a ele. Muitos supunham que talvez fossem as marcas da montaria de algum camponês ou suspeitavam que talvez fosse Nicolás, o ferreiro de Atlihuayan, cujo amor a Manu era conhecido por todos. Poderia ser que se encontrasse ali com a moça, apesar de todos saberem também que a jovem manifestava profunda aversão ao ferreiro, coisa que atribuíam ser pura dissimulação, então desmentida pelas pegadas acusadoras.

Dona Antonia, mãe de Manu, ignorava tudo. Ela não sabia que sua filha conversava com alguém. Até mesmo o boato sobre os traços de um cavalo ao lado da cerca de seu jardim era algo totalmente desconhecido por ela.

Assim, sob profundo segredo, que ninguém fora capaz de adivinhar, Manuela saía para conversar com seu amante com a mesma frequência com que ele praticava assaltos arriscados e cometia violências. Ele aparentava estar muito apaixonado pela menina bonita. Em suas poucas horas livres, ele, em vez do descanso e do sono, preferia conversar mesmo que fosse por uma hora com sua amada, a quem ele informava regularmente pelos emissários e cúmplices que possuía em Yautepec.

Desta vez ele era esperado pela jovem com mais impaciência do que nunca, alarmada pelos perigos que as resoluções da tarde anunciavam aos seus amores.

— Eu estava ansiosa e com medo. Pensei que talvez você não viesse hoje — disse Manuela, palpitante de paixão e angústia.

— Por pouco que não venho, minha vida — respondeu El Zarco, aproximando-se da cerca e segurando as mãos trêmulas da jovem. — Lutamos durante a noite. Um gringo maldito quase me matou. Tive tempo apenas de passar por Xochimancas, trocar de cavalo e tomar um gole de café. Percorri mais de vinte léguas só para te ver... O que você tem? Está tremendo? Por que está assim tão angustiada?

— Diga-me por favor, você está envolvido no que ocorreu em Alpuyeca?

— Sim, eu era o comandante da força. Por que me pergunta isso? Como você sabe disso?

— Eu te digo. Hoje à tarde, como todos os outros dias, o chato do ferreiro contou isso para minha mãe. Ela está desesperada e não vê a hora de sair daqui para ir ao Estado do México, mas não sabe como fazer isso porque meu tio não vem nos buscar. Foi quando o ferreiro contou que uma tropa de cavalaria do governo havia deixado Cuernavaca ontem na direção de Yautepec. Ele disse também que essa força havia parado para dormir em Xiutepec, mas que hoje receberam a ordem para perseguir o grupo de bandidos que assassinou estrangeiros em Alpuyeca ontem. Por isso foram para lá...

— Nós já sabíamos... dizem por aí que eles vão nos atacar... uns duzentos homens ou mais! Espero que sejam cuidadosos e nem cheguem perto de Xochimancas... se fizerem isso nós lhes arrancaremos o couro... e o que mais?

— Então, continuou dizendo que essa cavalaria do governo não vai se meter a besta a sair prendendo os bandidos, vai é tomar a direção de Yautepec e continuar sua marcha. Por isso digo à minha mãe que deveríamos aproveitar a oportunidade para seguirmos com a tropa.

— Vocês?

— Sim, nós. Minha mãe inclusive achou que seria uma boa ideia. Disse que deveríamos nos preparar para a viagem,

inclusive encarregou o ferreiro de cuidar da casa e pediu que voltasse amanhã para nos dar novas notícias.

— Caramba! Então é verdade?

— Claro que é, Zarco. Minha mãe está tão amedrontada que não vai perder essa oportunidade. Ela me disse para guardarmos as coisas mais preciosas que temos nos baús e que amanhã pedirá seu dinheiro de volta para a pessoa que o guardou.

— Impossível! — exclamou o bandido com violência — Impossível! Ela pode ir, mas você não. Primeiro terão de me matar.

— Mas como faremos então?

— Diga que você não vai.

— Ah! Isso seria inútil, Zarco. Você não conhece minha mãe. Quando diz uma coisa, ela cumpre. Quando manda alguém fazer algo, não se pode questionar. Tenho sofrido muito desgosto, pois todo dia ela insiste para eu me casar com aquele índio. Por mais que eu manifeste minha resolução de não me unir àquele homem, por mais que eu demonstre meu desprezo por ele, por mais que eu tenha dito na cara dele que não o amo, minha mãe segue em sua porfia e o ferreiro continua nos visitando, provavelmente porque minha mãe lhe dá asas, assim ele não sai dessa tolice. De qualquer forma, nesse ponto eu posso desobedecê-la ao alegar minha falta

de afeto pelo ferreiro, mas na questão de irmos embora é impossível.

— Deixe-me pensar um pouco — disse Zarco, e pôs-se a refletir.

— Diga-me — interrompeu Manuela — se não seria possível vocês atacarem a tropa do governo em Tetillas ou em outro lugar e os derrotar? Vocês são muitos.

— Sim, minha alma. Seria possível e nós provavelmente os derrotaríamos, mas serei franco: os rapazes não se arriscam nesse tipo de luta. Atacam apenas onde acreditam que poderão obter algum lucro ou então quando precisam se defender das forças do governo. Por isso, acredito que não vão querer lutar contra essa cavalaria. Vão dizer que atacar essa tropa vai render muitos tiros e, caso vençam, vão roubar alguns cavalos fracos, selas velhas e uniformes rasgados. Sim, os soldados do governo parecem mendigos! Além disso, são cem homens. Para vencê-los teríamos de reunir pelos menos quinhentos homens. Você acha que é fácil reunir todos para isso e nada mais?

— Certo — respondeu a jovem contrariada —, eu bem que sabia que os prateados só atacam pessoas indefesas! Foi isso o que minha mãe me disse.

— Pessoas indefesas? — disse El Zarco, agora tomado pela raiva. — Foi isso que sua mãe disse? Pois saiba que ela

está muito enganada. Também atacamos as tropas do governo e já estamos cansados de derrotá-los... Pessoas indefesas! Se você tivesse visto a briga de ontem. Aqueles gringos pareciam demônios... se defendiam com seus rifles, com suas pistolas, com suas espadas.

— Ai, Zarco! Disseram que vocês mataram as mulheres e as crianças!

— Quem disse isso?

— O ferreiro.

— Índio fofoqueiro.

— Não foi isso?

— Que eles morreram todos? Sim, morreram, mas nós não os matamos. Eles morreram durante o confronto. Enfim, não vamos falar mais desse assunto, Manu. Isso está me ofendendo.

— Não, minha vida, não — replicou a jovem com uma voz de infinita ternura ao abraçar o pescoço do bandido. — Eu jamais ofenderia você, a pessoa que mais amo neste mundo.

— Sim, Manu — disse, livrando-se dos braços da moça. — Você me diz isso porque acha que sou um covarde.

— Eu, Zarco, pensar que você é um covarde? — disse a jovem aos prantos. — Como você pode pensar uma coisa dessas? Acho você o homem mais valente do mundo. Estou tão apaixonada que às vezes parece que meu coração vai

arrebentar só por saber dos perigos que você corre! Sim, sou inteiramente sua... faça o que você quiser!

— Bom, se é assim — disse o bandido já com a voz mais doce e beijando-a com fúria —, não precisa chorar, não estou mais ofendido..., mas não volte a dizer essas coisas.

— Digo apenas o que ouvi falar. Fico com raiva quando escuto essas coisas e não posso sequer responder! Meu único consolo é contar tudo para você. Agora, meu desejo que vocês ataquem a tropa é apenas pelo amor que sinto, para que nós não nos separemos mais. Mas há outra solução para isso... podemos nos casar, por exemplo.

— Casar?

— Sim, por que não?

— E você não vê que nós não podemos nos casar?

— Não. Por que você não me explica isso, então?

— Ora. Há mais de mil razões para não nos casarmos. Levando a vida que levo, sendo como sou, um sujeito conhecido por toda parte, procurado pelas autoridades, com ordem de prisão decretada, onde você acha que poderíamos nos apresentar para casarmos? Você está louca?

— Mas nós não poderíamos viajar para longe daqui? Ir a Puebla, ao Sul do país, a Morelos, a qualquer lugar onde ninguém nos conheça? Assim podemos nos casar.

— Para isso eu precisaria primeiro tirar você daqui, te roubar, levá-la para Xochimancas por um tempo... só depois faríamos essa viagem para longe deste lugar.

— Pois bem — respondeu a jovem resoluta, depois de pensar por um momento —, já que não há nenhuma outra solução, leve-me daqui. Irei aonde você quiser.

— Mas você vai querer levar a mesma vida que levo, principalmente nesses dias? Se formos para Xochimancas, você sabe muito bem quem são meus companheiros. É verdade que eles têm lá suas mulheres, mas elas não são como você, são acostumadas aos trabalhos, a montar cavalos quando precisam fugir. Elas não se escandalizam com o que veem, porque às vezes o que enfrentamos são situações terríveis... enfim, elas são como nós, os bandidos. Você não é assim. É uma moça criada de outra maneira... sua mãe gosta muito de você. Tenho medo de que você não goste da vida que levo, que chore, lembrando-se de sua mamãe e de Yautepec... de que acabe achando que sou o culpado por sua desgraça, ou de que você, por algum motivo, me aborreça.

— Isso nunca, Zarco, nunca. Enfrentarei todos os trabalhos que aparecerem, também sei montar a cavalo. Se for necessário jejuarei e verei tudo sem me espantar apenas para estar ao seu lado. Olhe — completou Manuela, com voz rouca e tomada pelo frenesi da paixão —, eu gosto muito

da minha mamãe, apesar de atualmente acreditar que goste um pouquinho menos dela. Eu sei que posso talvez levá-la à morte e prometo não chorar quando me lembrar dela, com a condição de que você esteja ao meu lado, que sempre me ame, como eu amo você e de que deixemos este lugar em breve.

O bandido a apertou em seus braços e a devorou com beijos, comovido frente àquela explosão de amor, tão apaixonada, tão louca, tão sincera, à beira de um frenesi, que aquela jovem tão bela, tão cobiçada, tão sonhada em suas horas de paixão e desejos lhe entregava.

Zarco também amava Manuela, porém era o amor de um homem envolvido com o mundo do crime, um homem a quem era estranha a noção de bem, em cuja alma tenebrosa e pervertida só havia espaço para o gozo, o sensualismo bestial e as infames emoções que são capazes de produzir o roubo e a matança. Ele a amava porque era linda e elegante, porque sua beleza era atraente e voluptuosa, por sua opulência de formas, por seu andar lânguido e provocador, por seus olhos ardentes e negros, por seus lábios de cor de romã, por seu sotaque harmonioso e suave, tudo exercia um poder terrível sobre seus sentidos, excitados dia a dia pela insônia e a obsessão constante daquela visão. Aquilo não era amor, no sentido elevado da palavra, era o desejo estimulado pela impaciência e tomado pela vaidade, porque, efetivamente, o

bandido julgava-se um felizardo por merecer a preferência da mulher mais bonita da comarca.

Assim que Zarco teve certeza de que a menina estava resolvida a encarar tudo para segui-lo, sentiu-se feliz, e todo sangue de suas veias fluía em seu coração naquele instante supremo.

— Bem — disse separando-se dos braços de Manuela —, então não há mais nada a dizer, você vai comigo...

— Agora? — perguntou a jovem mostrando indecisão.

— Não, agora não — respondeu o bandido. — Agora é tarde e você não teria tempo para se preparar. Amanhã. Estarei aqui nessa mesma hora, às onze. Não deixe ninguém suspeitar de nada, principalmente sua mãe. Procure não demonstrar sua ansiedade. Separe apenas as roupas mais necessárias. Comigo você terá todas as roupas que quiser, mas não se esqueça de pegar as joias e o dinheiro que dei para você. Esconda tudo, está bem?

— Deixei tudo em um bauzinho enterrado.

— Muito bem. Desenterre-o e me aguarde aqui amanhã, sem falta.

— E se por acaso chegar a tropa do governo? — perguntou Manuela cheia de inquietação.

— Isso não vai acontecer. Fique tranquila. A tropa do governo vai passar o dia todo procurando por nós; então,

como esses soldados têm cavalos magros e miseráveis, eles descansarão o dia todo amanhã e, no máximo, retornarão a Cuernavaca depois de amanhã. Então temos tempo. Você pode ajudar sua mãe a colocar as coisas nos baús como se estivesse se preparando para a viagem ao Estado do México. Apenas deixe de fora as roupas que vai trazer quando fugirmos. Se, infelizmente, ocorrer alguma dificuldade que a impeça de sair para me ver, me avise antes. Mas se não houver nada, não diga nada a ninguém. Tome — disse retirando algumas pequenas caixas dos bolsos de sua jaqueta e entregando-os para a jovem.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Você poderá ver o que é amanhã, tenho certeza de que vai gostar... são joias! Guarde-as com as outras — disse o bandido abraçando-a e beijando-a. — Agora vou embora, já é hora. Chegarei a Xochimancas ao amanhecer. Até breve, minha vida.

— Até amanhã — respondeu ela. — Não falte.

— Amanhã você será minha, inteiramente!

— Sua para sempre — disse Manuela, enviando um beijo e retendo-se um instante na cerca para vê-lo partir.

El Zarco se distanciou da mesma forma que veio: devagar e sem fazer barulho. Aos poucos ele se perdeu nos tortuosos becos dos caminhos, iluminado apenas pelo luar.

A ESPIRRADEIRA

Assim que a jovem perdeu seu amante de vista, se apressou a descer da cerca pela escadaria natural formada pelo tronco e as raízes do sapotizeiro. Dirigiu-se apressadamente para um lugar no jardim onde um grupo de arbustos se formara. Era uma espécie de bosque pequeno, espesso e escuro, nas margens de um remanso das águas calmas do rio. Pegou uma lanterna entre as plantas e se dirigiu imediatamente, abrindo caminho entre os arbustos, até o pé de uma velha e frondosa espirradeira que, coberta de flores aromáticas e venenosas, dominava as pequenas plantas. Lá, em um local coberto de grama, a jovem sentou-se e acendeu a lanterna. Abriu com as mãos trêmulas e impacientes as três caixas que o bandido acabara de lhe dar.

— Ai, que lindo! — exclamou com voz baixa, ao ver um deslumbrante anel de brilhantes. — Deve valer uma fortuna! — completou ao colocar o anel em um dos dedos da mão esquerda, fazendo-o brilhar por todos os lados. — Parece um sol!

Então deixou o anel de lado, abriu a segunda caixa e ficou atordoada. Eram dois braceletes na forma de pequenas cobras, ambos cobertos de brilhantes, cujos anéis de ouro esmaltados de cores vivas produziam uma aparência fascinante. As cobras davam várias voltas na caixa de cetim, tanto que demorou um pouco para Manuela desprendê-las. Depois ela os colocou em seus punhos, passou a torcê-los cuidadosamente e iluminá-los, movendo as mãos em várias direções.

Fechou os olhos por um instante, como se estivesse sonhando, abriu-os em seguida cruzando os punhos perto da luz e contemplando-os por um longo período.

— Duas víboras — disse franzindo o cenho —, que ideia! São realmente duas víboras... o roubo! Mas, ah! — completou sorrindo e piscando os olhos, com suas pupilas negras e brilhantes. — Não importa! Foi El Zarco quem me deu e pouco me interessa saber de onde vieram!

Depois abriu a terceira caixa. Havia dois brincos com grandes brilhantes.

— Ah, que brincos lindos! — disse. — Parecem de uma rainha!

E quando olhou para eles na caixa, viu feixes de luz e faíscas que saíam das pedras. Nesse momento, ela os colocou em suas orelhas, logo após remover os humildes brincos que usava.

Colocou-os de volta na caixa. Nesse momento, notou algo que não tinha visto até então e que a deixou lívida como se estivesse paralisada. Eram duas gotas de sangue fresco que manchavam o forro de cetim branco da caixa e que certamente deviam ter tocado os brincos também. Além disso, a caixa estava avariada. Não fechava bem. Ela percebeu que aquilo se quebrara em uma luta de morte.

Manuela permaneceu em silêncio e sombria por alguns segundos. Em sua alma travava-se uma batalha tremenda entre os arrependimentos de uma consciência já pervertida e os impulsos irresistíveis de uma ganância desenfreada e esmagadora. Como esperado, essa última foi a vencedora e a jovem, cujo lindo semblante retratou todos os sinais da paixão vil que ocupava seu espírito, fechou a caixa, erguendo as sobrancelhas, e a afastou com desdém. Também não pensou mais em ver o efeito daqueles belos brincos em suas orelhas.

No momento seguinte, pegou a lanterna e se levantou, ainda usando o anel, as pulseiras e os brincos. Foi para a beira do remanso e se curvou para a água, onde viu seu rosto iluminado pela lanterna. Tentou sorrir, apresentando em todos os seus traços uma espécie de dureza arrogante, que é o reflexo da ganância e da vaidade, capaz de embrutecer até mesmo o rosto ideal de um anjo como o dela.

Se naquela noite silenciosa, no meio daquele pomar escuro e solitário, alguém, acostumado a ler as fisionomias, contemplasse aquela bela jovem olhando-se nas águas calmas e negras do remanso, com o rosto iluminado pela luz opaca de uma lanterna, gesticulando para dar o ar de uma grande dama... alguém que pudesse ver aquela fisionomia pálida, com olhos brilhantes cheios de ambição e ganância, com cabelo bagunçado, a boca meio aberta, mostrando os dentes muito brancos e perfeitos, equilibrando à direita e à esquerda os brincos que refletiam luzes azuladas, avermelhadas ou esverdeadas, as quais se misturavam ao brilho que saía da serpente presa ao punho esquerdo, certamente teria julgado aquela figura como algo assustadoramente sinistro e repulsivo, uma aparência quase satânica.

Não era a Margarita de Goethe⁷ olhando-se no espelho, naturalmente sedutora e adornada com as joias de estranhos, mas uma ladra da pior espécie, dando rédea solta a uma infame cobiça diante daquele charco de águas escuras e negras. Não era a virtude perto de sucumbir à beleza dos presentes, mas a perversidade contemplando-se no lodo.

7 Margarida (Margarete ou Gretchen) é o grande amor de Fausto. Ambos são personagens da famosa obra teatral de Johann Wolfgang von Goethe, a tragédia *Fausto*, que mostra a decadência daqueles que se deixam seduzir pelo mal.

Manuela, perdida naquele momento de embriaguez mostrava em seu semblante todas as expressões de sua paixão vil. Ela não parou diante da vergonha ou do remorso, pois sabia muito bem que aquelas joias eram fruto do crime e de assassinatos. Tomada pelo brilho dos brincos roubados que pendiam de suas orelhas, surgia na sombra não o rosto zombeteiro de Mefistófeles,⁸ o demônio da sedução, mas a terrível máscara do carrasco, o demônio da força.

A jovem permaneceu mais alguns instantes admirando-se no remanso e assustando-se com cada som produzido pelo vento nas folhas das árvores. Minutos depois, ela decidiu voltar à espirradeira, onde tirou as joias e as escondeu cuidadosamente dentro das caixas. Feito isso, olhou ao redor. Viu que tudo estava quieto, tirou dos arbustos uma espécie de pequena pá, uma ferramenta de cabo de madeira e ponta angular de ferro com a qual os poços são cavados na terra quente. Utilizou-a para remexer a terra, em um lugar coberto de musgo, de onde retirou uma malinha de couro, que ela abriu rapidamente com uma pequena chave que trazia consigo. Colocou então a lanterna na boca para se certificar de que seu tesouro estava lá, o que pareceu um momento de

8 Mefistófeles é outro personagem do *Fausto* de Goethe. É um demônio frio, cínico e libertino, que semeia a riqueza corrupta.

estranha fruição. Consistia em joias embrulhadas em papel e cintos de couro recheados de onças de ouro e prata.

Em seguida colocou cuidadosamente as caixas que Zarco havia lhe dado dentro da malinha. Enterrou-a novamente e a cobriu de musgo, o que escondia completamente qualquer sinal da terra ter sido escavada.

Agiu como se estivesse triste por ter de abandonar aquele tesouro ali ao pegar a lanterna e se dirigir de volta para a casa nas pontas dos pés. Ao entrar na residência, viu que a pobre senhora, apesar das inquietudes do dia, dormia o tranquilo sono das consciências honradas.

QUEM ERA EL ZARCO

Enquanto isso, ao mesmo tempo em que Manuela examinava suas joias novas, El Zarco, depois de atravessar o rio com a mesma precaução de quando chegou, seguiu pela estrada da fazenda de Atlahuayan para a montanha de onde havia descido. Foi em direção a Xochimancas. Era meia-noite e a lua, envolta em nuvens espessas, deixou a terra cheia de sombras. A estrada de Atlahuayan estava completamente erma e as árvores que flanqueavam seus lados projetavam sombras sinistras e lúgubres, as quais tornavam ainda mais marcantes as fugazes figuras que as luzes dos vaga-lumes desenhavam no ar.

O bandido, conhecedor desses lugares e acostumado como todos os homens de sua classe, conseguia ver pouco no escuro. Confiava, principalmente, na delicada sensibilidade auditiva de seu cavalo, que ao menor ruído estranho parava para avisar seu dono. Assim, enquanto o cavalo trotava tranquilamente, ele pensava na alegria que a posse de Manuela lhe daria.

Finalmente, aquela bela jovem, cuja imagem inflamara suas horas de insônia durante tantos meses, cujo amor era sua preocupação constante, mesmo em meio às suas aventuras mais sangrentas e arriscadas, e cuja posse parecia impossível desde quando ele a viu pela primeira vez em Cuernavaca, momento no qual se apaixonou completamente, seria dele, inteiramente dele. Ela compartilharia seu destino e o faria provar as doces delícias do amor. Aquilo era uma novidade para um homem que realmente não conhecia mais que as emoções produzidas pelo roubo e o assassinato.

Sua personalidade grosseira e sensual, acostumada ao vício desde a juventude, conhecia, é verdade, os gozos do amor material, comprados com o dinheiro do jogo ou arrancados pelo roubo, em meio ao terror das vítimas, em uma noite qualquer de assalto quando as aldeias se encontravam indefesas. Agora, El Zarco sentia que jamais havia desejado uma mulher com a mesma exaltação febril que experimentava ao ver Manuela. Desde que a ouviu falar e, principalmente, desde que trocou com ela as primeiras palavras de amor.

Jamais, mesmo após abandonar sua família ainda menino, El Zarco havia sentido uma vontade tão imperiosa de unir-se a outro ser como sentia em relação àquela bela e apaixonada mulher, a qual parecia lhe oferecer um universo de felicidades inesperadas.

Assim, repassando em sua memória todas as cenas de sua infância e de sua juventude, percebia que seu caráter duro e bravio havia rechaçado sempre qualquer afeto ou carinho, qualquer que fosse, mesmo daqueles que lhe queriam bem e dos quais só havia se aproveitado. Filho de honrados trabalhadores daquela comarca, que lutaram para torná-lo um homem esforçado e útil, El Zarco desde muito cedo se aborreceu da casa em que morava, onde precisava cumprir tarefas diárias e era obrigado a ir à escola. Acabou por aproveitar-se da frequente falta de comunicação entre as pessoas daquele lugar para fugir rumo às fazendas de cana-de-açúcar. Acabou por acomodar-se em uma delas e passou a trabalhar como tratador de cavalos.

Permaneceu ali por algum tempo. Quando aprendeu a dominar a arte da equitação e cuidar de cavalos, passou então a mudar de fazendas, nas quais ficava muito pouco tempo, principalmente em razão de sua conduta desordeira. Preguiçoso por natureza e pouco dado aos trabalhos servis que lhe davam, gastava boa parte de seu tempo no jogo ou no ócio.

Durante todo esse período ele nunca sentiu simpatia nem proximidade em relação a ninguém. Permanecia pouco tempo em cada lugar, trabalhando por poucos dias em cada fazenda e cultivando relações superficiais com pessoas que

trabalhavam nas estrebarias e nos jogos, os quais duravam alguns momentos e, muita vez, terminavam em brigas que se transformavam em profundas inimizades. Ele realmente não tinha amigos, mas companheiros de prazer e vício. Naqueles dias, El Zarco já era um homem de caráter completamente formado, alguém que não acomodava em seu coração nada além de paixões ruins. Nele, o vício consumia o que a preguiça destruía. Seus instintos perversos, que não eram equilibrados por qualquer noção de bem, acabaram preenchendo aquela alma escura, como as algas de um pântano infecto.

El Zarco nunca amou ninguém. Em vez disso, odiava a todos: o rico proprietário de terras cujos cavalos ele selava e adornava com magníficas peças; o operário que recebia bons salários por seu trabalho toda semana; o trabalhador abastado, dono de terras férteis e boas; os comerciantes que possuíam lojas bem abastecidas; e até os servos que tinham salários melhores que ele. Essa ganância, amplificada por uma inveja impotente e arrepiante, produziu nele um ódio singular e o desejo contínuo e frenético de roubar coisas a todo custo.

Naturalmente, o amor dos outros gerava nele profunda irritação. Aquelas meninas que, de acordo com sua posição, amavam o rico, o dependente ou o diarista, inspiravam nele um desejo sem sentido de arrebatá-las e desonrá-las. Não

havia, entre elas, nenhuma que tivesse fixado os olhos nele, porque ele tampouco havia tentado se aproximar de alguma delas com intenções amorosas. Já as mulheres de sua classe não eram do seu gosto e, para aquelas de nível superior ao seu, ele representava uma esfera muito baixa, apenas um menino que trabalhava nos estábulos!

Ele era jovem, não tinha má figura: sua cor branca impura, seus olhos de cor azul, que o vulgo chama zarco, seus cabelos de um ruivo pálido e seu corpo esbelto e vigoroso lhe davam uma aparência vantajosa. Contudo, seu rosto carrancudo, sua linguagem brutal e seu riso agudo e forçado talvez o fizessem pouco simpático às mulheres.

Além disso, cansado daquela vida de servidão e miséria, El Zarco fugiu da fazenda em que vivia, de onde roubou alguns cavalos para vendê-los nas terras frias. Como era esperado, foi perseguido. Porém, nessa época, em razão da guerra civil, surgiu na terra fria próximo ao Estado do México uma nuvem de bandidos que não tardou a invadir as ricas comarcas das terras quentes.

El Zarco se afiliou a essa nuvem imediatamente. Desde o começo, como se estivesse apenas esperando uma oportunidade para revelar sua perversidade em toda plenitude, ele começou a se distinguir entre aqueles facínoras por sua intrepidez, por sua crueldade e por sua insaciável sede de rapina.

Corria o ano de 1861 e os bandidos se organizaram em grandes grupos, às vezes perseguidos por tropas do governo, mas atraídos pela riqueza dos distritos açucareiros do sul dos estados do México e Puebla, penetrando-os e semeando terror em todos os lugares, como vimos.

El Zarco era um dos bandidos mais renomados. As notícias de suas infames proezas, de suas terríveis vinganças nas fazendas nas quais havia trabalhado, da sua fria crueldade e do seu caráter assustador garantiram a ele uma fama espantosa.

Quando as tropas liberais, por um erro lamentável e vergonhoso, aceitaram a cooperação desses bandidos na perseguição ao reacionário Márquez⁹ durante sua travessia das terras quentes — nesse momento da história mexicana, foram formadas muitas tropas irregulares, porém numerosas; uma delas comandada por El Zarco. Foi em Cuernavaca, onde ficou por apenas alguns dias, que conheceu Manuela. O bandido ostentava então um caráter militar, sem deixar de lado os arreios brilhantes e característicos dos bandidos da época, que acabariam por dar nome aos prateados.

9 Leonardo Márquez Araujo foi um dos personagens mais controversos da segunda metade do século 19 mexicano. Após colaborar com o governo conservador, apoiar a intervenção francesa e o Império de Maximiliano, acabou recebendo o epíteto do traidor. Seus contemporâneos o descreveram como um militar astuto, cruel, sanguinário e vingativo.

A bela jovem, cujo caráter parecia estar em harmonia com o do bandido, ao ver da janela a passagem daquela tropa de vistosos e brilhantes cavaleiros, todos comandados por El Zarco, que montava um cavalo excessivamente carregado de adornos de prata, sentiu-se atraída por sua figura. Seu interesse e afeto eram resultado da mistura de um sentimento de simpatia, cobiça e vaidade que El Zarco despertava. Ela também se interessou porque o nome daquele homem era citado por todos sempre com terror na voz.

Assim nasceu uma espécie de amor estranho entre aquelas duas almas, feitas uma para outra. No pequeno espaço de tempo em que El Zarco permaneceu em Cuernavaca, conseguiu se aproximar de Manuela e estabelecer com ela relações amorosas, as quais não chegaram, em razão das circunstâncias, ao nível de intimidade que pudemos ver em Yautepec.

O general González Ortega¹⁰, sabendo do grave erro que havia cometido ao receber os prateados como parte de suas tropas, que arrasaram unicamente as populações por onde passavam e desprestigiaram o exército do qual faziam parte, não tardou a persegui-las, fuzilando vários de

10 Jesús Gonzáles Ortega foi um político e militar mexicano, governador de Zacatecas, que participou com Benito Juárez na Guerra da Reforma e na segunda intervenção Francesa no México.

seus chefes. Para escapar de sorte semelhante, certa noite El Zarco fugiu de Cuernavaca com seu bando e seguiu em direção a Puebla, onde esteve por alguns meses exercendo suas terríveis depredações.

Por fim, os prateados estabeleceram seu quartel general em Xochimancas. El Zarco não tardou em saber que Manuela havia retornado para Yautepec, onde a família dela vivia. Naturalmente, procurou desde logo retomar suas relações com a jovem. Foi só então que ele teve certeza de que Manuela o amava.

Os dois conversavam com frequência, sempre à noite. Esses encontros não eram perigosos para ele, dado o terror que seu nome produzia e também em razão dos informantes que cultivava no povoado, local onde os prateados contavam com numerosos emissários e espiões.

Entretanto, conforme o número de seus crimes aumentava dia após dia, suas vinganças sobre seus antigos inimigos nas fazendas tornavam-se cada vez mais espantosas e o pavor que seu nome produzia acabou por acovardar a todos. Muitos dos fazendeiros e seus funcionários, os mesmos que ele havia aterrorizado, acabaram implorando pela proteção do bandido, na frente do qual eles tremiam apavorados. Todos eram serviçais abjetos do jovem trabalhador de estrebaria tornado bandoleiro. El Zarco chegou a colocar a brida de seu

cavalo no rosto do fazendeiro para quem havia trabalhado quando era um jovem humilde e desprezado.

Semelhantes vinganças e humilhações eram comuns nessa época graças à audácia e ao número de bandidos, cujo poder era ilimitado naquela desafortunada comarca, mas principalmente em razão da impotência do poder central, o qual, ocupado em combater a guerra civil e em fazer frente à intervenção estrangeira,¹¹ não podia deslocar suas tropas para enfrentar os bandidos.

11 A Segunda Intervenção Francesa foi uma invasão do México levada a cabo pelo Segundo Império francês, com o apoio do Reino Unido e da Espanha. Ela ocorreu após a suspensão dos pagamentos de juros relativos a empréstimos contraídos por vários governos do México em países estrangeiros. Essa moratória foi decretada pelo então presidente Benito Juárez, em 17 de julho de 1861.

A CORUJA

El Zarco estava na plenitude de seu orgulho. Havia realizado parte de suas aspirações. Era temido, sentia-se vingado e seus inúmeros roubos haviam produzido uma fortuna. Tudo às custas dos bolsos dos proprietários. Quando precisava de uma grande quantia de dinheiro, ele simplesmente roubava uma remessa de açúcar ou conhaque, ou sequestrava um funcionário rico e pedia seu resgate. Quando queria receber dinheiro de uma fazenda, bastava queimar um canavial, e quando queria infundir pavor em uma população, simplesmente matava o primeiro infeliz daquele povoado que aparecesse na sua frente.

Embora satisfeito em sua sede de sangue e rapina, sentia que ainda lhe faltava algo. Eram os gozos do amor. Não esses gozos venais que o ofereciam as mulheres perdidas, mas aqueles que uma mulher linda e jovem podia oferecer. Alguém de uma classe social superior à sua, que o amasse sem reservas e sem exigências.

Manuela era para ele aquela mulher impossível que passeava pelas ruas de Yautepec em algumas tardes de

domingo na companhia de algum rico proprietário. Somente nessas ocasiões era seguro que uma jovem linda e filha de uma família de classe alta se vestisse com certo luxo interiorano e ouvisse galanteios dos ricos fazendeiros e dos bandoleiros montados em belos e reluzentes cavalos cobertos de prata. A jovem não havia prestado nenhuma atenção quando El Zarco era apenas um criado sem graça e triste, com seu cavalo velho e magro, e vivia silencioso diante de seus amos.

Se naquela época ele tivesse falado com ela, ou oferecido uma flor, dizendo que a amava, não teria recebido outra resposta a não ser um desdenhoso riso de chacota.

Agora ele era bonito, montava os melhores cavalos e andava vestido de prata dos pés à cabeça. Era temido pelos ricos fazendeiros, que viviam a seus pés. Agora ele podia presentear com joias valiosas a mais bela jovem de Yautepec, que chorava por ele e o esperava palpitando de amor todas as noites. Ela estava decidida a abandonar a família e a entregar-se sem reservas. Ele a apresentaria a seus companheiros e iria a todos os lugares ao seu lado. Humilharia os antigos pretendentes da tão desejada moça. A consideração dava ao amor que El Zarco sentia por Manuela um gosto acre e voluptuoso de vingança em relação à própria jovem mulher e aos outros, e tudo isso somava-se a um caráter de orgulho insolente.

O amor que agitava o coração do bandido não era verdadeiramente amor, no conceito nobre da palavra; não era o sentimento íntimo e sagrado que por vezes atravessa as almas pervertidas e ilumina com um raio de sol seus cantos mais obscuros e infectos; não: era um desejo sensual e selvagem, excitado freneticamente pelo encanto e a formosura física e pelos incentivos da soberba e da vaidade vulgar.

Fosse Manuela menos bela ou mais pobre, talvez El Zarco não desejaria sua posse com tanta força e pouco lhe importaria se ela fosse uma mulher virtuosa ou não. Ele não buscava amparo na virtude para enfrentar as dificuldades da vida, mas as emoções grosseiras dos sentidos para completar a fortuna de sua atual situação. Possuiria a linda donzela apenas para satisfazer uma necessidade materialista, sempre ávida de sensações fúteis e que já havia saboreado o prazer inferior de possuir magníficos cavalos, acumular onças de ouro e valiosíssimas joias. Mas e quando esse desejo fosse saciado? Ele se perguntava: o que fazer com a jovem depois que ela o tornasse o homem mais acariciado de todos? Se casaria com ela? Isso era impossível, além do mais, ter uma esposa legítima não satisfazia seu orgulho. Uma mulher como aquela era um triunfo apenas se fosse possível exibi-la o tempo todo a seus companheiros. Ele seria capaz de abandonar aquela vida de perigos para fugir com ela e gozar uma existência anônima e tranquila?

Isso também era algo impossível para um facínora que havia provado os embriagantes prazeres do combate e do roubo. Deixar aquela vida agitada, recheada de perigos, mas também farta de recompensas, seria o mesmo que resignar-se com a pobreza e a paz. Era expor-se ao risco de um dia um miserável prefeito qualquer prendê-lo para ser julgado por seus velhos erros. Ele poderia transformar a razoável riqueza acumulada com seus roubos em terras agrícolas, em um rancho ou uma loja. O problema é que não sabia trabalhar e, acima de tudo, sentia-se profundamente enjoado com uma existência de lida dura, humilde, monótona, sem peripécias, entediante e sempre exposta ao perigo de uma denúncia qualquer revelar seu passado criminoso. Uma vida na qual a principal função seria cuidar dos filhos, uma vida sem as emoções dos dias de terror que ele praticava. Não! Agora o importante era continuar assim, depois ele teria tempo para se decidir conforme as circunstâncias exigissem.

El Zarco estava perdido nesses pensamentos quando, em um sobressalto, ouviu o chirrio repentino e lúgubre de uma coruja que havia saído dos galhos frondosos de uma gigantesca figueira-brava, frente à qual ele passava.

— Maldita coruja! — exclamou em voz baixa, sentido um frio glacial circular em suas veias. — Sempre canta quando eu passo! O que será que significa isso? — acrescentou com a

preocupação tão comum às almas grosseiras e supersticiosas, submerso em sombrios pensamentos por vários instantes. Pouco depois, tomado pelo desprezo, esporeou seu cavalo.

—Bah! Isso é coisa que só assusta aos índios, como o ferreiro de Atlihuayan. Eu sou branco e ruivo... a mim não faz nada.

E acelerou o trote do cavalo para subir a montanha.

A FUGA

No dia seguinte, Nicolás, o ferreiro de Atlihuayan, foi durante a tarde, como era seu costume, fazer uma visita à mãe de Manuela. Encontrou-a preocupada e triste. A jovem dormia e a senhora estava sozinha no pequeno pátio no qual a encontramos na tarde anterior.

— Alguma novidade? — perguntou ao jovem artesão.

— Sim, senhora — respondeu —, parece que a cavalaria do governo finalmente chegará amanhã. É preciso que vocês estejam prontas, pois eles não permanecerão nem um dia. Vão direto para Cuautla e dali seguem para o Estado do México.

— Eu já estou pronta — respondeu dona Antonia. — Ontem, passamos o dia todo organizando os baús e recolhendo o pouco dinheiro que tenho. Além disso, fui conversar com o juiz para que fizesse uma procuração no seu nome — disse, pegando um papel do cesto de costura e entregando-o a Nicolás. — Você se encarregará, por favor, de vender esta chácara o mais rápido possível, ou então alugá-la, porque do jeito que estão as coisas, não voltaremos tão cedo e estou

cansada de sofrer aqui. Quando for ao Estado do México, nos encontrará exatamente como estamos aqui e talvez o ânimo de Manuela tenha mudado.

— Não acredito que mudará, senhora — Nicolás se apressou em dizer. — Já entendi que é impossível para Manuela me querer, pois lhe causo uma repugnância que ela é incapaz de dominar. Por isso acho inútil pensar nisso. O que tiver de ser, será! — completou suspirando. — Ninguém pode simplesmente entregar seu coração. Dizem que o cuidado engendra o carinho, mas está errado. Se dependesse do cuidado, a menina já teria mudado de ideia. Não fiz além de me esmerar em ser agradável, mas meus esforços sempre encontraram a frieza, a indiferença e até mesmo seu ódio... por isso temo que ela acabe se aborrecendo comigo.

— Não, Nicolás, isso não! Se aborrecer com você! Por quê? Você não tem sido nosso protetor desde que meu marido morreu? Não foi você quem nos prestou favores e serviços que jamais seremos capazes de esquecer? Por que uma conduta tão nobre haveria de aborrecer Manuela? Não, o que acontece é que essa menina é uma tonta caprichosa. Não sei a quem ela puxou, mas seu caráter vem me parecendo estranho, principalmente nos últimos meses. Não fala com ninguém, porém antes era uma matraquinha de tão alegre. Não quer rezar, quando antes era tão piedosa. Não quer coser,

quando antes passava os dias falando sobre bordar a barra de seus vestidos. Não quer mais saber de nada. Há tempos notei que anda tão estranha que dá o que pensar. Em alguns dias ela está triste, pensativa, com jeito de quem vai chorar; em outros, acorda alegre, mas irritadiça, por qualquer coisa já se enoja, ralha, me critica, nada na casa está bom para ela, não suporta nossa pobre comida, e o fato de ficarmos dentro da casa praticamente o tempo todo a aborrece. Ela quer sair, montar a cavalo, visitar as fazendas, parece não ter medo nenhum dos bandidos que nos rodeiam, e ao ver que me oponho a essas loucuras volta a cair em um profundo abatimento e vai dormir. Hoje mesmo ocorreu uma coisa rara. Logo que anunciei que precisávamos arrumar os baús para nossa viagem ao Estado do México e ela viu que eu estava com dinheiro e falando sério, me abraçou dizendo que era uma alegria enorme finalmente conhecer o México, que aquilo era seu sonho, que lá seria feliz, pois sua tristeza ocorria em razão da situação horrorosa na qual vivemos há tantos meses. Naturalmente, eu imaginava a mesma coisa, e é por isso que não fiz tanta objeção em mudar seu caráter, pois deveria ter assumido que uma garota como ela, na idade de se divertir, de passear, deveria ficar irritada com nosso confinamento. Fiquei feliz em vê-la feliz, pensando na viagem, mas de repente ela voltou à tristeza de sempre.

Quando se sentou para comer percebi que já estava de mau humor. Não quis comer e parecia que iria chorar a qualquer momento. Apesar de tentar, não consegui distraí-la. Depois que arrumei suas roupas em um baú, fui vê-la e a encontrei dormindo em sua cama. Você já viu uma coisa dessas! Se ficou triste ao saber que deixaremos Yautepec, por que também fica triste por morarmos aqui?

— Senhora — perguntou Nicolás, que ouvira tudo atentamente —, será que ela não tem algum amor aqui? Será que não está assim porque vai deixar aqui alguma paixão que ainda não contou para você?

— Já me perguntei isso algumas vezes, mas não creio que exista nada nesse sentido. Que amor ela poderia ter aqui? Eu teria suscitado de alguma coisa. É verdade que alguns espanhóis lhe deram flores, enviaram papéis e recados, mas isso foi muito antes de nos mudarmos para Cuernavaca. Quando voltamos para Yautepec, aqueles meninos não estavam mais aqui, haviam se mudado para o Estado do México, Manuela sequer se lembrava de seus nomes. Alguns garotos da cidade costumavam passar aqui só para vê-la, mas ela sempre demonstrava desprezo e fechava a janela assim que os via se aproximar. Manuela acha irritantes os poucos rapazes que conhece. De qualquer forma, não tenho certeza se há ou não alguém de que ela goste na cidade. Por isso, no início deste

ano, quando você começou a nos visitar, pensei que acabaria gostando de você e que conseguiríamos arranjar facilmente o que havíamos pensado.

— Como pode ver, senhora — respondeu Nicolás amargamente —, Manuela me julga mais irritante do que os rapazes de Yautepec. Tanto é assim que eu, mesmo sentindo por ela muito carinho e após ter pensado seriamente em pedi-la em casamento, não posso ser insensível a seu constante desprezo e por isso resolvi me distanciar de uma vez desta casa. Mas pela consideração que tenho pela senhora, que eu sei querer meu bem, pelas ordens da minha mãe, de que eu deveria cuidar de vocês, e principalmente quando é tão necessário o apoio de um homem nesses povoados... foi por isso eu continuei importunando vocês com minha presença. Caso contrário, eu teria evitado visitá-las tantas vezes.

— Nos importunar? — Perguntou dona Antonia comovida e chorando.

— Não a senhora. Sei que é minha amiga, que deseja apenas minha felicidade e que se dependesse de você eu seria o esposo de sua filha. Eu não sou ingrato, senhora, e acredite, enquanto estiver viva eu me portarei como filho carinhoso e grato, sem nenhum interesse e sem nunca me transformar em um obstáculo para a felicidade de Manu. Felizmente, para ela, vocês vão embora daqui, de modo que não terá mais de

passar pelo tormento de me ver todos os dias. Eu, de minha parte, ficarei feliz se puder ajudá-las mesmo que à distância. Farei tudo aquilo que a senhora me encarregar e escreverei com frequência para dar notícias da chácara e de como está a propriedade. Amanhã, quando chegar a tropa do governo, também virei para oferecer-lhes minha companhia até Morelos ou até mais longe, se necessário.

— Ah, Nicolás! Você é um homem nobre! — disse a senhora com ternura —, aceitarei tudo o que nos está oferecendo e prometo que sempre terá em mim uma segunda mãe. Seja qual for o destino que Deus nos reserve, a mim e à minha filha, acredite que sempre me lembrarei de sua generosidade e nunca me esquecerei que é o mais nobre e honrado jovem que já conheci. Espero você amanhã, se quiser nos acompanhar, como prometeu. Terei muito gosto em contar com a sua companhia, da qual necessito tanto. Mas temo que possa acontecer algo a você em seu regresso.

— Não se preocupe com isso, senhora — disse Nicolás levantando-se. — Levarei alguns dos meus companheiros do trabalho, todos com boas montarias e armados, para não correremos nenhum perigo.

— Ótimo — disse dona Antonia apertando a mão do ferreiro com as suas, carinhosamente, como uma mãe faria com seu filho de coração.

Quando o rapaz se encaminhou para a porta, ela exclamou chorando:

— Oh, que desgraçada sou de não ter um homem como este como meu genro!

Manuela acordou quando já anoitecia. A luz da vela permitiu que dona Antonia percebesse que sua filha havia chorado, pois estava com os olhos vermelhos...

— Você está se sentindo bem, minha filha? — perguntou afetuosamente.

— Estou com um pouco de dor de cabeça, mamãe — respondeu a jovem.

— Manuela, você está com cara de quem dormiu mal. Também comeu tão pouco!

— Não me sinto muito bem.

— Será que está com febre? — perguntou a mãe preocupada.

— Não — replicou a jovem, tranquilizando-a —, não é nada. Acordei muito cedo hoje e realmente comi pouco. Vou beber alguma coisa e voltar para cama, acho que meu mal é sono. Porém, tenho apetite e isso é um bom sinal. Você sabe que sempre que madruço acontece isso. Além do mais, precisamos dormir agora, pois não sabemos se poderemos dormir comodamente na companhia dos soldados — completou a jovem sorrindo maliciosamente.

Mais calma, a pobre mãe preparou uma janta, que Manuela comeu com alegria e apetite. Depois disso, seu semblante melhorou e as duas tiveram uma longa conversa sobre seus planos de viagem e suas novas esperanças. Após essa conversa, a senhora se retirou para seu quarto, que ficava ao lado do de Manuela.

Lá fora caía um aguaceiro terrível repleto de relâmpagos e trovões, daqueles que ocorrem em terras quentes, quando o céu parece se transformar em uma gigantesca catarata capaz de inundar o mundo. A chuva produzia um barulho enorme no telhado e as árvores da chácara pareciam se despedaçar, chicoteadas pela força dos ventos e da água.

Na rua a água corria impetuosa como se fosse um rio. O pátio da casa foi tomado pela água que caía do telhado.

Dona Antonia, depois de dizer para sua filha se cobrir na cama e rezar, dormiu com o ruído monótono da chuva.

Inútil dizer que a jovem não fechou os olhos. Aquela era a noite da fuga combinada com El Zarco. Ele certamente estaria no local e hora marcados. Ela, por sua vez, deveria estar pronta com suas roupas e o seu pequeno tesouro já desenterrado do local debaixo do pé de espirradeira. A repentina tempestade, no entanto, deixou Manuela muito contrariada. Se não parasse de chover antes da meia-noite, ela teria de fazer uma viagem terrível. Para piorar, antes de sair teria de

encarar o terreno embaixo da espirradeira transformado em um verdadeiro lamaçal. Mas o que uma mulher apaixonada não é capaz de suportar para realizar seus propósitos?

Quando percebeu que estava quase na hora do encontro, foi na ponta dos pés descalços, coberta da cabeça aos pés com um cobertor de lã e erguendo sua anágua de musselina até os joelhos, abriu a porta do quarto e muito cuidadosamente se encaminhou ao pátio. Levava uma lanterna acesa, mas coberta, para não iluminar a casa.

Era a última vez que ela saía da casa materna. Pensou por um instante na pobre anciã que, ingenuamente, dormia confiando no amor de sua filha querida.

Manuela, por sua vez, estava mais preocupada em realizar sua fuga. A única coisa que queria era se apressar. Seu coração batia violentamente, com medo de acordar alguém e não conseguir fugir.

Felizmente para ela, chovia forte e ninguém suspeitaria que alguém sairia de casa debaixo daquele temporal. Assim, atravessou rapidamente o pátio da casa, caminhou em direção às árvores, mais precisamente para o pé de espirradeira, sem se preocupar com a água que a havia ensopado completamente. Seu único cuidado era de não deixar a lanterna apagar. Desenterrou facilmente o tesouro, o enrolou no cobertor e foi em direção ao local combinado com El Zarco.

Mal chegou e já ouviu o leve assobio que seu amante utilizava para se anunciar. A luz de um relâmpago permitiu que ela o enxergasse. Vinha envolto em uma capa negra, na direção do local combinado. Não estava só. Outros três cavaleiros o acompanhavam, todos envoltos em capas e armados até os dentes.

— Maldita seja esta noite! — disse El Zarco, dirigindo-se à sua amada. — Temi que você não conseguisse sair de casa, minha vida, e que nosso combinado não daria certo hoje.

— Como não, Zarco! — respondeu ela. — Pois fique sabendo que sempre cumpro minha palavra. Seria impossível deixar isso para outra ocasião. Amanhã chega a tropa e eu teria de acompanhá-los.

— Muito bem, você trouxe tudo?

— Sim, está tudo aqui.

— Venha então. Cubra-se com esta capa — disse El Zarco entregando uma capa de chuva para a jovem.

— É inútil, estou completamente ensopada.

— Venha aqui, coloque a capa e esse sobretudo também... Valha-me Deus! — disse ao recebê-la em seus braços.

— Pobrezinha! Você está encharcada!

— Vamos, vamos — disse ela toda palpitante. — Quem são eles?

— Meus amigos. Vieram me ajudar caso acontecesse alguma coisa... Vamos, pessoal, antes que o rio encha — disse El Zarco, esporeando seu cavalo, agora com a bela jovem na garupa.

O grupo de cavaleiros se dirigiu rapidamente à saída do povoado, atravessou o rio, que já começava a encher, e se perdeu entre a mais espessa escuridão.

Se algum camponês supersticioso tivesse visto passar aquele grupo compacto de cavaleiros de capas negras a toda velocidade, sob a luz dos relâmpagos e entre as árvores fustigadas pela tempestade, certamente pensaria estar vendo uma patrulha de espíritos infernais ou almas penadas de bandidos purgando suas culpas em uma noite tão espantosa.

ANTONIA

Dona Antonia dormiu mal. Depois de seu primeiro sono, que foi tranquilo e pesado, os muitos ruídos da chuva a despertaram. Agitada por diversos pensamentos e preocupações em razão da viagem que se aproximava, começou a se inquietar em sua cama, presa da insônia e do mal-estar.

Ela parecia ter ouvido entre os distantes rugidos do trovão, os ruídos da chuva e o zunir da força do vento nas árvores, alguns sons estranhos. Ela atribuiu isso à apreensão que sentia. Pensou em se levantar e ir para o quarto de Manuela conversar ou rezar por um momento na companhia de sua filha, mas temia interromper o sono da jovem, que ela julgava estar dormindo profundamente.

Foi assim, após horas e horas naquela situação penosíssima, enfrentando ideias funestas e atormentadoras, debatendo-se contra o calor sufocante que invadia todos os espaços de seu quarto, a impregnava de irritação e a oprimia com a vigília, que percebeu que o temporal havia cessado.

Finalmente as árvores aquietaram-se e os galos começaram a cantar, anunciando a madrugada e a bonança. A pobre senhora acabou dormindo e despertou com os primeiros raios da manhã penetrando o quarto.

Levantou-se e correu para o quarto da filha.

Não a encontrou. Viu a cama desfeita, mas supôs que tivesse levantado mais cedo e estivesse no pátio ou na cozinha. Procurou a filha pela casa inteira, não a encontrou. Pensou que ela talvez estivesse no pomar ou no jardim examinando os estragos feitos nas flores pela chuva. Ao imaginar isso, Dona Antonia ficou brava, pois pensou que a umidade daquela manhã poderia fazer mal à filha, que estivera indisposta no dia anterior. Certamente, a moça ficaria toda molhada com a água das folhas das árvores e teria os pés tomados pela lama que cobria todo o terreno após a chuvarada.

De fato, as laranjeiras, os sapotizeiros, as mangueiras e as bananeiras lançavam uma cascata de água a cada vez que alguém encostasse em seus galhos. A luz do sol refletia como em mil diamantes nas gotas de chuva que pendiam das folhas e o gramado se parecia mais com um enorme pântano.

Ela não deveria andar no jardim nesse estado. Por isso, a senhora começou a gritar o nome da jovem, para chamá-la de volta para a casa. Estava disposta a dar uma bronca na filha.

Acabou esperando em vão a jovem aparecer. Não obteve resposta. Foi nesse momento que a senhora começou a se preocupar. Passou a buscá-la em todos os cantos da propriedade. Também não a encontrou. Assustada, continuou procurando a filha em todas as direções. Como não teve nenhuma resposta, decidiu retornar à casa para ver se a porta da rua não estaria aberta. Porém, a encontrou perfeitamente trancada, retornou ao pomar, já muito preocupada. Temia que a jovem tivesse sido mordida por uma serpente e desmaiado em algum lugar entre as árvores. A pobre anciã, pálida como a morte, convulsa de terror e angústia, caminhou sem prestar atenção aos espinhos ou à lama e adentrou o mato, chamando sua filha por todos os lados. Sua voz continha palavras carinhosas e desesperadas ao mesmo tempo. Estava com a garganta seca, os olhos esbugalhados, a respiração acelerada como se seu coração fosse sair pela boca e nada, Manuela não apareceu.

— Mas meu Deus, onde está minha filha? — exclamou apoiando-se em uma árvore ao sentir que suas pernas fraquejavam.

Ninguém respondia aos seus chamados. A natureza seguia seu curso, indiferente ao que acontecia com a senhora. O sol brilhava em toda sua majestade iluminando um céu tipicamente azul após a tempestade, sem nenhuma nuvem, naquela bela manhã de estio. Os pássaros cantavam, alegres

nas árvores, os insetos zumbiam entre as flores e tudo parecia ganhar vida nova naquela terra tropical e vigorosa.

Somente a pobre mãe desfalecia apoiada na árvore sentia que o frio da morte gelava o sangue em suas veias.

Passado um momento de angústia paralisante, ela fez um esforço desesperado e caminhou até o centro do pomar. Ali, teve outra ideia: cruzou o pequeno terreno enlameado e cheio de plantas que rodeavam o velho e florido pé de espirradeira, chegou perto da árvore e se deteve surpresa. Ali, junto ao troco, havia um buraco cheio de água. Ao lado, uma pequena ferramenta, a pequena pá que Manuela havia utilizado para cavar a terra do jardim.

Rapidamente percebeu que entre os arbustos, apesar da chuva, havia uma abertura como se alguém tivesse passado por eles. Olhou com cuidado para o chão e conseguiu ver pegadas humanas. Seguiu a direção que elas marcavam, coisa que era difícil de fazer no meio daquela lama e das plantas que cobriam o solo.

Finalmente, conseguiu distinguir marcas de pequenas pegadas descalças. Quem poderia ter andado por ali senão a própria Manuela? Mas por que ela estaria descalça, sendo que no dia anterior estivera de cama em razão de um resfriado?

A pobre mãe se perdia em conjecturas. Ao caminhar um pouco mais na direção das pegadas, pôde reconhecer com

certeza que eram de Manuela e se dirigiam à cerca. As pegadas desapareciam perto das velhas raízes do enorme sapotizeiro. A anciã então subiu com certa dificuldade, impulsionada por um pressentimento terrível. Sobre a cerca próxima à árvore também havia sinais deixados por alguém. Foi nesse momento que ela viu, no pequeno beco próximo, marcas bem evidentes de pegadas de cavalos. Também era evidente que esses cavalos ficaram naquele lugar por algum tempo.

Foi como se a lâmina fria de um punhal atravessasse seu coração. Aquelas marcas no chão produziram nela uma intensa sensação de dor e desfalecimento.

Não entendeu nada, mas sabia que aquilo significava algo horroroso. Pensou na filha atravessando o pomar durante a noite, caminhando em direção à cerca e parando perto daqueles cavalos. Era evidente que nenhum homem do povoado tinha alguma relação com ela. Tudo era inexplicável e muito pavoroso para aquela senhora. Será que sua filha Manuela teria fugido com algum homem? Ou teria sido sequestrada? Quem poderia ser seu raptor?

Dona Antonia somente foi capaz de balbuciar confusamente tais perguntas. Tomada pelo terror e o abatimento, sentindo-se aniquilada, permaneceu ali feito uma tonta, com os olhos cravados no chão do beco, olhando para as pegadas dos cavalos. Calada, com os cabelos despenteados e o coração

disparado, sem lágrimas e sem forças, ela se tornava a imagem viva da angústia e da dor.

Uma última esperança a fez voltar a si. Pensou que aquela situação era impossível, que não passava de um sonho tudo o que via a seu redor, que nada daquele conjunto de circunstâncias tinha relação com sua filha. Manuela certamente devia ter voltado para seu quarto. Se realmente tivesse fugido, ela levaria joias, roupas, algumas coisas.

A velha senhora correu em direção à casa tropeçando como se estivesse bêbada. Entrou no quarto de Manuela e encontrou tudo como antes: a cama desfeita, um baú aberto. Não havia dúvida, a jovem tinha fugido. Seu melhor vestido não estava lá, suas camisas bordadas também não, suas joias, seu sapato novo de cetim, seus xales. Ela levou tudo o que conseguiu, tudo de que mais gostava e que poderia caber em uma maleta.

Nesse momento, a infeliz anciã, agora convencida de sua sina, desabou. Chorava deitada no chão e suas lamentações seriam capazes de comover até as pedras. Passado esse instante de dor suprema, ela saiu de casa feito uma louca, sequer fechou as portas, encaminhando-se direto para onde vivia Pilar. A jovem afilhada de dona Antonia era órfã e morava com os tios em uma casa nas proximidades. Ao chegar lá, a anciã foi capaz apenas de balbuciar algumas palavras para

explicar que Manuela havia desaparecido e para implorar que fossem com ela até sua casa para averiguar o fato.

Eles a acompanharam, todos muito surpresos e assustados, especialmente a bela, doce e jovem Pilar, que estava tão perdida quanto sua madrinha e não conseguia compreender nada daquele mistério.

A CARTA

O exame do jardim e do beco com as pegadas de cavalo realizado pelos tios e pela própria Pilar só confirmou as suspeitas de dona Antonia: Manuela havia fugido nos braços de um amante.

Os tios de Pilar acabaram encontrando, perto do pé de espirradeira, meio escondida entre a vegetação rasteira e a lama, a lanterna utilizada pela jovem em sua fuga.

Agora era preciso descobrir quem eram os raptores de Manuela. Porém, nesse ponto ninguém era capaz de fazer nenhuma conjectura pois todos foram pegos de surpresa naquela situação.

A pobre mãe, no auge do desespero, atreveu-se a mencionar o nome do honrado ferreiro de Atlihuayan, mas no instante seguinte, tanto ela como Pilar e seus tios exclamaram com admiração e surpresa:

— Impossível!

— Realmente, é impossível — dizia dona Antonia —, que necessidade teria Nicolás de arrebatá-la quando eu concedi

sua mão com todo meu coração? Sou uma tonta e somente minha aflição servirá como desculpa para essa afirmação imprudente! Que Deus me perdoe, porque Nicolás não me perdoaria.

— Além do mais, madrinha, Nicolás não era querido por ela. Você sabe muito bem que Manuela não o suportava. Seria necessário que os dois fingissem tudo isso. No entanto, não faria nenhum sentido tamanha dissimulação!

— Exato — respondeu dona Antonia. — Mas se não foi ele, quem foi então? Quem, meu Deus?

— Precisamos avisar as autoridades — disse o tio de Pilar.

Nesse momento um rapazinho entrou na casa. Era um jovem trabalhador das redondezas. Disse que na madrugada havia encontrado alguns homens que iam a cavalo com uma senhora a caminho das montanhas. Ela pediu que ele viesse até Yautepec entregar uma carta à dona Antonia.

A anciã desdobrou apressada o papel. Estava escrito a lápis e continha essas breves palavras:

Mamãe:

Perdoe-me, mas eu precisava fazer o que fiz. Vou embora com um homem de quem gosto muito, mesmo que não possa casar-me com ele agora. Não chore por mim pois estou feliz. Também não nos persigam porque isso seria inútil.

Manuela

Ao ouvir essas palavras, todos ficaram mudos, seus semblantes marcados pela surpresa e o desgosto que a atitude de Manuela causava. Até aquele momento ela tinha sido uma boa filha. A pobre mãe deixou cair a carta de suas mãos e ficou por um instante com a cabeça inclinada, os olhos fixos na terra, abatida, silenciosa, sombria, feito uma desvairada, até que começou a chorar sua dor copiosamente. Todos que estavam ali a abraçaram e a consolaram, porém, ninguém sabia exatamente o que dizer.

— A quem posso recorrer agora? — exclamou — Por favor, me aconselhem, me digam o que devo fazer.

— Vamos falar com o prefeito — respondeu o tio de Pilar. — As autoridades precisam tomar alguma providência.

— Mas que providências? — disse a anciã —, você não vê que as nossas autoridades não se atrevem a sair do povoado porque não têm tropas capazes de nos proteger... Estamos abandonados à vontade de Deus — completou desesperada.

— Quem poderá ser o homem que levou Manuela? — perguntou Pilar. — Eu não consigo pensar em ninguém, não tenho a menor ideia de quem possa ser...

— Agora estou completamente sozinha! — exclamou dona Antonia, torcendo as mãos de dor. — Eles abusaram de uma velha infeliz, viúva e desamparada!

— Você não está só, madrinha, não mesmo — replicou vivamente Pilar. — Você não conta com a amizade de Nicolás?

— É verdade, minha filha, no meu desespero acabei me esquecendo dele. Tenho esse homem generoso, que ontem me disse não ter interesse nenhum em Manuela. Ele sabia que ela não o queria, mas mesmo assim ele me daria todo apoio de que precisasse. Você tem razão, Pilar, vou escrever para ele agora mesmo.

— Não é preciso — disse o tio de Pilar —, encilho meu cavalo em um instante e corro até Atlihuayan para trazer Nicolás. Precisamos de ajuda.

O velho tio se encaminhava para cumprir seu compromisso quando ouviu o ruído de um cavalo perto da casa de dona Antonia. Era o ferreiro de Atlihuayan. Todos se levantaram para correr em sua direção. Dona Antonia se adiantou, estendeu os braços e disse chorando:

— Nicolás, Manuela fugiu!

O jovem ficou completamente pálido e murmurou tristemente, com um gesto de amargo desdém:

— Ah, então minhas suspeitas se confirmaram!

— Que suspeitas — perguntaram todos.

O ferreiro então conduziu a senhora ao quarto e disse:

— Hoje pela manhã, bem cedinho, um dos seguranças da fazenda disse a mim e ao administrador que, durante a madrugada, andando pelos campos que ficam ao pé do monte, logo após o fim da tempestade, ele encontrou em sua casinha, onde não

havia dormido, um grupo que se preparava para sair a cavalo e que certamente havia permanecido ali durante parte do temporal. Temendo que fossem bandidos, observou escondido no canavial. Eram prateados, quatro homens e uma mulher jovem, muito bonita, que usava um sombreiro de abas largas ao qual ela amarrou um pano branco antes de montar. De onde estava o segurança foi capaz de reconhecê-los bem. Ele tinha certeza de ter visto a jovem algumas vezes aqui no povoado. O homem que ela acompanhava e que parecia ser o chefe dos outros era El Zarco.

— El Zarco! — exclamaram todos aterrorizados.

— Ele mesmo, o mais terrível e cruel de todos esses bandidos, que, segundo dizem, é jovem e de boa aparência! Foi ele que a jovem abraçou antes de montar e era com ele que parecia estar. Após subirem em seus cavalos, o grupo foi rapidamente em direção à montanha, sem saber que eram observados pelo segurança, que os viu desaparecer entre as árvores. Depois disso, ele correu para nos avisar. Nesse momento eu tive um pressentimento terrível e, sem me dar conta montei no cavalo e corri para cá ver se alguma coisa havia acontecido... e aconteceu... — completou com intensa amargura. — Agora vocês já sabem com quem Manuela fugiu.

— Por isso ela disse que seria inútil persegui-la — exclamou dona Antonia, colérica, mostrando o recado a Nicolás, que o examinou com profunda atenção.

— Exato — disse o jovem —, é completamente inútil. Quem perseguiria esse bandido até seu refúgio, onde há mais de quinhentos homens dispostos a defendê-lo? E o mais importante: para quê? Ela não foi com ele por vontade própria? Quando uma mulher dá esse passo, é porque está apaixonada pelo homem que acompanha. Persegui-la seria o mesmo que matá-la.

— Prefiro vê-la morta a nos braços de um ladrão assassino como esse — disse dona Antonia resoluta. — Agora não é somente a dor que sinto, é vergonha, é raiva... Queria ser homem e forte, lhes asseguro que iria buscar essa infeliz mesmo que me matassem. Isso seria melhor! Um prateado! Um prateado! — murmurou, tomada pela ira.

— Pois bem senhora, estou disposto a fazer o que a senhora quiser, por mais que me pareça inútil essa perseguição. Digo isso não pela gente que acompanha El Zarco, mas pela vontade inegável de Manu em acompanhá-lo. De fato, não houve rapto nenhum.

— Mas como posso consentir que minha filha, por mais louca de amor que esteja, siga um bandido? E os meus direitos como mãe?

— Seus direitos de mãe não podem ser representados senão pela autoridade nesse caso, já que você não tem aqui nenhum parente próximo — disse o tio de Pilar. — Nós a

ajudaremos com a autoridade, mas é necessário que seja ela quem dê as ordens.

— E você acha que as autoridades vão se meter com esses bandidos? Não conseguem nem fazer a população do povoado obedecer!

— Se a senhora quiser mesmo... hoje chega aqui a cavalaria do governo.

— Vamos falar com o prefeito — disse o tio de Pilar —, pedir para que ele fale com o chefe dessa força que se aproxima, mas não se esqueça de que essa mesma cavalaria foi incapaz de perseguir El Zarco, que cometeu os assassinatos de Alpuyecá. Mesmo com o governo do México ordenando que a perseguição fosse feita com todo empenho.

— É inútil — exclamaram todos —, é impossível. Nem o prefeito nem os soldados vão querer.

— Nesse momento, ouviram trombetas ressoar pela praça. A cavalaria do governo entrava com toda solenidade no povoado.

— Dona Antonia, enlouquecida de ira e dor, saiu correndo de casa disposta a falar com o prefeito.

O COMANDANTE

O pobre prefeito estava na sede do governo, vestido com seu traje de domingo e pronto para receber a tropa com as devidas honras. Naquele momento, chegou dona Antonia, acompanhada do tio de Pilar e de Nicolás, os quais estavam ali em respeito à anciã. Na pracinha, a cena era a da triste chegada de uma força pequena e malvestida, com péssimos cavalos em formação e pronta para ser passada em revista. O comandante era um sujeito mal-encarado, vestido de maneira peculiar, com um uniforme militar rasgado e um sombreiro velho e sujo.

Após a revista das tropas, o comandante foi cumprimentar o prefeito e manifestar a necessidade de alimentação para seus soldados e de forragem para os cavalos, pois continuariam a marchar no fim da tarde.

O prefeito deu as ordens para que as necessidades das tropas fossem atendidas, impondo esse custo aos moradores ricos do povoado, coisa que já estavam acostumados a suportar desde muito tempo.

Depois que a tropa aquartelou, o comandante e alguns oficiais foram convidados pelo prefeito a tomar alguns drinques e a comer na sede da Prefeitura.

Esses deveres eram impostos ao povo pela autoridade política em relação àqueles soldados, que não defendiam as pessoas pacíficas nem se atreviam a enfrentar os bandidos que dominavam a região.

— Então, comandante — perguntou o prefeito —, ontem e no dia anterior vocês deram uma canseira nos prateados?

— Sim, senhor prefeito — respondeu o comandante enquanto cofiava o cabelo —, uma canseira muito forte, não descansamos nem de dia nem de noite.

— E conseguiram alguma coisa?

— Demos uma carreira nos prateados, uma carreira terrível. Estou seguro de que ficarão muitos dias sem aparecer no vale de Cuernavaca. Levaram um belo castigo.

— Vocês pegaram alguns, não é?

— Sim, e os deixamos por aí, pendurados nas árvores, onde, a esta hora, ainda devem estar repousando.

— Mas pegaram todos?

— Todos? Não, você sabe que isso seria muito difícil. Esses covardes atacam apenas pessoas indefesas, mas quando aparece uma tropa organizada como a minha, eles correm, desaparecem.

—Mas e El Zarco? Dizem que ele é o chefe do bando que atacou vocês.

— Sim, mas ele é o mais covarde de todos. Sequer esperou nossa chegada, de modo que quando alcançamos Alpuyecá não vimos nem sombra de El Zarco. Tentamos alcançá-lo em vão, porém, logo após roubar e assassinar os estrangeiros, deteve-se recolhendo os feridos de seu bando e fugiu precipitadamente. Não conseguimos descobrir qual era seu destino e não pudemos encontrá-lo em nenhum povoado ou rancho que atravessamos durante nossa caminhada até aqui. Não sabemos se ele passou pelos lugares que cruzamos ou se tem cúmplices em todos esses locais, o que para nós é o mais provável. O caso é que não podemos continuar com minha cavalaria naqueles montes tão escabrosos.

— Mas então, senhor comandante — perguntou o prefeito maliciosamente —, qual foi o bandido que vocês pegaram? O senhor acaba de dizer que deixaram alguns pendurados nas árvores...

— Ah, meu querido prefeito — respondeu o militar sem se descontentar —, prendemos alguns suspeitos, os quais estou certo de que são cúmplices dos bandidos. Eu conheço bem essa gente, não são capazes de dissimular seus delitos, correm quando nos veem e ficam pálidos de medo quando nós os questionamos. Diante da menor ameaça eles

se desesperam e pedem misericórdia! Você pode ver que esse comportamento é uma prova, do contrário, por que fariam tudo isso? Seus delitos os acusam. São cúmplices que avisam os bandidos, que ocultam seus paradeiros e que participam dos botins. Há vários desses por aí e, a meu ver, o mais importante é que os deixamos dando voltas no ar ao pendurá-los pelo pescoço nos galhos das árvores da região. Servirão de exemplo! Não é o que lhe parece?

Portanto, o valente militar havia fuzilado e enforcado alguns infelizes camponeses e aldeões apenas por suspeitar de que estariam trabalhando para os bandidos. Tudo para não se apresentar ao seu chefe em Cuernavaca com as mãos limpas de sangue.

O prefeito compreendeu exatamente essa injustiça, por isso perguntou com insistência:

— Sim, senhor comandante, isso eu entendi, mas e El Zarco?

— El Zarco, senhor prefeito, deve estar agora muito longe daqui. Talvez no distrito de Matamoros ou próximo de Puebla. Deve estar repartindo seu roubo na maior segurança e tranquilidade. Bom para ele, que decidiu tomar um rumo diferente do nosso!

— Mas dizem por aí — objetou o prefeito — que sua base fica em Xochimancas, a poucas léguas daqui, onde

ele conta com mais de quinhentos homens. Pelo menos é o que se diz aqui no povoado, e nós sabemos muito bem, porque é exatamente de lá que saem os grupos que assaltam as fazendas e os povoados da região. É lá que eles guardam o que roubam, onde estão presos os sequestrados, onde estão seus cavalos, suas munições, enfim. Segundo notícias que recebemos diariamente, vivem lá como se estivessem em uma fortaleza. Têm até artilharia, músicos e charangas, as quais algumas vezes os acompanham em suas expedições e que servem também para diverti-los em seus bailes.

— Eu sei, eu sei — respondeu o comandante com certo enfado —, mas você sabe como o povo exagera as coisas. Tudo isso é invenção. Eles se refugiaram em Xochimancas uma ou duas vezes, tocaram os dois ou três clarins que têm consigo e o medo do povo inventou todo o resto. Afinal, você não vai negar, senhor prefeito, que vocês vivem aqui tão mortos de medo que nem parece haver homens habitando essas comarcas.

— Certamente, senhor comandante — disse o prefeito, tomado pela raiva —, com muitíssima razão vivemos assim, pois tudo isso que você diz ser invenção do povo, para nós é a realidade do dia a dia. Estamos cansados de ver passar pelas estradas do povoado bandos com cem, duzentos homens armados e a cavalo. Estamos cansados de saber que eles

sequestraram mais um funcionário das fazendas ou alguém dos povoados vizinhos. Estamos cansados de vê-los entrar quando bem querem em nossas casas, como se fossem deles. Como poderíamos não acreditar nas histórias que ouvimos se isso ocorre diariamente aqui?

— Muito bem, então você me diga por qual motivo não se defendem? Por que não se armam?

— Porque não temos como. Ninguém aqui tem armas.

— Mas por quê?

— Eu digo: nós tínhamos armas para defender os povoados, armas que pertenciam às autoridades e armas que muitos compraram para sua defesa pessoal. Até mesmo os mais pobres tinham suas escopetas, pistolas e facões. Primeiro foi Marquéz e os reacionários, que levaram todas as armas e cavalos que conseguiram encontrar no povoado. Algumas armas escaparam e alguns cavalos também, mas logo depois passou por aqui o general Gonzáles Ortega com as tropas liberais e mandou recolher todas as armas e todos os cavalos que restaram, de maneira que ficamos de mãos abanando. Quando os bandidos descobrem que algum de nós adquiriu um bom cavalo, ou até mesmo um cavalo qualquer, correm para cá para roubá-lo. Me diga então quem é que vai comprar cavalos ou armas sabendo que certamente acabarão sendo levados? Ainda que as pessoas daqui tenham facões e

punhais, acha que vamos enfrentar bandidos armados com mosquetes e rifles?

— Rapaz — respondeu o militar pensativo —, isso é terrível, pois qualquer um poderá vir para cá se aproveitar de vocês. O que vocês vão fazer?

— A única coisa que podemos fazer é nos escondermos. Tenho um vigilante na torre durante o dia. Quando ele toca o sino de alarme, as famílias se escondem onde podem, muita vez, nos locais mais escuros dos pomares; os homens todos se escondem, até as autoridades correm... ou seja, sumimos — completou o pobre prefeito, encolhendo os ombros em um sinal que misturava vergonha e resignação.

— Caramba, homem, isto é atroz! — exclamou o comandante, servindo-se de um grande copo de conhaque. — Eu não seria prefeito aqui por nada neste mundo.

— Já renunciei ao cargo de prefeito umas cinquenta vezes, mas ninguém aceita minha renúncia e fica tudo na mesma...

— Tudo na mesma?

— É claro. Ter ou não ter prefeito dá no mesmo. Muitos dirão que qualquer um serve, então aqui estou trabalhando para oferecer comida para as tropas que passam, sem poder fazer muito mais do que isso, sem ter um mísero guarda, um único soldado que seja, sem ter ninguém... Eu me escondo à noite,

porque ficamos todos expostos, já que não somos capazes de exercer a vigilância que temos durante o dia, quando trabalhamos em nossos afazeres, sempre assustados. Portanto, não são histórias que contaram para você, não são invenções frutos do medo. São verdades, todos repetirão a mesmíssima coisa.

No instante em que o prefeito acabava de falar, dona Antonia, cansada de esperar o final daquela conversa, se fez anunciar pelo secretário da prefeitura, dizendo que tinha algo urgente a comunicar tanto ao prefeito quanto ao comandante.

— Deixe-a entrar — disse o prefeito.

Dona Antonia se apresentou chorando desesperada.

— O que aconteceu, dona Antonia? — perguntou o prefeito.

— Uma desgraça, senhor prefeito, uma grande desgraça! Minha filha foi raptada essa noite.

— Sua filha! A Manu? A moça mais linda de Yautepec? — perguntou o prefeito, olhando para o comandante, que estava muito atento à conversa.

— Sim senhor! Levaram minha Manuela!

— E quem foi que a raptou?

— El Zarco! — exclamou furiosa dona Antonia. — Aquele ladrão e assassino!

— Está vendo só, senhor comandante? — disse o prefeito, sorrindo malicioso. — El Zarco não estão tão longe quanto

o senhor pensava. Ao contrário, está por aqui sequestrando moças, depois de ter roubado e assassinado em Cañada.

— Mas como isso aconteceu? Conte-me agora, senhora — disse o militar levantando-se.

Dona Antonia contou os fatos que já conhecemos. Nicolás foi chamado para contar o que sabia do acontecido e não houve dúvida de que El Zarco era o raptor da jovem.

— Muito bem, e o que vocês querem que eu faça agora?

— Senhor — respondeu a anciã em atitude suplicante —, queremos que você vá atrás desse bandoleiro que levou minha filha e eu lhes darei o pouco que tenho se a encontrarem. Que ela retorne viva ou morta, porém que seja logo, senhor. Vocês poderão encontrá-la muito perto daqui, em Xochimancas, que é onde El Zarco tem seu esconderijo. Eu sei, senhor prefeito, que não há aqui nenhuma tropa, nem gente disposta a fazer isso, mas este senhor aqui — apontou para o comandante — possui tropa e está a serviço da justiça e da humanidade.

— O que você me diz, comandante? — perguntou o prefeito com desdém.

— Impossível, senhor prefeito, impossível! — repetiu com resolução —, eu tenho ordem de continuar marchando até Cuautla para escoltar um grande amigo do presidente, que precisa ir ao Estado do México. O senhor sabe muito

bem que eu não pude perseguir esse bandido ontem e que é procurado por roubo e assassinato. Muito menos será possível utilizar minha tropa para resgatar uma mulher nesse lugar isolado... Bah! Bah! Deixem-nos em paz, senhora, a menina deve estar feliz com esse bandido, aliás, ela não tem escolha! A tropa do governo não tem tempo a perder resgatando garotas bonitas! Além disso, não conheço bem essas terras.

— Eu conheço — disse Nicolás — e se o senhor prefeito permitir, levarei alguns amigos para acompanhar e guiar a tropa do governo na sua busca.

— Se esse rapaz pode chamar alguns amigos para o acompanhar, suponho que todos tenham armas, pois não faria sentido encontrá-lo e não persegui-lo — disse o comandante.

— É evidente, pois se formos desarmados será o mesmo que encontrar a morte — respondeu Nicolás. — Eu e meus amigos somos dez ao todo, os bandidos em Xochimancas podem passar dos quinhentos ou pelo menos trezentos. O que poderiam fazer dez contra trezentos? Morreríamos inutilmente. Porém, se formos juntos com a tropa do governo, que tem mais de cem homens, todos bem armados, serviríamos para alguma coisa. Temos algumas ideias de como surpreender os prateados.

— Todo esse empenho e agitação só por uma moça? — disse o comandante, que não se deixava convencer.

— Não senhor — respondeu Nicolás indignado —, não é somente uma moça, nós também atingiríamos outras coisas mais importantes: destruir o covil dos bandidos que têm envergonhado nosso distrito; matar ou prender os assassinos que o senhor perseguiu inutilmente nos últimos dias; recuperar tudo o que roubaram e guardaram lá no esconderijo; e o senhor, comandante, cumpriria seu dever reestabelecendo a segurança de toda a região. Creio que até o Supremo Governo o agradecerá.

— Meu rapaz, ninguém me diz quais são meus deveres como soldado — respondeu o comandante com os olhos cintilando de cólera e, ao mesmo tempo, compreendendo que não podia contestar os motivos apontados pelo jovem. — Sei muito bem o que devo fazer e, para isso, obedeço às ordens daqueles que hierarquicamente são meus superiores. Quem é você, amigo, para vir até aqui e falar comigo nesse tom de voz?

— Senhor — disse Nicolás encarando o comandante com dignidade —, eu sou um vizinho honrado do distrito. Sou o encarregado da ferraria da fazenda de Atlíhuayan. O senhor prefeito sabe que prestei muitos serviços todas as vezes que as autoridades da região assim solicitaram. Além disso, sou um cidadão que sabe perfeitamente que você é um chefe de segurança pública, que a tropa que você trouxe até

aqui é paga para proteger os povoados, porque não é uma tropa dedicada exclusivamente ao serviço militar da Federação, mas uma força do Estado, despachada para perseguir ladrões, e agora estamos precisamente proporcionando a você a oportunidade de cumprir sua missão.

— O que você sabe disso, dom Zé Ninguém? Quem você pensa que é para dizer o que tenho de fazer ou para falar comigo nesse tom de voz? Quem é esse homem, senhor prefeito? — perguntou o comandante, em um acesso de fúria, com os bigodes eriçados e levando a mão à pistola Colt que levava na cintura.

— Este rapaz — respondeu o prefeito, pálido de medo de ser alvo de algum desmando daquele soldado sujo e de farda rasgada, que como todos daquela qualidade tratava de maneira insolente homens honrados e pacíficos —, este senhor é um vizinho muito honrado e muito querido, que já prestou inúmeros serviços ao povoado e que é estimado por todos.

— Pois isso não valerá nada para evitar que eu o fuzile — disse o comandante —, eu o ensinarei a não faltar mais com respeito aos militares.

Nicolás cruzou os braços impassível e contestou o militar sem ser arrogante, apenas com um tom de voz frio e altivo:

— Faça o que quiser, senhor militar, você tem sua força armada. Eu estou sozinho, sem armas e diante da maior

autoridade do meu povoado. Pode me fuzilar, não tenho medo e já esperava por algo do tipo. Afinal, você não pode ou você não quis perseguir e fuzilar os bandidos que deveria combater. Seria muito arriscado? Mais fácil assassinar um homem honesto que apenas o relembra de seus deveres. Obviamente... isso não é nem um pouco glorioso para você, mas é a única coisa que pode fazer.

— Rapaz, você pensa que eu me valho da força dos meus soldados para castigar sua insolência?

— Assim o creio — respondeu Nicolás, sempre com os braços cruzados e com um tom frio e seguro.

— Pois você está muito enganado — gritou o comandante. — Eu não necessito da força armada para castigar aqueles que me insultam. Eu sei como corrigi-los de homem para homem.

— Quero só ver! — respondeu Nicolás com um ligeiro sorriso de desprezo. — Aqui próximo de Yautepec há vários lugares ermos onde você poderia mostrar seu valor. Deixe sua tropa aqui, nós dois montamos nos cavalos e vamos escolher um lugar propício para resolver essa questão.

— Está me desafiando? — perguntou o militar, lívido de raiva.

— Eu pago para ver, senhor comandante. Você disse que é capaz de castigar os que o insultam homem a homem,

sem se valer da força militar que comanda. Eu aceito e estou disposto, com armas iguais e só nós dois, a resolvermos esse assunto.

— Muito bem — disse o comandante —, agora você vai ver do que sou capaz.

E saindo precipitadamente do cômodo, gritou para os vários soldados que estavam ali:

— Sargento, prenda esse picareta e mantenha-o no quartel com sentinela na porta! E se ele se mover, matem-no!

— Bela maneira de acertar as coisas homem a homem — murmurou Nicolás olhando o comandante com profundo desdém.

— Agora eu quero ver, seu insolente, até onde vão suas bravatas.

— Mas senhor comandante — disse o pobre prefeito em tom suplicante —, libere esse rapaz. Ele se exalta, mas é um homem de bem, incapaz de cometer o menor delito.

— Cale-se, senhor prefeito do demônio — replicou o militar, furioso —, cale-se ou mando prendê-lo também! É para isso que servem as autoridades deste lugar? Para dar asas aos insolentes? Não me encha a paciência senão faço de você um exemplo também. Levem-no, levem-no — disse aos soldados que se apoderaram de Nicolás, que não ofereceu nenhuma resistência, atendo-se apenas a dizer ao prefeito:

— Senhor prefeito, deixe que façam o que bem entenderem. Não deixem que humilhem sua autoridade.

Porém, o prefeito julgava que aquele militar fanfarrão e covarde seria capaz de cumprir suas ameaças. Naquele tempo e por aquelas comarcas, esse tipo de violência era muito frequente. Os bandidos reinavam em paz, enquanto as tropas do governo, quando matavam, matavam os homens de bem, o que era muito fácil, porque os soldados não corriam nenhum perigo assassinando pessoas honestas e indefesas. O país estava de tal maneira bagunçado, as noções de ordem e moralidade estavam tão embaralhadas, que ninguém sabia a quem apelar diante de semelhante situação.

As autoridades locais eram figuras vazias no povoado, assim, qualquer militarzinho, por inferior que fosse, atrevia-se a ultrajar e humilhá-las.

O infeliz prefeito de Yautepec nada pôde fazer além de se reunir com os secretários e vereadores membros de seu governo. A reunião foi marcada por grande temor e sem ninguém saber ao certo sobre o que deliberar. Além disso, o prefeito mandou imediatamente um aviso ao administrador da fazenda de Atlihuayan, que no ato montou seu cavalo e se dirigiu a galope a Yautepec, acompanhado pelos principais funcionários da fazenda e com o objetivo de libertar o honrado ferreiro.

PILAR

Dona Antonia, logo no início da alteração de Nicolás com o comandante, ao perceber o rumo que tomava aquele assunto, compreendeu, finalmente, que não se podia esperar nada das autoridades e que, ao contrário, tudo estava caminhando para que fosse cometida uma grande injustiça, talvez um crime, contra seu generoso defensor. Ao refletir sobre a terrível situação, simplesmente caiu em extremo desânimo e, por um momento, achou estar doente. Porém, ninguém prestou atenção nela. Todos só tinham olhos para o desfecho daquela discussão terrível.

Quando os soldados levaram Nicolás como prisioneiro, a pobre senhora não teve forças para se levantar e segui-lo. Resignou-se, gemendo encurralada e atordoada em um banco da prefeitura.

Finalmente, quando o prefeito saiu, ela foi junto, acompanhada pelo tio de Pilar e vários vizinhos. Todos foram até sua casa, onde a jovem Pilar, sua tia e alguns vizinhos que se interessavam por seu infortúnio esperavam por ela.

Contou em poucas palavras o que acabara de acontecer. Esgotada por tantos sofrimentos, débil e extenuada, pois não tinha comido nada naquela manhã, e completamente encharcada com a lama do pomar, onde ficou procurando desesperadamente pela filha, caiu na cama tremendo de febre. Sua afilhada e toda aquela gente piedosa cuidaram dela. A boa e bela jovem, após aplicar os primeiros remédios em sua madrinha, começou a ocupar-se com outra coisa que a havia comovido até o fundo da alma.

A notícia da prisão de Nicolás caiu em sua cabeça como um raio. Ela sentiu-se transtornada, mas escondeu sua ansiedade e sua angústia na presença dos tios e daquelas pessoas estranhas. Pegou seu xale e, a pretexto de trazer mais remédios, foi para rua. Para onde iria? Nem ela sabia, mas sentia necessidade de ver Nicolás, falar com ele, pedir ajuda a outras pessoas, procurar algo, enfim, salvar aquele jovem generoso que há muito tempo era desejado por seu coração, tão silenciosamente amado por ela, principalmente na presença de sua rival, que era querida por ela e por ele também.

Em outras circunstâncias, ela, doce e resignada por caráter, sempre tímida, preferiria morrer a revelar o segredo que guardava há muito em seu coração. Porém, naquele momento, quando a vida do jovem estava por um fio e nas mãos daqueles militares arbitrários e ferozes, a boa e virtuo-

sa jovem não levou em conta sua idade nem seu sexo; não percebeu que sua personalidade retraída havia produzido certo isolamento em torno dela; não temia ficar falada pelo povoado; pensou apenas na salvação de Nicolás. Deixou a casa de sua madrinha e foi apressadamente para o quartel onde haviam colocado o ferreiro em confinamento solitário.

Ele, no entanto, não estava em uma prisão, porque o quartel provisório dos soldados era uma das casas do povoado que sequer possuía as condições necessárias para ser caracterizada como prisão. Nicolás estava em um cômodo com uma porta que dava para a rua, aberta e guardada por três sentinelas. Assim, tanto a jovem mulher quanto o grupo de pessoas que se aproximaram da casa por curiosidade podiam vê-lo.

Pilar passou pelo grupo de curiosos e se aproximou até onde estava Nicolás, que reparou a chegada da jovem e se dirigiu a ela. Muito emocionada e chorando copiosamente, Pilar foi capaz de pronunciar apenas uma palavra:

— Nicolás!

E caiu de joelhos, muda de dor e com o rosto coberto de lágrimas.

Nicolás tentou falar com ela, mas o sargento da guarda se interpôs entre os dois. Compadecido com a cena, o soldado falou:

— Afaste-se, senhorita, o preso está incomunicável e não pode falar com você.

— Mas ele é... mas ele é meu parente! — disse Pilar suplicante.

— Não é possível — respondeu o sargento —, a senhorita não pode falar com ele, sinto muito, mas ordens são ordens.

— Uma palavra e nada mais! Por compaixão, deixe-me falar só uma palavra!

— Não é possível, menina — disse o sargento —, vá embora, pois se o comandante aparece por aqui poderá maltratá-la. É melhor ir embora...

— Que me matem, então — disse a jovem —, mas salvem o Nicolás!

Tais palavras chegaram ao ouvido de Nicolás, muito claras e perceptíveis, revelando toda a verdade do que se passava na alma da bela jovem. Aquilo foi para ele como uma luz esplendorosa, que banhou as nuvens sombrias nas quais seu espírito naufragara. Pilar o amava! E essa sim sabia o que era o amor! Ele percebeu ter passado muito tempo embriagado pelo perfume letal da flor venenosa e completamente indiferente à linda e modesta flor que podia dar-lhe a vida!

Que felicidade descobrir aquilo! Porém, que terrível desventura só perceber naquele momento, talvez o último de sua existência, porque Nicolás não tinha dúvidas de que

o comandante exerceria sua vingança naquele dia! A cruel e vergonhosa humilhação do militar não seria perdoada, sabia que aquelas arbitrariedades e crimes eram comuns por aqueles dias. Estava seguro de sua morte.

Nesse momento, passou pela cabeça de Nicolás, como uma vertigem, a percepção de que tudo aquilo era superior às suas forças que, apesar de muitas, não eram suficientes. Seu caráter de bronze, forjado no fogo de tantos sofrimentos, não suportou. Sentou-se e cobriu o rosto com as mãos, para que ninguém visse as lágrimas que rolavam de seus olhos. Porém, passado esse instante de crise tremenda, ele se er-gueu novamente para ver Pilar. Esta, afastada pelo sargento, se distanciava dos guardas, mas sempre olhando para trás, para ver Nicolás uma última vez. Em um desses momentos, Nicolás a agradeceu colocando sua mão sobre o peito e fa-zendo um sinal para ela se distanciar e não correr nenhum risco. Queria tanto poder expressar o quanto estava feliz em saber que ela o amava e assegurar-lhe de que, naquele exato momento, um amor profundo e terno acabara de germinar em seu coração sobre as cinzas do amor doentio do passado.

Toda aquela gente curiosa e aqueles soldados impe-diram tal manifestação de sentimentos, impediram que ele demonstrasse inclusive sua surpresa e deslumbramento — quase poderíamos dizer sua felicidade. Depois disso, sentou-se

novamente no banco de pedra onde permitiram que ficasse, perdido em reflexões profundas e amargas.

Pilar, no entanto, não descansou um instante. Foi até o prefeito, que confabulava com vereadores, fazendeiros e funcionários das fazendas. Eles deliberaram sobre o que deveria ser feito para impedir que Nicolás continuasse preso. A jovem se apresentou chorando, implorou para que não o abandonassem e, se possível, que o acompanhassem na marcha, pois isso talvez impedisse que o crime fosse cometido na estrada. Ela não se retirou até que todos lhe assegurassem que, se não obtivessem a liberdade do jovem imediatamente, eles acompanhariam a tropa.

Depois voltou para sua casa, onde preparou uma refeição para levar à prisão onde Nicolás estava. Chegando lá, foi obrigada a deixar a comida nas mãos do sargento, para quem deu uma moeda, e implorou para que ele dissesse ao preso que muita gente estava disposta a defendê-lo.

Nicolás, por sua vez, entendeu que a jovem fizera muitos esforços a seu favor, mas que esforços eram esses? Como e quem o defenderia? Não tinha como saber e nem precisava. Daquele momento em diante, a confiança em um ser divino surgiu em seu ânimo. Havia um anjo o protegendo e, por mais que o ferreiro julgasse Pilar uma jovem frágil, tímida e sem relações poderosas, algo lhe dizia intimamente que essa

menina, inspirada pelo amor, havia se convertido em uma mulher forte, ousada e cheia de recursos.

Reanimado com aquele novo sentimento de segurança, não temeu mais por sua vida. Aceitou sua sorte tranquilo e confiante. Nesse momento, depois desses pensamentos tranquilizadores e de comer um pouco da comida enviada por Pilar, ele ouviu o som das botas dos soldados. A tropa se preparava para sair em marcha.

Pouco depois, trouxeram um cavalo fraco, mal selado e o obrigaram Nicolás a montar nele, colocando-o entre as filas. Em seguida, a cavalaria e o comandante, já embriagado, se colocaram à frente do pelotão. O chefe dos soldados estava carrancudo. Olhava para o numeroso grupo de pessoas reunido nas ruas do povoado expressando sua indignação para justificar sua atitude sobre o jovem ferreiro, que marchava silenciosamente no meio dos soldados.

Nicolás procurava pelo rosto da bela Pilar. Ao não encontrá-la, seu semblante enrijeceu. Porém, quando a tropa se aproximou do final do povoado, entre as fazendas e perto de entrar no caminho que conduz a Cuautla, um grande grupo a cavalo se juntou a eles. Era composto pelo prefeito, os vereadores, o administrador da fazenda de Atlihuayan, seus funcionários e outros indivíduos muito bem armados. Ao lado deles, na porta de uma cabana, na ponta de um grande

jardim, estavam Pilar e seus tios. A linda menina tinha os olhos vermelhos, mas estava calma e tentou sorrir quando viu Nicolás. Nesse momento, ela acenou e se despediu, como se dissesse: até daqui a pouco.

Nicolás, ao ver a jovem, já não pensou mais em sua situação, sentiu apenas a vertigem da paixão, o golpe de sangue que transbordava em seu coração e que ofuscava seus olhos em um doce desvanecimento. Aprumou-se no cavalo. Cumprimentou Pilar com afeição apaixonada e voltou o olhar várias vezes para demonstrar sua adoração e gratidão à jovem moça. Ele a amava profundamente. Aquele amor acabara de germinar em sua alma e já fincava raízes profundas. Em três horas ele rejuvenesceu três anos. Repovoou seu desencanto com uma fantasia ardente e o sonho de uma experiência amorosa feliz.

Pilar, por sua vez, não ocultava mais seus sentimentos. Assumiu seu amor desde o instante em que percebeu o risco que Nicolás corria. Salvá-lo agora era seu único objetivo, nada mais importava.

O famigerado comandante, que como já foi possível perceber era demasiadamente receoso, assustou-se ao ver aquela cavalaria, que parecia esperá-lo em atitude ameaçadora. Esporeou seu cavalo e foi em direção ao prefeito.

— Olá, senhor prefeito, o que toda essa gente faz aqui?

— Estamos esperando por você — respondeu.

— Eu? Para quê?

— Para acompanhá-lo, senhor, até Cuautla.

— Me acompanhar? Com qual objetivo?

— O de defender este jovem que o senhor leva preso frente a autoridade à qual o senhor pretende apresentá-lo.

— E qual autoridade é essa, senhor prefeito?

— O senhor deve saber — respondeu secamente o prefeito, que parecia mais decidido agora com apoio de numerosos vizinhos bem armados. — Eu só sei que sou a principal autoridade política deste distrito e que não tenho superior aqui nesta área. O senhor juiz de primeira instância também é a principal autoridade judicial do distrito e está aqui. Nós presumimos que, como você está levando um cidadão do povoado que deveria estar sujeito à nossa jurisdição, vai certamente apresentá-lo a alguma autoridade superior à nossa. Nós decidimos que também nos apresentaremos a essa autoridade para informá-la de tudo o que aconteceu.

— Você sabe muito bem que eu tenho autoridade suficiente para fazer o que estou fazendo, não é mesmo? — disse o militar, tentando sair da enrascada em que havia se metido.

— Não sei não — respondeu o prefeito —, você não teve a bondade de mostrar qual é a ordem que está seguindo, nem fui eu comunicado pelo governo do Estado, meu superior

hierárquico, de nada a seu respeito. Se o senhor tem essa ordem em mãos... por favor, apresente-a.

— Eu não tenho de mostrar ordem nenhuma para você — respondeu o militar com arrogância. — Eu recebo ordens apenas dos meus chefes, somente para eles devo prestar contas da minha conduta.

— Exatamente por isso vamos falar com esses seus chefes — respondeu o prefeito decidido.

— É inútil vocês me acompanharem até Cuautla. Meus chefes não estão lá. Estão no Estado do México.

— Pois então iremos até o Estado do México — insistiu o prefeito, acompanhado pelo administrador da fazenda de Atlhuayan, também afirmando que, se necessário, iriam até o Estado do México.

— E se eu não permitir?

— Você não pode nos impedir de acompanhar a tropa. Eu sou o prefeito de Yautepec, me acompanham vereadores do povoado e vários vizinhos honrados e pacíficos. Com que direito você poderia evitar que fossemos exatamente aonde você vai?

— Saibam vocês que essa farsa já está me aporrinhando e que eu posso terminar essa história a qualquer momento.

— Faça o que você quiser, que nós faremos que devemos fazer.

O comandante estava furioso. Ordenou que sua tropa parasse e foi confabular um momento com seus capitães. Talvez estivesse disposto a cometer uma arbitrariedade, mas não seria fácil aquilo ficar impune. O prefeito estava acompanhado dos vereadores, dos funcionários da fazenda de Atlihuayan e de vários vizinhos armados. Se continuassem parados ali, não demoraria para que outros vizinhos chegassem, mesmo que sem armas, e as coisas poderiam tomar um rumo catastrófico.

O comandante decidiu então suportar aquela afronta, mas não soltar Nicolás. Voltou até o grupo comandado pelo prefeito e disse:

— Vocês querem retirar o réu da minha custódia?

— Não, senhor — respondeu o prefeito —, já dissemos que nosso objetivo é acompanhá-los até Cuautla ou até o Estado do México. O senhor não poderá nos acusar de nenhum tipo de agressão.

— Seria ótimo que vocês demonstrassem tal disposição e resistência contra os bandidos, porém, me parece que só agem assim contra as tropas do governo!

— Nós mostraremos, fique tranquilo — respondeu o prefeito indignado. — Quando as tropas do governo, em lugar de perseguir esses bandidos, pois são pagas para isso, pararem de perseguir homens de bem. Foi oferecida ao senhor a ajuda

dos homens daqui para perseguir os prateados e você declinou. É precisamente por esse delito que você está levando este honrado rapaz preso.

— Muito bem, então — disse o comandante —, já veremos quem é que tem razão. Sigam-me até onde quiserem, não me importa — e mandou que a tropa continuasse a marcha.

O prefeito seguiu a coluna de cavalaria. Nicolás soube nesse momento que nada aconteceria a ele.

Assim marcharam durante toda tarde. Já era noite quando chegaram a Cuautla, onde o prefeito de Yautepec foi falar com seu colega do distrito de Morelos e utilizar todas as suas relações com o objetivo de conquistar a libertação do ferreiro.

O comandante destacou uma força extraordinária em Cuernavaca, ao afirmar que o jovem era um homem perigoso para a tranquilidade pública. Ele qualificou o que aconteceu em Yautepec como uma rebelião e deu a si mesmo um ar enérgico e salvador. Enquanto isso, o prefeito de Yautepec e os membros da Câmara Municipal, bem como as autoridades de Cuautla, dirigiram-se ao governador do Estado e ao governo federal, e ao administrador de Atlihuayan, o dono da fazenda e seus amigos no Estado do México, relatando o acontecido. Muitos negócios, relatórios e recomendações foram cruzados. Muita tinta e dinheiro foram gastos para esclarecer o assunto. Nicolás permaneceu preso na sede da

tropa, que ainda aguardava ordens para escoltar o amigo do presidente. Mas no terceiro dia, um comunicado direto do Ministério da Guerra chegou para libertar o jovem ferreiro, ordenando que o comandante comparecesse ao Estado do México para responder pela sua conduta.

Todos esses desmandos e arbitrariedades eram frequentes naquele tempo de guerra civil e muita confusão. Assim, do sequestro cometido por El Zarco, somente a doença grave da pobre mãe e a prisão do ferreiro de Atlihuayan resultaram no choque das autoridades entre o prefeito de Yautepec e o comandante. Foram muitas mensagens trocadas, muita marcha, muitas lágrimas, mas o crime que originou tudo isso continuava impune.

É verdade que, dessa confusão, também resultou a felicidade de dois bons corações. Esse era o único raio do sol que iluminava aquele ambiente de desordem, vício e miséria.

O BOM AMOR

Ao conquistar sua liberdade, Nicolás correu para Yautepec. O que teria acontecido durante sua ausência? Ele tremia só de pensar! Incomunicável desde que saíra de lá, não teve nenhuma notícia de dona Antonia ou Pilar. Pôde apenas conversar com alguns dos vizinhos de Yautepec, que disseram que a mãe de Manuela, muito debilitada por suportar tantos golpes, estava de cama, vítima de uma febre cerebral. Era muito possível que a pobre senhora tivesse sucumbido. E Pilar? Sem dúvida, a bela e boa jovem teria oferecido toda espécie de cuidado à madrinha. É certo que ela não deve ter se separado nenhum instante do leito da velha senhora, que fora abandonada pela filha, mas que se encontrava rodeada de pessoas bondosas e caridosas, sobretudo aquele anjo, que mais que afilhada, parecia uma verdadeira filha, herdeira de sua virtude, sensatez e seu nobre caráter.

No entanto, no seio daquela família duramente atingida pela desgraça, junto ao leito daquela pobre moribunda, fazia

falta um homem, um apoio, uma força que pudesse incentivá-las e suprir suas necessidades, que nos momentos de desamparo sempre aumentam. Aquele homem poderia muito bem ser ele, Nicolás, o homem que aquela dama virtuosa escolhera para ser seu genro e que amava como a um filho. Um homem que, órfão desde a infância, havia concentrado nela todo seu afeto familiar. Muito provavelmente aquela mulher doente deve ter procurado por ele em seu delírio! Pilar também deve ter invocado seu nome em silêncio, desejando vê-lo a seu lado, naqueles momentos de terrível angústia! Esse último pensamento foi, no meio de sua ansiedade, como uma gota de néctar em seu coração, que batia de amargura.

Desde sua saída de Yautepec, preso e ameaçado de morte por aquele militar insolente e arbitrário, Nicolás só pensava nos dois alvos de seu carinho: dona Antonia e Pilar. Seu espírito agitado passava sem cessar do infortúnio da infeliz senhora para o amor da bela jovem, um amor mais gracioso, que havia se revelado subitamente, justamente quando todos os horizontes de sua vida se escureciam.

Por esse motivo aquele jovem apaixonado, nos dias anteriores, mal havia prestado atenção ao estado em que se encontrava, à sua condição incomunicável na qual fora mantido, aos muitos desconfortos de sua prisão, ao perigo de uma resolução desfavorável, nos esforços para libertá-lo, a tudo.

Dona Antonia e Pilar eram sua única preocupação. Ao não saber como estavam as duas, que para ele encerravam o mundo inteiro, tornava-se impaciente, próximo ao desespero.

E quanto a Manuela... havia desaparecido completamente de sua memória. O ferreiro, como todos os homens de grande caráter, era orgulhoso e, se nos últimos dias havia manifestado algum afeto à desdenhosa jovem, se em seu coração ainda parecia arder o fogo de outros tempos, era somente porque dona Antonia animava constantemente, com o sopro de suas esperanças, aquela fogueira já quase convertida em cinzas.

Nicolás compreendera, há muitos meses, que era um homem impossível ao coração de Manuela. Mais ainda: com sua perspicácia natural e essa facilidade de percepção que têm os namorados humildes, havia adivinhado, analisando detalhe por detalhe, ao regressar tristemente de Yautepec, todas as noites, suas estéreis e cada vez mais frias conversas com a jovem, que não só demonstrava indiferença por ele, mas também repugnância. À expressão desse sentimento, que mesmo em um belo rosto é dura e desagradável, não podia resistir uma alma altiva como a de Nicolás. Se ele fosse um desses rapazes tolos que interpretam sempre os gestos e as palavras das mulheres que amam como favoráveis a eles; ou fosse ele vingativo e mesquinho a ponto de fazer do sofrimento um meio para triunfar ou vingar-se;

ou se, por último, fosse ele um desses velhos libertinos para os quais o desejo é uma couraça que os torna invulneráveis, para os quais a possessão a todo custo é o único objeto de seu amor sensual, Nicolás teria permanecido firme em seu intento, principalmente em razão do apoio de dona Antonia junto à filha, por mais contrária que Manuela se mostrasse.

Ele, no entanto, era homem de outra espécie. Índio, humilde e trabalhador, tinha, contudo, a consciência de sua dignidade e de sua força. Sabia muito bem que valia, como homem e pretendente, o bastante para ser amado por Manuela. Sua honradez imaculada daria um título; sua posição social, ainda que mediana, porém independente e obtida através do esforço pessoal, o enobrecia a seus olhos; seu amor sincero, puro, que aspirava à dignidade conjugal e não aos gozos passageiros do desejo material, o tornava valorizado e estimado, como um tesouro que deveria guardar intacto.

Em suma, ele amava ternamente, com submissão, mas com decoro, com paixão talvez, mas com dignidade. Logo, comprometer tal decoro e dignidade em algum ato de humilhação seria o mesmo que degradar seu caráter e arrastá-lo pelo chão. Seria destruir um sentimento de orgulho de si que ele carregava com tamanha altivez.

Portanto, tão logo Manuela, ao se apaixonar por outro homem, decidiu parar de dissimular ao vê-lo e começou a

deixar muito evidente sua repugnância em relação ao jovem índio, Nicolás entendeu imediatamente algo que foi crescendo diariamente e acabou se transformando em um profundo sentimento de amargura e humilhação, que atingia em cheio seu orgulho de homem e amante. Seu amor, já muito desenraizado em razão das constantes deselegâncias da moça, foi incapaz de resistir à última prova e desapareceu rapidamente de seu coração. O afeto de dona Antonia, um vislumbre de esperança, somado ao hábito de visitar a jovem Manuela todos os dias, ainda retinham nele uma nesga de ilusão, porém, ao saber que aquela mulher, insensível ao seu afeto, mas que ele julgava honrada, decidiu fugir com um odioso bandido, cujo o nome representava o terror de toda comarca, teve a princípio uma surpresa dolorosa seguida quase que de imediato por um desprezo que se apoderou de sua alma. Com o passar das horas, tamanho desprezo tornou-se, ao considerar a perversão do caráter de Manuela, um sentimento de outro gênero. Era repugnância inspirada pela feiura da alma da jovem. Depois desse maremoto de emoções, Nicolás acabaria tomado pela avalanche de alegria que inundava seu coração.

Ele, o pobre ferreiro de Atlihuayan, havia escapado daquele monstro. Havia se apaixonado por um demônio acreditando ser um anjo. Agora que estava livre, sentia, ao

mesmo tempo, vergonha de ter sido tão cego e uma imensa felicidade pela sorte de ter escapado do perigo de se envolver com aquela criatura. Pelo menos a desgraça de seguir amando-a, algo que teria sido terrível para ele, dado seu caráter orgulhoso e apaixonado, estava completamente descartada.

Enquanto isso, em uma espécie de recompensa gratificante, precisamente nos momentos em que seu espírito encontrava-se completamente limpo das últimas névoas que o antigo afeto poderia ter deixado, e quando a serenidade se restabelecia em seu coração — serenidade que não foi perturbada pelo perigo que correu nem pela indignação que vivenciou —, surgiu diante de seus olhos uma nova imagem, mais bonita e doce que a que havia desaparecido. Nesse momento ele entendeu quem era o anjo bom de sua existência. Descobriu o amor de Pilar em um ponto tão decisivo de sua vida, um amor genuíno e que não esperava ser correspondido, com todas as características da abnegação, do sacrifício generoso, da resolução heroica, ou seja, com todas as qualidades de um afeto extraordinário. Como não acabar imediatamente subjugado por um amor tão poderoso? Nicolás não somente sentiu aquele amor novo e luminoso penetrar sua alma feito um caudal de fogo, mas também experimentou uma ponta de vergonha e remorso por não ter percebido antes tamanho carinho e bem-querença ocultos

assim diante dele. Como não percebera antes? Imaginou o quanto poderia ter feito sofrer a bela e modesta jovem com suas constantes e frustradas tentativas de conquistar o amor de Manuela. Talvez tenha, sem querer, sido cruel ou deselegante com ela, ferindo a delicadeza daquele coração sensível, terno e suave.

Tal ideia fazia-o sentir-se inferior à sua amada, mas não era uma inferioridade humilhante. Era algo semelhante à inferioridade de um crente diante de Deus, sentimento que aviva e aumenta o amor, porque o sofisticava com admiração e gratidão.

Esses pensamentos ocupavam a cabeça de Nicolás durante o trajeto entre Cuautla e Yautepec, que percorreu galopando em seu cavalo, atravessando o bosque coberto por árvores glória-da-manhã e as fazendas de Cocoyoc, Calderón e San Carlos, que margeiam aquela planície pitoresca. Por fim, atravessou o rio, passou pelos becos, com o coração acelerado e apeou na porta da casa de dona Antonia. Que notícias estaria prestes a receber?

UM ANJO

Entardecia quando Nicolás entrou na casa de dona Antonia. Ao ruído de seus passos, uma mulher se adiantou e foi ao seu encontro. Quando o reconheceu, em meio à penumbra crepuscular que ainda permitia distinguir alguns objetos, ela se jogou em seus braços.

Era Pilar.

Nicolás, ao sentir contra seu peito aquela mulher, agora intensamente amada por ele, foi tomado por uma vertigem que misturava paixão e prazer. Era a primeira vez em sua vida que sentia tamanha felicidade. Ele, que acabara de saborear a amargura da decepção amorosa; ele, que sempre se considerava não amado; ele, que já se considerava feliz quando recebia um simples olhar de simpatia, recebia agora uma explosão amorosa, uma torrente de carinho, uma felicidade com a qual jamais ousou sonhar.

E ela estava ali, a belíssima jovem que havia ocupado seus pensamentos naqueles momentos de prisão e dias de insônia. Sentia aqueles lindos braços de virgem enlaçar seu

corpo em um abraço, o coração da jovem a palpitar junto a seu peito, suas mãos molhadas pelas lágrimas da moça e seu semblante ser tomado pelo doce aroma da respiração de Pilar. Nicolás estava dominado por uma emoção tão avassaladora e paralisante que não era sequer capaz de falar.

Por fim, depois de prender a jovem em um abraço tão apaixonado que valia por mais de dez declarações de amor, perguntou, beijando-a no rosto:

— Pilar minha querida, agora nada e ninguém vai nos separar. Sinto muito por não ter sido capaz de reconhecer onde estava minha felicidade. Finalmente, benditos sejam os perigos que tive de enfrentar, pois em razão deles pude encontrar você.

Pilar, como toda mulher, ainda que transbordando de amor e felicidade, não pôde fugir de um vago sentimento de temor e receio. Não estava totalmente segura de que o antigo amor por Manuela tivesse desaparecido completamente do coração de Nicolás, ou talvez que tivesse aumentado em função de tudo o que ele havia passado. Assim, fixando seus olhos tímidos nos do ferreiro, ela se atreveu a perguntar, de um jeito que traduzia seu medo de perder aquela felicidade:

— Nicolás, você me ama como ama a Manuela?

— Como assim? Manuela? — interrompeu Nicolás com veemência. — Ó Pilar! Não me faça essa pergunta, pois fico

magoado. Como comparar o amor que hoje sinto por você com o afeto que senti por aquela desgraçada? Aquele foi um sentimento do qual me envergonho muito. Não sei como pude me enganar tão miseravelmente, e não sou capaz de explicar o que se passava comigo. Talvez seu desprezo e sua insensibilidade me exaltassem e despertassem em mim algum tipo de teimosia, porém, para falar a verdade a você, quando estava sozinho, pensava e examinava o que se passava em meu coração. Confesso que aquilo não era amor, não era esse carinho puro e apaixonado que você me faz sentir agora. Era algo doentio, uma enfermidade da qual eu queria me livrar, um capricho no qual estava interessado apenas para satisfazer meu amor próprio, e não por felicidade. No entanto, queria dizer, ainda que talvez você não acredite, que nesses últimos dias esse capricho sequer existia, havia desaparecido também. Manuela não produzia mais essa conhecida emoção em mim. Se não fosse pela insistência e o empenho de dona Antonia em convencê-la a se casar comigo, eu já teria desistido. Foi a velha senhora quem me levou a acreditar que, no final, ela acabaria aceitando, que eu não perdesse a esperança e contasse sempre com seu apoio. Porém, sinceramente, depois dessa insistência, acabei por detestar Manuela, ou ao menos por esquecê-la e não visitar mais esta casa.

— Mas e a minha madrinha? E eu? Você não pensou em nós? — perguntou Pilar em tom de queixa.

— Ah, sim! — respondeu Nicolás. — A senhora, a pobrezinha dona Antonia era digna de todo meu carinho... Já quanto a você, Pilar, eu jamais me atrevi a sequer sonhar em ser amado por você. Eu sabia o quanto seria feliz o homem amado por você. Eu levantava meus olhos cheios de esperança na sua direção, mas rapidamente baixava meu olhar com tristeza, pois pensava que tampouco me queria. Saiba que você me parecia mais inatingível que Manuela. Como eu poderia pensar em você, me dirigir a você, depois de todo o desprezo que você mesma presenciava? Me parecia indigno dirigir-lhe a palavra nesse sentido... Se eu soubesse! Como pode ver, meu afeto por Manuela acabou há muito tempo. Se você duvida, saiba que o amor que tenho por você cresceu tanto em tão pouco tempo que já é superior em tudo aos sentimentos que abriguei por aquela infeliz, os quais agora não passam do mais puro desprezo.

— Eu não duvido, Nicolás. Não duvido — disse a jovem apertando as mãos do ferreiro entre as suas. — E mesmo se duvidasse — completou suspirando —, minha felicidade consiste nesse amor que sinto por você há muito tempo e que guardei no fundo do meu coração, mesmo sem esperanças. Um sentimento que aumentava a cada dia, em razão da dor e da inveja, e que só pude revelar quando você corria perigo e eu estava perto de perder o juízo. Eu não esperava

que você me amasse. Ao contrário, estava segura que amava Manuela mais do que qualquer outra coisa, talvez porque a tivesse perdido para sempre. Porém, não fui capaz de me conter, ouvi apenas meu coração.

— Mas Pilar — disse Nicolás, se justificando —, você me julgou mal porque talvez não conhecesse bem meu caráter. Para amar a Manuela, apesar de tudo o que ela havia feito, eu deveria, em primeiro lugar, tê-la amado de verdade, e acabo de dizer a você que não era esse o caso. Além disso, necessitaria ser um homem vulgar, mas eu, mesmo sendo humilde como sou, um trabalhador rude, um índio sem educação e sem exemplos para seguir, posso assegurar a você que não sou um homem vulgar, que me sinto incapaz de sentir qualquer afeição por um objeto indigno. Para mim, a estima é precisamente a base do amor. Como haveria de seguir querendo uma perda que desejava fugir com um ladrão assassino? Impossível, impossível! Na minha família índia nos transmitem os ideais da honra, que muita vez me custou inimigos e que tantas vezes já me jogaram na cara, como se fosse um defeito. Nós somos pobres, muito pobres, mais ainda contarei a você como meus antepassados, em suas montanhas selvagens, em suas cabanas paupérrimas, souberam conservar sempre seu caráter limpo de toda mácula de humilhação ou de baixaza. Preferiram morrer a se degradar, e isso não foi por vaidade ou

para conservar uma herança de honradez, mas porque essa é a nossa natureza. A altivez é parte do nosso ser. Assim, pense se eu seria capaz de sentir alguma coisa por Manuela depois do que ela fez. Não há em mim outro sentimento que não o da compaixão depreciativa. Se fizesse qualquer outra coisa, seria desonroso... está convencida agora?

— Sim, Nicolás — disse a jovem —, me perdoe, pois, apesar de conhecer bem seu caráter, meu amor, meu pobre amor, nascido em meio à inveja, me tornou cega e desconfiada...

— O que sinto por você, bela e formosa menina, é um amor santo e eterno... Agora pergunto: quer ser minha esposa? Vamos nos casar o mais rápido possível?

— Ah! — exclamou Pilar chorando. — Será minha felicidade. Nicolás! — disse ela assustada. — Ficamos aqui tão concentrados em nossa conversa que nos esquecemos do mundo... nos esquecemos da situação da minha madrinha, que está moribunda...

— A senhora?

— Sim. Minha madrinha está à beira da morte — exclamou Pilar abatida. — Há dias que não come nada. Sua debilidade é muito grande, a febre cada vez mais violenta e todos dizem que não há mais nada a fazer.

Nicolás, ao saber da notícia, inclinou a cabeça tomado pela tristeza.

A AGONIA

Realmente, os dois jovens, tomados pelo êxtase de amor, haviam se esquecido por um momento da pobre senhora Antonia, às portas da morte no cômodo ao lado. Dissemos que, desde o dia seguinte à fuga de sua filha, movida pela terrível crise que sofrera, mais do que pela umidade, à qual ficou exposta durante muitas horas, a infeliz velha tinha caído na cama, atacada por uma febre cerebral.

Inúteis foram todos os cuidados das pessoas que a socorreram, particularmente Pilar, que como uma filha amorosa, não se separou um instante sequer do lado dela. A experiência e todos os esforços daquelas boas pessoas, somados à falta de um médico, tiveram muito pouco efeito e Dona Antonia morria. Nicolás chegou precisamente quando a agonia da velha senhora chegava ao seu fim. Profundamente consternado, o jovem índio adentrou o aposento debilmente iluminado da enferma e foi saudado afetuosamente pelas poucas pessoas que ali estavam.

Pilar, que o acompanhava, aproximou-se do leito da madrinha e disse várias vezes que Nicolás estava ali ao lado

e queria conversar. A anciã, como se despertasse de uma profunda letargia, procurou reunir as poucas forças que lhe restavam, levantou a cabeça, fixou o olhar no ferreiro, que estendia as mãos carinhosamente. Ao reconhecer o jovem, ela não pôde conter uma exclamação, segurou as mãos do ferreiro beijando-as repetidas vezes e murmurou:

— Nicolás! Nicolás! Meu filho!

E caiu lívida, como se aquele esforço supremo tivesse esgotado sua existência. Nicolás se inclinou ao lado daquele leito de morte e ali, esse homem forjado no ferro, a quem as desgraças e os perigos não abatiam, se pôs a chorar amargamente, angustiado diante de tamanha desgraça e maldizendo seu destino, que tantas injustiças cometeu.

Dona Antonia ainda resistiu por algumas horas, a vida havia se extinguido sob o peso de tantos sofrimentos. Antes de a noite terminar, aquela anciã virtuosa e desafortunada exalou seu último suspiro nos braços de sua afilhada Pilar e junto ao homem que havia amado como se fosse um filho.

A dor da jovem foi imensa. Acostumada desde pequena a ver dona Antonia como uma segunda mãe, a quem amava principalmente em razão de seu bondoso caráter e suas altas e sólidas virtudes. Pilar adorava aquela mulher, que naquele momento encontrava-se abandonada pela própria filha. Antonia, mãe dedicada e movida pela abnegação pró-

pria das almas inteligentes e generosas, morria. O apego e o amor de Pilar por dona Antonia eram como o de mãe e filha. Assim, sob seus cuidados, durante a doença, a anciã viveu seus últimos dias sob excelentes cuidados. As vigílias e a inquietação sofridas eram reveladas no belo semblante pálido e marcado pela aflição de Pilar.

A morte da madrinha, por mais esperada que fosse, produziu um abatimento profundo na moça Pilar. Não fosse, afortunadamente para ela, o amor de Nicolás declarado de maneira tão clara e resolvida e capaz de consolá-la e fortalecê-la, como um raio de sol, seguramente a alma boa e sensível da jovem teria sido consumida por uma noite sombria e pavorosa. Nicolás, seu futuro esposo, estava ali. O céu o enviara justamente nesse momento tão difícil e de tamanha amargura para ela, órfã infeliz, sem patrimônio, contando apenas com apoio dos tios anciãos e em meio a tantas situações de perigo para todos. A jovem passou a considerar Nicolás não somente o eleito pelo seu coração, mas também seu salvador, sua Providência. Foi assim, fortemente comovida por aquela mudança súbita de sorte, por aquele socorro inesperado que parecia enviado por Deus como uma espécie de recompensa por tantas aflições e tristezas que a jovem, dando trégua a seus soluços, caiu de joelhos e orou fervorosamente, com um sentimento dor e gratidão ao mesmo tempo.

A voz de Nicolás a tirou desse arrebatamento. Com ternura, quase de maneira religiosa, ele disse ao estender a mão sobre o cadáver da anciã:

— Pilar, juro a você sobre este cadáver que serei seu esposo. Esperarei apenas o tempo de luto para realizar essa promessa. Você é um anjo que eu não mereço.

Pilar se lançou chorando nos braços do jovem índio. As pessoas presentes, comovidas diante daquela cena, procuraram também consolar a jovem. Nicolás, por sua vez, saiu para cuidar dos preparativos do funeral de dona Antonia. Como a anciã havia deixado algum patrimônio, era preciso assegurá-los, pois não tinha deixado testamento e sua única filha havia abandonado a casa materna.

As autoridades locais tentaram convencê-lo a vender a casa, o pomar e a horta para cobrir os gastos do funeral, mas Nicolás se opôs a isso e se ofereceu a cobrir todos os custos de seu próprio bolso. Essa seria uma última homenagem à memória da virtuosa amiga. Ele também se recusou a cuidar da administração daqueles poucos bens e deixou tudo a cargo das autoridades, alegando que seria indelicado assumir tal papel. Assim, todo patrimônio de dona Antonia foi ocupado legalmente, porém, sem a intervenção do ferreiro.

Sepultada a senhora, a cujo enterro foram todas as pessoas que estimavam suas virtudes, tudo voltou à vida normal,

isto é, à vida cheia de terrores e perigos que descrevemos anteriormente. Nicolás voltou a trabalhar na fazenda de Atlihuayan, ainda mais querido por seus patrões em razão de sua nobre conduta. Pilar voltou à humilde casa de seus tios, a qual se converteu para ela em um éden, porque seu futuro esposo, esperando pela data combinada, a visitava todas as tardes, como antes fazia na casa de Manuela.

Por falar nisso, vamos ver o que se passava com ela.

ENTRE OS BANDIDOS

Manuela, cegamente apaixonada por El Zarco, não previu a situação que a esperava, e se tivesse previsto algo, não passava de uma ideia convencional.

Em sua fantasia de mulher apaixonada e inexperiente, sonhava em viver uma existência cheia de aventuras perigosas, é verdade, porém divertidas, romanescas, originais, fortemente atraentes para um caráter como o seu: volátil, violento e ambicioso.

Até aquele momento, desde que a praga dos bandidos havia tomado conta das terras quentes, ao final da terrível guerra civil que havia destruído a República durante o período de três anos — e que é conhecida na nossa história pelo nome de Guerra da Reforma —, não era possível dizer que o Estado havia perseguido aqueles facínoras, pois o governo nacional estava

completamente voltado para a luta contra o exército clerical.¹² Manuela, em toda sua vida, nunca havia visto erguerem uma força para qualquer um dos companheiros de seu amante.

Ao contrário, o que ela presenciou foi bandidos passeando impunemente pelos povoados e campos acompanhados pelo som do triunfo, temidos, respeitados e tratados com amabilidade pelos ricos, pelas autoridades e por toda a gente.

Se eventualmente sofriam algum tipo de perseguição, como aquela na qual fugiram do feroz comandante, nosso conhecido, isso acontecia para não arrumarem problemas e manter as aparências, pois todos sabiam que as autoridades eram incapazes de combater tais adversários. Assim, todos aceitavam resignados aquela degradante opressão.

Manuela, por sua vez, confiava que tal situação, por mais passageira que fosse, ainda duraria muito. Acreditava que o domínio dos prateados acabaria se consolidando naquela comarca. Além disso, ela era muito jovem para recordar as tremendas perseguições e matanças levadas a cabo contra os bandidos em outras épocas por forças organizadas do governo do Estado do México e colocadas em prática sob as ordens de chefes enérgicos e terríveis.

12 Grupo formado por conservadores de postura centralista e pró-clerical, ou seja, defensores da Igreja Católica.

Aquilo havia acontecido em tempos remotos, apesar de os fatos terem transcorrido há menos de quinze anos. Eram outras circunstâncias: naquela época tratava-se de perseguir quadrilhas de ladrões comuns, grupos compostos de, no máximo, quarenta bandidos, que se dispersavam frente ao menor ataque e cujos principal recurso era a fuga. Durante alguma paz relativa, era possível enviar forças organizadas de vários Estados para enfrentar algum grupo mais numeroso de bandidos. Os povoados e os fazendeiros ricos podiam prestar auxílio, as escoltas percorriam constantemente os caminhos, e homens conhecedores dos meandros da região serviam de guias ou eram os próprios perseguidores.

Agora tudo era diferente. O governo federal estava mais preocupado com a guerra que os líderes clericais Márquez¹³, Zuloaga¹⁴, Mejía¹⁵ e outros ainda mantinham, pois

13 Leonardo Márquez (1820-1913) foi um general mexicano conservador que lutou pela defesa do imperador Maximiliano durante o período da Intervenção Francesa no México. Após executar estudantes e médicos na batalha de Tacubaya, ele ficou conhecido como o Tigre de Tacubaya. Com o fuzilamento de Maximiliano em 1867, Márquez exilou-se em Cuba, onde morreu.

14 Félix María Zuloaga (1813-1898), militar e político conservador, foi eleito presidente do México em 1858. No final da década de 1850 e início da década de 1860, Zuloaga ocupou parte do país, começou uma guerra civil e atuou como presidente conservador provisório inconstitucional do México, em oposição ao presidente constitucional Benito Juárez, do Partido Liberal.

15 José Tomás de la Luz Mejía Camacho (1820-1867) foi um militar de origem indígena que lutou ao lado do imperador Maximiliano

reuniam a seu redor numerosos partidários. A intervenção estrangeira era uma ameaça que começou a se traduzir em fatos, precisamente quando os eventos aqui informamos foram verificados e, naturalmente, a nação toda se comovia, esperando uma invasão estrangeira capaz de produzir uma guerra sangrenta e longa — a qual acabaria ocorrendo um ano depois e terminaria com o triunfo da República em 1867.

Nenhuma dessas considerações atingia o espírito da jovem com a lucidez com que se apresentavam aos olhos das pessoas sensatas. No entanto, ela ouvia o que falavam os visitantes da casa de sua mãe, transmitindo os rumores que circulavam, ainda que vagamente, como a maioria das pessoas comuns faz ao resumir a situação pública, quase sempre de maneira exata. Assim, ela extraiu as informações que fariam diferença na sua vida futura. Nada mais.

Contudo, o estado das coisas nas terras quentes era claro, o que a levava a temer pela vida de El Zarco.

Os prateados dominavam completamente aquela região e o governo federal não podia fazer praticamente nada. O

do México. Mejía foi fuzilado ao lado do imperador quando este foi capturado pelas forças republicanas do México em 1867. Em uma de suas obras mais famosas, *A execução do imperador Maximiliano*, o artista impressionista Édouard Manet (1832-1883) retratou o momento do fuzilamento de Maximiliano, Mejía e outro militar conservador chamado Miguel Miramón.

governo do Estado do México, muito desorganizado à época, era formado por líderes, militares ou não, que se alternavam constantemente e, em razão disso, não conseguiam estabelecer nada duradouro. Muita vez, fazendeiros ricos tinham de fugir para a Cidade do México, fechar suas fazendas ou então se submeter às condições impostas pelos principais bandidos, aos quais acabavam pagando uma espécie de pedágio para que seus campos não fossem queimados, suas fábricas destruídas e seus rebanhos e funcionários assassinados.

Não se tratava agora de combater as quadrilhas de poucos e medrosos ladrões como aqueles de quinze anos atrás, mas verdadeiras legiões de quinhentos, mil e até mesmo dois mil homens que podiam se reunir rapidamente. Tinham melhores montarias e melhores armas; conheciam como poucos a região; e contavam, nas fazendas, aldeias e povoados, com numerosos agentes e emissários recrutados por interesse ou por medo, mas que os serviam fielmente. Por último, as lições da guerra que acabara de ocorrer e na qual muitos dos bandidos serviram tanto para um lado quanto para o outro fizeram desses homens conhecedores do que ocorre no campo de batalha. Em função disso, costumavam sair vitoriosos de seus enfrentamentos com as forças do governo.

Assim, Manuela, a quem El Zarco havia narrado em suas frequentes visitas as vantagens que os bandidos tinham sobre

as forças governamentais, acabara por dissipar as dúvidas que poderiam existir em sua mente. Ela sabia que seu amante fazia parte de um exército de homens valorosos, decididos e que contavam com todos os elementos para estabelecer sobre aquela terra desgraçada um domínio tão forte quanto duradouro.

De modo que, por um lado, com o impulso irresistível de sua paixão, e por outro, convencida por todos os motivos que lhe dava seu amante e pelo temor das pessoas com quem convivía, acabou por confiar completamente em seu destino, segura de que seria tão feliz como havia imaginado em seus sonhos mais delirantes.

Em resumo, Manuela, desde que se apaixonara por El Zarco, só pensava nos prateados, mas não fazia a menor ideia de como realmente era a vida que levavam aqueles bandidos. O único prateado que ela realmente conhecia era seu amante. Chegou a vê-los várias vezes desfilando em Cuernavaca, formando esquadrões, porém, em razão da rapidez dos desfiles e de sua atenção estar toda voltada para El Zarco, nunca reparou com mais cuidado nos outros que o acompanhavam.

Depois disso, ao ficar escondida em Yautepec em razão do pavor de sua mãe de que a jovem fosse vista por aqueles bandidos, Manuela não voltou a ver mais nenhum deles, somente El Zarco. Nos últimos tempos, quando estavam no povoado, ela era obrigada a se esconder na estrebaria ou na parte mais

oculta do pomar, onde as pessoas construíram esconderijos no quais, às vezes, ficavam o dia inteiro até passar o perigo.

Ela, desse modo, conhecia os bandidos somente pelo que ouvira falar deles: os relatos sedutores de El Zarco, recheados de alusões a perigos passageiros, e que, longe de assustar, produziam nela emoções pulsantes; e as terríveis histórias contadas pelos pacíficos e apavorados moradores de Yautepec, histórias que ganhavam mais vulto na boca de dona Antonia, a quem a imaginação acabaria por enfermar.

Dessas notícias tão contraditórias, Manuela, com a parcialidade natural de uma apaixonada por um bandido, formou uma imagem de El Zarco sempre favorável e vantajosa para ela. Pensava que o medo das pessoas exagerava os crimes dos prateados, transformando homens como ele em verdadeiros monstros abomináveis, humanos apenas na figura. Acreditava que a vida que os prateados levavam não era a de crápulas que apenas participavam em assaltos e mortes. Para ela, essa imagem era uma ficção produzida por um povo aterrorizado e cheio de ódio. E as tais terríveis provações às quais os bandidos condenavam suas vítimas não passavam de ponderações a fim de instilar medo e arrancar o dinheiro mais facilmente das famílias dos sequestrados.

Ela acreditava sim que El Zarco e seus companheiros eram bandidos, isto é, homens que fizeram do roubo uma

profissão especial. Mas nem isso lhe parecia tão extraordinário naqueles tempos de revolta, quando vários chefes dos bandos políticos haviam apelado, em muitas ocasiões, a esse mesmo recurso para se sustentar. Nem mesmo os sequestros, tipo de crime que os prateados mais praticavam, lhe pareciam uma monstruosidade, posto que, ainda que inusitado e novo naquele país, havia sido introduzido no México precisamente por grupos com pretextos políticos.

De maneira que, a seus olhos, os prateados eram uma espécie de facção em guerra com a sociedade e exatamente por isso lhe pareciam interessantes; eram ferozes, porém valentes; destrambelhados em seus costumes, algo que era natural, posto que viviam em meio a perigos e necessitavam de grandes alívios para compensar suas tremendas aventuras.

Pensando assim, Manuela acabava por fantasiar os bandidos como uma casta de guerreiros audazes e conferia a El Zarco as proporções de um herói legendário.

Xochimancas, refúgio da bandidagem, escondido entre as alturas rochosas das montanhas, surgia na imaginação da jovem perdida como as maravilhosas fortalezas dos contos antigos, ou como os acampamentos pitorescos dos exércitos liberais ou conservadores, os quais, há pouco tempo, haviam se espalhado por praticamente todas as comarcas do país.

A cabeça da apaixonada Manuela, decidida a viver com seu amado bandido, perdia-se nessas reflexões.

Assim, na noite de sua fuga, ela pensava entrar em um mundo conhecido. Desde o início, a noite de tempestade, a chuva, a emoção de abandonar sua casa e sua pobre mãe, que sempre a superprotegeu apesar de sua paixão e perversidade, até se encontrar entregue de corpo e alma a El Zarco. Todas as suas imaginações a impediram de comparar sua atual situação com aquela que havia sonhado ou a examinar atentamente os companheiros de seu amante. Contudo, obviamente não havia nada de extraordinário naqueles momentos. Fugira de casa com o homem que amava; este, cavaleiro ou bandido, trouxe consigo alguns amigos para ajudá-lo a enfrentar algum perigo pelo caminho; aí está tudo. Ela não os conhecia, mas simpatizava, pois, em sua cabeça, contribuía para que alcançasse o que ela acreditava ser sua felicidade.

Quando a força da tempestade obrigou a ela, El Zarco e seus companheiros a se refugiarem na cabana do segurança de Atlhuayan, todos ficaram em silêncio e nenhum deles tirou os lenços que cobriam seus rostos. Em razão disso, Manuela não foi capaz de distinguir suas fisionomias ou conhecer o som de suas vozes. Apenas algumas palavras em voz baixa, trocadas com El Zarco, interromperam aquele silêncio que o esconderijo exigia.

Quando a primeiras luzes do amanhecer surgiram e a chuva acalmou, El Zarco deu ordem de montar. Nesse momento, Manuela pôde examinar os companheiros de seu amante: escondidos atrás de seus lenços e bandanas, não deixavam seus rostos à mostra, mas seus olhos duros e ferozes produziram calafrios na jovem, habituada unicamente com as descrições correntes desses facínoras. Foi nesse momento, usando um papel e um lápis, que Manuela escreveu aquela carta que acabaria entregue à pobre dona Antonia e na qual ela dava parte de sua fuga.

Depois, os fugitivos começaram a caminhar em direção a Xochimancas, subindo rapidamente a montanha de onde vimos El Zarco aparecer pela primeira vez.

A comitiva continuou calada. De quando em quando, Manuela, que seguia na frente com El Zarco, escutava certas gargalhadas entre os bandidos, às quais El Zarco respondia voltando-se para trás e piscando o olho, de um modo malicioso que desagradou a jovem.

Em seguida, o grupo adentrou um labirinto de veredas, algumas serpenteando pequenos vales entre as altas rochas, outras passando por desfiladeiros abruptos frequentados apenas por bandidos e lenhadores.

Por fim, pouco antes do meio-dia, avistaram através de uma abertura entre duas colinas rochosas as ruínas de Xochimancas e, em seguida, o esconderijo dos prateados.

De um dos pontos mais altos daquela fazenda arruinada veio um assobio agudo. El Zarco respondeu com um assovio idêntico. Imediatamente, um grupo de ginetes surgiu em meio às ruínas a todo galope, preparados para atirar com seus mosquetes. Rodearam o grupo comandado por El Zarco, que se adiantou e, esporeando o cavalo, foi a toda velocidade para Xochimancas.

Poucos momentos depois, El Zarco disse a Manuela em tom amoroso:

— Chegamos a Xochimancas, minha vida, aqui estão todos os homens.

Entre as paredes velhas e arruinadas das antigas moradias do local, nos portais desmoronados e enegrecidos da casa da fazenda, Manuela viu aparecerem numerosas cabeças horrorosas, todas cobertas com chapéus prateados, mas não poucas com velhos chapéus de palha. Aqueles homens empunhavam, por precaução, mosquetes e pistolas.

Algumas vezes, ao passar da comitiva, gritavam com maldade:

— Olha só, El Zarco! Que maldito! Que garra essa sua, seu danado!

— Onde encontrou esse bom pedaço, Zarco? — perguntaram outros, rindo.

— Esta é só minha, de ninguém mais — respondeu El Zarco no mesmo tom.

— Só para você? Isso é o que veremos... — disseram os bandidos. — Branquinha, você é muito linda para ser de um homem só!

— Mas se El Zarco tem várias outras, por que ele quer ter uma só pra ele? — gritou de maneira horrível um mulato enorme que tinha a cara vendada.

El Zarco, finalmente enfadado, se voltou e disse carrancudo.

— Calem a boca, grandíssimos!

A resposta foi um sonoro coro de gargalhadas. A comitiva apertou o passo em direção a uma capela em ruínas, o alojamento de El Zarco, que disse à Manuela enquanto a abraçava pela cintura:

— Não ligue para eles, são muito debochados. Com o tempo, você verá que são boas pessoas!

Manuela, no entanto, se sentia profundamente contrariada. Vaidosa como era, e mesmo sabendo que havia se entregado a um foragido, esperava que, por ele ocupar um posto importante entre os seus, semelhante ao que ocupa um general em meio às suas tropas, ela seria mais considerada. Ela esperava que os capitães dos bandoleiros fossem figuras tão temidas que fizessem seus soldados tremer apenas com um olhar, ou que fossem amados por todos, isto é, que tivessem ao seu redor apenas considerações respeitosas e aclamações

de entusiasmo. Aquela recepção no quartel general da bandidagem apavorou a jovem. Pior ainda, sentiu ferido seu orgulho de mulher e seu pudor de virgem ao ouvir aquelas exclamações zombeteiras e as musiquinhas maldosas com que saudaram sua chegada. Manuela esperava ser mais respeitada por estar ao lado de um dos chefes daqueles homens.

Isso porque, com efeito, ela não podia simplesmente esquecer, por mais moralmente corrupta que fosse, e por mais cega de amor e cobiça que estivesse, que era uma donzela, uma filha de pais honestos, uma jovem que, recentemente, estava rodeada de respeito e consideração por todos os vizinhos de Yautepec. Jamais ouvira em toda sua vida expressões tão desavergonhadas como as que acabara de escutar, nem mesmo as cantadas que recebem as moças formosas e das quais ela já havia sido alvo tinham um caráter tão infame e despudorado como as odiosas injúrias que acabara de ouvir, ainda que na presença daquele que deveria protegê-la. Sentiu seu semblante ardendo de raiva. Porém, quando El Zarco voltou seu olhar para ela, todo risonho, e disse: “não ligue para eles!”, seu amante lhe pareceu não apenas desavergonhado como seus companheiros, mas também covarde e desprezível. Pensou consigo mesma, em uma comparação muito natural naquele momento, que Nicolás, o altivo ferreiro índio, cujo amor ela havia desdenhado, não

teria permitido jamais que sua amada fosse ultrajada dessa maneira. Por mais rápido que tenha surgido esse juízo, ele era totalmente desfavorável a El Zarco, o qual, se pudesse contemplar ao fundo o pensamento de Manuela, estremeceria ao ver nascer o verme do desprezo naquela alma que transbordava de amor por ele como se fosse uma flor vistosa.

A intensa palidez que sucedeu o vermelho de indignação no semblante da jovem foi tão perceptível que El Zarco, inclinando-se novamente em direção a ela, disse em tom meloso:

— Não se zangue pelo que dizem os homens, minha alma! Eu já disse que eles têm modos muito diferentes dos seus. Evidentemente, não somos nem padres nem cavalheiros! Temos nossas brincadeiras e é necessário que você se acostume a elas já que vai viver conosco. No futuro você verá que esses debochados são todos bons sujeitos e vão te amar muito. Eu te disse, Manu, para não estranhar meu modo de vida e você me prometeu que não o faria.

A frase ribombou nos ouvidos da atordoada jovem. Ela começava a sentir a leviandade de sua promessa e a cegueira de sua paixão. Inclinou a cabeça e não contestou El Zarco, fez apenas um gesto quase imperceptível que mesclava repugnância e arrependimento.

Nesse meio tempo, chegaram à capela em ruínas que servia de alojamento a El Zarco. A antiga casa da fazenda estava reservada a outros chefes daqueles bandoleiros.

Aquele lugar, antes sagrado, se convertera em uma guarida de chacais. À porta e à sombra de alguns pequenos arbustos enraizados nas paredes repletas de rachaduras e buracos, entre o piso destruído e coberto de mato, estavam grupos de bandidos jogando baralho em torno de uma toalha estendida no chão, que servia de tapete e continha as apostas, as cartas e algumas garrafas de aguardente e copos. Alguns dos jogadores estavam de cócoras, outros sentados com as pernas cruzadas e outros deitados de bruços. Entre eles, havia aqueles que cantavam músicas de taverna com vozes agudas e nasaladas. Todos usavam sombreiros e estavam armados até os dentes. Não muito longe dali estavam os cavalos, comendo milho, amarrados às pequenas árvores, com as rédeas soltas e os cintos afrouxados. Por último, trepado em uma parede alta, um bandido mantinha guarda e vigiava, pronto para dar o sinal de alarme em caso de novidades.

Aqueles homens malvados, apesar de sentirem-se seguros, não descuidavam das precauções necessárias para evitar qualquer surpresa, só assim se entregavam tranquilamente a seus vícios ou às satisfações de suas necessidades.

Manuela observou aquele espetáculo e, ao contemplar aquelas fisionomias de patíbulo, aqueles trajes coalhados de prata, suas armas e precauções, ela inevitavelmente estremeceu.

— Quem são esses? — perguntou curiosa a El Zarco.

— Ah! — respondeu. — São meus melhores amigos, meus companheiros, os chefes... Félix Palo Seco, Juan Linares, El Tigre, El Coyote e esse ruivinho que se levanta é o principal... Salomé.

— Salomé Plasencia?

— O próprio.

Era mesmo Salomé, o capataz mais famoso daquele grupo de facínoras, uma espécie de Fra Diavolo¹⁶ das terras quentes, um bandido magro e corajoso que conseguira, graças à situação que descrevemos, estabelecer uma espécie de senhorio feudal em toda a região e fazer os mais magníficos e ricos fazendeiros a se curvarem diante de sua miserável pessoa.

Salomé se adiantou para receber El Zarco e sua comitiva.

— Qual é, Zarco? — disse com voz aguda enquanto estendia a mão. — Caramba — completou olhando para

16 Fra Diavolo (1771-1806) era o apelido de Michele Pezza (bandoleiro do Reino das Duas Sicílias, onde hoje é a Itália). Foi chefe de bandidos que também lutaram contra a ocupação francesa de Nápoles. Muito celebrado como um líder de guerrilha popular em lendas folclóricas e nos romances do escritor francês Alexandre Dumas, pai.

Manuela —, que moça linda você arrumou! — e em seguida retirou o sombrero para saudar Manuela: — Bom dia, minha linda... Deus abençoe a mãe que a pariu tão bela!

Os outros bandidos também se levantavam e agora rodeavam os recém-chegados, saudando-os e rebolando para a jovem. El Zarco apeou do cavalo, dando gargalhadas, e foi ajudar Manuela a descer. Ela estava tão aturdida que não conseguia sorrir ou sequer responder àquelas pessoas. Não estava acostumada a semelhante companhia, sentia que era impossível reagir a modos e jeitos tão brutais de falar.

— Vamos, aqui temos um refresco! — disse um do grupo que trazia um copo de cachaça, dessas aguardentes de cana-de-açúcar, de gosto forte e desagradável, que o populacho chama de caninha.

— Não — disse El Zarco, afastando o copo —, a moça não toma caninha, não está acostumada. O que nós queremos é almoçar, pois cavalgamos quase a noite toda e a manhã também. Não comemos nada até agora.

— Mulheres — gritou para as pessoas que estavam dentro da capela e de onde saía, junto com a fumaça do fogo à lenha, certo cheiro de guisados camponeses —, vamos almoçar e levem isto — disse dando a maleta que continha as roupas de Manuela, que ficou apenas com o pequeno baú de joias, o qual nunca estivera em um lugar tão perigoso.

Um grupo de mulheres da vida, esfarrapadas e sujas, se apressou em receber tudo aquilo. Os recém-chegados seguiram aquele pandemônio, onde se aglomeravam objetos coloridos e estranhos, e gentes de rostos diferentes. Perto da porta havia um fogão à lenha onde se cozinhavam tortilhas e, ao lado deste, havia um moedor e outros acessórios. Um pouco mais longe ficava outro fogão, no qual os ensopados eram preparados em panelas e caçarolas preteçadas. Do outro lado havia selas dispostas em paus furados, cabideiros nos quais as roupas eram penduradas: calças, jaquetas, ponchos, velhas túnicas de chita ou lã; em um canto, um paciente febril com a cabeça envolta em um pano rasgado e sujo se mexia constantemente; além disso, um grupo de mulheres amarrotadas remendava roupas brancas ou ataduras e, por fim, no fundo da capela, ao lado do altar principal, havia uma montanha de escombros. A nave da antiga igreja era dividida por uma cortina feita de lençóis e mochilas. Lá, Manuela encontrou o quarto de Zarco, que continha um catre de campanha, colchões no chão, alguns bancos e baús de madeira revestidos de couro. Essa era a mobília que o homem ofereceria à jovem que acabara de arrancar de sua tranquila casa.

— Manu — disse conduzindo-a ao local —, isto, como você pode ver, está muito feio, mas por agora você terá de

se conformar. Em breve te darei coisas melhores. Agora vou buscar seu almoço.

A jovem se sentou em um daqueles bancos. Ali, protegida pela cortina e sentindo-se finalmente a sós, deixou cair a cabeça entre as mãos, desfalecida, oprimida, ouvindo as risadas dos bandidos bêbados, suas blasfêmias, as vozes agudas das mulheres, respirando aquela atmosfera pesada, pestilenta como uma cela. Não pôde fazer outra coisa além de puxar os cabelos, desesperada. Derramando lágrimas que percorreram suas faces feito gotas de fogo, murmurou com uma voz enrouquecida:

— Jesus, o que foi que eu fiz?

XOCHIMANCAS

Introduzimos o leitor a um dos esconderijos dos famosos prateados e que naquele período nefasto entre os últimos meses de 1861 até o final de 1862 serviu de quartel-general aos terríveis e inigualáveis bandidos que representaram a calamidade e a desonra de nosso país.

Xochimancas era, todavia, uma fazenda em ruínas, ou seja, uma localidade que dispunha de bons terrenos para o cultivo da cana-de-açúcar ou do milho, com água abundante e clima quente, em suma, tinha todos os elementos necessários para uma agricultura tropical, produtiva e fecunda. Algodão, café, plantas de índigo e cana-de-açúcar cresceriam ali da mesma forma que ocorrem em terrenos férteis de Cuernavaca, dos distritos de Tetecala, de Yautepec, de Morelos ou de Jonacatepec. Uma área que poderia render grandes lucros ao agricultor.

Mas por que não era possível ver naquele pequeno e ardente vale as belas plantações dos ricos engenhos das outras comarcas que mencionamos?

Não sabemos exatamente. Xochimancas, há algum tempo, era só ruínas. Porém, revelava que no passado, seguramente desde a dominação colonial, fora cultivada por espanhóis e era uma área boa, de produção abundante. Mas de quando datava sua decadência ou ruína? Não conseguimos averiguar, apesar de ser algo fácil, pois não nos importa muito narrar os sucessos agrícolas.

Era evidente, no entanto, que aquela área era própria para o cultivo. Somente a apatia, a negligência ou circunstâncias muito particulares e passageiras poderiam convertê-la em um covil de malfeitores, em vez de dispor de um aspecto risonho e nobre de um campo de trabalho e cultivo. Porque o nome de origem náhuatl¹⁷ indica que desde a época anterior à conquista espanhola aquele era um local fértil e ameno onde talvez habitasse uma sociedade de jardineiros.

O ilustre jovem engenheiro Vicente Reyes, em sua preciosa obra inédita intitulada *Onomatologia geográfica de Morelos*,¹⁸ afirmou, explicando o hieróglifo correspondente a Xochimancas:

17 Grupos étnicos da família linguística uto-asteca que habitavam o México central e meridional e a América Central antes da chegada dos espanhóis.

18 O livro de Reyes acabaria publicado em 1888 pela Sociedade Mexicana de Geografia e Estatística.

Xochimancas: Fazenda do município de Tlaltizapan, no distrito de Cuernavaca. Etimologia: Xochimanca, local de cuidadores e produtores de flores; de Xochimanqui, o zelador e produtor de flores. Formamos o nome pictórico com o grupo que na coleção Ramírez serve para decifrar a palavra Xochimancas, Xochimanque.

E mais adiante, citando o velho cronista Sahagun, ele acrescenta: *Na festa realizada no terceiro mês, Tozostontli oferecia os primeiros frutos das flores que naquele ano nasceram no local chamado Yopico, e antes de serem oferecidas, ninguém se atrevia a cheirar nenhuma flor.*

Os oficiais responsáveis pelas flores que se chamavam Xochimanquie faziam festa à deusa chamada Coatlycue ou Cuatlanton.

O laborioso erudito e antiquário Cecílio A. Robelo, em sua obra *Nomes Geográficos Mexicanos do Estado de Morelos*, obra muito apreciada, afirma, citando outro antigo cronista, Torquemada: *Xochimancas. Xochimán? Local onde se produziam as flores que eram oferecidas aos deuses. Entre as divindades dos astecas estava a Cohuatlicue ou Cohuatlantona, cobra resplandecente, deusa das flores, à qual eram oferecidas, durante o mês de Tozostontli, ramos de flores feitos com enorme capacidade artesanal. Os oficiais encarregados pelo cultivo dessas flores e pela construção dos*

ramos eram chamados Xochimanqui. O lugar no Estado que leva o nome de Xochimancas estaria talvez destinado a ser o jardim da deusa, ou a morada dos Xochimanqui. Daí talvez a região tenha recebido seu nome, cuja terminação, como nome de localidade, não fomos capazes de encontrar.

Assim, parece que na antiguidade asteca esse lugar hoje abandonado e ermo fora um jardim, talvez uma cidade cheia de pomares, hortas e flores, um lugar ameno e delicioso consagrado ao culto da flora asteca, a cujos pés os inteligentes astecas e bravos tlahuicas, habitantes dessa região e celebrados floricultores, ofereciam, como homenagem, ricos aromas e cores dos mais belos produtos de sua terra, amada do sol, do ar e das nuvens.

Porém, como afirma nosso sábio mestre e historiador Orozco y Berra: *Por regra geral, não é sempre fácil indicar os povoados atuais correspondentes àqueles presentes nas antigas crônicas, pois se muitos conservaram seu nome antigo, ainda que estropiado, outros mudaram completamente e se transformaram em fazendas, ranchos ou simplesmente desapareceram das vistas em tempos atuais.*

Xochimancas se transformou seguramente depois da conquista do jardim — ou da cidade dos jardins — em uma

fazenda, com *encomenderos*¹⁹ e escravos. Depois, ruínas e guarida de feras e répteis. Por último, esconderijo de ladrões e, o que é pior, como veremos, local de torturas e assassinatos.

Triste a sorte de um lugar consagrado pelos inteligentes e doces índios à religião e ao belo!

19 O *encomendero* era o chefe de uma instituição colonial chamada *encomienda*. Suas principais obrigações eram ensinar a doutrina cristã e defender seus confiados (como os indígenas confiados em qualquer uma das colônias espanholas da América e das Filipinas), além de defender e ajudar a multiplicar seus bens.

O PRIMEIRO DIA

Manuela passou os cinco primeiros dias de sua permanência em Xochimancas tomada por centenas de emoções terríveis e capazes de enfraquecer organismos mais fortes que o seu.

O primeiro dia foi horrível. A surpresa causada pelo tétrico espetáculo que era aquele acampamento de bandidos; a estranheza que naturalmente produziram na jovem os hábitos repugnantes daquela vida selvagem; a ausência dos seres que havia amado — sua mãe, Pilar e outras pessoas amigas. E até a falta de sensações às quais estava acostumada, e que no cotidiano passam completamente inadvertidas, porém, quando desaparecem produzem um vazio imenso. As tarefas domésticas diárias, os toques dos sinos, os sons dos animais domésticos, o rumor longínquo das pessoas do povoado, os momentos de oração, toda a rotina de vida simples, comum, cotidiana, em uma cidade pequena, mas que molda o caráter e forma a disciplina da existência. Tudo aquilo havia desaparecido em poucas horas.

Por mais decidida que Manuela estivesse a mudar de vida, por mais impaciente que estivesse por aquilo que imaginava ser sua vida nova, a realidade deixou uma marca profunda no ânimo da jovem inexperiente. Ela, enamorada como estava do jovem bandido, havia romantizado aquela vida, aqueles companheiros, aqueles horrores. Dissemos aqui que ela havia criado em sua fantasia, rústica como era, um tipo especial, novelesco e heroico. A jovem que ama, por ignorante que seja, ainda que supúnhamos que fosse selvagem, tem sempre algo de poetisa. Atala²⁰ é verossímil, Virgínia²¹ o é muito mais. Os amantes dos antigos poemas bárbaros são extremamente reais. Apesar de Manuela ter recebido alguma educação, morado em uma localidade com uma população culta e lido alguns romances, daqueles que penetram até nas aldeias e campos, a jovem forjou em sua cabeça um ideal extraordinário, o qual pintou seu amante com as tintas de uma imaginação desconectada da realidade.

Manuela, ao pensar assim, estava distante da vida real, seu sonho se desvaneceria no exato momento em que vivenciasse de perto o mundo concreto.

20 Atala é a personagem da obra de mesmo nome escrita por François-René de Chateaubriand (1768-1848), publicada 1801.

21 Protagonista da novela romântica *Paul et Virginie* (1787) de Jacques-Henri Bernardin de Saint Pierre (1737-1814).

Em primeiro lugar, ela nunca pôde imaginar que o ninho nas montanhas para o qual seu amante a conduzia seria aquela galeria infecta de condenados e mendigos. Ela supunha que El Zarco a levaria para alguma cabaninha selvagem, escondida entre os bosques, ou para alguma gruta aberta entre as rochas, de onde seria possível ver os picos das serras. Esse esconderijo seria digno da querida de um bandido, de um inimigo da sociedade. Ali eles estariam a sós, ali seriam felizes, ali esconderiam seus amores criminosos, porém livres. Ali ela o esperaria preparando a comida, sempre apaixonada e aflita. Ali em um trecho rústico e sentada sobre o musgo, ela acariciaria aquele rosto tão querido que acabara de se expor aos perigos de um combate, beijaria aqueles olhos fatigados pela vigília da emboscada de um assalto noturno ou, apoiando-se em seu peito, velaria seu amante enquanto ele dormia. Quando o perigo fosse terrível, quando houvesse a necessidade de fugir em razão da aproximação das tropas do governo, El Zarco correria para a pequena cabana para buscá-la, colocá-la na garupa do cavalo e escapar, ou então ele ordenaria que ela se escondesse no bosque até que voltasse para encontrá-la. Ali teria também um lugarzinho, conhecido só por ela, para guardar suas valiosas joias. Tal era o conceito que havia formado do lugar para o qual seu amante a estava levando para viver, porém, também podiam

mudar de ideia e fugir para se casarem em um local onde ninguém os conhecesse.

Em vez de encontrar esse retiro misterioso e agreste, El Zarco a levava a essa espécie de masmorra para fazê-la viver em meio a bêbadas e maltrapilhas, com bandidos ousados que não respeitavam as mulheres de seus companheiros e que logo tentariam ultrajá-la, talvez roubá-la, em alguma ausência de El Zarco. Talvez essa fosse a coisa mais horrível que ela percebia nos olhares ameaçadores daqueles facínoras. A atitude passiva e tolerante de El Zarco, se em algum momento ele se cansasse de seu amor, a deixaria nas mãos de um daqueles homens vestidos de prata, talvez daquele terrível demônio gigante e mulato que a recebeu com uma frase sarcástica, cujo tom teve o efeito de uma adaga em seu coração.

Todas essas considerações tornaram sombrio para Manuela aquele primeiro dia, que havia sonhado luminoso e alegre, um dia nupcial de embriaguez e deleite.

As carícias de El Zarco, que naturalmente dobraram naquelas horas em que se encontravam, por fim, unidos, foram insuficientes para tranquilizá-la e devolver as ilusões perdidas da jovem.

A verdade é que esse fenômeno aparece com frequência no espírito da mulher apaixonada. O amante que nas antigas conversas noturnas era sempre cheio de prestígio,

agora havia perdido sua aura romântica. Agora que estava junto dele, vivendo perto, podia ver como El Zarco era vulgar, grosseiro, até covarde, posto que suportava com risadas as brincadeiras ofensivas de seus companheiros, que agrediam profundamente sua mulher amada. Ele não era o homem terrível que infundia pavor e respeito em seus asseclas. Ela supunha que mesmo entre ladrões, a mulher do chefe deveria ser uma espécie de objeto sagrado, algo como a mulher de um general entre os soldados. Longe disso, era tratada como uma vagabunda, como um objeto conquistado em um assalto. Manuela também via aumentar o número das desgraçadas criaturas que compunham aquela espécie de harém nauseabundo que se alojava, como uma tribo de ciganos, na velha capela.

Talvez fosse a essas mulheres que o mulato se referia quando disse:

— Mas se El Zarco tem várias outras, por que ele quer ter mais uma?

Aquilo era abominável.

Decididamente, Manuela já sentia que não amava mais El Zarco, que havia se enganado sobre seus próprios sentimentos, os quais a levaram a fugir de casa. Examinando com mais profundidade, perscrutando o abismo escuro de sua consciência, Manuela acabava por compreender com

terror que havia outra paixão que a levara na direção do amor doentio, um sentimento que a seduziu, tanto como o prestígio de El Zarco. Essa paixão era a ganância, uma ganância desenfreada, louca, verdadeiramente absurda, mas irresistível e que corrompera totalmente seu caráter.

Irritada por perceber isso, que a maior culpada de sua desgraça era ela mesma, negou e tentou racionalizar alguma explicação que a eximisse. Não podia ser a ganância, não podiam ser apenas as valiosíssimas joias com as quais El Zarco a presenteava quase todas as noites durante as conversas que a levaram a se apaixonar pelo bandido. Não podia ser apenas a esperança de obter aquelas melhores joias em cada novo roubo. Porque, em suma, esse tesouro que ele havia recolhido poderia desaparecer no instante da morte do bandido ou em sua derrota. Não havia nada mais inseguro que o dinheiro de ladrões.

Manuela também chegou à conclusão de que toda mulher ama as joias porque pode utilizá-las em público, porém, não poderia utilizar publicamente as que possuía, pelos menos no momento. Não poderia utilizá-las nos povoados de onde foram roubadas, e tampouco diante daqueles malfeitores, porque obviamente ficariam tentados a roubá-las. Além disso, se fosse o desejo pelo luxo o principal motivo para sua afeição a El Zarco, teria decidido ficar com Nicolás, pois o

ferreiro possuía uma fortuna regular e saneada, apesar de ser econômico como todo homem de moral e que faz seu dinheiro com trabalho árduo. Seguramente, como Nicolás estava apaixonado por ela, lhe daria o que quisesse para vê-la feliz.

Assim, portanto, não foi a ganância que jogou Manuela nos braços de El Zarco: foi amor, fascinação, uma espécie de vertigem, que a enlouqueceu e a levou a abandonar tudo, mãe, casa, honra, e também o que há de mais sagrado e respeitável, para seguir aquele homem sem o qual, dois dias atrás, não podia viver.

Mas e agora?

Era espantoso! Manuela acreditava que estava saindo de um pesadelo. Bastaram apenas algumas horas para perceber o quão execrável era sua paixão e o quão irremediável era sua situação. O desvanecer de suas ilusões malsãs, que acabou por retirar a lama impura que havia envolvido seu coração, trouxe luz para sua consciência e evidenciou a fria realidade e seu cortejo de verdades aterradoras.

Ao mesmo tempo, agregaram-se à tão dolorosa revolução, que se tornava cada vez mais intensa, tristes lembranças da pobre anciã, da doce e terna mãe, tão honrada, tão amorosa, a quem ela havia enganado de forma vil, a quem havia abandonado em completo desamparo, a quem havia assassinado, pois era certo que ao despertar, após buscar a

filha por todas as partes em vão, ao saber por sua carta que ela havia fugido, o desespero da infeliz senhora não teria qualquer limite... certamente sua mãe ficaria doente a ponto de morrer!

Manuela não queria pensar mais nisso. Estava tomada por tantas emoções, torturada por tantos arrependimentos, que o desalento se apoderava dela. A jovem sentia que seu coração estava prestes a se perder completamente.

O castigo de sua falta não demoraria muito tempo.

Enquanto isso, El Zarco a enchia com mil cuidados e atenções, se esmerava, acompanhado pelos bandidos e as mulheres, em arrumar o espaço ocupado na capela, trazendo novas esteiras, estendendo os xales pelas paredes, nas quais também colocaram algumas imagens de santos e, sobretudo, deixando bem à mostra os baús onde estava guardado seu dinheiro; algumas vasilhas de prata, arreios de cavalos, vestidos de seda, roupas brancas para homem e mulher, além de uma miríade de objetos estranhos. Era possível dizer que aquilo tudo se parecia com verdadeiros ninhos de corvos, onde todas as coisas roubadas eram postas de maneira confusa e desorganizada.

—Tudo isso é seu, Manu, seu e de mais ninguém. Aqui estão as chaves dos baús e ainda trarei mais coisas para você.

Manuela sorria tristemente.

El Zarco, ao vê-la assim, achou que a jovem deveria estar estranhando a brusca mudança de vida. Porém, em nenhum momento ele suspeitou das mudanças nos sentimentos de sua amada, que acreditava continuar completamente apaixonada por ele.

Ordenou que as mulheres do acampamento entretivessem Manuela, distraindo a jovem e elogiando a vida que levavam naquele lugar. Pediu que contassem das diversões e, principalmente, da coragem de El Zarco em seus assaltos e sequestros.

Durante a tarde, El Zarco trouxe dois bandidos com violões e os encarregou de cantarem suas melhores canções. Manuela assistiu a tudo aquilo horrorizada. Os homens cantaram uma série de canções fastidiosas, disparatadas, sem sentido algum, daquelas que o populacho canta nos dias de embriaguez.

Os bandidos entoavam as canções com suas vozes agudas e desafinadas, tão comuns aos camponeses das terras quentes. Vozes de eunucos, gritadas e apáticas, parecidas com o canto da cigarra, que não se pode ouvir por muito tempo sem sentir intenso aborrecimento.

Ela achou aquele espetáculo enfadonho. Os músicos, ao perceberem que não agravam Manuela, deram boas noites e se retiraram.

Logo chegou a noite, a noite pavorosa e lúgubre naquele acampamento de bandidos. Manuela se encaminhou até a porta da capela, desejosa de respirar um pouco de ar puro e contemplar o aspecto daquele lugar que começava a parecer, aos seus olhos, perigosíssimo, mesmo sob a proteção de El Zarco.

A noite era sombria e, como na anterior, ameaçava uma tempestade. As luzes que brilhavam entre as janelas e as gretas daquelas ruínas davam ao local um aspecto ainda mais horripilante.

Aqui e acolá passavam as patrulhas a cavalo em ronda. Reinava um silêncio sepulcral. A noite é favorável aos malfeitores. Sempre propícia a emboscadas ou assaltos. Porém, é repleta de terrores e perigos também para os bandidos, caso vacilem na vigilância. Em razão disso, o sono desses homens nunca é tranquilo. Perturbam-se a cada rumor do arvoredo, a cada galope que ouvem ao longe, a cada silvo do vento, a cada ruído estranho.

Mesmo seguros como estavam em Xochimancas, como já afirmamos, não descuidavam de tomar todas as precauções necessárias. Assim, seu esconderijo estava guardado por patrulhas avançadas, escutas, revistas e, mesmo assim, os chefes dormiam com um olho aberto.

Naquele momento havia um motivo a mais para estarem alertas. Acreditavam que o rapto da jovem Manuela teria

causado alvoroço em Yautepec. O ferreiro de Atlihuayan, homem perigoso para os prateados e contra o qual todos sentiam ódio mortal, era pretendente da jovem e deveria ter alarmado os vizinhos e seus companheiros na fazenda. Era grande conhecedor daqueles terrenos, muito audaz e valente. Além disso, havia chegado a Yautepec a cavalaria encarregada de perseguir os assaltantes de Alpuyecá. Mesmo sabendo que faltava bravura àquela tropa, não estranhariam se, animada pelo ferreiro e pela resolução dos vizinhos, eles os atacassem.

Como já sabemos, a previsão dos bandidos carecia de fundamento. Nicolás até que tentou fazer exatamente como esperavam os prateados, porém seus esforços foram em vão em razão da covardia do comandante.

Mas a vigilância fora redobrada em Xochimancas.

Ao escurecer, Salomé, o principal chefe dos prateados, disse para El Zarco:

— Deus queira, Zarco, que sua bonitona não nos traga nenhum prejuízo. Precisamos tomar todos os cuidados necessários. Vá ficar com ela, fique muito tranquilo e divirta-se — disse piscando o olho e rindo maliciosamente. — Eu ficarei aqui de guarda. Enviei um grupo de homens para vigiar os caminhos e Félix foi até Atlihuayan para ver se algo se passa por lá. Vá, anda, e durma bem.

Disse ainda algumas outras frases, mas deviam ser tais que não quis pronunciá-las em voz alta, apenas no ouvido de El Zarco. O fato é que os dois se separaram às gargalhadas. Salomé montou em seu cavalo e, seguido de aproximadamente vinte ginetes, foi fazer sua ronda. El Zarco dirigiu-se à capela, onde todos dormiam, menos Manuela, que o esperava sentada no banco, sisuda e chorosa.

A ORGIA

Assim se passaram alguns dias que mais pareciam séculos para Manuela, séculos de tédio e tristeza. Era impossível para a jovem acostumar-se àquela vida entre os bandidos, posto que à medida que El Zarco a tratava com maior intimidade, sendo já sua concubina, sentia imenso desprezo em relação a ele, desprezo composto de uma espécie de medo ou de horror que a havia arrastado até aquele abismo.

Por uma necessidade de sua nova vida, Manuela se viu forçada a estabelecer relações senão de amizade, pelo menos regulares e cotidianas com aquelas que também habitavam a capela, e também com as amantes de outros bandidos que viviam em outros lugares.

Entre elas uma se destacava, não porque fosse menos perversa, mas porque conhecia muito bem Yautepec, onde havia vivido muitos anos. Essa mulher falava com Manuela sobre as pessoas que ela conhecia, dona Antonia, Pilar, Nicolás, sobretudo Nicolás, a quem era muito chegada.

— Ai, Manu— havia dito essa mulher no primeiro dia em que conversaram —, me alegro muito que você esteja aqui conosco, porque você é tão bonita e graciosa, e porque gosto de El Zarco e meu homem gosta dele também, mas não vou deixar de te dizer que você fez uma grande bobagem ao aceitar fugir com ele. Se ele tivesse colocado você em algum dos povoados, fazendas ou ranchos onde temos amigos, seria bem melhor e você estaria mais segura e mais contente. Aqui, minha querida, você vai padecer muito. Para nós, que seguimos nossos homens em todas as guerras, que corremos ao lado deles de um lugar a outro, esta vida não é pesada, ao contrário, nós gostamos, porque estamos acostumadas. Muita vez, as aventuras nas quais nos metemos são divertidas, sem contar que também recebemos nossa parte dos roubos. Porém, também passamos por dificuldades. Há dias em que não comemos e noites em que não dormimos. Nossos homens nos maltratam, mas, como disse, estamos acostumadas. Já você, uma menina que sempre viveu recolhida, sempre metida em sua casa e sob os cuidados de sua mãe... Você que tem um rostinho de boneca, um corpinho tão delicado e que não está preparado para enfrentar certos trabalhos... Na verdade, minha querida, temo que possa adoecer ou que lhe aconteça alguma desgraça. Isso inclusive já se nota. É possível perceber que você anda muito triste.

Pode-se ver na sua cara que você não está nem um pouco contente, não é verdade?

A resposta de Manuela foi um mar de lágrimas.

— Pobrezinha! — continuou aquela mulher. — Eu vi você pela primeira vez há uns dois anos, em Yautepec. Tão bonita! Tão decente! Tão bem vestida! Parecia uma Virgem. Todos os espanhóis e os homens bonitos do povoado se interessavam por você, mas serei sincera: nenhum deles chegava aos pés de Don Nicolás, o ferreiro. Ele, o pobrezinho, é escurinho, é feio, é desalinhado, como índio que é, e artesão, mas dizem que é muito trabalhador, que já tem seu dinheiro e que gosta muito de você. Aqui não se pode falar bem dele, porque todos o temem. É o único que não conseguiram assaltar, porque é muito valente e não deixa isso acontecer. Como não possui terras, nem gado, nem nada que possam surrupiar, tem apenas seu dinheiro, porém ninguém sabe onde ele guarda, o que obriga, para quem pretende assaltá-lo, ter de prendê-lo e torturá-lo para que confesse, mas isso ninguém conseguiu fazer porque ele é muito desconfiado e sempre está armado e acompanhado de seus amigos, também sempre prontos pra qualquer coisa. Esse homem sim seria ótimo para você, menina, e ele há muito tempo andava apaixonado. Todos sabiam disso. Estou dizendo a verdade para você e Deus me livre que El

Zarco descubra isso, pois me arrancaria os olhos. É certo que El Zarco é bonitão, bom de briga e muito rico, mas tome cuidado pois tem gênio ruim. Se você continuar assim toda tristonha ele vai se encher e pode até...

— O quê? — interrompeu Manuela com vivacidade.
— Me bater?

— Escuta só uma coisa, Manu, isso não seria difícil de acontecer! Ele gosta muito de você, mas eu te digo só isso: El Zarco é um homem de gênio ruim...

— Era só isso o que me faltava! — replicou Manuela e completou com amargura: — Não, ele não faria uma coisa dessas! Aliás, por que faria isso? Qual motivo eu lhe dou?

— Nenhum motivo, ao contrário, ele está muito apaixonado por você, mas, exatamente por isso, por ser muito bruto, se vir você assim toda triste, vai pensar que não gosta mais dele, que está arrependida por tê-lo seguido e pode matá-la por pura irritação... Eu aconselho você a se mostrar mais alegre, seja dissimulada, mostre para El Zarco que está contente, fique com as outras mulheres, aguente as brincadeiras dos homens, os quais também já perceberam que você não gosta deles. Enfim, acostume-se o mais rápido possível à nossa vida, porque no final das contas, minha querida, agora você é de El Zarco, a menos que ocorra uma desgraça, por exemplo, que alguém o mate. Caso contrário você terá

sempre de andar com ele, a não ser que consiga convencê-lo a levá-la para outro lugar, mas isso também pode ser pior, pois terá de lidar com as pessoas, que suspeitarão de você. Também teria de lidar com o ciúmes de El Zarco, que ao estar longe de você ficará sempre desconfiado. A menor fofoca seria o suficiente para que mate alguém e você certamente se arrependeria de ter se separado dele. O melhor que pode fazer agora é dissimular e conquistar o amor de todos.

Manuela compreendeu facilmente que aquela mulher estava coberta de razão, pois mesmo sendo amargo e desagradável tudo o que ela havia dito, o retrato que fazia da nova vida da jovem estava calcado na realidade da própria experiência. Era impossível contestar o que falava. Tudo o que tinha ocorrido e que iria ocorrer era simplesmente a consequência inescapável de seu deslumbramento, sua cegueira e sua insensatez. Ela estava caindo de cabeça no abismo, não existia nenhuma saída possível. O único resultado daquela situação era ir até o fundo. Não tinha escapatória. Era como um passarinho preso em uma rede, como uma mosca presa na teia de uma aranha monstruosa, quanto mais tentasse sair, mais ficaria emaranhada. Ao pensar nisso, Manuela sentiu em seu corpo o calafrio da morte, e ao mesmo tempo se apoderava dela um forte desejo de escapar, de voar, ao que sucedia um desânimo e um desalento indizíveis.

Fingir! Dissimular! Aquilo era horroroso, no entanto, não havia outra saída. Ela se propôs então a mudar sua conduta completamente e enganar El Zarco para inspirar confiança no bandido, no intuito de aproveitar a primeira oportunidade para escapar de suas garras.

Semelhante vida estava cheia de vicissitudes, de aventuras, e eles nem sempre estariam ali naquele esconderijo. Era possível que alguma vez eles tivessem de passar perto de alguma cidade e essa seria a ocasião que ela usaria para fugir, apelar às autoridades, pedir ajuda. Talvez encontrasse Nicolás, lhe inspiraria compaixão e ele a salvaria, ele a quem os bandidos temiam tanto, ele que era valente, tão honrado e tão generoso.

Porque, como é de se supor, dada a mudança de ideias que se havia operado no ânimo de Manuela, à medida que a figura de El Zarco se cobria de sombras de medo, de horror e, quiçá, de ódio, a do jovem ferreiro se iluminava com nova e rosada luz.

Nicolás, mesmo que a mulher não tivesse falado nada mais que a verdade, valia muito mais que El Zarco, mais do que todos aqueles bandidos que o temiam. Não tinha uma boa aparência, mas tinha uma alma belíssima! Manuela aprendera em poucos dias a estimar o que vale a aparência quando comparada ao interior. El Zarco, jovem, bonito, tão adorado por ela antes, agora inspirava pavor.

Nicolás, o trabalhador rude, o índio moreno, com as mãos negras e grossas, brandindo o martelo junto à bigorna, protegido por seu avental de couro, iluminado pelo fulgores vermelhos da forja, ganhando a vida com seu honradíssimo trabalho, lhe parecia agora mais belo, grandioso e amável em comparação com aqueles vagabundos, carcomidos pelo vício, cobertos da prata, que tinham prosperado por meio do assassinato ou do roubo, eram proscritos da sociedade, vivendo sempre angustiados, tendo como perspectiva a força, dormindo sobressaltados, buscando esquecer na embriaguez e no jogo suas inquietações ou com eles obter os únicos prazeres de suas vidas infames.

Que bela e doce existência teria sido a dela na casa daquele jovem trabalhador, rodeada pelo respeito das pessoas honradas! Que residência tranquila, por mais humilde que fosse! Que dias tão alegres e consagrados desde o amanhecer às santas tarefas da família! Que noites tão graciosas, depois das fadigas do dia, passadas em suaves conversações e no repouso calmo e merecido, livre de qualquer recordação amarga! Os jantares saborosos e benfazejos, na mesa pobre, porém limpa. O carinho dos filhos, os conselhos da mãe anciã, os projetos para o futuro, as esperanças enraizadas na economia, na atividade e na virtude... todo um mundo de felicidade e de luz... Tudo perdido! Tudo impossível!

Em meio a esse quadro, surgia rápida, porém precisa e clara, uma imagem que fazia Manuela estremecer. Era a imagem de Pilar, sua doce e boa amiga, que parecia amar Nicolás em silêncio e a quem ela costumava dizer isso em tom de deboche, para humilhar a prima. Agora, aquela aparição fugaz junto ao sonho de felicidade que se distanciava, produzia em Manuela um sentimento amargo e incisivo. Era a inveja! Era o ciúme!

Pilar merecia esse destino, que ela, insensata, havia desdenhado. Contudo, Manuela sentia um mal-estar indizível apenas por suspeitar daquele desfecho. Tranquilizava-se pensando que Nicolás não poderia jamais amar a órfã, tão apaixonado que o jovem ferreiro estava por ela, Manuela, que julgava que a paixão do honrado índio deveria ter aumentado em consequência da fuga.

Esses pensamentos surgiram no espírito de Manuela após sua conversa com a mulher que havia escolhido como confidente, ganharam força e se desenvolveram de uma maneira tenaz e implacável na cabeça da jovem. A imagem de Pilar se tornou um pesadelo constante para Manuela e as suspeitas tomaram caráter de realidade, como sucede sempre nas imaginações mais vivas.

Agora, Manuela amava Nicolás desesperada e violentamente, como quem luta contra o impossível. Assim, ainda

que disposta a seguir os conselhos que lhe tinham oferecido, adotando o caminho da dissimulação, não foi capaz de fazê-lo. Afundou-se em um silêncio e uma tristeza ainda mais profundos que dos dias anteriores.

El Zarco ficou enfurecido e, por fim, acabou repreendendo-a.

— Se continuar triste desse jeito vou acabar cometendo uma barbaridade — lhe disse.

Manuela deu de ombros.

Certa tarde, El Zarco chegou a cavalo e muito contente. Durante o dia havia feito uma expedição com vários companheiros. Saltou do cavalo à porta da capela e correu para ver Manuela, que estava quase sempre enclausurada naquela espécie de alcova que tinham improvisado para ela.

— Toma — disse o bandido —, para que você não fique mais triste.

Colou em suas mãos uma sacola cheia de ouro.

— O que é isso? — perguntou Manuela com desgosto.

— Veja o que é — respondeu El Zarco esvaziando a sacola sobre a cama. — Cem onças de ouro — completou. — Acabaram de me trazer e amanhã me trarão outras cem, senão eu corto o pescoço do francês.

— Que francês? — perguntou Manuela horrorizada.

— Um francês que os homens me trouxeram lá de Chalco, veja você, perto do Estado do México. É rico. Ou nos dá o dinheiro ou morre. Já mandou a família enviar cem onças, agora, se não pagar mais quinhentas vai morrer. Eu o tenho preso, comendo uma tortilha a cada doze horas.

— Jesus! — exclamou Manuela espantada.

— O quê? Está assustada com o quê, sua exagerada? Para que tanta preocupação! Devia se alegrar, pois com este dinheiro ficaremos ricos. Darei aos companheiros uma fração, mas ficaremos com a maior parte e depois nos safaremos daqui, pouco a pouco, pois não é possível sair de uma vez só. Mudaremos para outro lugar, para Morelia ou para Zacatecas ou para o quinto dos infernos, algum lugar onde ninguém saiba quem eu sou. Abriremos uma pousada ou compraremos um rancho, porque é isso o que você quer. Já ficou bem claro que não quer levar esta vida como havia me prometido...

Manuela não se deu por entendida com a bronca, depois de olhar todo aquele ouro com indiferença, respondeu:

— Olha Zarco, ainda que você me traga mais dinheiro, rogo que solte esse homem. Você disse que ele está comendo uma tortilla cada doze horas?

— Sim — respondeu El Zarco, surpreso pela pergunta.

— Pois muito bem — continuou Manuela —, eu te suplico que lhe dê o que comer e que logo deixe-o seguir livre, mesmo que não te dê mais ouro.

— O que você está dizendo? — perguntou El Zarco com uma voz rouca que transparecia a cólera mais selvagem. — Está ficando louca, Manuela? Como você pode me dizer uma coisa dessas? Não sabe que cada rico que cai em nossas mãos precisa comprar sua liberdade com seu peso em ouro? Chega de fazer as coisas para você, sua ingrata! Arrisquei os homens no sequestro desse rico, para que ele nos dê o dinheiro, nos deixe ricos, nos encha de onças de ouro, para que você compre suas joias, seus vestidos de seda, qualquer coisa que quiser, e você demonstra compaixão? Não é de agora que você sabe quem eu sou e o que sou capaz de fazer. Você é muito boazinha, Manu, foi criada entre gente santa e correta, mas sabia muito bem quem eu era e se sabia que não seria capaz de viver essa vida, por que então saiu de casa? Você sabia muito bem o que sou, sabia muito bem de onde vinham as joias que eu lhe dava de presente. Por que está tão espantada agora? Acha que veio até aqui para me dar sermões? Pois está perdendo seu tempo e me enchendo a paciência, porque, na verdade, eu já não aguento mais seus gestos e seu desprezo com relação aos meus companheiros. Estou cansado dessas suas lágrimas e desse sofrimento. Há

vários dias que Salomé, Félix e Coyote me dizem que foi um erro trazer você para cá, que você vai acabar nos causando alguma desgraça, e eu, apenas pelo carinho que tenho por você, aguento quieto todas essas indiretas. Faço de tudo para agradá-la, convenço meus companheiros a sequestrar um rico e arrancar dele todo o dinheiro que tem, muito dinheiro, e você me vem com essas bobagens... Na verdade, Manu, não aguentarei mais isso. Se seu modo de pensar é tão diferente, por que então não se casou com o índio de Atlihuayan? Ele não é ladrão! Comigo é assim, ou vai ou racha... Ou você se conforma com a vida que eu levo ou morre, Manuela — disse El Zarco encarando a jovem, chegando perto dela de uma maneira ameaçadora e colocando a mão na pistola.

Manuela tremeu frente a explosão de ira.

— Eu só não queria que você matasse esse estrangeiro por minha causa — disse com timidez. — Eu temo que você cometa um crime...

— Crime! — repetiu El Zarco ainda vermelho de raiva, com voz anasalada, mas um pouco mais calmo. — Crime! Como você é tonta! Acha que esse é o primeiro crime que cometo? Vá para o diabo que te carregue com essas suas preocupações! Esse francês vai para o mesmo lugar que foram os outros sequestrados, mesmo que o dinheiro não seja mais para você. Saiba, inocente, que o rico que cai nas

nossas mãos passa a ser de todos nós. Mesmo que eu quisesse libertar o francês, acha que os outros bandidos deixariam? E a parte deles no sequestro?

— Está bem, Zarco, não vamos mais falar disso — respondeu Manuela espantada. — Faça o que quiser, não direi mais nada.

— Muito bem — replicou El Zarco —, isso é o que você deve fazer mesmo! Agora, aproveite e guarde essas onças sem fazer alarde. Não quero mais ouvir essas suas ideias. Não me moleste com seus choros e queixas.

Ao dizer isso, El Zarco ouviu um grande barulho, muitas vozes, tudo misturado ao som dos violões e das jaranas jarchas.²² Nesse momento, entraram na capela Salomé Plasencia, Palo Seco, El Tigre, Linares e outros vinte bandoleiros, todos bêbados e celebrando.

— Zarco! — gritaram. — Agora que está rico, irmão, faremos um baile para alegrar a magrela que você trouxe de Yautepec e que está morrendo de tiriça.

— Vamos lá, velho! Arranque-a de lá, traga-a para dançar um xote e uma polca.

22 Violão típico do México com oito cordas e feito a partir de uma peça única de cedro vermelho. Possui uma corda grave no topo, três cordas duplas no meio e uma corda aguda na parte inferior do braço do instrumento.

— Vem, Manu. Cuidado para não desagradar meus companheiros — disse El Zarco, tomando a mão da jovem, que fingiu um sorriso e se deixou arrastar como se fosse uma vítima.

— Aqui estou, companheiros, e aqui está minha magrela para o baile.

— Branquinha — disse Salomé com uma garrafa na mão —, você vai ao baile que vamos fazer para celebrar as façanhas do seu querido Zarco. Anteontem, querida moça, ele colocou o francês no pau de arara e arrancou rapidinho as onças que o gringo tinha guardado. Agora vamos beber e nos divertir... Venha para cá e não fique assim triste feito a Virgem da Solidão da Sexta-Feira Santa.

— Ótimo — disse El Zarco. — Vamos arrumar o baile e preparar as bebidas. Eu já volto para buscar você, Manuela. Vista-se, minha vida, se apronte para o baile. Eu volto logo.

— Zarco, você é zeloso — disse Salomé dando-lhe um tapa no ombro em tom de brincadeira —, é muito zeloso. Sabe que entre nós isso não está certo. Até agora nós consentimos essas frescuras, mas não continue com elas por muito tempo, irmão, porque elas não convêm.

Manuela tremeu. Tudo se convertia em novos perigos para ela. Logo ficou só, chamou sua confidente para que a ajudasse a se vestir e também para poder conversar.

— Quem é esse francês que sequestraram? — perguntou. — Você sabe de alguma coisa?

— Claro que sei! — respondeu a mulher. — Me estranha muito que você não saiba. O francês está preso no porão da fazenda e todos os dias eles o torturam para que cuspa o dinheiro de sua família, que está no Estado do México. Dizem que já deu uma sacola de ouro, que está com El Zarco. O Amarelo (era o nome de seu homem) é quem vigia ele e os outros agora.

— Como assim? Há outros? — perguntou Manuela curiosa.

— Claro que há outros — respondeu a mulher. — Há um espanhol, um outro comerciante, um velho muito mesquinho que reclama todos os dias e outros mais pobres, mas que podem nos dar seus cem ou duzentos pesos! Sempre é alguma coisa!

— Eu posso vê-los?

— Claro! Se El Zarco quiser ele pode levar você lá. Mas como você é muito delicada, pode acabar chocada.

— Não ficarei, não — respondeu Manuela, com ar de resolução. — Sou outra pessoa e decidi seguir seus conselhos.

— Ah, que bom! — exclamou a mulher —, agora você vai se divertir muito, vai ver só!

Como El Zarco acabara de chegar, Manuela pediu para que a conduzisse até onde estavam os sequestrados.

El Zarco a olhou com surpresa.

— Você? — ele disse. — Você quer ver os presos? O que aconteceu?

— Aconteceu é que vou provar que não estou mais triste nem descontente com esta vida, que não me espanto com nada e que, quando resolvi deixar minha casa e minha família para ficar com você, eu estava determinada a segui-lo por todas as partes e participar de sua vida.

— Muito bem, mulher! Isso me agrada muito! Eu estava muito chateado, mas vejo agora que você estava fingindo, que era exatamente o que eu suspeitava. Agora sim estou feliz. Vou levá-la até onde estão aqueles cretinos e não sinta pena por eles, pois têm dinheiro e não arriscam a vida como nós arriscamos.

Manuela, já toda arrumada para o baile, muito bela, apesar de sua palidez e sua magreza, deixou-se conduzir pelo bandido até os porões da antiga construção, que serviam de cárcere às desgraçadas vítimas dos facínoras.

Na única porta da antiga sede da fazenda que ainda funcionava havia uma guarda formada por vinte bandidos, todos armados com mosquetes, pistolas, facões e punhais.

Todos estavam em silêncio e tinham seus rostos cobertos por lenços.

Aqueles vastos salões abobadados, que serviram no passado para guardar mantimentos e que são conhecidos nas fazendas pelo nome de despensa ou porão, estariam completamente escuros não fosse a tênue luz de uma lamparina, junto à qual se sentavam em esteiras imundas quatro homens com os pés e as mãos amarrados, os olhos vendados e que poderiam facilmente ser confundidos por cadáveres não fossem os movimentos de dor ou os soluços que emitiam.

— Olha só o francês — disse El Zarco para Manuela, levando-a a um dos cantos do lugar e apontando para um ancião de cabelos brancos, fortemente vendado e que dava apenas alguns sinais de vida.

Junto a ele havia inúmeros objetos de tortura, um jarro de água e uma garrafa de aguardente.

— Anteontem demos uma surra nesse maldito gringo e por isso ele nos deu as onças de ouro, mas se não nos der mais dinheiro nós faremos algo muito pior. Ele não sabe ainda o que é ser enforcado aos poucos ou ter as unhas dos dedos do pé e das mãos arrancadas com alicate. Mas vai saber logo!

A essas últimas palavras ditas em voz alta o pobre francês, que tinha ouvido, tentou se recompor e com voz débil e suplicante disse:

— Ouça, senhor, pelo amor de Deus, mate-me. Não aguento mais, mate-me!

— Não, velho miserável. Mande trazer outras quatrocentas onças, senão verá o que faremos com você.

— Não tenho mais onças — contestou o desgraçado. — Sou pobre, tenho família, tenho filhos, não tenho ninguém para pedir emprestado... Não tenho mais! Não tenho mais! Matem-me!

— Vamos — disse Manuela, já a ponto de desmaiar —, se ele não tem dinheiro, então matem-no...

— Não — respondeu El Zarco com uma risada sinistra e espantosa —, isso é o que dizem todos. Ficam desesperados, querem morrer, porém, como continuam vivos, acabam por entregar tudo o que têm. Amanhã ela nos dará o que pedimos. Já avisamos sua família e ele já escreveu contando exatamente pelo que está passando.

— Mas e agora? — perguntou Manuela tremendo dos pés à cabeça. — O governo não vai mandar tropas para perseguir vocês e libertar essas pessoas? As famílias deles já não avisaram as autoridades?

— Ah, isso não! Não fariam isso com medo de que matem os prisioneiros. Além disso, o governo não pode mandar uma força para nos atacar. Aliás, mesmo que enviassem, não aconteceria nada, pois não nos encontrariam aqui. Se você não

sabe, Manu, nós somos fortes, estamos seguros e, agora, ninguém mexe com a gente! Agora vamos ao baile, estão todos nos aguardando! Você deve dançar com todo mundo sempre sorrindo, senão vão dizer que sou ciumento e a coisa acaba em confusão.

Manuela saiu daquele local lívida, convulsa, com os olhos fora das órbitas, louca de horror e de pavor. Por mais assustador que fosse o baile, não seria capaz de produzir nela o mesmo terror e a imensa repugnância que a situação dos sequestrados havia lhe causado.

Como o baile ocorria nos cômodos da antiga casa da fazenda que estavam um pouco mais conservados e próximos ao cárcere dos sequestrados, o casal subiu as escadarias em ruínas e chegou a um salão iluminado por velas de sebo. Era um local enfumaçado onde os bandidos estavam reunidos para se divertir.

Ressoavam ali alguns bandoneons, violões e jaranas. Tocavam polcas e valsas. Devemos dizer que esses bandidos não gostavam dos bailes populares, como o jarabe.²³ Os prateados tinham pretensões, dançavam como os ricos, por isso mesmo seus bailes tinham o aspecto repugnante da paródia e o grotesco da caricatura.

23 Baile popular típico de diversos povos latino-americanos; espécie de sapateado, com movimentos que variam em cada localidade. No Brasil, são chamados de catira ou cateretê.

Quando Manuela e El Zarco chegaram ao salão, ouviram-se gritos de viva, juramentos, galanteios, blasfêmias. Tudo isso saiu de cem bocas retorcidas pela embriaguez e pela libertinagem. Todos os bandidos famosos estavam ali, cobertos de prata, sempre armados, cantando músicas obscenas ou abraçando as perdidas que lhes faziam companhia. Manuela estremeceu. Bastou soltar dos braços de El Zarco para que um mulato colossal, horroroso, que lhe causou enorme repugnância, a tirasse para dançar. Seu lenço cobria parte do rosto, mas era possível ver sua boca enorme, seus dentes brancos e finos, principalmente os dois que se sobressaíam e pareciam dividir o lábio inferior como um coelho. Estava forrado de prata, como se tentasse sobrepujar em adornos todos os demais companheiros.

— Você vai dançar comigo, branquinha — disse para Manuela, pegando com sua mão enorme o braço branco e delicado da jovem.

Em um movimento irresistível, Manuela retrocedeu assustada e procurou seguir El Zarco para refugiar-se perto dele. Porém, o mulato a seguiu, rindo, a pegou pela cintura e disse a El Zarco:

— Veja, Zarco, tua magrela não quer dançar comigo. Obrigue-a!

— O que é isso, Manuela? Por que não quer dançar com meu amigo El Tigre? Eu avisei que você ia dançar com todo mundo, foi para isso que veio.

Manuela se resignou, fingiu um sorriso e se deixou conduzir por aquele monstro insolente.

— Ah! — exclamou o bandido, jogando o grande sombreiro para trás, enquanto segurava e apertava convulsivamente a cintura de Manuela. — Eu bem disse que teria o prazer de abraçá-la do jeito que eu quisesse! Agora você está com um homem e nós vamos nos divertir bailando esse xote.

Manuela fechou os olhos e se deixou levar por aquela espécie de ciclope que a devorava com o único olho que tinha e a envolvia com seu desagradável bafo de aguardente.

Ao vê-los passar assim, ele se comportando como uma fera raivosa, e ela frágil e encurvada, como uma presa, os outros bandidos gritavam:

— Ah, Tigre, não coma essa gazelinha!

Após dar algumas voltas naquele salão infecto, trombando e empurrando cinquenta casais de bandoleiros e mulheres bêbadas, El Tigre parou de dançar. Inclinou-se em direção a Manuela e lhe disse com a voz tomada pelo desejo, com um aperto brutal no braço:

— Magrinha, gostei de você desde que a vi chegar com o El Zarco e encarreguei a Zorra, mulher do Amarelo, que lhe dissesse para corresponder logo às minhas vontades. Não sei se ela lhe disse isso.

Manuela não contestou.

— Se não disse, agora te digo francamente. Você ainda vai me querer.

— Eu? — exclamou a jovem assustada.

— Sim, você! — replicou El Tigre. — Vai perceber isso rapidinho! El Zarco não é um sujeito constante e vai acabar largando você, como já largou todas as outras... mas eu estou aqui, minha alma, para que quando ele te abandonar você se lembre de mim. Nessa hora você saberá quem é El Tigre. Você não me conhece, mas também não conhece El Zarco. Não se espante de me ver assim com a cara vendada. Estou assim precisamente por sua causa.

— Por minha causa? — perguntou Manuela com um misto de curiosidade e pavor.

— Sim, por sua causa. Eu explico: os gringos que matamos em Alpuyecá me feriram. Eu os matei... fui eu quem resolveu a parada, enquanto El Zarco cuidou dos baús. Um gringo me deu um balaço com sua pistola, que quase me arrancou um olho. No final, ele e todos os que o acompanhavam morreram. El Zarco nos ajudou quando a briga

estava dura. Depois, quando estavam todos caídos, quase mortos e rendidos, El Zarco veio e os matou. As mulheres e os homens. Foi isso o que aconteceu. El Zarco é um verme, um mofino. Pegou todas joias para dar a você, nos deixando apenas algumas roupas inúteis. Para que servem? Jaquetas, casacos, túnicas velhas, trapos. Ele, El Zarco, pegou o que tinha de melhor depois que triunfamos. Tudo bem! Gaviões não piam! Porém, assim que vi você, pensei comigo: agora eu vi vantagem! El Zarco pode levar as joias, mas vai ter de deixar a magrelinha. Assim ficamos quites.

Manuela parecia estar presa em um pesadelo e sentiu que iria desmaiar. Aquelas revelações sobre El Zarco, os assassinatos das mulheres, dos homens feridos e das crianças, aquelas ameaças de El Tigre, tudo era superior às suas forças e sua resolução em enfrentar semelhante vida. Havia caído no inferno! Pensava que aqueles homens eram apenas bandidos, mas não. Eram demônios vomitados pelas trevas. Ah, se pudesse escapar naquele momento! Se pudesse ao menos morrer! Ficou paralisada e muda. A voz áspera e rouca de El Tigre a tirou daquele estado de paralisia, ao perguntar:

— Tudo bem com você, linda? Se assustou com as coisas que contei? El Zarco nunca falou de suas façanhas e

valentias? Aposto que não. Pois fique sabendo disso e vá se conformando com o que eu te disse: você há de ser minha.

— Mas você acha que El Zarco vai deixar isso acontecer?

— exclamou Manuela, sufocada pela ira e o fastio.

— Não me importa se ele vai deixar ou não, magrela! Você pensa que tenho medo desse covarde? Se aceitar minha proposta, agora mesmo, basta dizer uma palavra que mato El Zarco. Assim você estará livre... se não, espere só para ver.

— Pois vou dizer para El Zarco ficar preparado!

— Pode dizer, linda, pode dizer! — respondeu El Tigre, com um riso sinistro de desdém que revelava uma resolução espantosa. — El Zarco me conhece — completou. — Você vai ver que é verdade o que digo. El Zarco, seu grande amor, seu homem, não passa de um verme. Vá e diga isso a ele agora. Eu vou esperar ali.

Manuela foi sentar-se aterrorizada. Seguramente aconteceria uma catástrofe ali. El Tigre desejava a qualquer custo matar El Zarco, e ela seria o butim do vencedor. Que situação medonha! Manuela simplesmente agonizava.

Procurou seu amante com angústia, pois, apesar do horror que lhe inspirava, acreditava ser seu único apoio naquela situação. Viu então El Zarco caminhar em sua direção com o rosto fechado, olhar frio e lívido de cólera. Manuela

pensou que ele já soubesse das pretensões de El Tigre e que a briga começaria a qualquer momento.

El Zarco, no entanto, com um sorriso sarcástico estampado no rosto, enlouquecido de ira lhe disse:

— Já sei quais são os motivos das suas tristezas e do seu aborrecimento. Já me contaram tudo, sua fingida.

— O quê? O que foi que te contaram? — perguntou Manuela apavorada por ouvir essas palavras.

— Sim. A Zorra me disse... Me contou que você se arrependeu de ter fugido comigo, que descobriu que não gosta mais de mim... Na verdade... O único homem que você ama é o índio Nicolás, que você sente por tê-lo abandonado, que a vida com os prateados não te agrada, e que na primeira oportunidade que você tiver vai tentar fugir e me abandonar.

— Mas eu não disse... — interrompeu tremendo Manuela.

El Zarco não a deixou completar a frase.

— Sim, sua embusteira, sua falsa, você disse isso, sim! Não tente negar! Eu sou culpado por confiar em uma esnobe interesseira como você, que só pensa em joias e dinheiro... mas veja só — disse pegando o braço da jovem e apertando-o bestialmente —, no que é meu você não mexe. Entendeu? Fugiu comigo e agora vai ver só uma coisa. E quanto ao índio ferreiro, eu terei muito prazer em trazer a cabeça daquele

desgraçado e fazer um churrasco dela. E depois que fizer você comer tudo, eu te mato.

— Zarco, por favor, me tire daqui, estou me sentindo mal.

— Não tiro coisa nenhuma. Que morra — respondeu o bandido completamente dominado pelo ódio.

Nem bem acabara de dizer essas palavras quando um grande estrondo veio da porta da sala. Vários bandidos, cobertos de poeira e com os trajes desalinhados em razão da longa correria se precipitaram para dentro do salão perguntando por Salomé Plasencia, El Zarco, El Tigre e outros chefes.

Salomé e os outros foram ao seu encontro.

— O que aconteceu? — perguntou Salomé, enquanto todos os prateados formavam um círculo em torno deles. A música e algazarra do baile cessaram.

— Uma novidade — respondeu sem fôlego um dos recém-chegados. — Cavalgamos quase dez léguas para avisá-los... Martín Sánchez Chagollán,²⁴ o de Yecapixtla, com uma força de quarenta homens, surpreendeu Juan, o Espanhol e outros vinte prateados. Enforcou todos nas árvores em Casasano.

24 Para muitos críticos, como María Dolores Illescas, o autor de *El Zarco* criou esse personagem baseando-se em Rafael Sánchez, um militar liberal que atuou na perseguição dos prateados.

— Quando? — perguntaram em coro os bandidos aterrorizados.

— Esta noite mesmo, por volta das dez. Preparavam a emboscada de um carregamento quando Martín Sánchez os surpreendeu, caiu sobre eles e os encurralou. Apenas cinco ou seis conseguiram escapar. Esses que nos avisaram, mas não puderam nos acompanhar porque estavam feridos.

— Mas por que esses homens não lutaram? — perguntou Salomé.

— Eles lutaram sim, mas os outros estavam em maior número e tinham boas armas.

— E não tiveram nenhum aviso do ataque?

— Foi isso o que mais estranhamos! Acho que as pessoas estão começando a ajudar mais Martín Sánchez do que a nós.

— Então é preciso vingar nossos companheiros e meter medo nas pessoas para que não voltem a agir contra nós. Amanhã bem cedo, sairemos daqui. Reúna os demais prateados nas redondezas. Vamos buscar Martín Sánchez e ver se ele é tão bom contra quinhentos homens do jeito que foi contra trinta.

— E o que faremos com os presos? — perguntou um.

— Que morram — disse Salomé. — Para que precisamos desses estorvos? Você, Tigre, anda, mate todos eles agora.

— Olhe, Salomé — disse El Tigre adiantando-se —, é melhor dar essa tarefa para El Zarco. Ele sabe bem como matar os mortos — disse com desprezo.

— Matar os mortos? Foi isso o que você disse, Tigre?

— Sim, matar os mortos — respondeu El Tigre. —
Lembre-se de Alpuyeca.

— Você vai ver que eu também sei matar os vivos —
respondeu El Zarco, tomado pela cólera.

— Calma, calma — disse Salomé, colocando-se entre os dois. — Não queremos disputas. Qualquer um de vocês é bom o suficiente para dar cabo dos presos! O importante é que não amanheçam vivos. Levem a ordem até o Amarelo e vamos. Acabou o baile.

— Ah! Outra notícia! — disse um dos recém-chegados.
— Esta manhã foi enterrada, em Yautepec, a mãe da mulher que fugiu com El Zarco.

Nesse momento, ouviu-se um grito agudo que fez todos aqueles homens olharem para trás.

— Minha mãe! — exclamou Manuela e caiu desmaiada.

— Pobrezinha — disseram as mulheres, curadas da embriaguez por aquela chuva de notícias ruins.

— Levante-a, Zarco. Leve-a e que ela se conforme, porque senão vai acabar nos atrapalhando.

El Zarco, ajudado por algumas mulheres, levantou Manuela e a levou até a capela, onde a colocou na cama. A jovem estava desfalecida. Tantas emoções seguidas, tantos perigos, tantas ameaças, tantos horrores, haviam abatido aquela natureza débil e estavam escurecendo seu espírito. Agora Manuela não fazia nada além de chorar em silêncio.

El Zarco, preocupado também com mil pensamentos diversos, com ódio de El Tigre, ciúmes de Nicolás, e cada vez mais apaixonado por Manuela, mas infinitamente abalado pelas últimas notícias e pela necessidade de marchar, não sabia o que fazer.

Dava voltas como uma fera enjaulada. Chamava as mulheres para que tomassem conta de sua querida, dava ordens aos bandidos que o serviam, preparava as malas, registrava os baús, sentava-se na beirada da cama onde estava Manuela e olhava para ela tomado por um misto de amor, ódio, tentação e outras ideias sinistras. Em seguida, voltava a caminhar de um lado ao outro da capela, blasfemando.

Por fim, se aproximou da jovem e, em um tom frio e seco, disse:

— Isso não tem remédio. Pare de chorar. Prepare-se para sairmos daqui amanhã pela manhã. Ajude-me a fazer as malas. Guarde bem suas joias, isso é o que lhe importa.

Ao ver que Manuela soluçava com mais violência, completou:

— Entre nós não há por que afligir-se tanto nem fazer tanto drama quando morre alguém... É para isso que nascemos! Além do mais, sua mãe já estava velha, e a boa senhora me odiava. Reze um terço para ela e amém... Não volte a pensar nisso. Teu índio deve tê-la enterrado e certamente cuidará da horta e pagará todos os gastos. Depois você o enterrará e poderá chorar em sua sepultura.

Assim, aquele bandido, aquele Zarco, a quem Manuela julgara ser um homem compassivo, não passava de um perverso sem entranhas, que sentia prazer em aumentar seu tormento, em insultá-la nos momentos de maior tristeza e em caluniar o homem generoso que, seguramente sem interesse de nenhuma espécie, havia assistido a pobre anciã em seus últimos instantes e lhe havia dado uma sepultura.

Nicolás e Pilar! Outra vez o casal, que não deixava de habitar sua imaginação! Agora, lhe pareciam grandes e nobres esses dois jovens! Que desgraça que aparecessem justamente nesses momentos, quando se apoderava dela o sentimento de vergonha que a levava a se considerar um monstro de ingratidão e baixeza em comparação a eles.

Mesmo atormentada, degradada e desprezível como era, bastava pensar em Nicolás para sentir um vislumbre de

consolo em meio àquela espantosa noite cheia de escuridão, terrores e perigos desconhecidos, porém pavorosos. Por fim, tomou coragem e, secando suas lágrimas, pôs-se a preparar as malas sentindo a morte na alma.

MARTÍN SÁNCHEZ CHAGOLLÁN

Quem era o homem que se atrevia a enforcar vinte prateados exatamente nos locais onde os bandidos dominavam, e por isso tinha provocado todo aquele movimento e temor no quartel general dos criminosos?

O nome de Martín Sánchez Chagollán não era desconhecido em Xochimancas, de modo que não causou surpresa, mas fez com que todos ali soubessem de sua façanha.

Pendurar vinte prateados nas árvores de Tetelcingo, no coração do território dominado pelo crime e o terror dos facínoras não era pouca coisa!

Mas quem era aquele homem? Seria um chefe do governo, apoiado pela lei e que contava com todos os elementos da força pública, com o dinheiro do erário e com o concurso das autoridades e dos cidadãos?

Nada disso. Martín Sánchez Chagollán foi um personagem rigorosamente histórico, assim como Salomé Plasencia,

El Zarco e os bandidos que apresentamos nesta narrativa. Era um cidadão comum, um camponês, sem quaisquer antecedentes militares. Longe disso. Foi durante boa parte de sua vida um homem absolutamente pacífico que sempre se recusou a se meter nas disputas civis que agitavam o país há tantos anos. Era um homem retraído, quase tímido, vivia entregue exclusivamente aos trabalhos rurais em um pequeno rancho próximo a Yecapixtla, perto de Cuautla e de Morelos. Portanto, era um homem de bem à toda prova, um desses fanáticos da honra, que preferem morrer a cometer uma ação que possa manchar seu nome ou torná-lo menos estimável para sua família e seus amigos.

Com tais princípios em meio àquela época tumultuada por revoltas e corrupção, na qual homens rústicos e sensíveis se viram obrigados a se envolver nas revoluções e nos crimes cometidos à sua sombra, Martín Sánchez teve de sofrer muito a fim de não participar de certos compromissos. Porém, ele, em razão de sua força e habilidade, seguiu limpo. Ainda que visto com desconfiança e com receio por todos os partidários, conseguiu se manter tranquilo, em seu rincão, escondido em seu pequeno rancho, cuidando de seus interesses e ajudando seus filhos já adultos.

Martín Sánchez era um homem de certa idade, com seus cinquenta e tantos, possuía um biótipo robusto, daquele

forjado pelo trabalho no campo e pela vida na montanha, fortificada pelo ar puro, a alimentação sã, o trabalho e os costumes nobres. Assim, mesmo na meia-idade, parecia um homem em toda sua força e virilidade.

Tinha estatura baixa, uma cabeça redonda que parecia encaixada nos ombros pelo pescoço pequeno, ombros largos, braços hercúleos e pernas musculosas. Tudo revelava um trabalhador infatigável e ginete hábil.

Seus olhos pequenos, esverdeados e vivos, seu nariz aquilino, seu rosto moreno, sua boca de lábios delgados, sua barba feita e os cabelos cortados, penteados e quase encaracolados, lhe davam uma certa aparência felina. Tinha uma vaga semelhança com os leopardos.

Esse homem exerceu enorme influência nas terras quentes. Sua ação também foi responsável pela extinção da praga espantosa de bandidos que durante anos assolou aquelas regiões férteis e aquelas ricas comarcas.

Martín Sánchez vivia tranquilamente dedicado aos seus afazeres, como já afirmamos anteriormente. Um dia, quando ele e sua esposa estavam ausentes, seu rancho foi atacado pelos prateados.

O velho pai de Martín e seus filhos se defenderam heroicamente, mas foram dominados pelo grande número de bandidos. O ancião e um de seus filhos foram assassinados A

casa foi saqueada e, posteriormente, incendiada. Os facínoras destruíram todo o patrimônio daquele honrado trabalhador.

Quando Martín Sánchez regressou do Estado do México, onde estava, encontrou apenas cinzas onde antes existia sua casa. Lá também estavam os cadáveres de seu pai e de seu filho, que não haviam sido sepultados porque os outros filhos ainda estavam feridos e escondidos na mata. Enfim, Martín encontrou apenas horror e desolação ao retornar para sua propriedade.

A esposa de Martín enlouqueceu durante algum tempo em razão da dor e do medo.

Martín Sánchez não disse nada. Foi buscar seus filhos na mata. Com a ajuda deles, sepultou seu pai e filho, despediu-se de seu humilde rancho, agora em escombros, e de seus campos incendiados. Sua mulher foi com o restante da família até o povoado de Yecapixtla, onde esperavam ficar mais seguros.

Martín vendeu o pouco que lhe restava. Com o dinheiro arrecadado comprou armas e cavalos para montar um grupo de vinte homens.

Depois, quando seus filhos se recuperaram dos ferimentos, ele os armou. Convenceu alguns parentes a acompanhá-lo também. Inicialmente, utilizou o que havia sobrado de seu pecúlio para pagar seus homens e comunicou ao prefeito de Morelos sua resolução de perseguir os prateados.

O prefeito, após elogiar a decisão de Martín, advertiu sobre os terríveis perigos daquela empreitada. Como Martín deixou claro que estava inteiramente decidido, o prefeito, no cumprimento de seu dever, ofereceu os auxílios que estavam em seu poder, autorizando-o a perseguir os ladrões na qualidade de chefe de segurança pública, com a condição de submeter os criminosos que aprisionasse à justiça.

Com tal autorização, Martín Sánchez partiu com sua pequena tropa. Ele sabia bem que não poderia, com seus poucos homens, fazer frente aos numerosos prateados que perambulavam pelos distritos de Morelos, Yautepec e Jonacatepec.

Então se limitou a uma guerra meramente estratégica, procurando combater apenas pequenos grupos, com o objetivo principal de se apoderar de suas armas e cavalos, e assim aumentar sua força.

Atuando apenas durante a noite, pagando emissários e fazendo jornadas fabulosas, pouco a pouco derrotou alguns grupos de bandoleiros, conquistando cada vez mais armas, munições e cavalos.

Lutava contra o desalento geral, contra o terror imposto pelos prateados, contra a cumplicidade de muita gente, contra a hostilidade de algumas autoridades, as quais, em alguns casos, estavam envolvidas naqueles crimes. Lutava até

mesmo contra a falta de ânimo entre seus próprios soldados, que recebendo apenas um pequeno soldo seguiam arriscando a vida nos constantes enfrentamentos contra os prateados. Arriscavam-se a cair prisioneiros, o que significava uma morte sempre acompanhada de terríveis torturas.

Martín Sánchez enfrentava dificuldades diárias, mas sua sede de vingança lhe dava forças superiores.

Aquela sede era sua fonte de energia.

Movido por um sentimento pessoal, pouco a pouco foi reunindo ressentimentos gerais que se acumulavam em um motivo comum. Toda vingança por crimes cometidos pelos prateados encontrava ecos em seu espírito; cada assassinato cometido por eles ficava gravado no tremendo livro de sua memória; cada lágrima de viúva, de órfão, de pais, era depositada em seu coração como em uma urna de ferro. De vingador de sua família tornou-se um vingador social.

Ele era o representante do povo honrado e desamparado, uma espécie de juiz Lynch,²⁵ rústico, feroz e também implacável.

25 Charles Lynch (1736-1796) era um violento fazendeiro do estado da Virgínia (EUA) do final do século 18. Durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos, Lynch encarcerou, julgou pessoalmente e, com as próprias mãos, enforcou lealistas (leais às forças britânicas). O termo "linchar" (em inglês "lynching") deriva do nome de Lynch, o qual, sob o pretexto de administrar justiça

Havia suprimido de sua alma o medo, havia abraçado sua causa com fé e esperava que nela acabaria perdendo sua vida. Era um homem resoluto. Martín também havia suprimido entre seus sentimentos qualquer tipo de piedade para com os bandidos.

Olho por olho e dente por dente. Essa era sua lei penal.

Os prateados eram cruéis? Ele também estava disposto a ser cruel.

Os prateados causavam horror? Ele também se propôs a causar horror.

A luta seria espantosa, sem trégua e sem compaixão.

Quem venceria? Quem sabe? Contudo, Martín Sánchez se lançava nessa guerra com os olhos fechados, a espada desembainhada e o peito tomado pela sede de vingança e justiça.

Os bandidos deviam tremer. Havia, finalmente, aparecido o anjo exterminador!

Para aquelas imundas aves de rapina surgia a águia da montanha, de bico e garras de aço.

Martín Sánchez era a indignação social encarnada.

sem julgamento, executava supostos infratores, geralmente após infligir tortura e mutilação corporal.

O ASSALTO

A Caveira era uma venda na antiga estrada do Estado do México para Cuautla, no Estado de Morelos, famosa por ser uma passagem de animais de carga, diligências e viajantes a pé. A Caveira era, principalmente, um local de assaltos.

De fato, não na venda em si, mas um pouco adiante, ocorria, naquele momento, um ataque. Havia um ponto na estrada onde as curvas, a colina e a proximidade das densas florestas e as ravinas ofereciam grandes facilidades aos ladrões para se esconder, emboscar ou escapar.

Em razão disso, passageiros de diligências, vaqueiros e boiadeiros não passavam nem perto da Caveira, tremendo de terror. O próprio nome da passagem é lúgubre. Provavelmente o local fora palco, em tempos passados, de uma caveira presa nas árvores do caminho que pertencera a algum famoso bandido alvo de justicamento por grupos similares ao de Martín na época colonial. Também é possível que o local tivesse guardado muitos crânios de ladrões e o povo,

como costuma ocorrer no México, havia singularizado o nome para torná-lo mais breve.

O caso é que o lugar era muito sinistro. Não era possível ver aquele casarão antigo, escuro e ruinoso da venda sem um sentimento de desgosto e terror.

Lá, em uma tarde de outono, com o sol desaparecendo no horizonte, e três meses após terem ocorrido os eventos que acabamos de mencionar, havia uma força de cavalaria formada em frente à venda, composta por cerca de quarenta homens.

Estavam uniformizados de modo singular, com jaquetas pretas de botões de aço pintados de preto; calças pretas, com grandes botas de couro amarelo e pontas de aço; chapéus pretos com abas muito estreitas e adornados unicamente com uma fita branca com as seguintes palavras: Segurança Pública. Quanto às armas, eram mosquetes, sabres de cabo preto e banhados em aço. Cada soldado levava uma cinta de cartuchos na cintura. Os cavalos eram magníficos, quase todos escuros. As selas e todo o equipamento eram de extrema simplicidade e sem nenhum ornamento. As garupas estavam cobertas por ponchos pretos.

Quase todos os soldados pareciam jovens, robustos e com um forte ar marcial. Seu uniforme dava ao grupo um aspecto lúgubre que aludia ao pavor. Pareciam fantasmas.

Estavam em frente à Caveira, naquela hora em que as sombras tornam os objetos em formas gigantescas. Perto daqueles montes solitários, a fila de ginetes, silenciosos e carrancudos, mais que uma tropa, parecia uma aparição espectral.

Aquele que certamente era o chefe desmontado, segurava a rédea de seu cavalo. Ele parecia interrogar ao horizonte onde a estrada se perdia quando chegaria quem ele esperava.

Estava vestido da mesma maneira que seus soldados, mas em vez de botas, usava calças amarelas de vaqueiro, feita de couro de bode e estava protegido com uma espécie de xale negro curto.

Então um sujeito idoso e bem vestido saiu da venda. Dirigiu-se a esse que parecia o chefe:

— Não apareceram ainda, senhor Martín?

— Nada, nem o cheiro! — respondeu.

O chefe em questão era Martín Sánchez Chagollán. Aquela era sua tropa, uniformizada segundo as vontades do próprio chefe. Suas roupas de cor escura, sem adornos, representavam seu ódio aos prateados. Também por ódio aos bandidos, Martín Sánchez havia determinado que os sombreiros de seus soldados não tivessem abas largas, ao contrário, que fossem estreitas e sem nenhum adereço.

Martín Sánchez acharia ruim qualquer homem que usasse o sombreiro adornado de prata. Como ninguém queria

contrariar o chefe, os sombreiros simples e escuros eram a moda entre aqueles soldados e funcionavam como uma espécie de salvaguarda.

Nessa época, todavia, Martín Sánchez estava longe de ser o terror dos bandidos e seus cúmplices. Tomava mil precauções para sua marcha e suas expedições, temeroso de sair derrotado. Estava dando seus passinhos, como costumava falar. Já havia enforcado um bom número de prateados, mas também o acusaram muitas vezes de cometer abusos, pois, como já dissemos, ele só tinha a autorização para prender criminosos e levá-los ao juiz. Martín Sánchez respondia dizendo que só enforcava os bandidos já mortos em combate. Afirmava fazer isso apenas para provocar.

Era muito possível que ele ocultasse algo e que realmente tivesse fuzilado todo bandido que havia capturado, mas, como se vê, ele não tinha como gastar toda sua energia nem dispunha dos elementos necessário para prendê-los, pois não contava com mais do que aqueles quarenta homens e sua resolução.

O sujeito que acabara de dirigir a palavra a Martín Sánchez parecia um rico fazendeiro ou um comerciante. Ao concluir que as pessoas esperadas não viriam, disse:

— Então, senhor Martín, acredito que esses homens não vão aparecer. Se o senhor não se importa, seguiremos

nossa marcha. Já está tarde e não chegaremos a Morelos em boa hora. Além disso, o carregamento já se adiantou demais. É possível que ocorra algum acidente.

— Acredito que está tudo tranquilo — respondeu Martín. Eles sabem que estou aqui e não vão se atrever. Esse Nicolás me deixa inquieto. Alguma coisa deve ter acontecido, porque não chega. Ele me escreveu dizendo que deixaria Chalco ao amanhecer, deve ter almoçado em Tenango, e estava mais do que na hora de estar aqui. É verdade que ele está bem acompanhado e é muito viril; mas esses malditos são capazes de uma emboscada. Você sabe que os de Ozumba, quando concordam com os outros, fazem suas tramas. Bem, eu realmente sentiria se algo acontecesse com um amigo tão bom! Eu deveria ter avançado para Juchi ou Tenango, mas ele avisou que precisaria de minha escolta aqui. Foi assim que percebi que seus inimigos o estavam esperando, que juraram que o matariam, assim como a mim. E você imagina que o pobre homem vai se casar e que vem do Estado do México com uma boa quantia de dinheiro, de modo que os malditos, além de matá-lo, acabariam roubando uma boa quantia em joias. De qualquer forma, deixarei alguns rapazes aqui, caso cheguem, e avançaremos, porque a carga já deve estar longe.

Martín Sánchez montou em seu cavalo e desfilou com sua roupa, acompanhado pelo comerciante e seus homens.

Deixou dez homens para esperar por Nicolás, nosso conhecido, que vinha do Estado do México.

Nem bem haviam cavalgado meia hora quando ouviram tiros. Um boiadeiro corria ao encontro deles, gritando que os prateados estavam roubando o carregamento.

Martín foi à frente da força e, poucos instantes depois, ele e seus homens atacavam os bandidos, que os receberam com uma chuva de balas e uma gritaria insolente, dizendo que aquele seria seu último dia.

Os cavaleiros de preto e seu chefe fizeram prodígios de muito valor, lançando-se sem restrições ao combate. Os prateados, no entanto, eram muitos e estavam sob o comando de seus principais chefes. A tropa de Martín ficou sitiada. Entre seis e oito de seus bravos homens foram baleados e outros começavam a recuar. A batalha caminhava para uma luta dilacerante de armas brancas. Martín, rodeado de inimigos, se defendia desesperadamente, procurando vender caro sua vida, quando um socorro inesperado veio salvá-lo.

Era Nicolás, acompanhado dos dez soldados que Martín havia deixado na Caveira e dos outros que vinham com ele. Ao ouvirem o tiroteio, saíram em disparada para chegar no meio da luta, justamente nos momentos de maior apuro para Martín Sánchez. Aquele valente e aquela tropa produziram

um momento de confusão entre os prateados, os quais, mesmo com a chegada dos reforços com Nicolás, ainda eram maioria e seguiam em combate.

Nicolás, no entanto, era homem de um arrojo irresistível, montava um cavalo soberbo e tinha excelentes armas. Quando viu Martín Sánchez cercado, lançou-se sobre o grupo distribuindo golpes e reverses. Já era tempo, porque o valente chefe tinha a espada quebrada e estava ferido.

El Zarco e El Tigre rodeavam Martín, mas quando viram Nicolás, retrocederam e tentaram fugir. O ferreiro, ao reconhecer El Zarco, não conteve um grito de ódio e de triunfo:

—Finalmente frente a frente!

Partiu contra ele feito um raio. O bandido, perdido de terror, bateu em retirada e se escondeu em um bosque próximo, onde estavam algumas das mulheres dos bandidos, montadas a cavalo e ocultas entre as árvores.

Nicolás alcançou El Zarco precisamente quando o facínora se aproximava do local onde estavam as mulheres. Ali, um momento antes do bandido disparar seu mosquete contra Nicolás, o índio abriu a cabeça de El Zarco com seu sabre, deixando-o estendido no chão. Em seguida, o ferreiro voltou para onde ocorria a luta, mas antes gritou:

— Dona Antonia está vingada!

Não ouviu sequer, furioso que estava, o grito de Manuela, que era uma das mulheres a cavalo. Ela reconheceu imediatamente quem havia ferido El Zarco.

A luta, depois disso, durou pouco, pois os bandidos fugiram apavorados, deixando livre o carregamento.

O sol já havia se posto inteiramente no horizonte. Avançavam as sombras e a luz crepuscular. Martín Sánchez recolheu seus mortos e feridos. Os prateados, fizeram o mesmo em uma operação que durou até anoitecer completamente.

Martín, temendo que os prateados se reagrupassem e voltassem a atacar suas tropas em maior número e em meio à escuridão, determinou que alguns de seus homens fossem rapidamente até Morelos solicitar à autoridade local o auxílio de soldados e das macas que necessitavam.

A missão era perigosíssima. Os bandidos não deviam estar longe e o grupo destacado poderia ser alvo de uma emboscada no caminho.

Só havia um homem capaz de desempenhar aquele papel. Martín Sánchez, naquela aflição, não vacilou em pedir tal sacrifício a Nicolás.

— Senhor Nicolás — ele disse —, somente você é capaz de se expor a esse risco. Você, que acaba de nos salvar, conhece melhor os caminhos, tem bom cavalo e é dos poucos capazes de cumprir tal tarefa. Eu lhe rogo esse favor...

Nicolás partiu imediatamente. Enquanto Martín o observava sumir entre as sombras disse:

— Não conheço homem mais valente que esse!

— É, mas se não se cuidar acaba morto por aí — disse o comerciante.

— Deus há de querer que não! — respondeu Martín Sánchez. — E como você imagina sair daqui? Ele é nosso último recurso. Fique tranquilo, não vai acontecer nada! Nicolás é um homem de sorte e um homem bom... Além disso, se os bandidos tiverem de matar alguém, que essa pessoa seja eu!

Enquanto isso, os soldados que observavam o lugar para ver se encontrariam mais feridos descobriram, em um local próximo dali, uma mulher junto a um cadáver.

Martín Sánchez foi pessoalmente reconhecer essa mulher, que era Manuela. Ela decidiu não fugir com suas companheiras. Ficou ao lado de El Zarco não por amor, mas por temer que El Tigre estivesse vivo. Manuela acreditava que El Zarco estava morto, porém, ao examinar o corpo, Martín percebeu que ainda respirava. O bandido estava banhado em sangue e era difícil reconhecê-lo, mas a presença de Manuela indicava que aquele era El Zarco.

O chefe dos homens de preto tremeu de felicidade ao ter certeza de que aquele renomado e terrível bandido havia caído em seu poder.

Iria enforcá-lo assim que amanhecesse. Desgraçadamente, no meio da madrugada, chegou a autoridade de Morelos com soldados e macas. Martín entregou os bandidos prisioneiros e feridos, juntamente com aquela mulher. Nicolás os viu, apesar de Manuela ter coberto a cabeça para evitar a vergonha de encarar o índio.

Assim marcharam até Morelos. Lá, Martín pretendia cuidar de seus ferimentos, que eram graves, e fazer o mesmo com seus soldados. Nicolás continuaria em direção de Yautepec no intuito de preparar seu matrimônio.

Manuela, como era natural, foi presa ao lado de seu amante, onde estava incomunicável. De sua cela, a jovem via em sua imaginação a imagem de Nicolás cada vez mais bela.

O PRESIDENTE JUÁREZ

Martín Sánchez estava indignado. O partido dos bandoleiros ainda era muito forte e tinha muita influência, tanto no Estado do México como nas terras quentes. A desorganização na qual se encontrava o país, naquele tempo, era a causa de semelhante escândalo.

Os prateados tinham amigos em toda parte, enquanto um homem de bem, como vimos acontecer com Nicolás, encontrava enormes dificuldades. Um bandoleiro naquela época tinha mil maneiras de escapar quando corria perigo. Como eram muito poderosos, tinham em suas mãos a vida e os interesses de todos aqueles que possuíam algo. Todos os temiam e queriam, a qualquer preço, sua amizade e benevolência.

Enquanto o corajoso chefe que colocara sua vida em risco ao enfrentar uma luta tão desigual curava suas feridas, El Zarco, já restabelecido, conseguiu por meio de seus protetores uma transferência para Cuernavaca sob o pretexto de que teria cometido crimes naquele distrito.

Transportar o bandido significava o mesmo que salvar-lhe a vida. Certamente, encontraria seus defensores e conseguiria fugir. A decisão afetava também todos os outros bandidos presos após a luta perto da Caveira. A população de Morelos estava escandalizada, porém, fatos como esses eram desgraçadamente muito frequentes ali.

Martín Sánchez percebeu naquele momento que enquanto empreendia uma luta terrível e perigosa contra os bandidos, esses, em razão dos interesses que tinham em comum com os poderosos da região, sempre acabavam favorecidos. Ao mesmo tempo, se Martín e outros chefes que perseguiram bandoleiros não contassem com apoio, qualquer perseguição seria inútil, pois quando os bandidos eram submetidos ao fórum comum, encontravam recursos e influências. Isto é, tinham dinheiro para escapar de qualquer condenação. Somente quando as populações testemunhassem a luta sem quartel entre a autoridade e os malfeitores é que se colocariam em favor da primeira.

Decidiu então dar um passo decisivo: resolveu ir à capital e falar pessoalmente com o presidente Juárez,²⁶ dar conta

26 Benito Juárez (1806-1872) presidente liberal e modernizador indígena, herói nacional, que governou o México em cinco ocasiões entre 1858 e 1872.

do estado em que se encontrava a região da terra quente e solicitar armas e apoio.

Essa resolução se tornou ainda mais urgente quando Martín Sánchez soube que El Zarco, sua mulher e seus companheiros seriam conduzidos para Cuernavaca sob a escolta de um pequeno grupo de soldados mal preparados e mal equipados. Tinha certeza de que o bandido escaparia. E foi o que aconteceu. Os bandidos atacaram a pequena força perto de Tetillas e libertaram El Zarco e seus companheiros. Assim, o crime e o terror caíram novamente sobre aquela comarca.

Martín Sanchez foi à capital, mesmo sem ter uma reputação que o precedesse. Munido apenas de algumas cartas de amigos do presidente Juárez, o chefe dos homens de preto se apresentou da melhor maneira possível.

Juárez ainda não era a autoridade incontestável e aceita, cuja personalidade todos admirariam dali algum tempo. Naquela época, embora tivesse acabado de triunfar na famosa Guerra da Reforma, ainda lutava com mil dificuldades, mil adversários, mil perigos. Somente sua energia e sua sorte poderiam levá-lo adiante.

As forças clericais, lideradas por Márquez, Zuloaga e outros, ainda lutavam com fúria e distraíam as tropas do governo, majoritariamente ocupadas em persegui-las.

No Partido Liberal surgiram rivais poderosos e contrários ao presidente, embora, na verdade, não fossem o maior perigo. O país estava falido e, acima de tudo, a invasão estrangeira já havia profanado o território nacional e se aliado aos adversários do governo liberal, isto é, a facção reacionária e clerical.

Juárez vivia seus dias de maior conflito. Graças a essas circunstâncias, os bandidos dominavam as terras quentes.

Martín Sánchez achou que encontraria um homem carancudo e talvez predisposto a ficar contra ele. Ao contrário, o que viu foi um homem frio, impassível, mas muito atento.

O chefe camponês o abordou com resolução e apresentou as cartas que trazia. O presidente as leu, olhou fixamente Martín Sánchez e disse:

— Me escrevem aqui alguns amigos dizendo que você é um homem de bem e disposto a perseguir esses malvados que infestam o sul do Estado do México, os quais o governo, em razão de seus problemas, não é capaz de destruir. Me informe sobre o que está ocorrendo por lá.

Martín Sánchez deu um informe detalhado, que o presidente escutou com calma ordinária, mas interrompendo de quando em vez com sinais de indignação. Quando Sánchez concluiu, Juárez exclamou:

— Isto é um escândalo que deve ser resolvido imediatamente! O que você precisa para ajudar o governo?

Animado com as frases lacônicas, porém firmes, do presidente, Martín Sánchez respondeu:

— A primeira coisa de que necessito, senhor, é que o governo me dê o poder de enforcar todos os bandidos que eu capturar. Dou minha palavra de honra ao senhor que só matarei a quem merecer. Conheço todos os malfeitores, sei quem são e já os sentenciei todos, depois de deliberar muito em minha consciência. Minha consciência, senhor, é um juiz muito justo. Não se parece com as consciências desses juízes que liberam os maus por dinheiro ou por medo. Eu não quero dinheiro nem tenho medo. A segunda coisa de que necessito, senhor, é que não dê ouvidos a certas pessoas que andam por aqui advogando pelos prateados e apresentando-os como sujeitos de mérito, que já prestaram serviços à nação. Desconfie desses patrões, senhor presidente, porque recebem parte dos roubos e enriquecem com isso. Por aqui há um senhor que usa peruca loira, que leva seu pó de arroz em uma caixa de ouro e que todo mês recebe dinheiro dos bandidos. É ele quem negocia o pedágio com fazendeiros para que passem seus carregamentos de açúcar e aguardente sem riscos, recebe por isso pequenas fortunas. Esse homem divide o dinheiro com os prateados e o utiliza para manter sua influência nomeando autoridades nas terras quentes, e para liberar presos, como fez com El Zarco, um ladrão e assassino

que merecia a forca. Esse, por fim, é o verdadeiro chefe dos sequestradores, o sujeito que vive dos assaltos sem arriscar nada. Se eu encontrar esse homem em meu caminho, mesmo que isso custe minha vida, irei pendurá-lo pelo pescoço no galho de árvore mais próximo.

— Quem é esse sujeito? — perguntou Juárez impaciente.

Martín Sánchez estendeu algumas cartas e disse:

— Aqui está seu nome disfarçado, mas pelos sinais você o reconhecerá.

— Ótimo — replicou Juárez, depois de ler as cartas e guardá-las em seguida —, não se preocupe mais com ele, pois não vai mais libertar ninguém. O que mais você precisa?

— Armas, nada mais. Armas, porque só tenho algumas. Não necessito de muitas, porque vou conseguir outras com os bandidos que eu matar, mas para começar preciso de umas cem.

— Conte com elas. Amanhã vá até o Ministério da Guerra e tudo estará lá. Você me garante que vai acabar com os bandidos, certo?

— Vou deixar tudo em ordem, senhor.

— Ótimo! O senhor está prestando um grande serviço à pátria, porque hoje é necessário que o governo não se distraia. Devemos voltar todas as nossas atenções para a guerra estrangeira e para salvar a independência nacional.

— Confie em mim, senhor presidente.

— E muita consciência, senhor Sánchez. Você agora está dotado de faculdades extraordinárias, mas sempre com a condição de que atuará com justiça. A justiça antes de tudo. Somente a necessidade nos obriga a utilizar expedientes como esse, que carregam em si tamanha responsabilidade. Eu espero estar certo de dotar o senhor com esses poderes. Não vá fazer com que eu me arrependa.

— Que me fuzilem se eu não atuar com justiça — disse Martín. Juárez se levantou e estendeu a mão ao terrível justiceiro.

Eram dois homens de pequena estatura, um frente ao outro, um de fraque preto, como Juárez costumava se vestir; outro de jaqueta preta. Um moreno, com a típica pele de um índio puro; outro amarelado, um típico camponês mestiço. Os dois sérios, graves. Ao observá-los, qualquer um capaz de ver o futuro teria estremecido. Era a lei da saúde pública armando a honradez com o raio da morte.

A ALVORADA

Poucos dias depois dessa conversa, em uma manhã de dezembro, de clima ameno e doce na terra quente como uma manhã primaveril, o povoado de Yautepec despertava alvoroçado e alegre, como se estivesse pronto para uma festa.

Com efeito, todos aguardavam uma festa. Não uma festa religiosa ou pública, mas uma festa de família, uma festa íntima, esperada por todo o povoado.

Nicolás, o honradíssimo ferreiro de Atlihuayan, se casaria com a boa e bela Pilar, a pérola do povo por seu caráter, formosura e virtude.

Como já sabemos, esses dois jovens eram muito queridos por seus compatriotas.

Decidiram celebrar seu enlace com toda a solenidade possível. Desde muito cedo, quando a luz da aurora se espalhava por um céu sem nuvens, pelas montanhas, pelas hortas e pelo casario com seu manto brilhante e suave, o som dos sinos da igreja despertava a vizinhança, que pro-

duzia sons semelhante a alegres sonatas. Enquanto isso, fogos de artifício anunciavam a missa nupcial.

Nicolás era humilde e não desejava tanto alarde, mas as autoridades, o padre, os vizinhos, todos queriam demonstrar ao honrado trabalhador e sua bela esposa o amor com que os viam. A igreja, os altares e, especialmente, o altar-mor, no qual seria celebrado o casamento, estavam cheios de arcos e ramalhetes de flores. Todas as laranjeiras e os limoeiros de Yautepec, que se contam na casa das centenas de milhares, deram sua contribuição com flores para a decoração. Sem exagero, era possível dizer que nenhuma noiva no mundo jamais vira, no caminho de sua casinha em Yautepec até a igreja — e na própria igreja —, e na casinha na qual moraria em Atlihuayan, flores brancas tão simbólicas com tanta riqueza e tamanha profusão. Era uma verdadeira chuva de neve e aroma que rodeava o casal por todos os lados. Às sete da manhã, as flores apareceram radiantes na porta da casa de Pilar, a qual se dirigiu à igreja na companhia de seus padrinhos e de uma numerosa comitiva.

Na noite anterior, os dois celebraram o matrimônio civil frente a um renomado juiz, porque era o que as Leis

da Reforma²⁷ tinham acabado de estabelecer. Em Yautepec, como em todos os outros povos da República, aquilo era uma novidade. Nicolás, bom cidadão, respeitou a nova norma.

Nessa época, como ocorre hoje também, a festa ocorria depois do matrimônio religioso. Assim, os noivos se apresentaram diante do altar.

Nicolás vestido com esmero, mas sem ostentação, manifestava um semblante de alegria sincera, um sentimento de felicidade verdadeiro que resplandecia em sua feição doce e grave. Pilar estava encantadora. Sua beleza natural era realçada pelo vestido branco e elegante, pelo penteado em seus cabelos negros e sedosos, adornados com uma coroa nupcial, aquela que ela sempre gostou de fazer, não sabendo todavia, como ela mesma dizia, que usaria um enfeite daqueles no dia de seu próprio casamento.

Sentia que um espírito bom e protetor havia preparado para ela um destino feliz. Tinha fé naquele sentimento. Isso dava a seus dulcíssimos e lânguidos olhos algo que lembrava uma imagem celeste, um aspecto de santa, um olhar angelical.

27 As Leis da Reforma eram um conjunto de regras promulgadas após a Revolução Ayutla (1854-1855), a qual instaurou um governo liberal e buscava separar a Igreja do Estado. Entre essas mudanças estava a Lei do Registro Civil, de 1859, que retirava da Igreja o poder sobre o registro de nascimentos, casamentos e mortes.

O rubor natural produzido pelo momento e por ser o alvo de todos os olhares à sua volta, a timidez, o amor, aquelas pessoas, aquele altar cheio de velas e flores, o som do órgão, o murmúrio das rezas, o incenso que enchia a nave, tudo aquilo produzia nela intensas e diversas emoções. Sentia-se arrebatada por um mundo estranho, o mundo dos sonhos e da felicidade.

Apesar da perplexidade que a embargava, aquela boa jovem conseguiu dedicar um pensamento para a velha anciã a quem havia amado como a uma mãe, aquela infeliz mártir para qual acabara de cumprir luto e cujas bênçãos certamente a protegiam. Uma lágrima de ternura rolou por suas bochechas ao recordar da velha senhora e ao se lembrar da infeliz Manuela, por quem orou naquele momento tão feliz.

Por fim a missa terminou e os noivos, após receberem as felicitações de seus amigos e de todo o povoado, foram para sua casa na fazenda de Atlhuayan, aonde haviam convidado muitas pessoas de sua estima para tomarem parte em um modesto festim.

Às oito da manhã eles pegaram a estrada que levava até a fazenda. Uma cavalgada serviu de cortejo à carroça que levava os noivos, o padre e alguns amigos.

Um pouco antes de chegar ao local onde ficava a gigantesca figueira-brava onde sempre piava a coruja nas noites

em que passava El Zarco, quando este visitava Manuela à escondidas, a comitiva parou estupefata.

Ao pé da corpulenta árvore estava formada uma tropa de cavalaria, vestida de negro e com armas preparadas.

Ninguém esperava ver ali aquela força, que parecia saída da terra. O que poderia ser aquilo?

Era a tropa de Martín Sánchez Chagollán. Cem homens com o aspecto sombrio e terrível que já conhecemos.

Ao ver o cortejo nupcial, alegre e acompanhado por música, o comandante Martín Sánchez se adiantou até a carroça que trazia os noivos. Tirou o sombrero respeitosamente e disse para Nicolás:

— Bom dia, meu querido amigo Nicolás. Você certamente não esperava me ver e eu não esperava ter o gosto de saudá-lo e desejar-lhe mil felicidades, o mesmo para a senhora, que é um anjo. Vou explicar o motivo de minha presença aqui. Agora, minha tropa apresentará armas em sinal de respeito e carinho e lhes peço que continuem sua marcha sem parar até a fazenda. Eu irei para lá depois.

Martín Sánchez tinha o aspecto tão sereno e franco que Nicolás não suspeitou nada de sinistro. Assim, ele se contentou em dar-lhe um aperto de mão e apresentá-lo à sua esposa e às demais pessoas que estavam na carroça.

Nesse momento, uma mulher jovem, que todos logo reconheceram, abriu espaço entre os cavalos e veio correndo. Era Manuela. Arrastava-se, toda desgrenhada, tremendo, proferindo palavras irregulares com a voz rouca:

— Nicolás! Nicolás! Pilar, minha irmã... Socorro! Misericórdia! Tenham piedade de mim... Perdão! Perdão!

Nicolás e Pilar ficaram gelados de espanto.

— Mas o que é isso? O que está acontecendo? — gritou Pilar.

— É que... — disse Manuela —, é que... eles vão fuzilar El Zarco agorinha mesmo. Ele está amarrado ali, atrás dos cavalos... Vão matá-lo diante de mim! Perdão! Perdão, senhor Martín! Perdão, Nicolás! Ah, sinto que estou ficando louca!

Realmente, a fila de cavaleiros vestidos de preto ocultava a cena. Sentados em uma pedra e bem amarrados estavam El Zarco e El Tigre, a aguardar sua execução. Martín Sánchez, ao avistar a comitiva, e já sabendo que poderia se tratar de Nicolás, tentou ocultar os bandidos para evitar que os noivos presenciassem aquele espetáculo.

— Se eu soubesse que vocês passariam aqui a esta hora, creia Nicolás, teria levado esses bandidos para outro lugar, mas eu não sabia. A única coisa que sabia, e por isso estou aqui, é que esses perversos esperavam vocês e sua gente, portanto, você escapou de uma. Eu soube disso a tempo,

cavalguei dezesseis léguas e peguei os desgraçados ao amanhecer, aqui perto... Matei quase todos e vou enforcar El Zarco aqui e El Tigre em Xochimancas.

— Senhor Martín, rogo a você por quem você é... se puder, perdoe esse homem em nome desta pobre mulher.

— Senhor Nicolás — respondeu carrancudo o comandante —, você é meu senhor, obedeço às suas ordens e por você daria minha própria vida. Peça o que quiser e eu farei agora, mas por favor não peça para que eu perdoe um bandido, muito menos esses dois... O senhor sabe quem eles são... Assassinos desse tipo, sequestradores desse tipo são perigosíssimos... Estavam dispostos a matar o senhor! Tinham jurado! Queriam roubar sua esposa! Esse era o plano! Diga-me se é possível que eu os deixe com vida! Senhor Nicolás, siga seu caminho com todos esses senhores e deixe-me fazer justiça.

Pilar tremia da cabeça aos pés. Manuela, tomada pela loucura, correu em direção a El Zarco, a quem se abraçou, e seguia gritando palavra incoerentes.

— Nós não podemos nem ao menos levar Manuela? — perguntou Pilar.

— Se quiserem podem levá-la, mas essa mulher é perversa. Acabo de encontrar com ela uma sacola com as joias dos ingleses mortos em Alpuyecá... joias caríssimas! Ela não merece compaixão!

No entanto, por ordem de Martín Sánchez, um soldado procurou arrancar a jovem do lado de El Zarco, a quem abraçava com todas as forças. O esforço de Manuela foi em vão. O soldado a retirou de perto do bandido, que disse:

— Não me deixe, Manu, não me deixe!

— Não — respondeu Manuela —, morrerei contigo... Prefiro morrer a ver Pilar com essa coroa de flor de laranjeira ao lado de Nicolás, o índio ferreiro a quem abandonei para viver contigo...

— Vamos — disse o padre aos demais vizinhos apavorados. — Isso não tem remédio.

— Pilar se pôs a soluçar amargamente. Nicolás se despediu de Martín Sánchez.

— Senhor padre, o senhor poderia ficar, por favor. Talvez eles queiram se confessar.

— Sim, ficarei — disse o padre. — É meu dever.

E a comitiva nupcial, antes tão alegre, partiu feito o cortejo de um enterro, porém, apressadamente.

Quando estavam longe e já não havia nenhum morador do povoado por perto, Martín Sánchez perguntou a El Zarco e El Tigre se queriam se confessar.

El Zarco disse que sim e o padre imediatamente o ouviu e o absolveu. Já o Tigre perguntou para Martín Sánchez:

— Eu também vou morrer, senhor Martín?

— Sim, você também — respondeu este com terrível tranquilidade.

— Eu? — insistiu Tigre. — Fui eu que avisei você de tudo, eu que disse qual seria o caminho que faríamos, que teria um lenço vermelho no chapéu para você me identificar...

— Não tenho nada a ver com isso — respondeu Martín. — Não prometi nada. Pior para você, que morrerá como traidor dos seus. Vamos homens, fuzilem El Zarco e depois pendurem-no neste galho aqui.

El Zarco mal conseguia andar ou permanecer de pé. O terror havia tomado conta do bandido. Ergueu os olhos e, ao ver o galho no qual os soldados penduravam uma corda, murmurou:

— O galho onde cantou a coruja! Bem que eu disse! Adeus, Manu!

Manuela cobriu o rosto com as mãos. Os soldados colocaram El Zarco junto ao tronco e dispararam cinco tiros contra ele, mais o de misericórdia.

As roupas do bandido fumegaram, partes do crânio espirraram e o corpo convulsionado de El Zarco rolou no chão. Ele foi então pendurado no galho e lá ficou balançando. Manuela pareceu acordar de um sonho. Levantou-se e, sem ver o cadáver suspenso de seu amante, passou a gritar como se ainda estivesse diante da carroça com os noivos:

— Sim! Fique com a coroa, Pilar. Você quer se casar com o índio ferreiro, mas sou eu que tem a coroa de rosas... Eu não quero me casar, quero ser a concubina de El Zarco, um ladrão!

Nesse momento, ela olhou para cima e viu o corpo de El Zarco pendurado... Olhou então para os soldados, que devolveram a ela olhares de pena. Ela se virou para Martín Sánchez, para El Tigre, que estava inclinado e mudo, e depois levou as mãos ao coração. Com um grito agudo, caiu.

— Pobre mulher — disse Martín —, ficou louca! Levantem-na, nós a levaremos para Yautepec.

Dois soldados foram até ela, mas então notaram que havia vomitado sangue, seu corpo estava duro e frio. Comunicaram ao chefe:

— Senhor Martín, ela está morta!

— Pois enterrem-na então — disse Martín com ar sombrio —, e vamos concluir nossa tarefa.

Assim, a terrível tropa lúgubre seguiu seu desfile.





El Zarco

Ignacio Manuel Altamirano

YAUTEPEC

Yautepec es una población de tierra caliente, cuyo caserío se esconde en un bosque de verdura.

De lejos, ora se llegue de Cuernavaca por el camino quebrado de las Tetillas, que serpentea en medio de dos colinas rocallosas cuya forma les ha dado nombre, ora descienda de la fría y empinada sierra de Tepoztlán, por el lado Norte, o que se descubra por el sendero llano que viene del valle de Amilpas por el Oriente, atravesando las ricas y hermosas haciendas de caña de Cocoyoc, Calderón, Casasano y San Carlos, siempre se contempla a Yautepec como un inmenso bosque por el que sobresalen apenas las torrecillas de su iglesia parroquial.

De cerca, Yautepec presenta un aspecto original y pintoresco. Es un pueblo mitad oriental y mitad americano. Oriental, porque los árboles que forman ese bosque de que hemos hablado son naranjos y limoneros, grandes, frondosos, cargados siempre de frutos y de azahares que embalsaman la atmósfera con sus aromas embriagadores. Naranjos y

limoneros por donde quiera, con extraordinaria profusión. Diríase que allí estos árboles son el producto espontáneo de la tierra; tal es la exuberancia con que se dan, agrupándose, estorbándose, formando ásperas y sombrías bóvedas en las huertas grandes o pequeñas que cultivan todos los vecinos, y rozando con sus ramajes de un verde brillante y oscuro y cargados de pomos de oro los aleros de teja o de bálago de las casas. Mignon no extrañaría su patria, en Yautepec, donde los naranjos y limoneros florecen en todas las estaciones.

Verdad es que este conjunto oriental se modifica en parte por la mezcla de otras plantas americanas, pues los bananos suelen mostrar allí sus esbeltos troncos y sus anchas hojas, y los mameyes y otras zapotáceas elevan sus enhiestas copas sobre los bosquecillos, pero los naranjos y limoneros dominan por su abundancia. En 1854, perteneciendo todavía Yautepec al Estado de México, se hizo un recuento de estos árboles en esta población, y se encontró con que había más de quinientos mil. Hoy, después de veinte años, es natural que se hayan duplicado y triplicado. Los vecinos viven casi exclusivamente del producto de estos preciosos frutales, y antes de que existiera el ferrocarril de Veracruz, ellos surtían únicamente de naranjas y limones a la ciudad de México.

Por lo demás, el aspecto del pueblo es semejante al de todos los de las tierras calientes de la República. Algunas

casas de azotea pintadas de colores chillantes, las más de tejados oscuros y salpicados con las manchas cobrizas de la humedad, muchísimas de paja o de palmeras de la tierra fría, todas amplias, cercadas de paredes de adobe, de árboles o de piedras; alegres, surtidas abundantemente de agua, nadando en flores y cómodas, aunque sin ningún refinamiento moderno.

Un río apacible de linfas transparentes y serenas que no es impetuoso más que en las crecientes del tiempo de lluvias, divide el pueblo y el bosque, atravesando la plaza, lamiendo dulcemente aquellos cármes y dejándose robar sus aguas por numerosos apantles que las dispersan en todas direcciones. Ese río es verdaderamente el dios fecundador de la comarca y el padre de los dulces frutos que nos refrescan, durante los calores del estío, y que alegran las fiestas populares en México en todo el año.

La población es buena, tranquila, laboriosa, amante de la paz, franca, sencilla y hospitalaria. Rodeada de magníficas haciendas de caña de azúcar, mantiene un activo tráfico con ellas, así como con Cuernavaca y Morelos, es el centro de numerosos pueblecillos de indígenas, situados en la falda meridional de la cordillera que divide la tierra caliente del valle de México, y con la metrópoli de la República a causa de los productos de sus inmensas huertas de que hemos hablado.

En lo político y administrativo, Yautepec, desde que pertenecía al Estado de México, fue elevándose de un rango subalterno y dependiente de Cuernavaca, hasta ser cabecera de distrito, carácter que conserva todavía. No ha tomado parte activa en las guerras civiles y ha sido las más veces víctima de ellas, aunque ha sabido reponerse de sus desastres, merced a sus inagotables recursos y a su laboriosidad. El río y los árboles frutales son su tesoro; así es que los facciosos, los partidarios y los bandidos, han podido arrebatarle frecuentemente sus rentas, pero no han logrado mermar ni destruir su capital.

La población toda habla español, pues se compone de razas mestizas. Los indios puros han desaparecido allí completamente.

EL TERROR

Apenas acababa de ponerse el sol, un día de agosto de 1861, y ya el pueblo de Yautepec parecía estar envuelto en las sombras de la noche. Tal era el silencio que reinaba en él. Los vecinos, que regularmente en estas bellas horas de la tarde, después de concluir sus tareas diarias, acostumbraban siempre salir a respirar el ambiente fresco de las calles, o a tomar un baño en las pozas y remansos del río o a discurrir por la plaza o por las huertas, en busca de solaz, hoy no se atrevían a traspasar los dinteles de su casa, y por el contrario, antes de que sonara en el campanario de la parroquia el toque de oración, hacían sus provisiones de prisa y se encerraban en sus casas, como si hubiese epidemia, palpitando de terror a cada ruido que oían.

Y es que a esas horas, en aquel tiempo calamitoso, comenzaba para los pueblos en que no había una fuerte guarnición, el peligro de un asalto de bandidos con los horrores consiguientes de matanza, de raptos, de incendio y de exterminio. Los bandidos de la tierra caliente eran

sobre todo crueles. Por horrenda e innecesaria que fuere una crueldad, la cometían por instinto, por brutalidad, por el solo deseo de aumentar el terror entre las gentes y divertirse con él.

El carácter de aquellos plateados (tal era el nombre que se daba a los bandidos de esa época) fue una cosa extraordinaria y excepcional, una explosión de vicio, de crueldad y de infamia que no se había visto jamás en México.

Así, pues, el vecindario de Yautepec, como el de todas las poblaciones de la tierra caliente, vivía en esos tiempos siempre medroso, tomando durante el día la precaución de colocar vigías en las torres de sus iglesias, para que diesen aviso oportuno de la llegada de alguna partida de bandoleros a fin de defenderse en la plaza, en alguna altura, o de parapetarse en sus casas. Pero durante la noche, esa precaución era inútil, como también lo era el apostar escuchas o avanzadas en las afueras de la población, pues se habría necesitado ocupar para ello a numerosos vecinos inermes que, aparte del riesgo que corrían de ser sorprendidos, eran insuficientes para vigilar los muchos caminos y veredas que conducían al poblado y que los bandidos conocían perfectamente.

Además, hay que advertir que los plateados contaban siempre con muchos cómplices y emisarios dentro de las poblaciones y de las haciendas, y que las pobres autoridades, acobardadas por falta de elementos de defensa, se veían obligadas,

cuando llegaba la ocasión, a entrar en transacciones con ellos, contentándose con ocultarse o con huir para salvar la vida.

Los bandidos, envalentonados en esta situación, fiados en la dificultad que tenía el gobierno para perseguirlos, ocupado como estaba en combatir la guerra civil, se habían organizado en grandes partidas de cien, doscientos y hasta quinientos hombres, y así recorrían impunemente toda la comarca, viviendo sobre el país, imponiendo fuertes contribuciones a las haciendas y a los pueblos, estableciendo por su cuenta peajes en los caminos y poniendo en práctica todos los días, el plagio, es decir, el secuestro de personas, a quienes no soltaban sino mediante un fuerte rescate. Este crimen, que más de una vez ha sembrado el terror en México, fue introducido en nuestro país por el español Cobos, jefe clerical de espantosa nombradía y que pagó al fin sus fechorías en el suplicio.

A veces los plateados establecían un centro de operaciones, una especie de cuartel general, desde donde uno o varios jefes ordenaban los asaltos y los plagios y dirigían cartas a los hacendados y a los vecinos acomodados pidiendo dinero, cartas que era preciso obsequiar so pena de perder la vida sin remedio. Allí también solían tener los escondites en que encerraban a los plagiados, sometiéndolos a los más crueles tormentos.

Por el tiempo de que estamos hablando, ese cuartel general de bandidos se hallaba en Xochimancas, hacienda antigua y arruinada, no lejos de Yautepec y situada a propósito para evitar una sorpresa.

Semejante vecindad hacía que los pueblos y haciendas del distrito de Yautepec se encontrasen por aquella época bajo la presión de un terror constante.

De manera que así se explica el silencio lúgubre que reinaba en Yautepec en esa tarde de un día de agosto y cuando todo incitaba al movimiento y a la sociabilidad, no habiendo llovido, como sucedía con frecuencia en este tiempo de aguas, ni presentado el cielo aspecto alguno amenazador. Al contrario, la atmósfera estaba limpia y serena; allá en los picos de la sierra de Tepoztlán, se agrupaban algunas nubes teñidas todavía con algunos reflejos violáceos; más allá de los extensos campos de caña que comenzaban a oscurecerse, y de las sombrías masas de verdura y de piedra que señalaban las haciendas, sobre las lejanas ondulaciones de las montañas, comenzaba a aparecer tenue y vaga la luz de la luna, que estaba en su llena.

LAS DOS AMIGAS

En el patio interior de una casita pobre pero de graciosa apariencia, que estaba situada a las orillas de la población y en los bordes del río, con su respectiva huerta de naranjos, limoneros y plataneros, se hallaba tomando el fresco una familia compuesta de una señora de edad y de dos jóvenes muy hermosas, aunque de diversa fisonomía.

La una como de veinte años, blanca, con esa blancura un poco pálida de las tierras calientes, de ojos oscuros y vivaces y de boca encarnada y risueña, tenía algo de soberbio y desdeñoso que le venía seguramente del corte ligeramente aguileño de su nariz, del movimiento frecuente de sus cejas aterciopeladas, de lo erguido de su cuello robusto y bellissimo o de su sonrisa más bien burlona que benévola. Estaba sentada en un banco rústico y muy entretenida en enredar en las negras y sed osas madejas de sus cabellos una guirnalda de rosas blancas y de caléndulas rojas.

Diríase que era una aristócrata disfrazada y oculta en aquel huerto de la tierra caliente. Marta o Nancy que

huía de la corte para tener una entrevista con su novio. La otra joven tendría diez y ocho años; era morena; con ese tono suave y delicado de las criollas que se alejan del tipo español, sin confundirse con el indio, y que denuncia a la hija humilde del pueblo. Pero en sus ojos grandes, y también oscuros, en su boca, que dibujaba una sonrisa triste siempre que su compañera decía alguna frase burlona, en su cuello inclinado, en su cuerpo frágil y que parecía enfermizo, en el conjunto todo de su aspecto, había tal melancolía que desde luego podía comprenderse que aquella niña tenía un carácter diametralmente opuesto al de la otra.

Ésta colocaba también lentamente y como sin voluntad en sus negras trenzas, una guirnalda de azahares, sólo de azahares, que se había complacido en cortar entre los más hermosos de los naranjos y limoneros, por cuya operación se había herido las manos, lo que le atraía las chanzonetas de su amiga.

— Mira, mamá — dijo la joven blanca, dirigiéndose a la señora mayor que cosía sentada en una pequeña silla de paja, algo lejos del banco rústico —, mira a esta tonta, que no acabará de poner sus flores en toda la tarde; ya se lastimó las manos por el empeño de no cortar más que los azahares frescos y que estaban más altos, y ahora no puede ponérselos en las trenzas ... Y es que a toda costa quiere casarse, y pronto.

— ¿Yo? — preguntó la morena alzando tímidamente los ojos como avergonzada.

— Sí, tú — replicó la otra —, no lo disimules; tú sueñas con el casamiento; no haces más que hablar de ello todo el día, y por eso escoges los azahares de preferencia. Yo no, yo no pienso en casarme todavía, y me contento con las flores que más me gustan. Además, con la corona de azahares parece que va una a vestirse de muerta. Así entierran a las doncellas.

— Pues tal vez así me enterrarán a mí — dijo la morena —, y por eso prefiero estos adornos.

— ¡Oh!, niñas, no hablen de esas cosas — exclamó la señora en tono de reprensión —. Estan los tiempos como están y hablar ustedes de cosas tristes, es para aburrirse. Tú, Manuela — dijo dirigiéndose a la joven altiva —, deja a Pilar que se ponga las flores que más le cuadren y ponte tú las que te gustan. Al cabo, las dos están bonitas con ellas ... y como nadie las ve — añadió, dando un suspiro.

— ¡Esa es la lástima! — dijo con expresivo acento Manuela —. Esa es la lástima — repitió —, que si pudiéramos ir a un baile o siquiera asomamos a la ventana ... ya veríamos...

— Bonitos están los tiempos — exclamó amargamente la señora —, lindos para andar en bailes o asomarse por las ventanas. ¿Para qué queríamos más fiesta? ¡Jesús nos ampare! ¡Con qué trabajos tenemos para vivir escondidas y sin que

sepan los malditos plateados que existimos! No veo la hora de que venga mi hermano de México y nos lleve aunque sea a pie. No puede vivirse ya en esta tierra. Me voy a morir de miedo un día de éstos. Ya no es vida. Señor, ya no es vida la que llevamos en Yautepec. Por la mañana, sustos si suena la campana, y a esconderse en la casa del vecino o en la iglesia. Por la tarde, apenas se come de prisa, nuevos sustos si suena la campana o corre la gente; por la noche, a dormir con sobresalto, a temblar a cada tropel, a cada ruido, a cada pisada que se oye en la calle, y a no pegar los ojos en toda la noche si suenan tiros o gritos. Es imposible vivir de esta manera; no se habla más que de robos y asesinatos: que ya se llevaron al monte a don fulano; que ya apareció su cadáver en tal barranca o en tal camino; que hay zopilotería en tal lugar; que ya se fue el señor cura a confesar a fulano que está mal herido; que esta noche entra Salomé Plasencia; que se escondan las familias, que ahí viene el Zarco o Palo seco; y después: que ahí viene la tropa del gobierno, fusilando y amarrando a los vecinos. Díganme ustedes si esto es vida; no: es el infierno ...; yo estoy mala del corazón.

La señora concluyó así, derramando gruesas lágrimas, su terrible descripción de la vida que llevaba, y que por desgracia no era sino muy exacta, y aun pálida en comparación de la realidad.

Manuela, que se había puesto encendida cuando oyó hablar del Zarco, se conmovió al oír que la buena señora se quejaba de estar mala del corazón.

— Mamá, tú no me habías dicho que estabas mala del corazón. ¿Te duele de veras? ¿Estás enferma? — le preguntó acercándose con ternura.

— No, hija, enferma no; no tengo nada, pero digo que semejante vida me aflige, me entristece, me desespera y acabará por enfermarme realmente. Lo que es enfermedad, gracias a Dios que no tengo, y ésa es al menos una fortuna que nos ha quedado en medio de tantas desgracias que nos han afligido desde que murió tu padre. Pero al fin, con tantas zozobras, con tantos sustos diarios, con el cuidado que tú me causas, tengo miedo de perder la salud, y en esta población, y teniéndote a ti ... Todos me dicen: Doña Antonia, esconda usted a Manuelita o mándela usted mejor a México o a Cuernavaca. Aquí está muy expuesta, es muy bonita, y si la ven los plateados, si algunos de sus espías de aquí les dan aviso, son capaces de caer una noche en la población y llevársela. ¡Jesús me acompañe! Todos me dicen esto; el señor cura mismo me lo ha aconsejado; el prefecto, nuestros parientes, no hay un alma bendita que no me diga todos los días lo mismo, y yo estoy sin consuelo, sin saber qué hacer ..., sola ..., sin más medios de qué vivir que esta huerta de mis

pecados, que es la que me tiene aquí, y sin otro amparo que mi hermano a quien ya acabo a cartas, pero que se hace el sordo. Ya ves, hija mía, cuál es la espina que tengo siempre en el corazón y que no me deja ni un momento de descanso. Si mi hermano no viniera, no nos quedaría más que un recurso para libertarnos de la desgracia que nos está amenazando.

— ¿Cuál es, mamá? — preguntó Manuela sobresaltada.

— El de casarte, hija mía — respondió la señora con acento de infinita ternura. — ¿Casarme? ¿y con quién?

— ¿Cómo con quién? — replicó la madre, en tono de dulce reconvención. — Tú sabes muy bien que Nicolás te quiere, que se consideraría dichoso si le dijeras que sí, que el pobrecito hace más de dos años que viene a vernos día con día, sin que le estorben ni los aguaceros ni los peligros, ni tus desaires tan frecuentes y tan injustos, y todo porque tiene esperanzas de que te convenzas de su cariño, de que te ablandes, de que consientas en ser su esposa ...

— ¡Ah!, en eso habíamos de acabar, mamacita — interrumpió vivamente Manuela, que desde las últimas palabras de la señora no había disimulado su disgusto —; debí haberlo adivinado desde el principio; siempre me hablas de Nicolás; siempre me propones el casamiento con él, como el único remedio de nuestra mala situación, como si no hubiera otro ...

— ¿Pero cuál otro, muchacha?

— El de irnos a México con mi tío, el de vivir como hasta aquí, escondiéndonos cuando hay peligro.

— ¿Pero tú ves que tu tío no viene, que nosotras no podemos irnos solas a México, que confiarnos a otra persona es peligrosísimo en estos tiempos en que los caminos están llenos de plateados, que podrían tener aviso y sorprendernos ... porque se sabría nuestro viaje con anticipación?

— Y yéndonos con mi tío ¿no tendríamos el mismo riesgo? — objetó la joven reflexionando.

— Tal vez, pero él tiene interés en nosotras, somos de su familia y procuraría acompañarse de hombres resueltos, quizás aprovecharía el paso de alguna fuerza del gobierno, o la traería de México o de Cuernavaca; guardaría el debido secreto sobre nuestra salida. En fin, la arriesgaría de noche atravesando por Totolapam o por Tepoztlán; de todos modos, con él iríamos más seguras. Pero ya lo ves, no viene, ni siquiera responde a mis cartas. Sabrá seguramente cómo está este rumbo, y mi cuñada y sus hijos no lo dejarán exponerse. El hecho es que no podemos tener esperanzas en él.

— Pues entonces, mamá, seguiremos como hasta aquí, que éstas no son penas del infierno; algún día acabarán, y mejor me quedaré para vestir santos ...

— ¡Ojalá que ese fuera el único peligro que corrieras, el de quedarte para vestir santos! — contestó la señora

con amargura —; pero lo cierto es que no podemos seguir viviendo así en Yautepec. Estas no son penas del infierno, efectivamente, y aun creo que se acabarán pronto, pero no favorablemente para nosotras. Mira — añadió bajando la voz con cierto misterio —, me han dicho que desde que los plateados han venido a establecerse en Xochimancas, y que estamos más inundados que nunca en este rumbo, han visto muchas veces a algunos de ellos, disfrazados, rondar nuestra calle de noche: que ya saben que tú estás aquí, aunque no sales ni a misa; qué han oído mentar tu nombre entre ellos: que los que son sus amigos aquí, han dicho varias veces: Manuelita ha de parar con los plateados. Un día de estos, Manuelita ha de ir a reamanecer en Xochimancas, con otras palabras parecidas. Mis comadres, mis parientes, ya te conté, el señor cura mismo me ha encontrado y me ha dicho: Doña Antonia, pero ¿en qué piensa usted que no ha transportado ya a Manuelita a Cuernavaca o a Cuautla, a alguna hacienda grande? Aquí corre mucho riesgo con los malos. Sáquela usted, señora, sáquela usted, o escóndala debajo de la tierra, porque si no, va usted a tener una pesadumbre un día de estos. Ya cada consejo que me dan, me clavan un puñal en el pecho. Ya verás tú si podemos vivir de este modo aquí.

— Pero mamá, si esos son chismes con que quieren asustar a usted. Yo no he visto ningún bulto en nuestra calle

de noche, una que otra vez que suelo asomarme y eso de que vinieran los plateados a robarme alguna vez, ya usted verá que es difícil; habíamos de tener tiempo de saberlo, de oír algún tropel y podríamos evitarlo fácilmente, huyendo por la huerta hasta la plaza. Desengañese usted; no contando conmigo, me parece imposible. Sólo que me sorprendieran en la calle, pero como no salgo, ni siquiera voy a misa, sino que me estoy encerrada a piedra y lodo, ¿dónde me habían de ver?

— ¡Ay! ¡No, Manuela! Tú eres animosa porque eres muchacha, y ves las cosas de otro modo; pero yo soy vieja, tengo experiencia, veo lo que está pasando y que no había visto yo nunca en los años que tengo de edad, y creo que estos hombres son capaces de todo. Si yo supiera que había aquí tropas del gobierno o que el vecindario tuviera armas para defenderse, estaría yo más tranquila, pero ya tú bien ves que hasta el prefecto y el alcalde se van al monte cuando aparecen los plateados, que el vecindario no sabe qué hacer, que si hasta ahora no han asaltado la población es porque se les ha mandado el dinero que han pedido, que hasta yo he contribuido con lo que tenía de mis economías a dar esa cantidad; que no tenemos más refugio que la iglesia o la fuga en lo más escondido de las huertas; ¿qué quieres que hagamos, si un día se vienen a vivir aquí esos bandidos, como han

vivido en Xantetelco y como viven hoy en Xochimancas? ¿No ves que hasta los hacendados les mandan dinero para poder trabajar en sus haciendas? ¿No sabes que les pagan el peaje para poder llevar su cargamento a México? ¿No sabes que en las poblaciones grandes como Cuautla y Cuernavaca sólo los vecinos armados son los que se defienden? ¿Tú piensas, quizás, que estos bandidos andan en partidas de diez o de doce? Pues no: andan en partidas de a trescientos y quinientos hombres: hasta traen sus músicas y cañones, y pueden sitiar a las haciendas y a los pueblos. El gobierno les tiene miedo, y estamos aquí como moros sin señor.

— Bueno — replicó Manuelita, no dándose por vencida —, y aun, suponiendo que así sea, mamá, ¿qué lograríamos casándome con Nicolás?

— ¡Ah, hija mía!, lograríamos que tomaras estado y que te pusieras bajo el amparo de un hombre de bien.

— Pero si ese hombre de bien no es más que el herrero de la hacienda de Atlihuayan, y si el mismo dueño de la hacienda, que está en México, y que es un señorón, no puede nada contra los plateados ¿qué había de poder el herrero, que es un pobre artesano? — dijo Manuela, alargando un poco su hermoso labio inferior con un gesto de desdén.

— Pues aunque es un pobre artesano, ese herrero es todo un hombre. En primer lugar, casándote, ya estarías

bajo su potestad, y no es lo mismo una muchacha que no tiene otro apoyo que una débil vieja como yo, de quien todos pueden burlarse, que una mujer casada que cuenta con un marido, que tiene fuerzas para defenderla, que tiene amigos, muchos amigos armados en la hacienda, que pelearían a su lado hasta perder la vida. Nicolás es valiente; nunca se han atrevido a atacarlo en los caminos; además sus oficiales de la herrería y sus amigos del real lo quieren mucho. En Atlihuayan no se atreverían los plateados a hacerte nada, yo te lo aseguro. Estos ladrones, después de todo, sólo acometen a las poblaciones que tienen miedo y a los caminantes desamparados, pero no se arriesgan con los que tienen resolución. En segundo lugar, si tú no querías estar por aquí, Nicolás ha ganado bastante dinero con su trabajo, tiene su ahorros; su maestro, que es un extranjero que lo dejó encargado de la herrería de la hacienda, está en México, lo quiere mucho, y podríamos irnos a vivir allá mientras que pasan estos malos tiempos.

— ¡No!, ¡nunca, mamá! — interrumpió bruscamente Manuela —, estoy decidida; no me casaré nunca con ese indio horrible a quien no puedo ver ... Me choca de una manera espantosa, no puedo aguantar su presencia ... Prefiero cualquier cosa a juntarme con ese hombre ... Prefiero a los plateados — añadió con altanera resolución.

— ¿Sí? — dijo la madre, arrojando su costura, indignada —, ¿prefieres a los plateados? Pues mira bien lo que dices, porque si no quieres casarte honradamente con un muchacho que es un grano de oro de honradez, y que podría hacerte dichosa y respetada, ya te morderás las manos de desesperación cuando te encuentres en los brazos de esos bandidos, que son demonios vomitados del infierno. Yo no veré semejante cosa, no Dios mío; yo me moriré antes de pesadumbre y de vergüenza — añadió derramando lágrimas de cólera.

Manuela se quedó pensativa. Pilar se acercó a la pobre vieja para consolada.

— Mira tú — dijo ésta a la humilde joven morena que había estado escuchando el diálogo de madre e hija, en silencio —; tú que eres mi ahijada, que no me debes tanto como esta ingrata no me darías semejante pesar.

Luego, después de un momento de silencio embarazoso para las tres, la señora dijo con marcado acento de ironía y de despecho.

— ¡Indio horrible! No parece sino que esta presumida no merece más que un San Luis Gonzaga. ¿De dónde te vienen tantos humos a ti que eres una pobre muchacha, aunque tengas, por la gracia de Nuestro Señor, esa carita blanca y esos ojos que tanto te alaban los tenderos de Yautepec? Eres tan entonada que cualquiera diría que eras dueña de hacienda.

Ni tu padre ni yo te hemos dado esas ideas. Tu crianza ha sido humilde. Te hemos enseñado a amar la honradez, no la figura ni el dinero; la figura se acaba con las enfermedades o con la edad, y el dinero se va como vino; sólo la honradez es un tesoro que nunca se acaba. ¡Indio horrible!, ¡un pobre artesano! Pero ese indio horrible, ese pobre herrero es un muchacho de buenos principios, que ha comenzado por ser un pobrecito huérfano de Tepoztlán, que aprendió a leer y a escribir desde chico, que después se metió a la fragua, y que a la edad en que todos regularmente no ganan más que un jornal, él es ya maestro principal de la herrería, y es muy estimado hasta de los ricos, y tiene muy buena fama y ha conseguido lo poco que tiene, gracias al sudor de su frente y a su honradez. Eso en cualquiera tiempo, pero más ahora y principalmente por este rumbo, es una gloria que pocos tienen. Tal vez no hay muchacho aquí que se pueda comparar con él. Dime Pilar, ¿tengo yo razón?

— Sí, madrina — contestó la modesta joven —, tiene usted sobrada razón. Nicolás es un hombre muy bueno, muy trabajador, que quiere muchísimo a Manuela, que sería un marido como pocos, que le daría gusto en todo. Yo siempre se lo estoy diciendo a mi hermana. Además, yo no lo encuentro horrible ...

— ¡Qué horrible va a ser! — exclamó la señora —, sino que esta tonta, como no lo quiere, le pone defectos como si

fuera un espantajo. Pero Nicolás es un muchacho como todos y no tiene nada que asuste. No es blanco, ni español, ni anda relumbrando de oro y de plata como los administradores de las haciendas o como los plateados, ni luce en los bailes y en las fiestas. Es quieto y encogido, pero eso me parece a mí que no es un defecto.

— Ni a mí — añadió Pilar.

— Bueno, Pilar — dijo Manuela —, pues si a ti te gusta tanto, ¿por qué no te casas tú con él?

— ¿Yo? — respondió Pilar, poniéndose primero pálida y luego encarnada hasta llorar —, ¿yo, hermana?, ¿pero por qué me dices eso? Yo no me caso con él porque no es a mí a quien él quiere, sino a ti.

— ¿De modo que si te pretendiera le corresponderías? — preguntó sonriéndose malignamente la implacable Manuela.

Pilar iba quizás a responder, pero en ese instante llamaron a la puerta de un modo tímido.

— Es Nicolás — dijo la señora —; ve a abrirle, Pilar.

La humilde joven, todavía confusa y encarnada, quitó apresuradamente de sus cabellos la guirnalda de azahares y la colocó en el banco.

— ¿Por qué te quitas esas flores? — le preguntó Manuela arrojando a su vez apresuradamente las rosas y caléndulas que se había puesto.

— Me las quito porque son flores de novia, y yo no soy aquí la novia — respondió tristemente, aunque un poco picada, Pilar. — Y tú, ¿por qué te quitas las tuyas?

— Yo, porque no quiero parecer bonita a ese indio, hombre de bien, que merece un relicario.

Pilar fue a abrir la puerta, con todas las precauciones que se tomaban en ese tiempo en Yautepec.

NICOLÁS

Quien hubiera oído hablar a Manuela en tono tan despreciativo, como lo había hecho, del herrero de Atlihuayan, se habría podido figurar que era un monstruo, un espantajo repugnante que no debiese inspirar más que susto o repulsión.

Pues bien: se habría engañado. El hombre que después de atravesar las piezas de habitación de la casa, penetró hasta el patio en que hemos oído la conversación de la señora mayor y de las dos niñas, era un joven trigueño, con el tipo indígena bien marcado, pero de cuerpo alto y esbelto, de formas hercúleas, bien proporcionado y cuya fisonomía inteligente y benévola predisponía desde luego en su favor. Los ojos negros y dulces, su nariz aguileña, su boca grande, provista de una dentadura blanca y brillante, sus labios gruesos, que sombreaba apenas una barba naciente y escasa daban a su aspecto algo de melancólico, pero de fuerte y varonil al mismo tiempo. Se conocía que era un indio, pero no un indio abyecto y servil, sino un hombre culto, ennoblecido

por el trabajo y que tenía la conciencia de su fuerza y de su valer. Estaba vestido no como todos los dependientes de las haciendas azucareras, con chaqueta de dril de color claro, sino con una especie de blusa de lanilla azul como los marineros, ceñida a la cintura con un ancho cinturón de cuero, lleno de cartuchos de rifle, porque en ese tiempo todo el mundo tenía que andar armado y apercebido para la defensa; además, traía calzoneras con botones oscuros, botas fuertes, y se cubría con un sombrero de fieltro gris de anchas alas, pero sin ningún adorno de plata. Se conocía en fin, que de propósito intentaba diferenciarse, en el modo de arreglar su traje, de los bandidos que hacían ostentación exagerada de adornos de plata en sus vestidos, y especialmente en sus sombreros, los que les había valido el nombre con que se conocían en toda la República.

Nicolás acostumbraba, en sus visitas diarias a la familia de Manuela, dejar su caballo y sus armas en una casa contigua, para partir luego que cerraba la noche a la hacienda de Atlihuahuan, distante menos de una milla de Yautepec.

Después de los saludos de costumbre, Nicolás fue a sentarse junto a la señora en otro banco rústico, y notando que a los pies de Manuela estaban regadas en desorden las rosas que ésta había desprendido de sus cabellos, le preguntó:

— Manuelita, ¿por qué ha tirado usted tantas flores?

— Estaba yo haciendo un ramillete — respondió secamente Manuela —, pero me fastidié y las he arrojado.

— ¡Y tan lindas! — dijo Nicolás inclinándose para recoger algunas, lo que Manuelita vio hacer con marcado disgusto —. ¡Usted siempre descontenta! — añadió tristemente.

— ¡Pobre de mi hija! Mientras estemos en Yautepec y encerradas — dijo la madre — no podemos tener un momento de gusto.

— Tienen ustedes razón — replicó Nicolás —. ¿Y su hermano de usted ha escrito?

— Nada, ni una carta; no hemos tenido ni razón de él. Ya me desespero ... Y ¿qué nuevas noticias nos trae usted ahora, Nicolás?

— Ya sabe usted, señora — dijo Nicolás con aire sombrío —, las de siempre ..., plagios, asaltos, crímenes por donde quiera, no hay otra cosa. Antier se llevaron los plateados de Xochimancas al purgador de la hacienda de San Carlos. Ayer, en la mañana, se llevó otra partida al ayudante de campo, que había salido a la tranca de la hacienda nada más; después mataron a unos arrieros que iban de Cocoyoc al camino de México.

— ¡Misericordia de Dios! — exclamó la señora —; si no es posible vivir ya en este rumbo. Si yo estoy desesperada y no sé cómo salir de aquí ...

— A propósito — continuó Nicolás —; si usted insiste, señora, en su deseo de irse a México, y ya que ha rehusado usted mis servicios para acompañarla, pronto se le ofrecerá a usted una oportunidad.

— ¿Sí? ¿Cómo? — preguntó con ansiedad la señora.

— Hemos sabido que debía haber llegado aquí esta mañana una fuerza de caballería del gobierno, porque salió de Cuernavaca con esta dirección ayer en la tarde, y durmió en Xiutepec; pero al amanecer recibió orden de ir a perseguir a una partida de bandidos que en la misma noche asaltó a una familia rica extranjera, que se dirigía a Acapulco, acompañada de algunos mozos armados. Parece que, precisamente para ver si escapaba de los ladrones, esa familia salió de Cuernavaca ya de noche y caminaba aprisa para llegar hoy temprano a Puente de Ixtla o San Gabriel. Pero cerca de Alpuyeca la estaba esperando una partida de plateados. Los extranjeros que iban con la familia se defendieron, pero los mozos hicieron traición y se pasaron con los bandidos, de modo que los pobres extranjeros quedaron allí muertos con su familia, que también pereció.

— ¡Jesús!, ¡qué horror! — exclamaron le señora y Pilar, mientras que Manuela palideció ligeramente y se puso pensativa.

— Parece que fue una cosa espantosísima — continuó Nicolás—. Ahí aman— ecieron tirados los cadáveres, nomás los cadáveres, porque los bandidos se llevaron, naturalmente, los equipajes, las mulas, los caballos y todo. ¡La noticia llegó a Cuernavaca muy temprano, los vecinos de Alpuyeca trajeron después en camillas a los muertos, entre los que había niños. Ahí tienen ustedes el porqué la fuerza del gobierno, que venía para acá, recibió orden de dirigirse, en combinación con otra que salió de Cuernavaca, en perse— cución de los bandidos.

— ¿Y los cogerán? ¿Usted cree que los cogerán, Nicolás? — preguntó la señora.

— No — respondió con intensa amargura el honrado joven —, no cogerán a nadie. Son pocos en comparación con los plateados, que deben haberse refugiado en Xochimancas. Solamente allí tienen más de quinientos hombres, bien montados y armados, sin contar con las muchas partidas que andan en todos los caminos. Además, ya estamos acostumbrados a estos vanos alardes. Cuando se comete un robo de consideración o se asalta a personas distinguidas, se hace escándalo; el gobierno de México manda órdenes terribles a las autoridades de por aquí; éstas ponen en movimiento sus pequeñas fuerzas, en que hay muchos cómplices de los bandidos y que les dan aviso oportunamente. Se hace ruido una semana o dos y todo acaba allí. Entre tanto,

nadie hace caso de los robos, de los asaltos, de los asesinatos que se cometen diariamente en todo el rumbo, porque las víctimas son infelices que no tienen nombre ni nada que llame la atención.

— ¡Ay Dios, Nicolás — dijo con interés la señora — , y usted que se arriesga todas las tardes para venir de Atlihuayan, sólo por vemos! Yo le ruego a usted que no lo haga ya.

— ¡Ah!, no, señora — respondió Nicolás sonriendo tranquilamente —; en cuanto a mí, pierda usted cuidado. Yo soy pobre, nada tienen que robarme. Además, la distancia de Atlihuayan a acá es muy corta, nada arriesgo verdaderamente con venir.

— ¡Cómo no ha de arriesgar usted! — repuso la señora — ; en primer lugar, aunque usted es pobre, se sabe que es usted un artesano honrado y económico, que es el maestro de la herrería de Atlihuayan, y deben suponer que tiene usted algo guardado; luego, aunque no fuera más que porque monta usted buenos caballos y porque tiene buenas armas ...

— ¡Oh, señora! — exclamó riendo Nicolás — , por lo que yo puedo tener guardado no vale la pena que me ataquen esos señores; porque ellos se arriesgan por mayores intereses. Por otra parte, saben muy bien que yo no me dejaría plagiar. No es eso fanfarronada, pero la verdad es, señora, que vale más morir de una vez que sufrir las mil muertes que tienen

los plagiados. Ya habrá usted oído contar lo que les hacen. Pues bien, la mejor manera de escapar de esos tormentos, es defenderse hasta morir. Siquiera de ese modo se les hace pagar caro su triunfo y se salva la dignidad del hombre — añadió con varonil orgullo.

— ¡Ah!, si todos pensaran así — dijo la señora — , si todos se resolvieran a defenderse, no habría bandidos ni necesitaríamos de las fuerzas del gobierno, ni viviríamos aquí muertos de miedo, temblando como pájaros azorados.

— Es verdad, señora; así debía ser, y no se necesita para ello más que un poco de sangre fría. Vea usted; en Atlihuayan todos estaban atemorizados cuando comenzaron a inundar esto los bandidos, y no sabían qué partido tomar. Pero antes de que comenzaran a pisarnos la sombra, los maquinistas de la hacienda y los herreros nos reunimos y determinamos comprar buenos caballos y armarnos bien, decidiendo defendernos siempre unidos, aunque fuésemos pocos. Tan luego como se supo nuestra resolución, el administrador y los dependientes se unieron también a nosotros, y como la gran ventaja que tienen los plateados para amenazar a las haciendas y a los pueblos, consiste en que tienen siempre emisarios y cómplices entre los vecinos, se dispuso arrojar de la hacienda al que se hiciera sospechoso de estar en connivencia con los bandidos. De ese modo, todos los trabajadores de Atlihuayan

son fieles y nos ayudan; la hacienda está bien armada y no tenemos más peligro que el de que incendien los bandidos los campos de caña. Pero vigilando mucho, y todas las noches, puede evitarse ese mal en cuanto sea posible. Ya han pedido dinero al hacendado; ya lo han amenazado de quemar la hacienda, pero no se les ha hecho caso. A nosotros también nos han escrito cartas, pidiéndonos dinero, pero no les hemos contestado. A mí, particularmente, sé que me aborrecen; que hay algunos que han ofrecido matarme, y no sé por qué, pues yo no he hecho mal a nadie, ni a los bandidos; será seguramente porque saben que estoy resuelto a defenderme y que mis oficiales lo están también. Pero no tengo cuidado, y sigo como hasta aquí, sin que nadie me haya atacado en los caminos.

— Pero usted anda siempre solo, Nicolás — dijo la señora — , y eso es una temeridad.

— Cuando puedo me acompaño, por ejemplo, cuando tengo que ir a una hacienda algo lejana ..., pero para venir aquí no creo que haya necesidad de compañía. Pero a todo esto, lo que más me importa es tratar de la salida de ustedes. Decía yo que la fuerza que venía a Yautepec se entretiene hoy en perseguir a los asaltantes del camino de Alpuyecá, que ya estarán en sus guaridas. Por consiguiente, la fuerza regresará a Cuernavaca y saldrá después para acá. Es tiempo

de aprovechar la ocasión y pueden ustedes prepararse para la marcha.

— Ya se ve — dijo la señora — y desde luego vamos a alistarnos. Gracias, Nicolás, por la noticia, y espero que usted venga a vemos como siempre para comunicamos algo nuevo y para que me haga usted el favor de quedarse con mis encargos ... ¡no tengo hombre de confianza más que usted!

— Señora, ya sabe usted que estoy a sus órdenes en todo, y que puede usted ir tranquila respecto de sus cosas, pues me quedo aquí.

— Ya lo sé, ya lo sé, y lo espero a usted mañana, como siempre. Ahora es tiempo de que usted se vaya, es ya de noche y tiemblo de que le suceda a usted algo en este caminito de Yautepec a la hacienda, tan corto, pero tan peligroso ... ¡Adiós! — dijo estrechando la mano de Nicolás, que fue a despedirse en seguida de Manuela, que le alargó la mano fríamente, y de Pilar, que lo saludó con su humilde timidez de costumbre.

Cuando se oyó en la calle el trote del caballo que se alejaba, la señora, que se había quedado triste y callada, suspiró dolorosamente.

— La única pena que tendré — dijo — alejándome de este rumbo, será dejar en él a este muchacho, que es el solo protector que tenemos en la vida. ¡Con qué gusto lo vería yo como mi yerno!

— ¡Y dale, con el yerno, mamá! — dijo Manuela acercándose a la pobre señora y abrazándola cariñosamente — . ¡No piense en eso! Ya vamos a salir de aquí y tendrá otro yerno mejor.

— Este te ofrece un amor honrado — dijo la señora.

— Pero no un amor de mi gusto — replicó frunciendo las cejas y sonriendo, la hermosa joven.

— Dios quiera que nunca te arrepientas de haberlo rechazado.

— No, mamá, de eso sí puede usted estar segura. Nunca me arrepentiré. ¡Si el corazón se va adonde quiere ..., no adonde lo mandan! — añadió lentamente y con risueña gravedad ayudando a la señora a levantarse de su taburete.

La noche había cerrado, en efecto; el rocío, tan abundante en las tierras calientes, comenzaba a caer; las sombras de la arboleda de la huerta se hacían mas intensas a causa de la luz de la luna, que comenzaba a alumbrar, y la familia se entró en sus habitaciones.

EL ZARCO

A la sazón que esto pasaba en yautepec, a un costado de la hacienda de Atlihuayan, y por un camino pedregoso y empinado que bajaba de las montañas, y que se veía flanqueado por altas malezas y coposos árboles, descendía poco a poco y cantando, con voz aguda y alegre, un gallardo jinete montado en brioso alazán que parecía impacientarse, marchando tortuosamente en aquel sendero en que resonaban echando chispas sus herraduras.

El jinete lo contenía a cada paso, y en la actitud más tranquila, parecía abandonarse a una deliciosa meditación, cruzando una pierna sobre la cabeza de la silla, como las mujeres, mientras que entonaba, repitiéndola distraído, una copla de una canción extraña, compuesta por bandidos y muy conocida entonces en aquellos lugares:

Mucho me gusta la plata, pero más me gusta el lustre,
por eso cargo mi reata pa la mujer que me guste.

El jinete, caminando así a mujeriegas, no parecía darse prisa por bajar al llano, y de cuando en cuando se detenía

un momento, para dejar que su caballo respirara y para contemplar la luna por los claros que solían dejar los árboles de la montaña. Así, mirándola atentamente, observaba también las estrellas y parecía averiguar la hora, como si estuviese pendiente de una cita.

Por fin, al dar vuelta un recodo del camino, los árboles fueron siendo más raros, las malezas más pequeñas, el sendero se ensanchaba y era menos áspero, parecía que la colina ondulaba suavemente y todo anunciaba la proximidad de la llanura. Luego que el jinete observó este aspecto menos salvaje que el que había dejado atrás de él, se detuvo un instante, alargó la pierna que traía cruzada, se estiró perezosamente, se afirmó en los estribos, examinó con rapidez las dos pistolas que traía en la cintura y el mosquete que colgaba en la funda de su silla, al lado derecho y atrás, como se usaba entonces; después de lo cual desenredó cuidadosamente la banda roja de lana que abrigaba su cuello, y volvió a ponérsela, pero cubriéndose con ella el rostro hasta cerca de los ojos. Después se desvió un poco del camino y se dirigió a una pequeña explanada que allí había, y se puso a examinar el paisaje.

La luna había aparecido ya sobre el horizonte y ascendía con majestad en el cielo por entre grupos de nubes. A lo lejos, las montañas y las colinas formaban un marco negro y

espeso al cuadro gris en que se destacaban las oscuras masas de las haciendas, la faja enorme de Yautepec, los cerros y las arboledas, y al pie de la colina que servía de mirador al jinete se veían distintamente los campos de caña de Atlihuahayan, salpicados de luciérnagas, y en medio de ellos los grandes edificios de la hacienda con sus altas chimeneas, sus bóvedas y sus ventanas llenas de luz. Aún se escuchaba el ruido de las máquinas y el rumor lejano de los trabajadores y el canto melancólico con que los pobres mulatos, a semejanza de sus abuelos los esclavos, entretienen sus fatigas o dan fin a sus tareas del día.

Ese aspecto tranquilo y apacible de la naturaleza y ese santo rumor de trabajo y de movimiento que parecía un himno de virtud, no parecieron hacer mella ninguna en el ánimo del jinete, que sólo se preocupaba de la hora, porque después de haber permanecido en muda contemplación por espacio de algunos minutos, se apeó del caballo, estuvo paseándolo un rato en aquella meseta, después apretó el cincho, montó, e interrogando de nuevo a la luna y a las estrellas, continuó su camino cautelosamente y en silencio. A poco estaba ya en la llanura y entraba en un ancho sendero que conducía a la tranca de la hacienda; pero al llegar a una encrucijada tornó el camino que iba a Yautepec, dejando la hacienda a su espalda.

Apenas acababa de entrar en él andando al paso, cuando vio pasar a poca distancia, y caminando en dirección opuesta, a otro jinete que también iba al paso, montado en un magnífico caballo oscuro.

— ¡Es el herrero de Atlihuayan! — dijo en voz baja, inclinando la ancha faja de su sombrero para no ser visto, aunque la bufanda de lana le cubría el semblante hasta los ojos.

Después murmuró, volviendo ligeramente la cabeza para ver al jinete, que se alejaba con lentitud:

— ¡Qué buenos caballos tiene este indio! ... Pero no se deja ... ¡Ya veremos! — añadió con acento amenazador.

Y continuó marchando hasta llegar cerca de la población de Yautepec. Allí dejó el camino real y tomó una veredita que conducía a la caja del río que atraviesa la población. Después siguió por toda la orilla meridional hasta una pequeña curva en que el río, después de encajarse entre dos bordes altos y llenos de maleza, de cactus y de árboles silvestres, desemboca en un terreno llano y arenoso, antes de correr entre las dos hileras de extensas y espesísimas huertas que lo flanquean en la población.

Allí la luna daba de lleno sobre el campo, rielando en las aguas cristalinas del río, y a su luz pudo verse perfectamente al jinete misterioso que había bajado de la montaña.

Era un joven como de treinta años, alto, bien proporcionado de espaldas hercúleas y cubierto literalmente

de plata. El caballo que montaba era un soberbio alazán, de buena alzada, musculoso, de encuentro robusto, de pezuñas pequeñas, de ancas poderosas como todos los caballos montañoses, de cuello fino y de cabeza inteligente y erguida. Era lo que llaman los rancheros un caballo de pelea. El jinete estaba vestido como los bandidos de esa época, y como nuestros charros, los más charros de hoy. Llevaba chaqueta de paño oscuro con bordados de plata, calzoneras con doble hilera de chapetones de plata. unidos por cadenillas y agujetas del mismo metal; cubríase con un sombrero de lana oscura, de alas grandes y tendidas, y que tenían tanto encima como debajo de ellas una ancha y espesa cinta de galón de plata bordada con estrellas de oro; rodeaba la copa redonda y achatada una doble toquilla de plata, sobre la cual caían a cada lado dos chapetas también de plata, en forma de bulas rematando en anillos de oro. Llevaba, además de la bufanda de lana con que se cubría el rostro, una camisa también de lana debajo del chaleco y en el cinturón un par de pistolas de empuñadura de marfil, en sus fundas de charol negro bordadas de plata. Sobre el cinturón se ataba una canana, doble cinta de cuero a guisa de cartuchera y rellena de cartuchos de rifle, y sobre la silla un machete de empuñadura de plata metido en su vaina, bordada de lo mismo. La silla que montaba estaba bordada

profusamente de plata; la cabeza grande era una maca de ese metal, lo mismo que la teja y los estribos, y el freno del caballo estaba lleno de chapetes, de estrellas y de figuras caprichosas.

Sobre el vaquerillo negro, de hermoso pelo de chivo, y pendiente de la silla, colgaba un mosquete, en su funda también bordada, y tras de la teja veíase amarrada una gran capa de hule. Y por dondequiera, plata en los bordados de la silla, en los aciones, en las tapafundas, en las chaparreras de piel de tigre que colgaban de la cabeza de la silla, en las espuelas, en todo. Era mucha plata aquella, y se veía patente el esfuerzo; para prodigarla por donde quiera. Era una ostentación insolente, cínica y sin gusto. La luz de la luna hacía brillar todo este conjunto y daba al jinete el aspecto de un extraño fantasma con una especie de armadura de plata; algo como un picador de plaza de toros o como un abigarrado centurión de Semana Santa.

El jinete estuvo examinando durante algunos segundos el lugar. Todo se hallaba tranquilo y silencioso. El llano y los campos de caña se dilataban a lo lejos, cubiertos por la luz plateada de la luna, como por una gasa transparente. Los árboles de las huertas estaban inmóviles. Yautepec parecía un cementerio. Ni una luz en las casas, ni un rumor en las calles. Los mismos pájaros nocturnos parecían dormir y sólo los insectos dejaban oír sus leves silbidos en los platanares,

mientras que una nube de cocuyos revoloteaba en las masas de sombra en las arboledas.

La luna estaba en el cenit y eran las once de la noche. El plateado se retiró, después de este rápido examen, a un recodo que hacía el cauce del río junto a un borde lleno de árboles, y allí, perfectamente oculto en la sombra y en la playa seca y arenosa, echó pie a tierra, desató la reata, quitó el freno a su caballo y, teniéndolo del lazo, lo dejó ir a poca distancia a beber agua. Luego que la necesidad del animal estuvo satisfecha, lo enfrenó de nuevo y montó con agilidad sobre él, atravesó el río y se internó en uno de los callejones estrechos y sombríos que desembocan en la ribera y que estaban formados por las cercas de árboles de las huertas.

Anduvo al paso y como recatándose por algunos minutos, hasta llegar junto a las cercas de piedra de una huerta extensa y magnífica. Allí se detuvo al pie de un zapote colosal cuyos ramajes frondosos cubrían como una bóveda toda la anchura del callejón, y procurando penetrar con la vista en la sombra densísima que cubría el cercado, se contentó con articular dos veces seguidas una especie de sonido de llamamiento: ¡Psst ... psst! ...

Al que respondió otro de igual naturaleza, desde la cerca, sobre la cual no tardó en aparecer una figura blanca.

— ¡Manuelita! — dijo en voz baja el plateado.

— ¡Zarco mío, aquí estoy! — respondió una dulce voz de mujer.

Aquel hombre era el Zarco, el famoso bandido cuyo renombre había llenado de terror toda la comarca.

LA ENTREVISTA

La cerca no era alta, estaba formada de grandes piedras, entre las cuales habían brotado centenares de trepadoras, de ortigas y de cactus de tallos verticales y esbeltos, formando un muro espeso, cubierto con una cortina de verdura. Sobre esta cerca, aprovechando uno de sus claros y bajo las sombrías ramas del zapote, cuyo tronco nudoso presentaba una escalinata natural por dentro de la huerta, Manuelita se había improvisado un asiento para hablar con el Zarco en sus frecuentes entrevistas nocturnas.

El bandido no se bajaba en ellas de su caballo. Desconfiado hasta el extremo, como todos los hombres de su especie, prefería estar siempre listo para la fuga o para la pelea, aun cuando hablaba con su amada en las altas horas de la noche, en la soledad de aquella callejuela desierta y cuando la población dormía sobresaltada sin atreverse nadie a asomar la cara después de la queda.

Por lo demás, así, a caballo, estaba al alcance de la joven para hablarle y para abrazarla con toda comodidad, pues la

altura del cercado no sobrepasaba la cabeza de la silla del caballo, y en cuanto a este animal, enseñado como todos los caballos de bandidos, sabía estarse quieto cuando la voluntad del jinete lo exigía. Por otra parte, la cortina vegetal que revestía el cercado de piedra presentaba allí un ancho rasgón que permitía a los amantes hablarse de cerca, enlazarse las manos y abandonarse a las intimidades de un amor apasionado y violento.

Ya varias veces algunos vecinos de Yautepec, que solían transitar por esa callejuela en las mañanas para salir al campo, habían reparado en las huellas que dejaba el caballo en las noches de lluvia, huellas que indicaban que alguien había estado allí detenido por mucho tiempo, y que venían del río y volvían a dirigirse a él. Pero suponían que eran las de algún campesino que había venido allí en la tarde anterior o a lo sumo sospechaban que Nicolás, el herrero de Atlahuayan, cuyo amor a Manuelita era demasiado conocido, tenía entrevistas con ella, aunque sabían todos, por otra parte, que la joven manifestaba profunda aversión al herrero, cosa que atribuían a hipócrita disimulo desmentido por esas huellas acusadoras.

En cuanto a doña Antonia, madre de Manuelita, ignoraba de todo punto, como es de suponerse, que su hija tuviese entrevista alguna con nadie, y aun el rumor acerca de las huellas de un caballo junto al cercado de su huerta, le era totalmente desconocido.

Así, bajo aquel secreto profundo, que nadie se hubiera atrevido a adivinar, Manuela salía a hablar con su amante con toda la frecuencia que permitían a éste sus arriesgadas excursiones de asalto y de pillaje. Él parecía muy enamorado de la hermosa muchacha, pues apenas podía disponer de algunas horas, cuando las aprovechaba, a trueque del reposo y del sueño, para venir a conversar una hora con su amada, a quien prevenía regularmente por medio de los emisarios y cómplices que tenía en Yautepec.

Esta vez era esperado con más impaciencia que nunca por la joven, alarmada por los peligros que anunciaban para sus amores las resoluciones de la tarde.

— Tenía yo miedo de que no vinieras esta noche y te esperaba yo con ansia — dijo Manuela, palpitante de pasión y de zozobra.

— Pues por poco no vengo, mi vida — respondió el Zarco, arrimándose a la cerca y tomando entre las suyas las manos trémulas de la joven. — Hemos tenido pelea anoche; por poco me mata un gringo maldito, y apenas he tenido tiempo de pasar por Xochimancas, de remudar caballo, de tomar un bocado y un poco de café y he andado veinte leguas por verte ... ¿Pero, qué tienes? ¡Estás temblando! ¿Por qué me esperabas con ansia?

— Dime, ¿estuviste tú en lo de Alpuyecá?

— Sí, precisamente yo mandaba la fuerza. ¿Por qué me preguntas eso? ¿Cómo lo has sabido tan pronto?

— Pues ahora verás: estuvo, como siempre, hoy en la tarde el fastidioso herrero, y a él, diciéndole mi mamá que ya no veía la hora de salir de aquí para irnos a México, pero que no sabía cómo, porque mi tío no viene, le contó que una tropa de caballería del gobierno había salido ayer de Cuernavaca con dirección a Yautepec, y que se había quedado a dormir en Xiutepec, pero que hoy en la mañana recibió orden violentamente para perseguir a una partida que había matado a unos extranjeros en Alpuyeca, anoche, y que se fue para allá ...

— Ya lo sabíamos ... dizque nos van a cargar fuerzas ..., figúrate, ¡doscientos hombres a lo más! Buen cuidado tendrán de no arrimarse por Xochimancas ..., allí estacarían el cuero ... y ¿qué más?

— Bueno, pues que siguió diciendo que esa caballería del gobierno no cogerá a ninguno, y que volverá a tomar la dirección de Yautepec para continuar su marcha. Que entonces podríamos aprovechar la oportunidad para irnos con la tropa.

— ¿Ustedes?

— Sí, nosotras, y mi madre dijo que le parecía buena la idea; que nos íbamos a disponer para irnos, y aun encargó

al herrero que viniera mañana para traerle nuevas noticias y para dejarle sus encargos.

— ¡Ah, caramba!, ¿de modo que es de veras?

— Muy de veras, Zarco, muy de veras. Tiene mi madre tal miedo, que, no lo dudes, va a aprovechar la ocasión, y ya me dijo que vayamos disponiendo nuestros baúles con lo más preciso; que irá mañana a pedirle a una persona su dinero que le tiene guardado, y nos vamos.

— ¡Imposible! — exclamó el bandido con violencia — , ¡Imposible! Se irá ella, pero tú no; primero me matan.

— Pero, ¿cómo hacemos entonces? — Niégate.

— ¡Ah!, sería inútil, Zarco, tú no conoces a mi mamá; cuando dice una cosa, la cumple; cuando manda algo, no se le puede replicar. Hartos disgustos tengo todos los días porque me quiere casar a fuerza con el indio, y por más que le manifiesto mi resolución de no unirme a ese hombre, por más que le hago desaires a éste, y que le he dicho en su cara muchas veces que no le tengo amor, mi madre sigue en su porfía, y el herrero sigue también viniendo, seguramente porque mi madre le da alas para que no deje su necesidad. Pero en fin, en esto puedo desobedecer porque alego mi falta de cariño, pero en lo de irnos ... ya tú ves que es imposible.

— Pues, déjame pensar — dijo el Zarco poniéndose a reflexionar.

— Dime — interrumpió Manuela — , ¿no sería posible que ustedes atacaran a la tropa del gobierno en las Tetillas o en otro paraje y que la derrotaran? Ustedes son muchos.

— Sí, mi alma; sería posible, y lo conseguiríamos, pero te diré francamente: los muchachos no se arriesgan a estas empresas, sino cuando esperan coger un buen botín o cuando se defienden y la ven irremediable. ¡Pero aquí no habían de querer! Dirán que atacando a esta tropa no van a recibir más que muchos balazos, y si la derrotan, cogerán cuando más unos cuantos caballos flacos, sillas viejas, uniformes hechos pedazos. ¡Si los soldados del gobierno parecen limosneros! Además son cien hombres. Tendríamos que cargarles lo menos quinientos, y ¿tú crees que habíamos de juntarlos para eso nada más?

— ¡Pero, bien — repuso la joven contrariada — , ya sabía yo que los plateados no atacaban sino a los indefensos! ... Eso dice mi madre.

— ¿A los indefensos? — dijo el Zarco, picado a su vez en lo más vivo — . ¿Eso dice tu madre? Pues se equivoca la buena señora; también sabemos atacar a la tropa, y cansados estamos de hacerlo y de triunfar ... ¡Indefensos! Pues bueno fuera que hubiera visto la pelotera de anoche. Esos gringos parecían demonios ..., se defendían con sus rifles, con sus pistolas, con sus espadas.

— ¡Ay, Zarco, dicen que mataron a las mujeres y a los niños! — ¿Quién dijo eso?

— El herrero.

— ¡Indio hablador!

— ¿No es cierto?

— ¿Que se murieron? Sí, se murieron, pero nosotros no los matamos, se murieron en la refriega. En fin, no hablemos de este asunto, Manuelita, porque me estás lastimando.

— No, mi vida, no — replicó la joven, con voz de infinita ternura, y enlazada al cuello del bandido — . ¿Yo ofenderte a ti, que eres todo mi querer?

— Sí, Manuelita — dijo desasiéndose de sus brazos. — Todo eso que me estabas diciendo era porque tú me crees cobarde.

— ¿Yo creerte cobarde, Zarco? — dijo la joven echándose a llorar. — Pero, ¿cómo has podido pensar eso? ¡Si yo creo que tú eres el hombre más valiente del mundo; si yo estoy loca de pasión por ti; si pienso que se me va a reventar el corazón de la pena que me causa tu ausencia, del miedo que me dan los peligros que corres! ... ¡Si yo soy tuya enteramente ... y hago lo que quieras!

— Bueno — dijo dulcificando la voz el bandido y besándola con furia — ; bueno, ya no llores, ya no estoy resentido ..., pero no me vuelvas a decir esas palabras.

— ¡Pero si yo te digo lo que cuentan; yo hago cóleras cuando lo escucho, y no tengo más consuelo que decírtelo! Ahora, mi deseo de que atacaran a la tropa, debes suponer que es causado por el amor mismo que te tengo, para que no nos separemos. Si tienes otro medio ..., el de casarnos, por ejemplo.

— ¿Casarnos?

— Sí, y ¿por qué no?

— ¿Pero tú no piensas en que no podemos casarnos?

— ¿Por qué, dímelo?

— Por mil razones. Llevando la vida que llevo, siendo como soy tan conocido, teniendo tantas causas pendientes en los juzgados, habiendo naturalmente orden de colgarme donde me cojan, ¿adónde había yo de ir a presentarme para que nos casaran? ¡Estás loca!

— Pero ¿no podemos irnos lejos de este rumbo, a Puebla, al Sur, a Morelos, a donde no te conozcan para casarnos?

— Pero para eso sería preciso que te sacara yo de aquí, que te robara yo, que te fueras conmigo a Xochimancas mientras ... y después emprenderíamos el viaje a otra parte.

— Pues bien — replicó la joven resueltamente, después de reflexionar un momento — , puesto que no queda más que ese recurso, sácame de aquí, me iré contigo a donde quieras.

— Pero ¿te avendrás a la vida que llevo, siquiera por esos días? Vamos a Xochimancas; ya sabes quiénes son mis

compañeros; es verdad que tienen ellos allí a sus muchachas, pero no son como tú: ellas están acostumbradas a pasar trabajos, montan a caballo, ayunan algunas veces, se desvelan, no se escandalizan por lo que pasa, porque pasan cosas un poco feas ... en fin, son como nosotros. Tú eres una muchacha criada de otra manera ..., tu mamá te quiere mucho. Tengo miedo de que te enfades, de que llores, acordándote de tu mamá y de Yautepec ..., de que me eches la culpa de tu desgracia, de que me aborrezcas.

— Eso nunca, Zarco, nunca; yo pasaré cuantos trabajos vengan, yo también sé montar a caballo, y ayunaré y me desvelaré, y veré todo sin espantarme con tal de estar a tu lado. Mira — añadió Manuela, con voz sorda y en el extravío de su pasión frenética — , yo quiero, en efecto, mucho a mi mamá, aunque de pocos días a esta parte me parezca que la quiero menos; sé que le voy a causar tal vez la muerte, pero te prometo no llorar cuando me acuerde de ella, con la condición de que tú estés conmigo, de que me quieras siempre, como yo te quiero, de que nos vayamos pronto de este rumbo.

El bandido la estrechó entre sus brazos y la devoró a besos, conmovido ante esta explosión de amor, tan apasionada, tan loca, tan sincera, que estaba tan cerca del frenesí y que le entregaba enteramente a aquella joven tan bella, tan codiciada, tan soñada en sus horas de pasión y de deseos.

Porque el Zarco amaba también a Manuela, sólo que él la amaba de la única manera que podía amar un hombre encenagado en el crimen, un hombre a quien era extraña toda noción de bien, en cuya alma tenebrosa y perversa sólo tenían cabida ya los goces de un sensualismo bestial y las infames emociones que pueden producir el robo y la matanza. La amaba porque era linda, fresca, gallarda; porque su hermosura atractiva y voluptuosa, su opulencia de formas, su andar lánguido y provocador, sus ojos ardientes y negros, sus labios de granada, su acento armonioso y blando, todo ejercía un imperio terrible sobre sus sentidos, excitados día a día por el insomnio y la obsesión constante de aquella visión. Aquél no era amor, en el sentido elevado de la palabra, era el deseo espoleado por la impaciencia y halagado por la vanidad, porque, efectivamente, el bandido debía creerse afortunado con merecer la preferencia de la mujer más bonita de la comarca.

Así es que tan pronto como el Zarco estuvo seguro de que la joven se hallaba resuelta a arrostrarlo todo con tal de seguirlo, se sintió feliz, y toda la sangre de sus venas afluyó a su corazón en aquel instante supremo.

— Bueno — dijo, separándose de los brazos de Manuela. — Entonces no hay más que hablar, te sales conmigo y nos vamos ...

— ¿Ahora? — preguntó la joven con alguna indecisión.

— No, no ahora — contestó el bandido — ; ahora es tarde y no podrías prepararte. Mañana; vendré por ti a la misma hora, a las once. No des en qué sospechar para nada a tu madre; estate en el día, como si tal cosa, con mucho disimulo; no saques más ropa que la muy necesaria. Allá tendrás toda la que quieras; pero saca tus alhajas y el dinero que te he dado; guardas todo eso aparte, ¿no es verdad?

— Sí, lo tengo en un baulito, enterrado.

— Pues bien: sácalo y me aguardas aquí mañana, sin falta.

— Y ¿si por casualidad llegara la tropa del gobierno? — preguntó Manuela con inquietud.

— No, no vendrá, estate segura. La tropa del gobierno habrá andado todo el día de hoy buscándonos; luego, como tienen esos soldados una caballada tan flaca y tan miserable, descansarán todo el día de mañana, y a lo sumo volverían a Cuernavaca pasado mañana, de modo que no estarán aquí sino dentro de cuatro días. Así es que tenemos tiempo. Tú puedes alistar tus baúles con tu mamá como preparándote para el viaje a México, y no dejas fuera más que la ropa que te has de traer. Si por desgracia ocurriere alguna dificultad que te impida salir a verme, me avisarás luego, luego con la vieja, que me ha de aguardar donde sabe, para darme aviso. Pero si no hay nada, ni a ella le digas una palabra. Toma —

añadió, sacando de los bolsillos de su chaqueta unas cajitas y entregándoselas a la joven.

— ¿Qué es esto? — preguntó ella recibíéndolas.

— Ya las verás mañana y te gustarán ... ¡son alhajas! Guárdalas con las otras — dijo el bandido abrazándola y besándola por último — . Ahora me voy, porque ya es hora; apenas llegaré amaneciendo a Xochimancas; hasta mañana, mi vida.

— Hasta mañana — respondió ella —, no faltes. — ¡Mañana serás mía, enteramente!

— Tuya para siempre — dijo Manuela, enviándole un beso, y quedándose un instante en la cerca para verlo partir.

El Zarco se alejó, como había venido, al paso y recatadamente, y a poco se perdió en las tortuosidades de la callejuela apenas alumbrada por la luna.

LA ADELFA

Tan pronto como la joven perdió de vista a su amante, se apresuró a bajar del cercado por la escalinata natural que formaban las raíces del zapote, y se encaminó apresuradamente hacia un sitio de la huerta, en que un grupo de arbustos y de matorrales formaban una especie de pequeño soto espeso y oscuro a orillas de un remanso que hacían allí las aguas tranquilas del apantle. Luego sacó de entre las plantas una linterna sorda y se dirigió en seguida, abriéndose paso por entre los arbustos, hasta el pie de una vieja y frondosa adelfa que, cubierta de flores aromáticas y venenosas, dominaba por su tamaño las pequeñas plantas del soto. Allí, en un montón de tierra cubierto de grama, la joven se sentó, y alumbrándose con la linterna, abrió con manos trémulas y palpitando de impaciencia las tres cajitas que acababa de regalarle el bandido.

— ¡Ah, qué lindo! — exclamó con voz baja, al ver un anillo de brillantes, cuyos fulgores la deslumbraron — . ¡Eso debe valer un dineral! — añadió sacando el anillo y

colocándolo sucesivamente en los dedos de su mano izquierda, y haciéndolo brillar a todos lados — . ¡Si esto parece el sol!

Luego, dejándose puesto el anillo, abrió la segunda caja y se quedó estupefacta. Eran dos pulseras en forma de pequeñas serpientes, todas cuajadas de brillantes, y cuyos anillos de oro esmaltados de vivos colores les daban una apariencia fascinadora. Las serpientes daban varias vueltas en la caja de raso y Manuela tardó un poco en desprenderlas; pero luego que terminó, se las puso en el puño, muy cerca de la mano, enroscándolas cuidadosamente. Y comenzó a alumbrarlas en todos sentidos, poniendo las manos en diversas actitudes.

Luego, por un instante cerró los ojos, como si soñara, y los abrió en seguida, cruzando los puños junto a la luz y contemplándolas largo rato.

— ¡Dos víboras! — dijo frunciendo el ceño — , ¡qué idea! ... En efecto, son dos víboras ... ¡el robo! ¡Pero bah! — añadió, sonriendo y guiñando los ojos, casi llenos con sus grandes y brillantes pupilas negras — ... ¡qué me importa! ¡Me las da el Zarco, y poco me interesa que vengan de donde vinieren! ...

Después abrió la tercera caja. Ésta contenía dos pendientes, también de gruesos brillantes.

— ¡Ah, qué hermosos aretes! — dijo — , ¡parecen de reina!

Y cuando hubo contemplándolos en la caja, que no se veía con aquel haz de resplandores y de chispas, los sacó

también y se los puso en las orejas, habiéndose quitado antes sus humildes zarcillos de oro.

Pero al guardar éstos, mientras, en la caja de los pendientes, reparó en una cosa que no había visto y que la hizo ponerse lívida, como paralizada. Acababa de ver dos gotas de sangre fresca que manchaban el raso blanco de la caja, y que debían haber salpicado también los pendientes. Además, la caja estaba descompuesta; no cerraba bien, y se conocía que había sido arrancada en una lucha a muerte.

Manuela permaneció muda y sombría durante algunos segundos; hubiérase dicho que en su alma se libraba un tremendo combate entre los últimos remordimientos de una conciencia ya pervertida, y los impulsos irresistibles de una codicia desenfadada y avasalladora. Triunfó ésta, como era de esperarse, y la joven, en cuyo hermoso semblante se retrataban entonces todos los signos de la vil pasión que ocupaba su espíritu, cerró, enarcando las cejas, la caja prontamente la apartó con desdén, y no pensó más que en ver el efecto que hacían los ricos pendientes en sus orejas.

Entonces tomó su linterna, y levantándose así adornada, como estaba con su anillo, pulseras y aretes, se dirigió a la orilla del remanso, y allí se inclinó, alumbrándose con la linterna el rostro, procurando sonreír, y, sin embargo, presentando en todas sus facciones una especie de dureza

altanera que es como el reflejo de la codicia y de la vanidad, y que sería capaz de afeer el rostro ideal de un ángel.

Si en aquella noche silenciosa, en medio de aquella huerta oscura y solitaria, alguien, acostumbrado a leer en las fisonomías hubiera contemplado a aquella linda joven, mirándose en las aguas negras y tranquilas del remanso, alumbrándose el rostro con la luz opaca de una linterna sorda, y gesticulando para darse los aires de una gran señora, al ver aquella fisonomía pálida, con los ojos chispeantes de ambición y de codicia, con los cabellos desordenados, con la boca entreabierta, dejando ver una dentadura blanquísima y apretada, y haciendo balancear a derecha e izquierda los pendientes, cuyos fulgores la bañaban con una luz azulada, rojiza o verdosa, que se mezclaba al chisporroteo del mismo carácter que salía de la serpiente enlazada al puño izquierdo, colocado junto a la barba, de seguro que habría encontrado en esa figura singular, algo de espantosamente siniestro y repulsivo, como una aparición satánica. No era la Margarita de Goethe, mirándose en el espejo, con natural coquetería, adornada con las joyas de un desconocido, sino una ladrona de la peor especie, dando rienda suelta a su infame codicia delante de aquel estanque de aguas turbias y negras. No era la virtud próxima a sucumbir ante la dádiva, sino la perversidad contemplándose en el cieno.

Manuela, abandonada a sí misma en aquella hora y de aquel modo, dejaba conocer en su semblante todas las expresiones de su vil pasión, que no se detenía ante la vergüenza ni el remordimiento, pues bien sabía que aquellas alhajas eran el fruto del crimen. Así es que sobre su cabeza radiante con los fulgores de los aretes robados, se veía en la sombra, no la cara burlona de Mefistófeles, el demonio de la seducción, sino la máscara pavorosa del verdugo, el demonio de la horca.

Manuela aún permaneció algunos momentos mirándose en el remanso y recatándose a cada ruido que hacía el viento entre los árboles, y luego volvió al pie de la adelfa, se quitó sus joyas, las guardó cuidadosamente en sus cajas; hecho lo cual lanzó una mirada en torno suyo, y viendo que todo estaba tranquilo, sacó de entre las matas una pequeña tarecua, especie de pala de mango de madera y extremo anguloso de hierro con que en la tierra caliente se hacen pozos, y removiendo con ella la tierra, en cierto sitio cubierto de musgo, puso al descubierto un saco de cuero, que se apresuró a abrir con una llavecita que llevaba guardada. Luego introdujo en la boca la linterna para cerciorarse de si estaba allí su tesoro, que palpó un momento con extraña fruición. Consistía en alhajas envueltas en papeles, y en cintos de cuero llenos de onzas de oro y de pesos de plata.

Después metió cuidadosamente en el saco las cajas que acababa de darle el Zarco, y enterró de nuevo el tesoro, cubriéndolo con musgo y haciendo desaparecer toda señal de haberse removido el suelo.

Luego, como sintiendo abandonar aquella riqueza, alzó su linterna sorda y se dirigió a la casa de puntillas, entrándose en las habitaciones en que la pobre señora, a pesar de las inquietudes del día, dormía con el tranquilo sueño de las conciencias honradas.

QUIÉN ERA EL ZARCO

Entre tanto, y a la sazón que Manuela examinaba sus nuevas alhajas, el Zarco, después de haber dejado las orillas de Yautepec, y de haber atravesado el río con la misma precaución que había tenido al llegar, se dirigió por el amplio camino de la hacienda de Atlahuayan al montañoso por donde había descendido y que conducía a Xochimancas. Era la medianoche, y la luna envolviéndose en espesos nubarrones, dejaba envuelta la tierra en sombras. La calzada de Atlahuayan estaba completamente solitaria, y los árboles que la flanquean por uno y otro lado, proyectaban una oscuridad siniestra y lúgubre, que hacían más densa los fugaces y pálidos arabescos que producían los cocuyos y las luciérnagas.

El bandido, conocedor de aquellos lugares, acostumbrado como todos los hombres de su clase, a ver un poco en la oscuridad, y más que todo, fiado en la sensibilidad exquisita de su caballo, que al menor ruido extraño aguzaba las orejas y se detenía para prevenir a su amo, marchaba paso a paso,

pero con entera tranquilidad, pensando en la próxima dicha que le ofrecía la posesión de Manuela.

Por fin, aquella hermosísima joven, cuya imagen había enardecido sus horas de insomnio durante tantos meses, cuyo amor había sido su constante preocupación, aun en medio de sus más sangrientas y arriesgadas aventuras, y cuya posesión le había parecido imposible cuando la vio por primera vez en Cuernavaca y se enamoró de ella, iba a ser suya, enteramente suya, iba a compartir su suerte y a hacerle saborear los dulcísimos deleites del amor, a él que no había conocido hasta allí verdaderamente más que las punzantes emociones del robo y del asesinato.

Su organización grosera y sensual, acostumbrada desde su juventud al vicio, conocía, es verdad, los goces del amor material, comprados con el dinero del juego o del robo arrancados en medio del terror de las víctimas, en una noche de asalto en las aldeas indefensas; pero el Zarco sentía que no había querido nunca ni había deseado a una mujer con aquella exaltación febril que experimentó desde que comenzó a ver a Manuela, asomada a su ventana, desde que la oyó hablar, y más todavía, desde que cruzó con ella las primeras palabras de amor.

Jamás desde que siendo niño todavía, abandonó el hogar de su familia, había sentido la necesidad imperiosa de

unirse a otro ser, como la sentía ahora de unirse a aquella mujer, tan bonita y tan apasionada, que encerraba para él un mundo de inesperadas dichas.

Así repasando en su memoria todas las escenas de su niñez y de su juventud, encontraba que su carácter bravo y duro había rechazado siempre todo afecto, todo cariño, cualquiera que fuese, no habiendo cultivado sino aquellos de que había sacado provecho. Hijo de honrados padres, trabajadores en aquella comarca, que habían querido hacer de él un hombre laborioso y útil, pronto se había fastidiado del hogar doméstico, en que se le imponían tareas diarias o se le obligaba a ir a la escuela, y aprovechándose de la frecuente comunicación que tienen las poblaciones de aquel rumbo con las haciendas de caña de azúcar, se fugó, yendo a acomodarse al servicio del caballerango de una de ellas.

Allí permaneció algún tiempo, logrando después, cuando ya estaba bastante diestro en la equitación y en el arte de cuidar los caballos, colocarse en varias haciendas, en las que duraba poco, a causa de su conducta desordenada, pues haragán por naturaleza y por afición, apenas era útil para esos trabajos serviles, consagrando sus largos ocios al juego y a la holganza.

Por lo demás, en todo ese tiempo no recordaba haber sentido ni simpatía ni adhesión a nadie. Permaneciendo

poco tiempo en cada lugar, sirviendo por pocos días en cada hacienda, y cultivando relaciones de caballeriza o de juego, que duraban un instante y que se alteraban con frecuentes riñas que las convertían en enemistades profundas, él verdaderamente no había tenido amigos, sino compañeros de placer y de vicio. Al contrario, en aquellos días su carácter se formó completamente, y ya no dio cabida en su corazón más que a las malas pasiones. Así, la servidumbre consumó lo que había comenzado la holgazanería, y los instintos perversos, que no estaban equilibrados por ninguna noción de bien, acabaron por llenar aquella alma oscura, como las algas infectas de un pantano.

Él no había amado a nadie, pero en cambio odiaba a todo el mundo: al hacendado rico cuyos caballos ensillaba y adornaba con magníficos jaeces, al obrero que recibía cada semana buenos salarios por su trabajo, al labrador acomodado, que poseía fecundas tierras y buena casa, a los comerciantes de las poblaciones cercanas, que poseían tiendas bien abastecidas, y hasta a los criados, que tenían mejores sueldos que él. Era la codicia complicada con la envidia, una envidia impotente y rastrera, la que producía este odio singular y esta ansia frenética de arrebatarse aquellas cosas a toda costa.

Naturalmente, los amores de los demás le causaban irritación, y aquellas muchachas que según su posición

amaban al rico, al dependiente o al jornalero, le inspiraban un deseo insensato de arrebatarlas y de mancharlas. No había entre todas una que hubiera fijado los ojos en él, porque él tampoco había procurado acercarse a ninguna de ellas con intenciones amorosas. Las de su clase no eran de su gusto, y para las de rango superior a él, estaba colocado en muy baja esfera, ¡un mozo de caballeriza!

Él era joven, no tenía mala figura: su color blanco impuro, sus ojos de ese color azul claro que el vulgo llama zarco, sus cabellos de un rubio pálido y su cuerpo esbelto y vigoroso, le daban una apariencia ventajosa, pero su ceño adusto, su lenguaje agresivo y brutal, su risa aguda y forzada, tal vez le había hecho poco simpático a las mujeres. Además, él no había encontrado una bastante hermosa a quien procurase ser agradable.

Por fin, cansado de aquella vida de servidumbre, de vicio y de miseria, el Zarco se huyó de la hacienda en que estaba, llevándose algunos caballos para venderlos en la tierra fría. Como era de esperarse, fue perseguido; pero ya en este tiempo, al favor de la guerra civil, se había desatado en la tierra fría cercana a México una nube de bandidos que no tardó en invadir las ricas comarcas de la tierra caliente.

El Zarco se afilió en ella inmediatamente, y desde luego, y como si no hubiera esperado más que esa oportunidad para

revelarse en toda la plenitud de su perversidad, comenzó a distinguirse entre aquellos facinerosos por su intrepidez, por su crueldad y por su insaciable sed de rapiña.

Era el año de 1861, y organizados los bandoleros en grandes partidas, perseguidos a veces por las tropas del gobierno, pero atraídos más bien por la riqueza de los distritos azucareros del sur de México y de Puebla, penetraron en ellos sembrando el terror en todas partes, como lo hemos visto.

El Zarco era uno de los jefes más renombrados, y las noticias de sus infames proezas, de sus horribles venganzas en las haciendas en que había servido, de su fría crueldad y de su valor temerario, le habían dado una fama espantosa.

Obligadas las tropas liberales, por un error lamentable y vergonzoso, a aceptar la cooperación de estos bandidos en la persecución que hacían al faccioso reaccionario Márquez en su travesía por la tierra caliente, algunas de aquellas partidas se presentaron formando cuerpos irregulares, pero numerosos, y uno de ellos estaba mandado por el Zarco. Entonces, y durante los pocos días que permaneció en Cuernavaca, fue cuando conoció a Manuela, que se había refugiado con su familia en esa ciudad. El bandido ostentaba entonces un carácter militar, sin dejar por eso los arreos vistosos que eran como característicos en los ladrones de aquella época y que les dieron el nombre de plateados, con el que fueron conocidos generalmente.

La hermosa joven, cuyo carácter parecía estar en armonía con el del bandido, al ver pasar frente a sus ventanas aquel cuerpo de gallardos jinetes, vistosos y brillantes, y al frente de ellos, montado en soberbio caballo y cargado de plata hasta el exceso, al joven y terrible bandido, cuyo nombre no había sonado en su oído sino con el acento del terror, se sintió atraída hacia él por un afecto en que se mezclaban la simpatía, la codicia y la vanidad como en punzante y sabroso filtro.

Así nació una especie de amor extraño en aquellas dos almas, hechas para comprenderse. Y en el poco tiempo que el Zarco permaneció en Cuernavaca, logró ponerse en comunicación con Manuela y establecer con ella relaciones amorosas, que no llegaron, sin embargo, por las circunstancias, al grado de intimidad en que las vemos en Yautepec.

El general González Ortega, conociendo el grave error que había cometido dando cabida en sus tropas a varias partidas de plateados, que no hicieron más que asolar las poblaciones que atravesaba el ejército y desprestigiarlo, no tardó en perseguirlas, fusilando a varios de sus jefes. Para salvarse de suerte semejante, el Zarco se escapó una noche de Cuernavaca con sus bandidos y se dirigió al sur de Puebla, en donde estuvo por algunos meses ejerciendo terribles depredaciones.

Por fin, los plateados establecieron su guarida principal en Xochimancas, y el Zarco no tardó en saber que Manuela había vuelto a Yautepec, en donde residía con su familia. Naturalmente, procuró desde luego reanudar sus relaciones apenas interrumpidas y pudo cerciorarse de que Manuela lo amaba todavía.

Desde entonces comenzó esa comunicación frecuente y nocturna con la joven, comunicación que no era peligrosa para él, dado el terror que infundía su nombre y dadas también las inteligencias que cultivaba en la población, en donde los bandidos contaban con numerosos emisarios y espías.

Entre tanto, sus crímenes aumentaban de día en día; sus venganzas sobre sus antiguos enemigos de las haciendas eran espantosas y el pavor que inspiraba su nombre había acobardado a todos. Los mismos hacendados, sus antiguos amos, habían venido temblando a su presencia a implorar su protección y se habían constituido en sus humildes y abyectos servidores, y no pocas veces, él, antiguo mozo de estribo, había visto tener la brida de su caballo al arrogante señorón de la hacienda a quien antes había servido humilde y despreciado.

Semejantes venganzas y humillaciones fueron harto frecuentes en esa época, gracias a la audacia y número de los bandidos, cuyo poder era ilimitado en aquella comarca

infortunada, y gracias más que todo a la impotencia del gobierno central, que, ocupado en combatir la guerra civil y en hacer frente a la intervención extranjera, no podía distraer a sus tropas para reprimir a los bandidos.

EL BÚHO

El Zarco se hallaba, pues, en la plenitud de su orgullo satisfecho. Había realizado parte de sus aspiraciones. Era temido, se había vengado; sus numerosísimos robos le habían producido un botín cuantioso; disponía a discreción del bolsillo de los hacendados. Cuando necesitaba una fuerte cantidad de dinero, se apoderaba de un cargamento de azúcar o de aguardiente o de un dependiente rico, y los ponía a rescate; cuando quería poner a contribución una hacienda, quemaba un campo de cañas, y cuando quería infundir pavor a una población, asesinaba al primer vecino infeliz a quien encontraba en sus orillas.

Pero satisfecha su sed de sangre y de rapiña, sentía que aún le faltaba alguna cosa. Eran los goces del amor, pero no esos goces venales que le habían ofrecido las condescendencias pasajeras de las mujeres perdidas, sino los que podía prometerle la pasión de una mujer hermosa, joven; de una clase social superior a la suya, y que lo amara sin reserva y sin condición.

Manuela habría sido para él una mujer imposible cuando medio oculto en la comitiva servil del rico hacendado, atravesaba los domingos las calles de Yautepec. Entonces, era seguro que la linda hija de una familia acomodada, vestida con cierto lujo aldeano, y que recibía sonriendo en su ventana las galantes lisonjas de los ricos dueños de hacienda, de los gallardos dependientes que caracoleaban en briosos caballos, llenos de plata, para lucirse delante de ella, no se habría fijado ni un instante en aquel criado descolorido y triste, mal montado en una silla pobre y vieja, y en un caballo inferior y que se escurría silencioso en pos de sus amos.

Entonces, si él se hubiese acercado a hablarle, a ofrecerle una flor, a decirle que la amaba, era indudable que no habría tenido por respuesta más que un gesto desdeñoso o una risa de burla.

Y ahora que él era guapo, que montaba los mejores caballos del rumbo, que iba vestido de plata, que era temido, que veía a sus pies a los ricos de las haciendas; ahora que él podía regalar alhajas que valían un capital; ahora esa joven, la más hermosa de Yautepec, lloraba por él, lo esperaba palpitante de amor todas las noches, iba a abandonar por él a su familia y a entregarse sin reserva; le iba a mostrar a sus compañeros, a pasearla por todas partes a su lado y a humillar con ella a los antiguos pretendientes. Tal consideración daba

al amor que el Zarco sentía por Manuela un acre y voluptuoso sabor de venganza, sobre la misma joven y sobre los demás, juntamente con un carácter de vanidad insolente.

Así pues, aquello que agitaba el corazón del bandido no era verdaderamente amor en el concepto noble de la palabra, no era el sentimiento íntimo y sagrado que suele abrirse paso aun en las almas pervertidas e iluminarlas a veces como ilumina un rayo de sol los antros más oscuros e infectos, no: era un deseo sensual y salvaje, excitado hasta el frenesí por el encanto de la hermosura física y por los incentivos de la soberbia vencedora y de la vanidad vulgar.

Si Manuela hubiese sido menos bella o más pobre, tal vez el Zarco no habría deseado su posesión con tanta fuerza, y poco le habría importado que hubiese sido virtuosa. Él no buscaba el apoyo de la virtud en las penas de la vida, sino las emociones groseras de los sentidos para completar la fortuna de su situación presente. Iba a poseer a la linda doncella para satisfacer una necesidad de su organización, ávida de sensaciones vanidosas, ya que había saboreado el placer inferior de poseer magníficos caballos y de amontonar onzas de oro y riquísimas alhajas. Pero después de saciado este deseo, el más acariciado de todos, ¿qué haría con la joven?, se preguntaba él. ¿Se casaría con ella? Eso era imposible, y además, tener una esposa legítima no halagaba su vanidad.

Una querida como ella sí era un triunfo entre sus compañeros. ¿Abandonaría aquel rumbo y aquella carrera de peligros para huir con ella, lejos, para gozar en un rincón cualquiera de una existencia oscura y tranquila?

Pero eso también era imposible para aquel facineroso, que había probado ya los embriagantes goces del combate y del robo. Dejar aquella vida agitada, inquieta, sembrada de peligros, pero también de pingües recompensas, era resignarse a ser pobre, a ser pacífico; era exponerse a que un miserable alcalde de pueblo lo amarrase cualquier día y lo encerrase en la cárcel para ser juzgado por sus antiguas fechorías. Podía convertir su botín, que era importante, en tierras de labor, en un rancho, en una tienda. Pero él no sabía trabajar, y sobre todo, le repugnaba hondamente esa existencia de trabajo oscuro y humilde, monótona, sin peripecias, aburridora, expuesta siempre al peligro de una denuncia, sin más afán que el de ocultar siempre el pasado de crimen, sin más entretenimiento que el cuidado de los hijos, sin más emociones que las del terror. No; era preciso seguir así por ahora, que después ya habría tiempo de decidirse, según lo exigieran las circunstancias.

El Zarco llegaba aquí en sus cavilaciones cuando se detuvo sobresaltado oyendo el canto repentino y lúgubre

de un búho, y que salía de las ramas frondosas de un amate gigantesco, frente al cual iba pasando.

— ¡Maldito tecolote! — exclamó en voz baja, sintiendo circular en sus venas un frío glacial — . ¡Siempre se le ocurre cantar cuando yo paso! ¿Qué significará esto? — añadió, con la preocupación que es tan común en las almas groseras y supersticiosas, y quedó sumergido un momento en negras reflexiones. Pero repuesto a poco, espoleó su caballo, con ademán despreciativo.

— ¡Bah! Esto no le da miedo más que a los indios, como el herrero de Atlihuayan; yo soy blanco y güero ... a mí no me hace nada.

Y se alejó al trote para encumbrar la montaña.

LA FUGA

Al día siguiente, Nicolás, el herrero de Atlihuayan, vino, como de costumbre, en la tarde, a hacer su visita a la madre de Manuela y la encontró preocupada y triste. La joven estaba durmiendo y la señora se hallaba sola en el pequeño patio en que la encontramos la tarde anterior ...

— ¿Hay alguna noticia nueva? — preguntó doña Antonia al joven artesano.

— Sí, señora — respondió éste — ; parece que la caballería del gobierno llegará, por fin, mañana. Es preciso que estén ustedes dispuestas, porque sé que no permanecerá ni un día y que se va pasando por Cuautla y de allí se dirige a México.

— Yo estoy lista ya enteramente — respondió doña Antonia — . Todo el día nos hemos pasado arreglando los baúles y recogiendo mi poco dinero. Además, he ido a ver al juez para que me extendiera un poder, que voy a dejar a usted — añadió, tomando de su cesto de costura un papel que dio a Nicolás. — Usted se encargará, si me hace favor, de

vender esta huerta, lo más pronto posible, o de arrendarla, pues según están las cosas, no podemos volver pronto y estoy aburrida de tanto sufrir aquí. Si usted se va a México, allá nos encontrará como siempre, y quizás entonces se habrá cambiado el ánimo de Manuela.

— No lo creo, señora — se apresuró a responder Nicolás.
— Yo he acabado por conocer que es imposible que Manuelita me quiera. Le causo una repugnancia que no está en su mano dominar. Así es que me parece inútil pensar ya en eso. ¡Cómo ha de ser! — añadió suspirando — , uno no puede disponer de su corazón. Dicen que el trato engendra el cariño. Ya ve usted que esto no es cierto, porque si del trato dependiera, yo me he esmerado en ser agradable a la niña, pero mis esfuerzos siempre han encontrado por recompensa su frialdad, su alejamiento, casi su odio ..., porque yo temo hasta que me aborrezca.

— No, Nicolás, eso no; ¡aborrecerlo a usted! ¿por qué? ¿No ha sido usted nuestro protector desde que murió mi marido? ¿No nos ha colmado usted de favores y de servicios que jamás se olvidan? ¿Por qué tan noble conducta había de producir el aborrecimiento en Manuela? No; lo que sucede es que esta muchacha es tonta, es caprichosa; yo no sé a quién ha sacado, pero su carácter me parece extraño, particularmente desde hace algunos meses. No quiere hablar

con nadie, cuando antes era tan parlanchina y tan alegre. No quiere rezar, cuando antes era tan piadosa; no quiere coser, cuando antes se pasaba los días discurriendo la manera de arreglar sus vestidos o de hacerse nuevos; no quiere nada. Hace tiempo que noto en ella no sé qué cosa tan extraña que me da en qué pensar. Unos días está triste, pensativa, con ganas de llorar, tan pálida que parece enferma, tan perezosa que tengo que reñirla; otros, se despierta muy viva, pero colérica, por nada se enoja, regaña, me contradice, nada encuentra bueno en la casa, nuestra pobre comida le fastidia, el encierro en que estamos le aburre, quisiera que saliéramos a pasear, que montáramos a caballo, que fuéramos a visitar las haciendas; parece que no tiene miedo a los ladrones que nos rodean por todas partes, y viendo que yo me opongo a estas locuras, vuelve a caer en su abatimiento y se echa a dormir. Hoy mismo ha pasado una cosa rara, luego que le anuncié que era necesario disponer los baúles para irnos a México, tan pronto como vio que esto era de veras, que volví trayendo mi dinerito y que comencé a arreglar todas mis cosas, primero se puso alegre y me abrazó diciéndome que era una dicha, que por fin iba a conocer México; que había sido su sueño; que allí iba a estar alegre, pues que su tristeza tenía por causa la situación horrorosa que guardamos, hace tantos meses. Como es natural, yo me había figurado lo

mismo, y por eso no había hecho tanto reparo en el cambio de su carácter, pues era de suponerse que una muchacha como ella, que está en la edad de divertirse, de pasear, debía estar fastidiada de nuestro encierro. Así que también yo me puse alegre al verla contenta, pensando en el viaje. Pero luego ha vuelto a su tristeza, y al sentarnos a comer, observé que ya estaba de mal humor, que casi no quería probar bocado y que aun sentía deseos de llorar. Luego, no he podido distraerla, y después de componer su ropa en un baúl, al ir a verla la encontré dormida en su cama. ¡Ha visto usted cosa igual! Pues si fuera porque nos vamos de Yautepec, ¿por qué ha estado triste viviendo aquí?

— Señora — preguntó Nicolás, que había escuchado atento y reflexivo — , ¿no tendrá aquí algún amor?, ¿no dejará aquí alguna persona a quien haya querido o a quien quiera todavía, sin que se lo haya dicho a usted?

— Eso me he preguntado algunas veces, pero no creo que haya nada de lo que usted dice. ¿Qué amor pudiera haber tenido que yo no hubiese siquiera sospechado? Es verdad que algunos dependientes gachupines de la tienda de la bóveda habían dado en decirle flores, en enviarle papelititos y recados, pero eso fue mucho antes de que fuéramos a vivir a Cuernavaca. Después de que regresamos, aquellos muchachos ya no estaban aquí, se habían ido a México,

Manuela no ha vuelto a acordarse de ellos ni a nombrarlos siquiera. Algunos muchachos del pueblo suelen pasar por aquí y la ven con algún interés, pero ella les muestra mucho desprecio y cierra la ventana tan luego como los ha visto acercarse. No han vuelto ya. Manuela encuentra fastidiosos a los pocos que conoce. En fin, yo estoy segura de que no quiere a ninguno en el pueblo, y por eso al principio de este año, cuando comenzó usted a visitarnos, creí que iba inclinándose a usted y que arreglaríamos fácilmente lo que teníamos pensado.

— Pues ya ve usted, señora — contestó Nicolás amargamente — , que no era cierto, y que Manuelita me ha considerado más fastidioso que a los muchachos de Yautepec. Tanto que yo, teniéndole como le tengo tanto cariño y habiendo pensado tan seriamente en casarme con ella, porque creía con nuestro matrimonio labrar su felicidad y la mía, naturalmente, no he podido ser insensible a sus desprecios constantes y me resolví a alejarme para siempre de esta casa. Pero la consideración de que usted me tiene un afecto, de que estoy seguro; las órdenes de mi madre de que yo vele por ustedes, hoy que tanto se necesita del apoyo de un hombre en estos pueblos, me han hecho seguir importunando a ustedes con mi presencia, que de otro modo les habría evitado.

— ¡Importunándome a mí? — preguntó conmovida y llorando doña Antonia.

— No, a usted no, señora; bien veo que usted me profesa amistad, que desearía usted mi bien y mi dicha, que si por usted fuera, yo sería el esposo de su hija. Yo no soy ingrato, señora, y crea usted que mientras viva yo me portaré con usted como un hijo reconocido y cariñoso, sin interés de nada y siempre que no sirva yo de obstáculo a la felicidad de Manuelita; pero lo decía yo por esta niña. Afortunadamente para ella, ya ustedes se van de aquí, de modo que no tendrá la mortificación de verme y yo tendré la satisfacción de ser útil a usted desde lejos. Haré todo lo que usted me encarga y le escribiré con frecuencia, dándole razón de la huerta y del estado que guarda este rumbo. Mañana, cuando venga la tropa del gobierno, yo también vendré a ver qué se les ofrece a ustedes y aun las acompañaré cuando se vayan, hasta Morelos o hasta más allá si es necesario.

— ¡Ah, Nicolás!, ¡qué bueno es usted y qué noble! — dijo la señora con ternura — ; acepto todo lo que usted me ofrece, y a mi vez le aseguro que en mí tendrá siempre una segunda madre. Cualquiera que sea la suerte que Dios nos reserve a mí y a mi hija, crea usted que siempre recordaré su generosidad para con nosotras, y que nunca olvidaré que es usted el más noble y honrado joven que he conocido. Lo

espero a usted mañana, y si usted quiere acompañarnos, como me lo promete, yo tendré mucho gusto de contar con su compañía, que tanto necesito. Pero tengo miedo de que le suceda a usted algo a su regreso.

— No tema usted nada, señora — dijo Nicolás, levantándose — ; llevaré a algunos de mis compañeros del taller, bien montados y armados, y no correremos ningún peligro.

— Bueno — dijo doña Antonia, apretando la mano del herrero con las dos suyas, cariñosamente, como lo haría una madre tierna con el hijo de su corazón.

Luego, al sentir que se alejaba, exclamó llorando:

— ¡Oh!, ¡qué desgraciada soy en no tener a este hombre por yerno!

Manuelita se despertó cuando ya estaba anocheciendo, y a la luz de la bujía, doña Antonia observó que tenía los ojos encarnados ...

— ¿Estás mala, hija? — le preguntó afectuosamente.

— Me duele mucho la cabeza, mamá — contestó la joven.

— Es que estás amodorrada, y además, ¡has comido tan poco! — No; me siento un poco mal.

— ¿Tendrás calentura? — dijo la madre inquieta.

— No — replicó Manuelita, tranquilizándola — ; no es nada, me levanté esta mañana muy temprano y, en efecto,

he comido poco. Voy a tomar algo y volveré a acostarme, porque lo que siento es sueño; pero tengo apetito y esa es buena señal. Ya sabe usted que siempre que madrugo me pasa esto. Además, es preciso dormir, ahora que se puede, porque quién sabe si en el viaje podamos hacerlo con comodidad y en compañía de soldados — añadió sonriendo maliciosamente.

La pobre madre, ya muy tranquila, dispuso la cena, que Manuela tomó con alegría y apetito, después de lo cual rezaron las dos sus devociones, y tras de una larga conversación sobre sus arreglos de viaje y sus nuevas esperanzas, la señora se retiró a su cuarto, contiguo al de Manuela y apenas dividido de éste por un tabique.

A la sazón caía un aguacero terrible, uno de esos aguaceros de las tierras calientes, mezclados de relámpagos y truenos, en que parece abrir el cielo todas sus cataratas e inundar con ellas el mundo. La lluvia producía un ruido espantoso en el tejado, y los árboles de la huerta, azotados por aquel torrente, parecían desgajarse.

En la calle el agua corría impetuosamente formando un río, y en el patio se había producido una inundación con el crecimiento de los apantles y con el chorro de los tejados.

Doña Antonia, después de recomendar a Manuelita que se abrigara mucho y que rezara, se durmió arrullada por el ruido monótono del aguacero.

Inútil es decir que la joven no cerró los ojos. Aquella era la noche de la fuga concertada con el Zarco; él debía venir infaliblemente y ella tenía que esperarlo ya lista con su ropa y el saco que contenía el tesoro, que era preciso ir a sacar al pie de la adelfa. Esta tempestad repentina contrariaba mucho a Manuela. Si no cesaba antes de medianoche, iba a hacer un viaje molestísimo, y aun cesando a esa hora, iba a encontrar la huerta convertida en charco y a bañarse completamente debajo de los árboles. Sin embargo, ¿qué no es capaz de soportar una mujer enamorada, con tal de realizar sus propósitos?

Cuando ella conoció que era próximamente la hora señalada, se levantó de puntillas, con los pies desnudos, bien cubierta la cabeza y espaldas con un abrigo de lana, y así, alzando su enagua de muselina hasta la rodilla, abrió la puerta de su cuarto, quedito y se lanzó al patio, alumbrándose con su linterna sorda, que cubría cuidadosamente.

Era la última vez que salía de la casa materna, apenas concedió un pensamiento a la pobre anciana que dormía descuidada y confiando en el amor de su hija querida.

Por lo demás, Manuela, atenta sólo a realizar su fuga, no procuraba otra cosa que apresurarse, y si su corazón latía con violencia, era por el temor de ser sentida y de malograr su empresa.

Dichosamente para ella, el aguacero seguía en toda su fuerza, y nadie podría sospechar que ella saliese de su cuarto con aquel temporal; así es que atravesó rápidamente el patio, se internó entre la arboleda, pasó el apantle que rodeaba el soto de la adelfa, y allí, escarbando de prisa, sin preocuparse de la lluvia, que la había empapado completamente, y sólo cuidando de que la linterna no se apagase, extrajo el saco del tesoro, lo envolvió en su rebozo y se dirigió a la cerca, trepando por las raíces del amate hasta el lugar en que solía esperar al Zarco.

Apenas acababa de llegar, cuando oyó el leve silbido con que su amante se anunciaba, y a la luz de un relámpago pudo distinguirlo, envuelto en su negra capa de hule y arrimándose al cercado.

Pero no venía solo. Acompañábanlo otros tres jinetes, envueltos como él en sendas capas y armados hasta los dientes.

— ¡Maldita noche! — dijo el Zarco, dirigiéndose a su amada — . Temí que no pudieras salir, mi vida, y que todo se malograra hoy.

— ¡Cómo no, Zarco! — respondió ella — ; ya has visto siempre que cuando doy mi palabra, la cumplo. Era imposible dejar esto para otra ocasión, pues mañana llega la tropa y tal vez tendríamos que salir inmediatamente.

— Bueno, ¿ya traes todo? — Todo está aquí.

— Pues ven; cúbrete con esta capa — dijo el Zarco alargando una capa de hule a la joven.

— Es inútil, estoy ya empapada y bien puedo seguir mojándome.

— No le hace, póntela, y este sombrero ... ¡Válgame Dios! — dijo al recibirla entre sus brazos — . ¡Pobrecita! ¡Si estás hecha una sopa!

— Vámonos, vámonos — dijo ella palpitante — , ¿quiénes son esos?

— Son mis amigos, que han venido a acompañarme por lo que se ofreciera ... Vamos, pues; adelante, muchachos, y antes de que crezca el río — dijo el Zarco, picando su caballo, en cuya grupa había colocado, al estilo de la tierra caliente, a la hermosa joven.

Y el grupo de jinetes se dirigió apresurado a orillas del pueblo, atravesó el río, que ya comenzaba a crecer y se perdió entre las más espesas tinieblas.

Si algún campesino supersticioso hubiese visto a la luz de los relámpagos pasar, como deslizándose entre los árboles azotados por la tempestad, aquel grupo compacto de jinetes envueltos en negras capas a semejante hora y en semejantes tiempos, de seguro habría creído que era una patrulla de espíritus infernales o almas en pena de bandidos, purgando sus culpas en noche tan espantosa.

ANTONIA

Doña Antonia había dormido mal. Después de su primer sueño, que fue tranquilo y pesado, los múltiples ruidos de la borrasca acabaron por despertarla. Agitada después por diversos pensamientos y preocupaciones a causa de su viaje próximo, comenzó a revolverse en su lecho, presa del insomnio y del malestar.

Parecía haber escuchado a través de los lejanos bramidos del trueno, y de los ruidos de la lluvia y del viento entre los árboles, algunos rumores extraños; pero atribuyó esto a aprensión suya. De buena gana se habría levantado para ir al cuarto de Manuela a fin de conversar o de rezar un momento en su compañía: pero temió interrumpir el sueño de la niña, a quien creía dormida profundamente y acalenturada desde el día anterior.

Así es que, después de haber pasado largas horas en aquella situación penosísima, luchando con ideas funestas y atormentadoras, y con el calor sofocante que había en su cuarto y el que le producía la irritación de la vigilia; cuando oyó que el

temporal cesaba, que los árboles parecían quedarse quietos, y que los gallos comenzaban a cantar, anunciando la madrugada y el buen tiempo, la pobre señora acabó por quedarse dormida de nuevo, para no despertar sino muy tarde y cuando los primeros rayos del sol penetraron por las rendijas del cuarto.

Entonces se levantó apresuradamente y corrió al cuarto de su hija.

No la encontró, vio la cama deshecha, pero supuso que se habría levantado mucho antes que ella y que estaría en el patio o en la cocina. La buscó allí, y no hallándola todavía, creyó que andaría recorriendo la huerta, examinando sus flores y viendo los estragos del temporal, y aun se dijo que Manuela hacía mal en exponerse así a la humedad de la mañana, después de haber estado indispuesta el día anterior; que iba a empaparse con el agua de los árboles y a mojarse horriblemente los pies en el lodo de la huerta, que era un bosque espeso, cruzado de apantles por todas partes y que se llenaba de charcos con la menor lluvia.

Efectivamente, los naranjos, los zapotes, los mangueras y los bananos dejaban caer una cascada de agua a cada rozamiento de sus ramajes; la luz del sol se reflejaba como en mil diamantes en las gotas de agua que pendían de las menudas hojas, y la grama del suelo se hallaba sumergida en una enorme ciénaga.

Hacía mal la muchacha en andar en la huerta de ese modo Y la llamó entonces a gritos para reñirla.

Pero habiendo esperado en vano para verla aparecer, y no escuchando su respuesta, comenzó a alarmarse y corrió a buscarla en los lugares que solía frecuentar. Tampoco estaba en ellos. Entonces siguió buscándola y gritándole en todas direcciones, y habiéndole venido una idea repentina volvió a la casa para ver si la puerta de la calle estaba abierta; pero encontrándola perfectamente cerrada y atrancada, tornó a la huerta, llena de sobresalto, suponiendo que quizás su hija habría sido mordida por alguna serpiente y se habría desmayado o tal vez muerto en algún rincón de aquel bosque. La pobre anciana, pálida como la muerte, convulsa de terror y de angustia, se internó en lo más espeso de la huerta, sin cuidarse del lodo ni de la maleza, ni de las espinas, registrándolo todo, llamando por todas partes a su hija con los epítetos más tiernos y más desesperados, con la garganta seca, con los ojos fuera de las órbitas, pudiendo apenas respirar, con el corazón saliéndosele del pecho, loca de dolor y de susto.

Pero nada, Manuela no aparecía.

— Pero, Dios mío, ¿qué es de mi hija? — exclamó, deteniéndose y apoyándose en un árbol, pues sentía que las piernas le flaqueaban.

Nadie le contestaba. La naturaleza seguía indiferente su curso normal. El sol brillaba de lleno iluminando el cielo, limpio ya de nubes, en aquella hermosa mañana de estío, más sereno y más azul después de una noche de borrasca; los pájaros parloteaban alegremente en las arboledas, zumbaban los insectos entre las flores y todo parecía cobrar nueva vida en aquella tierra tropical y vigorosa.

Sólo la pobre madre desfallecía, apoyada en los árboles y sintiendo que el frío de la muerte helaba la sangre en sus venas.

Pasado un momento de angustiosa parálisis, hizo un esfuerzo desesperado y se arrastró hasta el centro de la huerta. Allí tuvo otra idea; y cruzando el apantle que rodeaba como un pozo el soto de la adelfa, que era como una rotonda de arbustos en medio de la cual descollaba la vieja y florida planta, se dirigió hacia ésta, y al llegar a ella se detuvo sorprendida. Allí, junto al tronco, había un pozo que se había llenado de agua, y sobre la grama estaba tirada una tarecua, la pequeña tarecua con que Manuela solía cavar la tierra de su jardín.

Luego observó que, a pesar de la lluvia, la maleza y los arbustos aún permanecían doblados, como si alguna persona se hubiese abierto paso por entre ellos.

Miró con cuidado el suelo, y en la parte que no estaba cubierta por la grama, distinguió huellas de pisadas. Siguió

la dirección que ellas marcaban, lo cual era difícil en aquella capa de verdura espesa y áspera, que cubría el suelo, y pudo reconocerla hasta el apantle. En los bordes cenagosos de éste, y en la parte inundada por su crecimiento de la noche, la huella se marcaba mejor; era la huella de pies pequeños y desnudos que se habían enterrado profundamente en el cieno. ¿Quién podía haber andado por ahí esa mañana, si no era Manuela? ¿Y quién podía tener esos pies pequeños, sino la joven? Pero, ¿por qué había venido descalza, y habiendo tenido resfrío el día anterior?

La infeliz madre se perdía en conjeturas. Luego, dando algunos pasos más allá de la faja inundada por el apantle, volvió a reconocer huella de pisadas: eran las mismas de Manuela, que seguramente tomó la dirección del cercado. En efecto, las huellas seguían hasta la cerca y se detenían junto a las viejas raíces del zapote gigantesco. La anciana trepó con trabajo por ellas y como impulsada por un presentimiento terrible. Sobre la cerca había también señales de haber pasado por ahí alguno. Las plantas parecían haber sido holladas; los tallos de algunas estaban rotos. Doña Antonia se asomó por aquel lugar y examinó atentamente la callejuela. Vio entonces allí, precisamente al pie del lugar en que se hallaba, las huellas bien distintas de pezuñas de caballos, que parecían haberse detenido algún rato allí y que debieron haber sido varios,

porque el lodo estaba señalado y removido por numerosas huellas repetidas y agrupadas.

La aguda y fría hoja de un puñal que hubiese atravesado su corazón, no habría producido a la desdichada madre la sensación de intenso dolor y de desfallecimiento que semejante vista le causó.

No comprendía nada, pero adivinó que algo horroroso significaba aquéllo. ¡Su hija, atravesando la huerta en aquella noche, dirigiéndose a la cerca, aquellos caballos deteniéndose allí, como para esperarla, porque era evidente que ningún hombre había andado con ella, todo esto encerraba un misterio inexplicable, pero pavoroso para la pobre señora! ¿Había huido Manuela con algún hombre? ¿Había sido robada? ¿Quién podía ser el raptor?

Doña Antonia apenas pudo dirigirse confusamente tales preguntas, en medio de su atonía y de su terror, porque se sentía aterrada, aniquilada, permaneciendo ahí como idiota, con los ojos clavados en el lado de la calle, con los cabellos erizados, con el corazón palpitante hasta ahogarla, muda, sin lágrimas, sin fuerzas, viva imagen de la angustia y del dolor.

Pero una última esperanza pareció hacerla volver en sí. Pensó que eso era imposible, que era un sueño todo lo que estaba mirando o que nada tenía que ver con su hija aquel conjunto de circunstancias; que Manuela debía haber vuelto

a su cuarto, y que si se hubiera fugado, debía haberse llevado su ropa, sus alhajas, algo.

Doña Antonia, bajándose precipitadamente de la cerca, se dirigió vacilando como una ebria, pero corriendo hacia la casa y al cuarto de Manuela; estaba como antes, solitario, la cama deshecha, un baúl abierto. No cabía duda, la joven se había escapado; faltaba su mejor vestido, faltaban sus camisas bordadas, sus alhajas, su calzado nuevo de raso, sus rebozos. Se había llevado lo que podía caber en una pequeña maleta.

Entonces la infeliz anciana, convencida ya de su desdicha, cayó desplomada sobre el suelo y rompió a llorar, dando alaridos que hubieran conmovido a las piedras. Pasado al fin este arranque de dolor supremo, salió de la casa como una insensata, sin cuidarse de cerrarla, y se dirigió a la de su ahijada Pilar, que vivía por ahí cerca, en casa de unos tíos, porque era huérfana. Apenas pudo hablarles unas cuantas palabras para explicarles que Manuela había desaparecido y para rogarles que fuesen con ella a su casa a fin de cerciorarse del hecho.

Acompañáronla, en efecto, sorprendidos y asustados también, especialmente la bella y dulce joven, que lo mismo que su madrina no comprendía nada de tal misterio.

LA CARTA

El examen de la huerta y de la calle hecho por los tíos de Pilar y por Pilar misma, no hicieron más que confirmar las sospechas de doña Antonia. Manuela se había escapado en los brazos de un amante.

Los tíos de Pilar encontraron al pie de la cerca, y medio oculta entre la maleza y el lodo, la linterna sorda que había servido a la joven para alumbrarse y que arrojó allí al huir.

Quedaba ahora por averiguar quién o quiénes habían sido los raptos de la joven, y sobre este particular nadie se atrevía a aventurar una sola palabra, porque nadie tenía tampoco en qué fundar la menor conjetura.

La pobre madre, en el paroxismo de su dolor, se había atrevido a mencionar el nombre del honrado herrero de Atlahuayan; pero en el instante, tanto ella como Pilar y sus tíos, habían exclamado con admiración y sorpresa:

— ¡Imposible!

— En efecto, ¡imposible! — decía doña Antonia — ; ¿qué necesidad tenía Nicolás de arrebatarse a la muchacha cuando

yo se la habría dado con todo mi corazón? ... ¡Soy una tonta y sólo mi aflicción puede disculpar esta palabra imprudente! ¡Que Dios me la perdone! Nicolás no me la perdonaría.

— Además, madrina, Nicolás no era querido, y usted lo sabe muy bien; Manuela no podía sufrir ni su presencia. Habría sido preciso que tanto él como ella fingieran aborrecerse para que esto pudiera ser. Pero, ¿para qué semejante disimulo?

— Pues es claro — replicó doña Antonia — . No, no hay que pensar en ello, pero entonces, ¿quién, Dios mío?

— Será preciso avisar a la autoridad — dijo el tío de Pilar.

En este momento entró en la casa un muchacho, un trabajadorcito de las cercanías, y dijo que unos hombres que iban a caballo con una señora lo habían encontrado muy de madrugada y lo habían detenido más allá de Atlahuayan y al empezar la cuesta del monte, y que la señora, que era muchacha, le había dicho que viniera a Yautepec a traer una carta a su mamá, dándole las señas de la casa.

Doña Antonia abrió apresuradamente el papel, que estaba escrito con lápiz y que no contenía más que estas breves palabras:

Mamá:

Perdóname, pero era preciso que hiciera lo que he hecho. Me voy con un hombre a quien quiero mucho,

aunque no puedo casarme con él por ahora. No me llores porque soy feliz y que no nos persigan, porque es inútil.

Manuela.

Al oír estas palabras, todos se quedaron asombrados y mudos, pintándose en sus semblantes la sorpresa y el disgusto que semejante proceder en Manuela les causaba, habiendo sido hasta allí una buena hija. La pobre madre dejó caer el papel de las manos y quedó un momento con la cabeza inclinada, fijos los ojos en tierra, abatida, silenciosa, sombría, como insensata, hasta que un rato después hizo estallar su dolor en terribles sollozos. Acudieron a abrazada y a consolarla su ahijada y los tíos, sin saber qué decirle, sin embargo, para calmar su pena.

— ¿Y a quién quejarme ahora? — exclamó — .
Aconséjenme ustedes — dijo — , ¿qué haré?

— Veremos al prefecto — respondió el tío de Pilar — .
Es necesario que la autoridad tome sus providencias.

— Pero, ¡qué providencias! — repuso la anciana — ,
cuando ven ustedes que las autoridades mismas no se atreven a salir de la población ni tienen tropas ni manera de hacerse respetar ... ¡Si estamos abandonados de Dios! — añadió desesperada.

— Pero, quién podrá ser, pues, el hombre que se la ha llevado? — dijo Pilar—, porque yo no atino absolutamente

y es preciso tener siquiera una sospecha que sirviera de indicación ...

— ¡Y estar yo sola, absolutamente sola! — exclamó doña Antonia, torciéndose las manos de dolor — . ¡Ah! ¡Cómo han abusado de una infeliz vieja, viuda y desamparada!

— No tan sola, madrina, no está usted tan sola — replicó vivamente Pilar — . ¿No cuenta usted con la amistad de Nicolás?

— Es verdad, hija mía, lo había olvidado en mi desesperación. Tengo a ese hombre generoso, que todavía ayer me decía que sin interés ninguno en Manuela, de quien estaba seguro que no lo quería, podía yo contar enteramente con su apoyo, tienes razón, voy a escribirle al momento.

— No es preciso — dijo el tío de Pilar — ; yo voy a ensillar en un instante y corro a Atlihuayan para traer a Nicolás. Es necesario que nos ayude siquiera a indagar esto.

El anciano se levantaba para cumplir su oferta, cuando se oyó el ruido de un caballo en la calle y un hombre se apeó en la puerta de la casa.

Era el herrero de Atlihuayan. Todos se levantaron para correr hacia él; doña Antonia se adelantó y apenas pudo tenderle los brazos y decirle sollozando:

— ¡Nicolás, Manuela se ha huido!

El joven se puso densamente pálido y murmuró tristemente, con un gesto de amargo desdén:

— ¡Ah!, ¡sí, mis sospechas se confirman!

— ¿Qué sospechas? — preguntaron todos.

El herrero condujo a la señora al cuarto y todavía de pie, dijo:

— Esta mañana muy temprano un guardacampo vino a decimos, al administrador y a mí, que en la madrugada, recorriendo los campos que están al pie del monte, y cuando ya había cesado el aguacero, encontré en su casita, en la que no había dormido, a un grupo que se preparaba a salir y a montar a caballo y que seguramente se había guarecido allí del temporal; que recelando de que fuese gente mala, no se acercó por el camino, sino que se metió entre las cañas para observarlo bien. En efecto, eran plateados, cuatro hombres y una mujer joven, muy hermosa, llevando un sombrero de alas angostas y al que estaba atando un pañuelo blanco, antes de montar. Por esta detención pudo reconocerlos bien. A la niña parecía haberla visto algunas veces en esta población, y el hombre, que parecía jefe de los otros, era el Zarco.

— ¡El Zarco! — exclamaron todos aterrados.

— ¡El mismo, el más temible y malvado de esos bandidos, que, según dicen, es joven y no mal parecido! Éste fue quien abrazó a la joven para montarla y quien parece que la llevaba. En el acto emprendieron todos, y

a gran prisa, el camino de la montaña, sin reparar en el guardacampo, que no los perdió de vista hasta que ellos encumbraron y se alejaron entre las breñas. Entonces vino a dar parte. Yo no sé qué terrible presentimiento tuve, y sin darme cuenta de por qué lo hacía, monté a caballo y vine a ver si había ocurrido aquí alguna novedad ... Así es — añadió con intensa amargura — que ya saben ustedes con quién se fue Manuela.

— ¡Ah! ¡Con razón dice que es inútil perseguirla! — exclamó colérica doña Antonia, mostrando a Nicolás el papel, que él estuvo examinando con profunda atención.

— Efectivamente — repuso el joven —, es perfectamente inútil. ¿Quién iría a perseguir a ese bandido a su cuartel general, en que tiene más de quinientos hombres que lo defienden? Y sobre todo, ¿para qué? ¿No se ha ido ella con toda su voluntad? Cuando una mujer da ese paso, es porque está apasionada del hombre con quien se va. Perseguirla sería matarla también a ella.

— Preferiría yo verla muerta a saber que está en brazos de un ladrón y asesino como ése — dijo resuelta doña Antonia —. No es ahora sólo dolor lo que siento, es vergüenza, es rabia ... Quisiera ser hombre y fuerte, y les aseguro a ustedes que iría a buscar a esa desdichada aunque me mataran; ¡mejor para mí! ¡Un plateado! ¡Un plateado! — murmuró convulsa de ira.

— Pues bien, señora, yo estoy dispuesto a hacer lo que usted quiera, por más que parezca inútil la persecución, no tanto por la gente que acompaña al Zarco, sino por la voluntad terminante con que Manuelita lo ha seguido. Verdaderamente, no ha habido rapto.

— Pero, ¿yo puedo consentir en que mi hija, por más loca de amor que esté, siga a un bandido? ¿Y mis derechos como madre?

— Sus derechos de usted como madre no pueden ser representados sino por la autoridad en este caso, careciendo usted de un pariente próximo — dijo el tío de Pilar — . Nosotros ayudaremos a la autoridad, pero es necesario que ella sea quien ordene. ¿Y cree usted que se atreverá con esos bandoleros, cuando apenas puede hacerse obedecer en la población?

— Pero si quisiera ...; hoy llega la caballería del gobierno.

— Veremos al prefecto — replicó el anciano — , para decidirlo a que hable al jefe de esa fuerza; pero no olvide usted que esta fuerza no ha podido antier continuar la persecución del Zarco, que fue quien cometió los asesinatos de Alpuyecá, y eso que el gobierno de México había recomendado con todo empeño la persecución.

— Es inútil — exclamaron todos — , es imposible; ni el prefecto ni esos soldados han de querer.

En este momento se oyeron trompetas resonando en la plaza. La caballería del gobierno entraba con toda solemnidad en la población.

Doña Antonia, enloquecida de ira y de dolor, salió apresuradamente de la casa con la intención de hablar al prefecto.

EL COMANDANTE

El pobre prefecto se hallaba en la casa del Ayuntamiento, vestido con su traje dominguero para recibir a la tropa con los honores debidos, y en el momento en que llegó doña Antonia, acompañada del tío de Pilar y de Nicolás, que la habían seguido por deferencia, se entretenía en ver a aquella fuerza mal vestida y peor montada, que se forma en la placita para pasar lista. Mandábala un comandante de mala catadura, vestido de una manera singular, con un uniforme militar desgarrado, y cubierto con un sombrero charro viejo y sucio.

Luego que acabó de pasar su lista, el comandante vino a saludar al prefecto y a manifestarle, lo que era de cajón entonces, que necesitaba raciones para sus soldados y forraje para su caballada, pues debía continuar su marcha esa tarde.

El prefecto dio las órdenes convenientes para facilitar esos elementos, imponiendo a los vecinos acomodados semejante carga, que ellos estaban ya acostumbrados a soportar hacía tiempo.

Después la tropa se acuarteló y el comandante y algunos oficiales fueron invitados por el prefecto a tomar algunas copas y a comer en la Prefectura.

Tales eran los deberes que se imponía entonces la autoridad política de los pueblos para con esos militares, que ni defendían a la gente pacífica ni se atrevían a encararse con los bandidos de que estaba llena la comarca.

— ¿Qué tal, comandante — preguntó el prefecto — , ayer y antier han tenido ustedes una buena tarea con los plateados?

— Fuerte, señor prefecto — respondió el comandante atusándose los ásperos bigotes — , muy fuerte; no hemos descansado ni de día ni de noche.

— ¿Y lograron ustedes algo?

— ¡Oh!, les dimos una correteada a los plateados, terrible. Estoy seguro de que en muchos días no volverán a aparecerse en la cañada de Curnavaca. Han quedado escarmentados.

— ¿Cogieron ustedes algunos, eh?

— Sí: y los hemos dejado colgados, por ahí, de los árboles, en donde se estarán campaneando ... a esta hora.

— Pero, ¿cayeron todos?

— Todos, no, usted sabe que eso es difícil. Esos cobardes no atacan más que a la gente indefensa, pero luego que ven tropa organizada, como la mía, corren, se dispersan.

— Pero el Zarco ..., porque dicen que fue el Zarco el que mandaba la gavilla.

— Sí, él fue, pero es el más correlón de todos. Ni siquiera nos esperó, de modo que cuando nosotros llegamos a Alpuyecá, ni su luz del Zarco. En vano quisimos darle alcance. Luego que hizo su robo, apenas se detuvo a recoger a sus heridos y se largó precipitadamente, de modo que no dimos ni con su rastro. En ningún pueblo ni rancho de los que atravesamos en su persecución pudimos damos razón de él, sea que no hubiera pasado por allí o sea que tenga en todas partes cómplices, lo cual es más probable. El caso es que no pudimos continuar con mi caballería en aquellos montes tan escabrosos.

— Pero, entonces, señor comandante — preguntó el prefecto con malignidad — , ¿a quién cogieron ustedes por fin, porque acaba usted de decirme que dejaron algunos colgados en los árboles?

— ¡Oh, amigo prefecto — contestó el militar sin desconcertarse — , tomamos algunos sospechosos de quienes estoy seguro que eran sus cómplices; yo los conozco bien a estos pícaros, no pueden disimular su delito; corren de nosotros cuando nos divisan, se ponen descoloridos cuando les hablamos, y a la menor amenaza se hincan, pidiendo misericordia! Ya usted ve que estas son pruebas, porque si

no, ¿por qué habían de hacer todo eso? Su delito los acusa, son los cómplices, los que avisan a los bandidos, los que ocultan su marcha y los que participan del botín. A varios de esos, y según mi parecer, los más importantes, es a quienes he dejado dando vueltas en el aire ... ¡Servirá de ejemplo! ¿No le parece a usted?

De manera que el valiente militar había fusilado a algunos infelices campesinos y aldeanos, por simples sospechas, a fin de no presentarse ante su jefe, en Cuernavaca, con las manos limpias de sangre.

El prefecto lo comprendió así y por tal motivo respondió insistiendo:

— Sí, señor comandante, eso estuvo bueno siempre; pero, por fin, ¿y el Zarco?

— El Zarco, señor prefecto, debe hallarse ahora muy lejos de aquí; tal vez en el distrito de Matamoros o cerca de Puebla, para repartirse el robo con toda seguridad. ¡Bonito él para haberse quedado en este rumbo!

— Pero dicen — objetó el prefecto — que tiene su madriguera en Xochimancas a pocas leguas de aquí, y que cuenta con más de quinientos hombres. Al menos es lo que se dice por aquí, y lo que sabemos, porque frecuentemente se desprenden de allí partidas para asaltar las haciendas y los pueblos. En esa madriguera es donde guardan sus robos, en donde tienen a los

plagiados, sus caballos, sus municiones, en fin; parece, según noticias que recibimos diariamente, que allí viven como en una fortaleza, que tienen hasta piezas de artillería, hasta músicas y charangas que llevan algunas veces a sus expediciones y que les sirven también para divertirse en sus bailes.

— Ya sé, ya sé — replicó el comandante con cierto enfado — : pero usted conoce lo que son las exageraciones del vulgo. Todo eso son cuentos; habrán buscado allí refugio alguna vez, habrán permanecido allí dos o tres días, habrán hecho tocar dos o tres clarines, y el miedo de los pueblos ha inventado lo demás, porque no me negará usted, señor prefecto, que ustedes viven muertos de miedo y que ni parecen hombres los que viven en estas comarcas.

— Pero, con razón, señor comandante — dijo el prefecto, picado en lo vivo — , con muchísima razón si todos esos que usted dice que son cuentos, nos parecen a nosotros realidades; si vemos atravesar por nuestros caminos partidas de cien y de doscientos hombres, bien armados y montados; si se llevan al cerro todos los días a los vecinos de los pueblos y a los dependientes de las haciendas; si se meten donde quiera como en su casa, ¿Cómo no hemos de creer?

— Pues bien, y ustedes, ¿por qué no se defienden?, ¿por qué no se arman? — Porque no tenemos con qué; todos estamos desarmados.

— Pero ¿por qué?

— Le diré a usted: teníamos armas para la defensa de las poblaciones, es decir, armas que pertenecían a las autoridades y armas que habían comprado los vecinos para su defensa personal. Hasta los más pobres tenían sus escopetas, sus pistolas, sus machetes. Pero pasó primero Márquez con los reaccionarios y quitó todas las armas y los caballos que pudo encontrar en la población. Algunas armas se escaparon sin embargo, y algunos caballos también, pero pasó después el general González Ortega con las tropas liberales y mandó recoger todas esas armas y todos esos caballos que habían quedado, de manera que nos dejó con los brazos cruzados. Luego, los bandidos apenas saben que alguno tiene un caballo regular, cuando en el acto se meten a cogerlo. ¿Quién quiere usted que compre ya ni armas, ni caballos, sabiendo que los ha de perder de todos modos? Además, aun cuando nos queden machetes y cuchillos, ¿cree usted que nos vamos a poner con quienes traen buenos mosquetes y rifles?

— Pues, hombre — replicó el militar reflexionando —, eso sí está malísimo, porque así cualquiera puede burlarse de ustedes. ¿y qué hacen entonces?

— Lo único que hacemos es huir o escondemos. Tenemos un vigilante en la torre, durante el día. Cuando toca la campana, dando la alarma, las familias se esconden en

el curato o donde pueden, en lo más oculto de las huertas; los hombres corren y las autoridades ... nos sumimos — añadió el pobre prefecto, encogiéndose de hombros en ademán de vergüenza y de resignación.

— ¡Caramba, hombre, eso es atroz! — exclamó el comandante sirviéndose una gran copa de coñac — . Yo no sería autoridad aquí por nada de esta vida.

— Pues yo he renunciado a la prefectura cincuenta veces; pero no me admiten la renuncia, y como es lo mismo ...

— ¿Cómo lo mismo?

— Pues claro; es lo mismo que haya prefecto como que no lo haya; dirán que tanto da que yo esté como que esté otro, y mientras, aquí me tiene usted limitándome a dar forraje y raciones a las tropas que pasan, sin poder hacer más, sin disponer de un solo guarda, de un solo soldado, de nadie ... escondiéndome por la noche, porque de noche quedamos expuestos a todo, sin poder ejercer la vigilancia que tenemos de día, trabajando en nuestros quehaceres, siempre con sobresalto. De manera que no son cuentos los que le referimos a usted; no son invenciones del miedo. Son verdades, y se las diré a usted todo el mundo.

En el instante en que el prefecto acababa de hablar, doña Antonia, cansada de esperar que concluyese la conversación, se hizo anunciar por conducto del secretario de la oficina,

diciendo que tenía un negocio muy urgente que comunicar, tanto al prefecto como al comandante.

— Que entre — dijo el prefecto. Doña Antonia se presentó llorando y desesperada.

— ¿Qué le pasa a usted, doña Antonia? — preguntó el prefecto con interés.

— ¡Qué me ha de pasar, señor prefecto, una gran desgracia!, que mi hija ha sido robada anoche.

— ¡Su hija de usted! ¡Manuelita! ¡La muchacha más linda de Yautepec! — dijo el prefecto, dirigiéndose al comandante, que se volvió todo orejas.

— Sí, señor, Manuela, ¡me la han robado!

— ¿Y quién, vamos, diga usted?

— ¡El Zarco! — exclamó furiosa doña Antonia — , ¡ese gran ladrón y asesino!

— ¿Ya ve usted, señor comandante? — dijo el prefecto, sonriendo con malicia — . No anda tan lejos como usted creía; todavía está por aquí robándose muchachas, después de haber robado y asesinado en la Cañada.

— Pero, ¿cómo ha sido eso? ..., diga usted pronto, señora — dijo el militar levantándose.

Doña Antonia refirió los hechos que ya conocemos. Nicolás fue llamado a declarar lo que sabía, y no hubo ya duda de que, en efecto, el Zarco había sido el raptor.

— Y bien, ¿qué quiere usted ahora que se haga?

— Señor — respondió la anciana en actitud suplicante — , que usted haga perseguir a ese bandolero, que le quiten a mi hija, y yo daré lo poco que tengo si lo logran. Que la traigan viva o muerta, pero ha de ser pronto, señor; pueden encontrarla muy cerca de aquí, en Xochimancas, que es donde el Zarco tiene su madriguera. Ya sé, señor prefecto, que usted no tiene tropa, ni gente de quien disponer para eso; pero ahora que está aquí este señor militar con su tropa, puede prestar este servicio a la justicia y a la humanidad.

— ¿Qué dice usted, comandante? — preguntó con sorna el prefecto.

— ¡Imposible, señor prefecto, imposible! — repitió con resolución — ; yo tengo orden de continuar mi marcha para Cuautla, como que se trata de escoltar a un señor muy amigo del señor presidente, don Benito Juárez, que tiene que ir a México. Ya usted supondrá que cuando no he podido continuar la persecución de ese malvado ayer, y por causa de un robo y de asesinatos, menos he de poder entretenerme en ir a buscar a una muchacha por esos andurriales ... ¡Bah! ... ¡Bah...!, déjenos usted en paz, señora, ya se contentará la niña con el bandido ese, ¡no tiene remedio! ¡La tropa del gobierno no puede perder el tiempo en andar rescatando muchachas bonitas! Además, yo no conozco bien estos terrenos.

— Pero yo sí los conozco — dijo Nicolás — , y si el señor prefecto lo dispusiera, algunos amigos míos y yo acompañaríamos a la tropa del gobierno para guiarla y ayudarle en sus pesquisas.

— Pues si este muchacho tiene algunos amigos que lo acompañen, supongo que armados, ¿por qué no va él a hacer la persecución? — preguntó el comandante.

— Porque sería lo mismo que sacrificamos inútilmente — respondió Nicolás — . Mis amigos y yo seremos a todo rigor diez, y los bandidos a quienes podemos encontrar en Xochimancas pasan de quinientos o por lo menos son trescientos; ¿qué podríamos hacer diez contra trescientos? Moriríamos estérilmente. No así yendo la tropa del gobierno, porque tiene más de cien hombres, y además los que iríamos de aquí, que estamos bien armados y que, apoyados en la tropa, serviríamos de algo. Conocemos caminos por los que lograríamos sorprender a los plateados.

— Pero, ¿toda esa pelotera y ese empeño por una muchacha? — dijo el comandante, que no se dejaba convencer.

— No, señor — repuso indignado Nicolás — ; no sería solamente por la muchacha, porque se lograrían otros fines que son de mayor importancia. Se lograría acabar con esa guarida de malhechores que tienen azorado el distrito; se lograría tal vez matar o coger a los asesinos a quienes

persiguió el señor comandante ayer y antier inútilmente; se les quitaría el robo, se les quitarían los demás robos que tienen guardados allí, se libertaría a los hombres que tienen plagiados hace tiempo, y el señor comandante cumpliría con su deber restableciendo la seguridad en todo este rumbo. Yo creo que hasta el Supremo Gobierno se lo agradecería.

— A mí nadie me enseña mis deberes como soldado — respondió el comandante con los ojos centelleantes de cólera, y comprendiendo que no podía contestar de otro modo a las razones del joven — . Yo sé lo que debo hacer, y para eso tengo superiores que me ordenen lo que crean conveniente. ¿Quién es usted, amigo, para venir aquí a imponerme leyes y a hablarme con ese tono?

— Señor — dijo Nicolás, encarándose con dignidad al comandante — , yo soy un vecino honrado del distrito; soy el encargado de la herrería de la hacienda de Atlihuahuan, y el señor prefecto sabe que he prestado no pocos servicios cuando la autoridad los ha necesitado de mí. Además, soy un ciudadano que sabe perfectamente que usted es un jefe de seguridad pública, que la tropa que usted trae está pagada para proteger a los pueblos, porque no es tropa de línea consagrada exclusivamente al servicio militar de la Federación, sino que es fuerza del Estado, despachada para perseguir ladrones, y

ahora precisamente le estamos proporcionando a usted la oportunidad de cumplir con su comisión.

— ¡Usted qué sabe de eso, don cualquiera, ni qué tiene usted que gritarme aquí ni qué leerme la cartilla, ni quién le ha dado a usted facultades para hablarme en ese tono! ¿Quién es ese hombre, señor prefecto? — preguntó el comandante en el paroxismo del furor, con los bigotes erizados y poniendo mano en el puño de su pistola de Colt, que llevaba ceñida a la cintura.

— Este muchacho — respondió el prefecto palideciendo, porque temió algún desmán del soldadote, que como todos los de su ralea era un gran insolente con los hombres honrados y pacíficos —, este señor es, en efecto, un vecino muy honrado y muy apreciable, que ha prestado muy buenos servicios a los pueblos y que es muy estimado de todos.

— Pues no le valdrá todo eso de nada para evitar que yo lo fusile — dijo el comandante — ; yo le enseñaré a no faltar al respeto a los militares.

Nicolás se cruzó de manos impasible y contestó sin arrogancia, pero con un acento frío y altivo:

— Haga usted lo que quiera, señor militar; usted tiene allí su fuerza armada. Yo estoy solo, sin armas y delante de la autoridad de mi población. Puede usted fusilarme, no lo temo y ya lo estaba yo esperando. Era muy natural: no ha podido

usted o no ha querido perseguir o fusilar a los bandidos a quienes era necesario combatir arriesgando algo, y le es a usted más fácil asesinar a un hombre honrado que le recuerda a usted sus deberes. Es claro ..., esto no será glorioso para usted, pero sí lo único que puede y sabe hacer.

— ¿De manera que usted cree que yo me valgo de la fuerza para castigar la insolencia de usted?

— Así lo creo — repuso Nicolás, siempre cruzado de brazos y con un acento frío y seguro.

— Pues se equivoca usted, amigo — gritó el comandante — . Yo no necesito de la fuerza armada para castigar a los que me insultan. Yo sé corregirlos hombre a hombre.

— ¡Sería de ver! — respondió Nicolás, con una ligera sonrisa de desprecio — . Y precisamente — añadió, por aquí cerca de Yautepec hay algunos lugares bastante solitarios en que podría usted dar pruebas de ese valor. Deje usted aquí a su tropa, montaremos a caballo los dos y nos iremos juntos a escoger el sitio a propósito.

— ¿Sí, me desafía usted? — preguntó el militar, lívido de rabia.

— Yo acepto, señor comandante. Usted ha dicho que es muy capaz de castigar a los que le insultan hombre a hombre y sin valerse de la fuerza. Yo acepto y estoy dispuesto, con iguales armas y donde a nadie favorezca más que su propio valor.

— Bueno — dijo el comandante — , ahora verá usted si soy capaz.

Y saliendo precipitadamente de la pieza, gritó a varios soldados que estaban por ahí:

— ¡Hola, sargento, préndanme ustedes a ese pícaro y ténganlo en el cuartel con centinela de vista! Si se mueve, mátenlo.

— ¡Bonita manera de arreglar las cosas hombre a hombre! — murmuró Nicolás, mirando al comandante con un gesto de profundísimo desdén.

— ¡Ahora verá usted si me echa bravatas, insolente!

— Pero, señor comandante — dijo el pobre prefecto, interponiéndose en actitud suplicante — , dispense usted a este muchacho; es un exaltado, pero es hombre de bien, incapaz de cometer el más mínimo delito.

— ¡Cállese usted, señor prefecto del demonio — replicó el militar, furioso como un energúmeno — , cállese usted o también me lo llevo! Para eso nada más sirven ustedes las autoridades de aquí, para dar alas a los zaragates. ¡Ya verá usted si hago otro ejemplar! Llévenselo, llévenselo — dijo a los soldados que se apoderaron de Nicolás, el cual no hizo ninguna resistencia, contentándose con decir al prefecto:

— No ruegue usted, señor prefecto; deje usted que hagan lo que quieran, pero no humille usted su autoridad.

Sin embargo, el prefecto comprendía que aquel militar fanfarrón y cobarde era capaz de cumplir sus amenazas. Por aquel tiempo y en aquellas comarcas, tales hechos no eran, por desgracia, sino muy frecuentes. Los bandidos reinaban en paz, pero, en cambio, las tropas del gobierno, en caso de matar, mataban a los hombres de bien, lo cual les era muy fácil y no corrían peligro por ello, estando el país de tal manera revuelto y las nociones de orden y moralidad de tal modo trastornadas, que nadie sabía ya a quién apelar en semejante situación.

Las autoridades locales eran autoridades de burlas en las poblaciones y cualquier militarillo, por inferior que fuese, se atrevía a ultrajar y humillarlas.

El infeliz magistrado de Yautepec no pudo hacer otra cosa que reunir al Ayuntamiento, que se reunió, en efecto, con gran temor, no sabiendo qué deliberar. Además, el prefecto envió inmediatamente aviso al administrador de la hacienda de Atlihuayan, quien en el acto montó a caballo y se dirigió a galope a Yautepec, acompañado de los dependientes principales de la hacienda, con el objeto de procurar la libertad del honrado herrero.

PILAR

En cuanto a Doña Antonia, desde el principio del altercado de Nicolás con el comandante, viendo el giro que tomaba aquel asunto, comprendiendo, en fin, que no tenía que esperar nada de las autoridades y que, por el contrario, iba a cometerse una gran injusticia y tal vez un crimen con su generoso defensor, había caído en un extremo tal de abatimiento que por un instante se la creyó enferma. Pero nadie le hizo caso, estando todos atentos al desenlace de aquella terrible discusión.

Cuando los soldados se llevaron a Nicolás preso, la pobre señora ni aun fuerzas tuvo para levantarse y seguirlo, contentándose con gemir arrinconada y atónita en un banco de la Prefectura.

Por fin, cuando el prefecto salió, ella también, acompañada del tío de Pilar y de varios vecinos, se dirigió a la casa, en donde la esperaban la joven Pilar, su tía y algunos vecinos y vecinas que se interesaban en su desgracia.

Refirióles en pocas palabras lo que acababa de suceder, y agotadas sus fuerzas por tantos sufrimientos, débil, extenuada,

porque no había tomado alimento alguno desde la mañana y habiéndose empapado de agua en la huerta, al hacer sus primeras pesquisas, se arrojó en la cama temblando de fiebre. Su ahijada y aquellas gentes piadosas le prodigaron los primeros cuidados. Pero la buena y bella joven, tan luego como aplicó las medicinas necesarias a su madrina, comenzó a ocuparse en otra cosa que la había conmovido hasta el fondo del alma.

La noticia de la prisión de Nicolás había sido para ella un rayo. Se sintió trastornada, pero disimuló cuanto pudo su ansiedad y su congoja en presencia de sus tíos y de aquellas gentes extrañas, tomó su rebozo, y pretextando que iba a traer algunas medicinas, se lanzó a la calle. ¿Adónde iba? Ni ella misma lo sabía; pero sentía necesidad de ver a Nicolás, de hablarle, de ver a algunas personas, de procurar, en fin, salvar a aquel joven generoso que tiempo hacía que era el ídolo de su corazón, ídolo tanto más amado cuanto que había tenido que rendirle culto en silencio y en presencia de una rival muy querida de él y muy querida también de ella.

En otras circunstancias, ella, dulce, resignada por carácter, tímida y ruborosa, habría muerto antes que revelar el secreto que hacía al mismo tiempo la delicia y el tormento de su corazón. Pero en aquellos momentos, cuando la vida del joven estaba peligrando y lo suponía desamparado de todos y

entre las garras de aquellos militares arbitrarios y feroces, la buena y virtuosa joven no tuvo en cuenta su edad ni su sexo; no reparó en que su educación retraída había producido el aislamiento en torno suyo; no temió para nada el qué dirán de las gentes de su pueblo; no pensó más que en la salvación de Nicolás, y por conseguida salió de la casa de su madrina y se dirigió apresuradamente al cuartel en que le habían dicho que acababan de poner incomunicado al herrero.

Éste no se hallaba en prisión alguna, porque aquel cuartel provisional estaba en una casa de la población que no tenía las condiciones requeridas. Así es que Nicolás había sido puesto en un portal que daba a la calle, y allí lo guardaban dos centinelas de vista y la guardia, que se hallaba alojada allí mismo. De modo que la joven pudo verlo, desde luego mezclándose al grupo de gente que se había acercado a la casa por curiosidad.

Pilar se salió del grupo, y adelantándose hacia el prisionero, que reparó en ella en el instante, y que se levantó en ademán de recibida, no pudo pronunciar más que esta palabra, entre ahogados sollozos:

— ¡Nicolás!

Y cayó de rodillas en el suelo, muda de dolor y anegada en llanto.

Nicolás iba a hablarle, pero el sargento de la guardia se interpuso, y algo compadecido de la joven, le dijo:

— Sepárese, señorita, porque el reo está incomunicado y no puede hablarle. — Pero si es mi ..., ¡pero si es pariente mío! — dijo Pilar en ademán de súplica.

— No le hace — replicó el sargento — , no puede usted hablarle; lo siento mucho, pero es la orden.

— Una palabra nada más! ¡por compasión, déjeme usted hablarle una sola palabra!

— No se puede, niña — dijo el sargento — ; retírese usted; si viene el comandante puede que la maltrate, y es mejor que se vaya ...

— ¡Que me mate — dijo ella — , pero que se salve él!

Estas palabras, que llegaron a los oídos de Nicolás, muy claras y perceptibles, le revelaron toda la verdad de lo que pasaba en el alma de la hermosa joven y fueron para él como una luz esplendorosa que iluminó las nubes sombrías en que naufragaba su espíritu. ¡Pilar lo amaba, y esa sí que sabía amar! ¡De manera que él había estado embriagándose por mucho tiempo con el aroma letal de la flor venenosa, y había dejado indiferente a su lado a la flor modesta y que podía darle la vida!

¡Qué dicha la suya en saberlo!, pero ¡qué horrible desventura la de saberlo en aquel momento, tal vez el último de su existencia, porque Nicolás no dudaba de que el comandante ejercería su venganza en el camino aquella

misma tarde! Había sido la humillación del militar tan cruel y vergonzosa, que no podría perdonarla, con tanta más seguridad, cuanto que, en aquel tiempo, ningún temor podría contenerlo, siendo esta clase de arbitrariedades y crímenes el pan de cada día.

Pasó, por la cabeza de Nicolás, como un vértigo; todo aquello era superior a sus fuerzas, con ser ellas tantas, y con tener un carácter de bronce, como el suyo, fundido al fuego de todos los sufrimientos. No quiso ver más; cubrióse el rostro con las manos, como para no dejar ver dos lágrimas que brotaron de sus ojos. Pero pasado ese instante de crisis tremenda, se levantó de nuevo para ver a Pilar. Ésta, empujada suavemente por el sargento, se alejaba del cuerpo de guardia, pero volvía frecuentemente la cabeza, buscando a Nicolás. En una de esas veces, Nicolás le dio las gracias poniendo la mano sobre su corazón y le hizo seña de que se alejara. ¡Hubiera querido expresarle con el ademán cuánto gozaba sabiendo que era amado por ella, y asegurarle que, en aquel momento, un amor profundo y tierno acababa de germinar en su corazón sobre las cenizas de su amor malsano de los pasados días!

Pero aquella gente curiosa, aquellos soldados le habían impedido tal expansión, y más que todo su sorpresa, su aturdimiento, casi podría decirse su felicidad. Así, pues,

volvió a caer desplomado en el banco de piedra en que le habían permitido sentarse y se abandonó a profundas y amargas reflexiones.

Pilar, entre tanto, no descansó un instante. Fue a ver al prefecto, a quien encontró precisamente con los regidores y alcaldes, y con los dependientes de la hacienda, que deliberaban acerca de lo que debía hacerse para evitar que Nicolás fuese llevado preso. La joven se presentó a ellos llorando, les suplicó que a toda costa no abandonasen a Nicolás, y que si era posible le acompañaran en la marcha, porque tal vez eso evitaria que se cometiese un crimen en el camino, y no se retiró sino cuando todos le aseguraron que, si no conseguían libertario inmediatamente, acompañarían a la tropa.

Después se volvió a su casa y preparó algún alimento que llevó al prisionero ella misma, teniendo cuidado de confiarlo al sargento que antes le había hablado, y a quien deslizó una moneda en la mano, rogándole que dijese al preso que no tuviese cuidado, que velarían por él.

Nicolás comprendió que la joven había hecho mil gestiones en su favor, pero ¿cuáles fueron esas gestiones, y de qué modo y quiénes velarían por él? Eso no lo sabía, ni necesitaba saberlo. Desde aquel momento, algo como la confianza de un ser divino se hizo lugar en su ánimo. Había

un ángel que lo protegía y por más que el herrero supiese que Pilar era una niña oscura, débil, tímida, sin relaciones poderosas, algo le decía íntimamente que esa niña, inspirada por el amor, se había convertido en una mujer fuerte, atrevida y fecunda en recursos.

Así pues, reanimado con aquella seguridad interior, ya no temió por su existencia y se abandonó a su suerte confiado y tranquilo.

Apenas acababa de hacer estas reflexiones consoladoras y de tomar algún alimento, cuando se tocó en el cuartel la botasilla y la tropa se preparó a marchar.

Un rato después trajeron a Nicolás un caballo flaco y mal ensillado, y lo obligaron a montar en él y a colocarse entre las filas. Luego se formó la caballería, y el comandante llegó casi ebrio, y poniéndose a la cabeza de la tropa, salió de la población mirando con ceño a los numerosos grupos de gente que se agolpaban en las calles para manifestar un interés en favor del joven herrero, que marchaba tranquilo en medio de los dragones.

Nicolás buscaba con anhelo entre aquellos grupos a la bella niña, y no encontrándola, su frente se nubló. Pero al llegar la tropa a la orilla del pueblo, y entrando en el camino que conduce a Cuautla por las haciendas, se encontró un gran grupo de gente a caballo compuesto del prefecto,

de los regidores, del administrador de Atlihuahuan, de sus dependientes y de otros particulares muy bien armados. Junto a ellos y en la puerta de una cabaña, al extremo de una gran huerta, se hallaban Pilar y sus tíos. La hermosa joven tenía los ojos encarnados, pero se mostraba tranquila y procuró sonreír al descubrir a Nicolás y al decirle adiós, como diciéndole: Hasta luego.

Nicolás, al verla, ya no pensó más en su situación, sintió solamente el vértigo del amor, el golpe de sangre que afluía a su corazón, que ofuscaba sus ojos con un dulce desvanecimiento. Púsose encendido, saludó a Pilar con apasionado cariño, y volvió varias veces la vista para fijar en ella una mirada de adoración y de gratitud. La amaba ya profundamente; aquel amor acababa de germinar en su alma y había echado ya hondas raíces en ella. En tres horas había vivido la vida de tres años, y había poblado aquella fantasía ardiente con todos los sueños de una dicha retrospectiva y malograda.

Por su parte, Pilar no ocultaba ya sus sentimientos desde el instante que ellos estallaron con motivo del terrible riesgo que estaba corriendo Nicolás. Salvarlo era ahora todo su objeto, y poco le importaba lo demás.

El famoso comandante, que según ha podido comprenderse era demasiado receloso, se alarmó al ver aquella

cabalgata que parecía esperarlo en actitud amenazadora, y picando su caballo se dirigió al prefecto.

— ¡Hola, señor prefecto!, ¿qué hace tanta gente aquí?

— Esperándolo a usted — respondió el funcionario. — ¿A mí?, ¿para qué?

— Para acompañarlo, señor, hasta Cuautla. — ¿Acompañarme?; ¿y con qué objeto?

— Con el de responder de la conducta de ese muchacho a quien lleva usted preso, ante la autoridad a quien va usted a presentarlo.

— ¿Y qué autoridad es ésa, señor prefecto?

— Usted debe saberlo — respondió secamente el prefecto, que parecía más resuelto, apoyado como estaba por numerosos vecinos bien armados — . Yo sólo sé que soy aquí la primera autoridad política del distrito, y que no tengo superior en él en lo relativo a mis facultades. El señor juez de primera instancia es también la primera autoridad del distrito en el ramo judicial; él está aquí, porque lo es actualmente el señor alcalde. Así es que supuesto que usted se lleva preso a un ciudadano que de uno o de otro modo debería estar sometido a nuestra jurisdicción, claro es que va usted a presentarlo a alguna autoridad que sea superior a la nuestra, y nosotros vamos a presentarnos también a esa autoridad para informarle de todo y para lo que haya lugar.

— Pero, ¿sabe usted que yo tengo facultades para hacer lo que hago? — dijo el militar, queriendo salir del aprieto en que lo habían puesto las razones del prefecto.

— No, no lo sé — contestó éste — , usted no ha tenido la bondad de enseñarme la orden que así lo diga, ni a mí se me ha comunicado nada por el gobierno de Estado, que es mi superior. Si usted trae la orden ... puede enseñármela.

— Yo no tengo que enseñarle a usted órdenes ningunas — respondió el militar con altanería — . Yo no recibo órdenes más que de mis jefes, ni tengo que dar cuenta de mi conducta más que a mis jefes.

— Por eso vamos a ver a esos jefes de usted — replicó el prefecto con decisión.

— Pues entonces es inútil que ustedes me acompañen, porque mis jefes no están en Cuautla, sino en México.

— Pues iremos a México — insistió el prefecto, secundado por el administrador de Atlihuayan, que también repitió — : ¡Sí, señor, iremos a México!

— Y ¿si yo no lo permito?

— Usted no puede impedir que sigamos a la tropa de usted. Yo soy el prefecto de Yautepec, conmigo vienen el Ayuntamiento y varios vecinos honrados y pacíficos, ¿con qué derecho nos podría usted evitar que fuésemos a donde usted va?

— Pero ¿saben ustedes que ya me está fastidiando esta farsa y que puedo hacer que se concluya?

— Haga usted lo que guste; nosotros haremos entonces lo que debemos.

El comandante estaba furioso. Mandó hacer alto a su caballería y conferenció un momento con sus capitanes. Tal vez hubiera querido cometer una arbitrariedad, pero no era fácil que ella quedara impune. El prefecto estaba allí acompañado del Ayuntamiento, de los dependientes de la hacienda de Atlihuayan y de numerosos vecinos bien montados y armados. En un momento podían reunírsele otros vecinos, aunque sin armas, y tomar aquello un aspecto formidable.

El comandante decidió, pues, soportar aquella afrenta, pero no soltar a Nicolás. Volvió hacia el grupo en que se hallaba el prefecto, y le dijo:

— ¿De manera que ustedes han salido para quitarme al reo, al hombre?

— No, señor — replicó el prefecto — ; ya hemos dicho a usted que nuestro objeto es seguirle hasta Cuautla o hasta México, y no podrá usted acusarnos de agresión alguna.

— ¡Era bueno que ustedes mostraran esta resistencia contra los bandidos, como la muestran contra las tropas del gobierno!

— Sí, la mostraremos — replicó indignado el prefecto — , si las tropas del gobierno en lugar de perseguir a esos bandidos, pues para eso les pagan, no se emplearan en perseguir a los hombres de bien. Se le ha ofrecido a usted el auxilio de hombres de aquí para perseguir a los plateados y usted no ha querido y precisamente ése es el delito por el que lleva usted preso a ese honrado sujeto.

— Bueno, bueno — dijo el comandante — , pues ya veremos quién tiene razón; síganme ustedes a donde quieran, que lo mismo me da ... Y mandó continuar la marcha.

El prefecto siguió aliado de la columna de caballería, pero Nicolás pudo ya estar seguro de que nada le sucedería.

Así caminaron toda la tarde, y ya bien entrada la noche llegaron a Cuautla, en donde el prefecto de Yautepec fue a hablar a su colega del distrito de Morelos y a poner en juego todas sus relaciones con el objeto de lograr la libertad del herrero El comandante puso un extraordinario a Cuernavaca, acusando al joven como hombre peligroso para la tranquilidad pública, presentando lo acaecido en Yautepec como una rebelión y dándose aires de salvador y de enérgico, pero el prefecto de Yautepec y el Ayuntamiento, así como las autoridades de Cuautla, se dirigieron al gobernador del Estado y al gobierno federal, y el administrador de Atlihuayan, al dueño de la hacienda y a sus amigos en México, relatando

lo ocurrido. Cruzáronse numerosos oficios, informes, recomendaciones, y se gastó tinta y dinero para aclarar aquel asunto. Nicolás permaneció preso en el cuartel de aquella tropa, que aún esperaba órdenes para escoltar al amigo del presidente. Pero al tercer día llegó una directa del Ministerio de la Guerra para poner en libertad al joven herrero, mandando que el comandante se presentase en México a responder de su conducta.

Todo este embrollo y esta irregularidad eran cosas frecuentes en aquella época de guerra civil y de confusión. Así, pues, del rapto cometido por el Zarco, sólo habían resultado la grave enfermedad de la pobre madre y la prisión del herrero de Atlihuayan, la conmoción de las autoridades de Yautepec, muchas comunicaciones, muchos pasos, muchas lágrimas, pero el delito había quedado impune.

Verdad es que también había resultado la dicha de dos corazones buenos; éste era el único rayo de sol que iluminaba aquel cuadro de desorden, de vicio y de miseria.

EL AMOR BUENO

Nicolás, apenas libre, voló a Yautepec. ¿Qué había pasado allí durante su corta ausencia? ¡Temblaba de pensar en ello! Incomunicado rigurosamente desde que salió de Yautepec hasta que fue puesto en libertad, nada había podido saber acerca de la suerte de doña Antonia, ni de Pilar, pero apenas pudo comunicarse con algunos de los vecinos de Yautepec, que habían acudido a hablarle, cuando supo que la infeliz madre de Manuela, demasiado débil para resistir tantos golpes, había caído en cama, atacada de un violento acceso de fiebre cerebral. Era muy posible que la pobre señora hubiera sucumbido. ¿Y Pilar? Indudablemente la bella y buena joven habría prodigado toda especie de cuidados a su madrina; era seguro que no se habría separado un solo instante del lecho de la enferma que, abandonada tan miserablemente por su hija, se encontraba, sin embargo, rodeada de gentes bondadosas y caritativas, pero sobre todo de aquel ángel, que más que su ahijada, parecía ser su verdadera hija, heredera de su virtud, de su sensatez y de su noble carácter.

Pero en el seno de aquella familia improvisada por la desgracia, junto al lecho de aquella anciana moribunda, hacía falta un hombre, un apoyo, una fuerza que infundiera aliento a los demás y proveyese a las necesidades que siempre aumenta el desamparo. Y ese hombre, ¿quién podía ser sino él, Nicolás, el hombre a quien aquella virtuosa señora había escogido para su yerno, y había amado como a un hijo suyo, el que, a su vez huérfano desde su infancia, había concentrado en ella todo su afecto filial? ¡Cómo le habría buscado la enferma en su delirio! ¡Cómo habría también Pilar invocado su nombre en silencio, deseando verlo a su lado, en aquellos momentos de horrorosa angustia! Este último pensamiento era, en medio de su ansiedad, como una gota de néctar que caía en su corazón que rebozaba amargura.

Desde su salida de Yautepec, preso y amenazado de muerte por aquel militar insolente y arbitrario, Nicolás no había hecho más que pensar en aquellos dos objetos de su cariño: doña Antonia y Pilar, y su espíritu agitado pasaba sin cesar del infortunio de la desdichada señora, al amor de la hermosa joven, amor tanto más grato, cuanto que se había revelado de súbito, y justamente cuando se habían oscurecido para él todos los horizontes de la vida.

Así es que aquel enamorado joven, en los días precedentes, apenas había concedido su atención al estado

que guardaba, a la incomunicación en que se le mantenía, a las mil incomodidades de su prisión, al peligro mismo de una resolución desfavorable a las gestiones que se hacían para libertarle, a todo.

Doña Antonia y Pilar eran su preocupación única, y no ver a estas dos personas, que para él encerraban el mundo entero, causaba su impaciencia, una impaciencia que llegaba a la desesperación.

En cuanto a Manuela ... se había desvanecido completamente en su memoria. El herrero, como todos los hombres de gran carácter, era orgulloso y si en los últimos días aún había manifestado algún afecto a la desdenosa joven, si en su corazón aún no parecía haberse extinguido el fuego de otro tiempo, había sido solamente porque doña Antonia animaba constantemente con el soplo de sus esperanzas aquella hoguera, casi convertida en cenizas.

Pero Nicolás había acabado por comprender, desde hacía muchos meses, que era un hombre imposible en el corazón de Manuela. Más aún; con su perspicacia natural, con esa facilidad de percepción que tienen los enamorados humildes, había adivinado, analizando detalle por detalle, al regresar tristemente de Yautepec todas las noches, sus estériles y cada vez más heladas entrevistas con la joven, que ésta no sólo sentía despego hacia él, sino repugnancia.

Ahora bien: a la expresión de este sentimiento, que aun en un semblante hermoso es dura y desagradable, no podía resistir una alma altiva como la de Nicolás. Si él hubiera sido uno de esos muchachos tontos y fatuos que interpretan siempre el gesto y las palabras de las mujeres que aman, en el sentido menos desfavorable para ellos; si hubiese sido uno de esos hombres vengativos y tenaces que hacen del sufrimiento un medio de triunfar y de vengarse; si por último, hubiese sido uno de esos viejos libertinos para quienes el deseo es una coraza que los hace invulnerables, para quienes la posesión a toda costa es ya el único objeto de su amor sensual, Nicolás habría permanecido firme en su intento sostenido por el apoyo de la señora, gran apoyo junto a una hija, por contraria que ésta se muestre.

Pero Nicolás era un hombre de otra especie. Indio, humilde obrero, él tenía, sin embargo, la conciencia de su dignidad y de su fuerza. Él sabía bien que valía, como hombre y como pretendiente, lo bastante para ser amado de Manuela. Su honradez inmaculada daba un título; su posición, aunque mediana, pero independiente y obtenida merced a un trabajo personal, lo ennoblecía a sus ojos; su amor sincero, puro, que aspiraba a la dignidad conyugal y no a los goces pasajeros del deseo material, le hacían valorizado y estimado, como un tesoro que debía guardarse intacto.

En suma, él amaba tiernamente, con sumisión, pero con decoro, con pasión tal vez, pero con dignidad, y comprometer este decoro y esta dignidad en algún acto de humillación le habría parecido degradar su carácter y arrastrar por el suelo aquel sentimiento que él llevaba tan alto.

Así pues, tan luego como Manuela, enamorada como estaba de otro hombre, creyó conveniente quitarse el velo del disimulo y comenzó a mostrar a Nicolás un desabrimiento que éste conoció al instante, que fue aumentándose de día en día, y que acabó por convertirse en un marcado gesto de repugnancia, Nicolás comenzó por sentirse lastimado profundamente en su orgullo de hombre y de amante, y acabó por experimentar la insoportable amargura de la humillación. Su amor, ya bastante desarraigado por los desaires anteriores, no pudo resistir la última prueba, y fue desvaneciéndose a gran prisa en su corazón. El afecto de doña Antonia, un vislumbre de esperanza y cierto hábito contraído de ver a la joven todos los días, aún lo retenía débilmente, como lo hemos visto; pero al saber que aquella mujer a quien había creído insensible para él, pero honrada, había huido con el odioso bandido, cuyo nombre era el espanto de aquella comarca, una sorpresa dolorosa primero, y un sentimiento de desprecio después, se apoderaron de su alma.

Después, este desprecio fue tornándose, al considerar la perversión de carácter de Manuela, en un sentimiento de otro género.

Era la repugnancia, pero la repugnancia que inspira la fealdad del alma; y después una viva alegría inundó su corazón.

Él, Nicolás, el pobre herrero de Atlihuayan, se había escapado de aquel monstruo. Había estado amando a un demonio creyéndolo un ángel. Hoy que se veía libre de él, se avergonzaba de su ceguedad de los primeros días, y se felicitaba de que el cielo o su buena suerte lo hubiesen salvado del peligro de haberse enlazado con aquella criatura, o al menos de la desgracia de seguir amándola, lo que habría sido terrible para él, dado su carácter altivo e intensamente apasionado.

Lejos de eso, y como una compensación gratisíma, precisamente en los momentos en que su espíritu había quedado enteramente despejado de las últimas nieblas que aquel afecto hubiera podido dejarle cuando la serenidad acababa de restablecerse en su corazón, serenidad que no había sido bastante para turbar ni el peligro que había corrido ni la indignación que lo había agitado, había visto surgir ante sus ojos una nueva imagen, más bella y dulce que la que había desaparecido, y había sentido, había comprendido que ésa sí

era el ángel bueno de su existencia. Ni podía menos; el amor de Pilar se había descubierto en un momento solemne y decisivo, sin interés y sin esperanzas, con todos los caracteres de abnegación, de generoso sacrificio, de resolución heroica que deben ser las cualidades del afecto extraordinario. ¿Cómo no sentirse subyugado en el instante por un amor tan poderoso? Nicolás no sólo sintió penetrar en su alma, como un torrente de fuego, aquel amor nuevo y luminoso sino que experimentó algo como un remordimiento, como vergüenza de no haber abierto antes los ojos a la dicha, de no haber adivinado el afecto que inspiraba y que seguramente había vivido oculto cerca de él, protegiéndolo, envolviéndolo en una atmósfera de simpatía y de cariño. ¡y él, cómo habría hecho sufrir a la bella y modesta joven con su aparente galantería para Manuela! ¡Quizás la habría lastimado alguna vez, quizás había sido cruel, sin quererlo, hiriendo la delicadeza de aquel corazón tierno y blando como una sensitiva!

Tal idea lo hacía aparecer a sus propios ojos como inferior a su amada de hoy, pero no con esa inferioridad que humilla, sino con la inferioridad del creyente para con su Dios, sentimiento que aviva y aumenta el amor, porque lo complica con la admiración y la gratitud.

Tales reflexiones ocuparon el ánimo de Nicolás durante el camino de Cuautla a Yautepec, que recorrió impaciente

y a todo el galopar de su caballo, atravesando el bosque de catzahuates y las haciendas de Cocoyoc, de Calderón y de San Carlos, que bordan aquella llanura pintoresca. Por fin pasó el río, atravesó las callejuelas, palpitándole el corazón, y se apeó en la puerta de la casa de doña Antonia. ¿Qué noticias iba a recibir?

UN ÁNGEL

Oscurecía ya cuando Nicolás penetró en las piezas de la casa de doña Antonia. Al ruido de sus pasos, una mujer se adelantó a su encuentro, y apenas lo reconoció, a la débil luz crepuscular que aún permitía distinguir los objetos, cuando se echó en sus brazos sollozando.

Era Pilar.

Nicolás, al sentir contra su seno aquella mujer, hoy intensamente amada, sintió como un vértigo de pasión y de placer. Era la primera vez de su vida que conocía tamaña felicidad, él, que hasta ahí sólo había podido saborear los amargos dejes del desengaño; él que considerándose casi siempre desamado, se habría considerado feliz con una mirada sola de simpatía, ahora recibía a torrentes, en una explosión amorosa, toda aquella dicha que antes no se hubiera atrevido siquiera a soñar.

Y ella estaba allí, la bellísima joven, que había ocupado su pensamiento en aquellos días de prisión y en aquellas noches de insomnio; y sentía sus hermosos brazos de virgen

enlazar su cuello, y palpar su corazón enamorado junto a aquel corazón que ya no latía sino para ella, y sentía sus lágrimas humedecer sus manos y su aliento bañar como un dulce aroma su semblante. Nicolás no podía hablar. Era presa de una emoción avasalladora y que paralizaba sus facultades.

Por fin, después de haber estrechado a la joven con un arrebato amoroso más significativo que diez declaraciones, le dijo, besándola en la frente:

— Pilar mía; ahora sí ya nada ni nadie nos separará. Lo que siento es no haber conocido antes dónde estaba mi dicha; pero, en fin, bendigo hasta los peligros que acabo de pasar, puesto que por ellos he podido encontrarla.

Pilar, como toda mujer, y aunque rebosando amor y felicidad, no pudo substraerse a un vago sentimiento de temor y de recelo. No estaba todavía bastante segura de que en el corazón de Nicolás hubiese desaparecido completamente aquel antiguo amor de Manuela, quizás exacerbado aún por todo lo que acababa de pasar. Así es que, fijando los ojos con timidez en los del herrero, se atrevió a preguntarle, con un acento en que se traducía el miedo de perder aquella dicha suprema:

— ¿Pero es cierto, Nicolás? ¿Me quiere usted como a Manuela?

— ¿Como a Manuela? — interrumpió Nicolás, con vehemencia — . ¡Oh, Pilar, no me haga usted esa pregunta, que

me lastima! ¿Cómo puede usted comparar el amor que hoy le manifiesto, y que siento, con aquel afecto que tuve a aquella desgraciada? Aquél fue un sentimiento del que hoy tengo vergüenza. Ni sé cómo pude engañarme tan miserablemente ni alcanzo a explicar a usted lo que me pasaba. Quizás sus desaires, su frialdad me exaltaban y me hacían obstinarme; pero si he de decir a usted la verdad de lo que sentía, cuando a mis solas, y lejos de aquí me ponía a reflexionar, examinando el estado de mi corazón, le confieso que aquello no era amor, no era este cariño puro y apasionado que usted me hace sentir ahora, sino otra cosa malsana, como una enfermedad de la que yo quería librarme, como un capricho en que estaba interesado mi amor propio, pero no mi felicidad. Pero todavía quiero decir a usted, aun cuando no lo crea, que ya en los últimos días este capricho no existía, ese afecto había desaparecido; Manuela no me producía ya la impresión que al principio, y si no hubiera sido porque la señora se había empeñado en convencerla de que debía casarse conmigo, y me había hecho entender que al fin lo lograría, que no perdiera yo la esperanza y que contara con su apoyo, francamente, quizás habría yo acabado por aborrecer a Manuela, o al menos por olvidarla, y habría dejado de venir a esta casa.

— Pero ¿y mi madrina? ... ¿y yo? ... ¿No pensaba usted en nosotras? — preguntóle Pilar en tono de queja.

— ¡Ah, sí! — replicó Nicolás — , la señora, la pobrecita señora era digna de todo mi cariño ... En cuanto a usted, Pilar, ¿debo decirlo?, ni me atreví a soñar siquiera en ser amado por usted; ya había comprendido cuán dichoso sería el hombre amado por usted; ya había levantado hasta usted mis ojos llenos de esperanza, pero los había vuelto a bajar con tristeza, pensando en que usted tampoco había de quererme. Me parecía usted más alta que Manu ela para mí. Y luego, pensar en usted, decirle a usted algo, después de los desaires de Manuela, sufridos en presencia de usted, me parecía indigno. ¡Si hubiera yo adivinado! ... Con que ya ve usted que no ahora, mucho antes, aquel afecto para Manuela había acabado. ¿Duda usted todavía? ¿Cree usted que el amor que le tengo, y que ha crecido por años en tan pocos días se parezca al sentimiento que abrigué por esa infeliz, y que se ha convertido ahora en un desprecio espantoso? ...

— Ya no dudo, Nicolás, ya no dudo — dijo la joven estrechando las manos del herrero entre las suyas — . Y aunque dudara — añadió suspirando — , mi felicidad consiste en este amor que siento por usted hace mucho tiempo, que he guardado en el fondo de mi corazón, sin esperanza entonces, aumentado cada día por el dolor y por los celos, y que sólo ha podido revelarse en el momento en que corría usted peligro y en que yo estaba próxima a perder el juicio. Yo no podía

esperar que usted me amase. Al contrario, estaba segura de que usted amaba a Manuela más que nunca, quizás porque la había perdido para siempre; pero no fui dueña de mí, no pude contenerme, no di oídos más que a mi corazón.

— Pero, niña — dijo Nicolás, en tono de reconvención — , usted me juzgó mal, quizás, porque no conocía bien mi carácter. Para amar todavía a Manuela, a pesar de lo que había hecho, se necesitaba, en primer lugar, haberla amado de veras, y acabo de decir a usted que no era así, y después se necesitaba ser un hombre vulgar, y yo, aunque humilde, aunque obrero rudo, aunque indio sin educación, y sin otros ejemplos, puedo asegurar a usted que no soy vulgar, que me siento incapaz de estimar un objeto indigno, y que para mí la estimación es precisamente la base del amor. ¿Yo había de seguir queriendo a una perdida que se dejaba robar por un asesino y un ladrón? ¡Imposible, imposible! De padres a hijos, en mi familia india, nos hemos transmitido las ideas de honradez altiva que tantas veces me han echado aquí en cara, como un defecto, y que me han granjeado algunos enemigos. Nosotros hemos sido pobres, muy pobres, pero alguna vez yo contaré a usted cómo mis antepasados, en sus montañas salvajes, en sus cabañas humildísimas han sabido, sin embargo, conservar siempre su carácter limpio de toda mancha de humillación o de bajeza. Han preferido morir

a degradarse, y eso no por vanidad, ni por conservar una herencia de honor, sino porque tal es nuestra naturaleza. La altivez en nosotros es parte de nuestro ser. Así, pues, figúrese usted si yo podría haber sentido por Manuela, después de lo que ha hecho, otro sentimiento que el de una compasión despreciativa. Hacer otra cosa hubiera sido una degradación ... ¿Está usted convencida?

— Sí, Nicolás — dijo apresuradamente la joven — , perdóneme usted; pero a pesar de que conocía su carácter, mi cariño, mi pobre cariño, nacido en medio de los celos, me hacía ciega y desconfiada ...

— No, lo que guardo a usted, buena y hermosa niña, es un amor santo y eterno ... ¿quiere usted ser mi esposa, y luego?

— ¡Oh! — dijo llorando Pilar — , será mi felicidad; pero hemos hablado largamente, nos hemos extraviado, hemos olvidado el mundo, Nicolás, y estamos hablando cerca de una moribunda ..., mi madrina ...

— ¡Oh, sí, la señora! ...

— Mi madrina se muere — exclamó Pilar con abatimiento— ; hace dos días que no toma alimento ninguno, su debilidad es muy grande, la fiebre violenta, y todos dicen que no tiene remedio.

Nicolás, al saber esta noticia, inclinó la cabeza lleno de pesadumbre.

LA AGONÍA

En efecto, los dos jóvenes, en su éxtasis amoroso habían olvidado un momento a la pobre doña Antonia, que yacía moribunda en la pieza cercana. Hemos dicho que desde el día siguiente a la fuga de su hija, conmovida por la terrible crisis que había sufrido más que a causa de la humedad, a que había estado expuesta durante muchas horas, la desdichada anciana había caído en cama, atacada de una fiebre cerebral.

Inútiles habían sido los cuidados que se le habían prodigado por las personas caritativas y amigas que la asistían, particularmente por Pilar, que como una hija amorosa, no se había separado un instante de su lado. La experiencia de aquellas buenas gentes, a falta de médico, y todos los esfuerzos, se habían estrellado contra la gravedad del mal. La señora se moría, y Nicolás llegaba precisamente en los momentos en que la agonía tocaba a su término. Nicolás profundamente consternado, penetró en la estancia de la enferma, débilmente alumbrada, y en la que fue saludado afectuosamente por las pocas personas que allí había.

Pilar, que lo había precedido, se acercó al lecho de su madrina, y llamándola varias veces le dijo que Nicolás estaba cerca de ella y que deseaba hablarle. La anciana, como si despertara de un profundo letargo, procurando reunir las pocas fuerzas que le quedaban, levantó la cabeza, se fijó en el herrero, que le alargaba las manos cariñosamente, y entonces reconociéndole lanzó un débil grito, tomó aquellas manos entre las suyas, las besó repetidas veces, murmurando: ¡Nicolás! ¡Nicolás! ¡Hijo mío!, y luego cayó desplomada, como si aquel esfuerzo supremo hubiera agotado su existencia. Nicolás se inclinó al borde de aquel lecho de muerte, y allí, ese hombre de hierro a quien no habían logrado abatir ni las desgracias ni los peligros, se puso a llorar amargamente, afligido ante tamaña desdicha y maldiciendo al destino, que tales injusticias comete.

Doña Antonia aún vivió algunas horas, pero la agonía había sido demasiada prolongada, la vida se había extinguido bajo el peso de tantos sufrimientos, y antes de concluir la noche, aquella anciana virtuosa e infortunada exhaló el último suspiro en los brazos de su ahijada Pilar y junto al hombre a quien había amado como a un hijo.

El dolor de la pobre niña fue inmenso. Acostumbrada desde su juventud a ver en doña Antonia a una segunda madre, a quien amaba, además, por su bondadoso carácter

y por sus altas y sólidas virtudes, Pilar le era adicta sinceramente, y considerándola ahora abandonada por su hija, con el desinterés y la abnegación que son propios de las almas inteligentes y generosas, su adhesión y su amor se habían convertido en pasión filial. Así es que sus cuidados, durante la enfermedad de la anciana, habían sido exquisitos, y las vigiliass y la inquietud sufridas se revelaban en su bello semblante, pálido y demacrado.

La muerte de su madrina, por esperada que hubiera sido, le produjo un abatimiento indecible, y si, afortunadamente para ella, el amor de Nicolás, confesado ya de una manera tan clara y tan resuelta, no hubiera venido a consolarla y a fortalecerla, como un rayo de sol, seguramente el alma de la buena y sensible joven habría visto el mundo como una noche sombría y pavorosa. Pero Nicolás estaba allí, su esposo futuro. El cielo se lo enviaba justamente en los instantes de mayor amargura para ella, huérfana infeliz, sin patrimonio, sin más apoyo que dos tíos ancianos, y en medio de aquella situación llena de peligros para todos. Entonces consideró al joven no sólo como al elegido de su corazón, sino como a su salvador, a su Providencia, y fuertemente conmovida por aquel cambio súbito de su suerte, por aquel socorro inesperado que parecía enviarle Dios, como para recompensarla de sus aflicciones y tristezas, la joven, dando

tregua a sus sollozos, cayó de rodillas y oró fervorosamente, con un sentimiento en que se mezclaban el dolor y la gratitud al mismo tiempo.

Sacóla de su arrobamiento la voz de Nicolás, que le dijo con ternura y con gravedad religiosa, extendiendo la mano hacia el cadáver de la anciana:

— Pilar, yo le juro a usted sobre ese cadáver que seré su esposo, y que no esperaré para realizar mi promesa más que el tiempo de luto. Es usted un ángel que yo no merezco.

Pilar se echó en sus brazos llorando; los circunstantes, conmovidos ante aquella escena, procuraron también consolar a la joven, y Nicolás salió inmediatamente para preparar los funerales de doña Antonia. Como la anciana había dejado algunos intereses, era preciso asegurarlos, puesto que no había dejado testamento, y que la hija única que tenía, había abandonado la casa materna.

Desde luego las autoridades locales quisieron disponer que vendiesen la casa y la huerta para atender los gastos precisos; pero Nicolás se opuso a ello, ofreciendo hacer los gastos por su cuenta, como un homenaje a la memoria de su virtuosa amiga. Rehusó también encargarse del cuidado y administración de aquellos pocos bienes, que las autoridades le encargaban, alegando razones de delicadeza bien comprensibles en su situación; de modo que aquel

modesto patrimonio fue ocupado legalmente, pero sin intervención del honrado herrero.

Sepultada la señora, a cuyo entierro concurrieron todas las personas que habían estimado sus virtudes, todo volvió a la vida normal, es decir, a aquella vida llena de zozobras y de peligros que hemos descrito. Nicolás se fue a su herrería de Atlihuayan, más querido aun por sus patrones, a causa de su noble conducta; Pilar volvió a la humildísima casa de sus tíos, que se convirtió para ella en un edén, porque su esposo futuro, esperando la fecha señalada, la visitaba todas las tardes, como lo hacía en otro tiempo en casa de Manuela.

¿Y ésta? Véamos lo que le pasaba.

ENTRE LOS BANDIDOS

Manuela, apasionada de el Zarco y por lo mismo ciega, no había previsto enteramente la situación que le esperaba, y si la había previsto, no se había formado de ella sino una idea convencional.

Su fantasía de mujer enamorada e inexperta le representaba la existencia en que iba a entrar como una existencia de aventuras peligrosas, es verdad, pero divertidas, romancescas, originales, fuertemente atractivas para un carácter como el suyo, irregular, violento y ambicioso.

Como hasta allí, y desde que se había soltado esa nueva plaga de bandidos en la tierra caliente, al acabar la terrible guerra civil que había destrozado a la República por espacio de tres años, y que se conoce en nuestra historia con el nombre de Guerra de Reforma, no puede decirse que se hubiera perseguido de una manera formal a tales facinerosos, ocupado como estaba el gobierno nacional en luchar todavía con los restos del ejército clerical. Manuela no había visto nunca levantarse un patíbulo para uno de esos compañeros de su amante.

Al contrario, había visto a muchísimos pasearse impunemente por las poblaciones y los campos, en son de triunfo, temidos, respetados y agasajados por los ricos, por las autoridades y por toda la gente.

Si alguna persecución se les hacía, de cuando en cuando, como aquella que había fingido el feroz comandante, conocido nuestro, era más bien por fórmula, por cubrir las apariencias, pero en el fondo, las autoridades eran impotentes para combatir a tales adversarios, y todo el mundo parecía resignado a soportar tan degradante yugo.

Manuela, pues, se figuraba que aquella situación, por pasajera que fuese, aún debía durar mucho, y que el dominio de los plateados iba consolidándose en aquella comarca. Además, era ella muy joven para recordar las tremendas persecuciones y matanzas llevadas a cabo contra los bandidos de otras épocas por fuerzas organizadas por el gobierno del Estado de México y puestas a las órdenes de jefes enérgicos y terribles, como el célebre Oliveros.

Aquello había pesado en tiempos ya remotos, a pesar de que no habían transcurrido desde tales sucesos ni quince años. Por otra parte, las circunstancias eran diversas. En aquella época se trataba de perseguir a cuadrillas de salteadores vulgares, compuestas de diez, de veinte, a lo sumo de cuarenta bandidos, que se dispersaban al menor ataque y

cuyo recurso constante era la fuga. Se estaba en una paz relativa, y podían las fuerzas organizadas de varios Estados concurrir a las combinaciones para atacar a una partida numerosa; las poblaciones y los hacendados ricos podían prestar sus auxilios, las escoltas recorrían constantemente los caminos, y hombres conocedores de todas las guaridas servían de guías o eran los perseguidores.

Pero ahora era diferente. Ahora el gobierno federal se hallaba demasiado preocupado con la guerra que aún sostenían las huestes de Márquez, de Zuloaga, de Mejía y de otros caudillos clericales, que aún reunían en torno suyo numerosos partidarios; la intervención extranjera era una amenaza que comenzaba a traducirse en hechos, precisamente en el tiempo en que se verificaban los sucesos que relatamos, y como era natural, la nación toda se conmovía, esperando una invasión extranjera que iba a producir una guerra sangrienta y larguísima, que, en efecto, se desencadenó un año después y que no concluyó con el triunfo de la República sino en 1867.

Todas estas consideraciones no podían venir al espíritu de la joven con la lucidez con que se presentaban a los ojos de las personas sensatas; pero ella oía hablar a las gentes serias que visitaban a doña Antonia o ésta le transmitía los rumores que circulaban, y aunque vagamente, como las gentes de la muchedumbre suelen resumir la situación pública, pero de un

modo exacto, ella sacaba las consecuencias que le importaban para su vida futura.

Por lo demás, el estado que guardaban las cosas en la tierra caliente, era demasiado claro para que ella pudiera abrigar grandes temores por la vida del Zarco.

Lo cierto era que los plateados dominaban en aquella comarca, que el gobierno general no podía hacerles nada, que el gobierno del Estado de México, entonces desorganizado, y en el que los gobernadores, militares o no, se sucedían con frecuencia, tampoco podía establecer nada durable; que los hacendados ricos tenían que huir a México, o que cerrar sus haciendas o someterse a la dura condición de rendir tributo a los principales cabecillas, so pena de ver incendiados sus campos, destruidas sus fábricas y muertos sus ganados y sus dependientes.

Lo cierto era que no se trataba ahora de combatir a cuadrillas de pocos y medrosos ladrones como aquellos a quienes se había perseguido en otro tiempo, sino a verdaderas legiones de quinientos, mil y dos mil hombres que podían reunirse en un momento, que tenían la mejor caballada y el mejor armamento del país, que conocían éste hasta en sus más recónditos vericuetos; que contaban en las haciendas, en las aldeas, en las poblaciones, con numerosos agentes y emisarios reclutados por el interés o por el miedo, pero que les servían fielmente, y por último, que aleccionados en la

guerra que acababa de pasar, y en la que muchos de ellos habían servido tanto en un bando como en el otro, conocían lo bastante para presentar verdaderas batallas, en las que no pocas veces quedaron victoriosos.

Así, pues, Manuela, a quien el Zarco había también instruido en sus frecuentes entrevistas acerca de las ventajas con que contaban los bandidos, acababa por disipar sus dudas, sabiendo que su amante pertenecía a un ejército de hombres valerosos, resueltos y que contaban con todos los elementos para establecer en aquella desdichada tierra un dominio tan fuerte como duradero.

De modo que, por una parte, con el impulso irresistible de su pasión, y por otra, convencida por todas las razones que le daba su amante y el temor de las gentes que la habían rodeado, acabó por confiarse resueltamente en su destino, segura de que iba a ser tan feliz como en sus sueños malsanos lo había concebido.

Pero, en resumen, Manuela, que no había hecho más que pensar en los plateados desde que amaba al Zarco, no conocía realmente la vida que llevaban esos bandidos, ni aún conocía personalmente de ellos más que a su amante. Los había visto varias veces en Cuernavaca desfilando ante sus ventanas, formando escuadrones; pero la rapidez de ese desfile y la circunstancia de no haberse fijado con atención

más que en el Zarco, que fue quien la cautivó desde entonces por su gallardía y su lujo, impidieron que pudiese distinguir a ningún otro de aquellos hombres.

Después, retraída en Yautepec, y encerrada justamente por el miedo que tenía doña Antonia de que fuese vista por aquellos facinerosos, Manuela no había vuelto a ver a ninguno de ellos, pues cuando habían solido entrar de día en la población, había tenido que esconderse, ya en el curato, ya en lo más oculto de las huertas, en donde la gente se preparaba escondrijos, en los que permanecían días enteros, hasta que pasaba el peligro.

Así, pues, no conocía a los bandidos más que de oídas, ya por los relatos seductores que le hacía el Zarco, entremezclados, sin embargo, de alusiones a peligros pasajeros, que, lejos de asustarla, le causaban emociones punzantes, y ya por las terribles narraciones de la gente pacífica de Yautepec, abultadas todavía más por doña Antonia, cuya imaginación había acabado por enfermarla.

De estas noticias tan contradictorias, Manuela, con una parcialidad muy natural en quien amaba a un bandido, había formádose una idea siempre favorable para éste y ventajosa para ella.

Pensaba que el terror de las gentes exageraba los crímenes de los plateados, quienes con la mira de inspirar

mayor horror hacia ellos, sus enemigos los pintaban como a monstruos verdaderamente abominables y que no tenían de humano más que la figura; que la vida de crápula constante en que se les suponía encenegados cuando no andaban en asaltos y matanzas, no era más que una ficción de las gentes, aterradas o llenas de odio; que los suplicios espantosos a que condenaban a sus víctimas no eran más que ponderaciones a fin de infundir pavor y arrancar dinero más fácilmente a las familias de los plagiados.

Ella creía que el Zarco y sus compañeros eran bandidos ciertamente, es decir, hombres que habían hecho del robo una profesión especial. Ni esto le parecía tan extraordinario en aquellos tiempos de revuelta, en que varios jefes de los bandos políticos que se hacían la guerra habían apelado muchas veces a ese medio para sostenerse. Ni el plagio, que era el recurso que ponían más en práctica los plateados, le parecía tampoco una monstruosidad, puesto que, aunque inusitado antes y por consiguiente nuevo en nuestro país, había sido introducido precisamente por facciosos políticos y con pretextos políticos.

De manera que, a sus ojos, los plateados eran una especie de facciosos en guerra con la sociedad, pero por eso mismo interesantes; feroces, pero valientes; desordenados en sus costumbres, pero era natural, puesto que vivían en

medio de peligros y necesitaban de violentos desahogos como compensación de sus tremendas aventuras.

Razonando así, Manuela acababa por figurarse a los bandidos como una casta de guerreros audaces y por dar al Zarco las proporciones de un héroe legendario.

Aquella misma guarida, Xochimancas, y aquellas alturas rocallosas de las montañas en que solían establecer el centro de sus operaciones, los plateados aparecían en la imaginación de la extraviada joven como esas fortalezas maravillosas de los antiguos cuentos, o por lo menos como los campamentos pintorescos de los ejércitos liberales o conservadores que se habían visto aparecer no hacía mucho, en casi todas las comarcas del país.

Todo esto había pensado Manuela en sus horas de amor y de reflexión y ya resuelta a compartir la suerte del Zarco.

Así es que la noche de la fuga, ella esperaba entrar en un mundo conocido. De pronto, la noche tempestuosa, la lluvia, la emoción consiguiente al abandono de su casa y de su pobre madre, que siempre le hizo mella, a pesar de su pasión y de su perversidad, el verse ya entregada en alma y cuerpo al Zarco todo esto le impidió comparar su situación con sus sueños anteriores y examinar a los compañeros de su amante. Por otra parte, nada había aún de extraordinario en aquellos momentos. Se escapaba de su casa con el elegido de su corazón; éste, caballero o bandido, había tenido que acompañarse de algunos

amigos que afrontasen el peligro con él y que le guardasen la espalda; he ahí todo. Ella no los conocía, pero le simpatizaban ya por el solo hecho de contribuir a lo que ella juzgaba su dicha.

Cuando obligados por la tempestad, tanto ella como el Zarco y sus compañeros, se refugiaron en la cabaña del guardacampo de Atlihuayan, todos guardaron silencio y no echaron abajo sus embozos, de modo que así, en la oscuridad y sin hablar, Manuela no pudo distinguir sus fisonomías ni conocer el metal de su voz. Algunas palabras en voz baja, cruzadas con el Zarco, fueron las únicas que interrumpieron aquel silencio que exigía el lugar.

Pero cuando a las primeras luces del alba, y calmada ya la lluvia, el Zarco dio orden de montar, Manuela pudo examinar a los compañeros de su amante: embozados en sus jorongos, siempre cubiertos hasta los ojos, con sus bufandas, no dejaban ver el rostro; pero su mirada torva y feroz produjo un estremecimiento involuntario en la joven, habituada a las descripciones que se le hacían de estas figuras de facinerosos. Entonces fue cuando Manuela, en un pedazo de papel que le dio el Zarco, escribió con lápiz aquella carta dirigida a doña Antonia en que le daba parte de su fuga.

Después, echáronse a andar los prófugos con dirección a Xochimancas, encumbrando rápidamente la montaña en que vimos aparecer al Zarco la primera vez.

La comitiva continuó callada. De cuando en cuando, Manuela, que iba delante con el Zarco, escuchaba ciertas risas ahogadas de los bandidos, a las que contestaba el Zarco volviéndose y guiñando el ojo, de un modo malicioso que disgustó a la joven.

Después la cabalgata comenzó a entrar en un laberinto de veredas, unas serpenteando a través de pequeños valles encajados entre altas rocas, y otras pasando por gargantas escabrosas y abruptas apenas frecuentadas por bandidos y leñadores.

Por fin, poco antes de mediodía se divisaron por entre una abra, formada por dos colinas montañosas, las ruinas de Xochimancas, madriguera entonces de los plateados.

De una altura que dominaba aquella hacienda arruinada se oyó un agudo silbido, al que respondió otro lanzado por el Zarco, e inmediatamente un grupo de jinetes se desprendió de entre las ruinas y a todo galope se acercó a reconocer la cabalgata del Zarco, llevando cada uno de aquellos jinetes su mosquete preparado.

El Zarco se adelantó, y rayando el caballo, habló con los del grupo, que se volvieron a toda brida a Xochimancas a dar parte.

Pocos momentos después, el Zarco dijo a Manuela, con tono amoroso: — Ya estamos en Xochimancas, mi vida, ahí están todos los muchachos.

En efecto, por entre las viejas y derruidas paredes de las casuchas del antiguo real así como en los portales derrumbados y negruzcos de la casa de la hacienda, Manuela vio asomarse numerosas cabezas patibularias, todas cubiertas con sombreros plateados, pero no pocas con sombreros viejos de palma; aquellos hombres, por precaución, tenían todos en la mano un mosquete o una pistola.

Algunas veces, al atravesar la comitiva, gritaban malignamente: — ¡Miren al Zarco! ¡Qué maldito! ... ¡Qué buena garra se trae!

— ¿Dónde te has encontrado ese buen trozo, Zarco de tal? — preguntaban otros riendo.

— Esta es para mí nomás — contestaba el Zarco en el mismo tono.

— ¿Para ti nomás? ... Pos ya veremos ... — replicaban aquellos bandidos — . ¡Adiós güerita, es usted muy chula para un hombre solo!

— ¡Si el Zarco tiene otras!, ¿pa' qué quiere tantas? — gritaba un mulato horroroso que tenía la cara vendada.

El Zarco, enfadado al fin, se volvió, y dijo con ceño: — ¡Se quieren callar, grandísimos! ...

Un coro de carcajadas le contestó; la comitiva apretó el paso con dirección a una capilla arruinada, que era el

alojamiento del Zarco, y éste dijo a Manuela, inclinándose a ella y abrazándola por el talle:

— No les hagas caso, son muy chanceros. ¡Ya los verás qué buenos son!

Pero Manuela se sentía profundamente contrariada. Vanidosa, como era, y aunque sabiendo que se entregaba a un forajido, ella esperaba que este forajido, que ocupaba un puesto entre los suyos, semejante al que ocupa un general entre sus tropas, tuviese sus altos fueros y consideraciones. Creía que los capitanes de bandoleros eran alguna cosa tan temible que hacían temblar a los suyos con sólo una mirada, o bien que eran tan amados, que no veían en torno suyo más que frentes respetuosas y no escuchaban más que aclamaciones de entusiasmo. Y aquella recepción en el cuartel general de los plateados la había dejado helada. Más aún, se había sentido herida en su orgullo de mujer, y puede decirse en su pudor de virgen, al oír aquellas exclamaciones burlonas, aquellas chanzonetas malignas con que la habían saludado al llegar, a ella, que por lo menos esperaba ser respetada yendo al lado de uno de los jefes de aquellos hombres.

Porque, en efecto, ella no podía olvidar tan pronto, por corrompida que se hallara moralmente, y por cegada que estuviera por el amor y la codicia, que era una doncella, una hija de padres honrados, una joven que, hacía poco,

estaba rodeada por el respeto y por la consideración de todos los vecinos de Yautepec. Jamás en su vida habían llegado a sus oídos expresiones tan cínicas como las que acababa de escuchar, ni las galanterías que suelen dirigirse a las jóvenes hermosas, y que alguna vez le habían arrojado a su paso tenían ese carácter de infame desvergüenza y de odiosa injuria que acababan de lanzarle al rostro en la presencia misma del que debía protegerla, de su amante. Sintió, pues, que el semblante se le encendía de cólera; pero cuando el Zarco se volvió hacia ella, risueño, para decirle: ¡No les hagas caso!, su amante le pareció, no solamente tan cínico como sus compañeros, sino cobarde y despreciable. Díjose a sí misma, y por una comparación muy natural en aquel momento, que Nicolás, el altivo herrero indio, cuyo amor había desdeñado, no habría permitido jamás que la amada de su corazón fuese ultrajada de esa manera. Por rápido que hubiera sido ese juicio, le fue totalmente desfavorable al Zarco, quien, si hubiese podido contemplar el fondo del pensamiento de Manuela, se habría estremecido viendo nacer en aquella alma, que rebosaba amor hacia él, como una flor pomposa, el gusano del desprecio.

La intensa palidez que sucedió al rojo de la indignación en el semblante de la joven, debió ser notable, porque el Zarco la advirtió, e inclinándose de nuevo hacia ella, le dijo con tono meloso:

— ¡No te enojés, mi alma, por lo que dicen esos muchachos! Ya te he dicho que tienen modos muy diferentes de los tuyos. ¡Es claro, pues, si no somos frailes ni catrines! Nosotros tenemos nuestros dichos aparte, pero es necesario que te vayas acostumbrando, porque vas a vivir con nosotros, y ya verás que todos esos chanceros son buenos sujetos y te van a querer mucho. ¡Te lo dije, Manuelita, te dije que no extrañarás, y tú me has prometido hacerte a nuestra vida!

Este te lo dije del Zarco resonó como un latigazo en los oídos de la atolondrada joven. En efecto, comenzaba a sentir la indiscreción de su promesa y los extravíos y ceguedades de la pasión. Incluyó la cabeza y no contestó al Zarco sino con un gesto indescriptible en que se mezclaban la repugnancia y el arrepentimiento.

Entre tanto, habían llegado ya a la capilla arruinada que servía de alojamiento al Zarco, pues las habitaciones de la antigua casa de la hacienda estaban reservadas a otros jefes de aquellos bandoleros.

Aquel lugar, antes sagrado, se hallaba convertido ahora en una guarida de chacales. En la puerta, y a la sombra de algunos arbolillos que habían arraigado en las paredes llenas de grietas o entre las baldosas desunidas y cubiertas de zacate, estaban dos grupos de bandidos jugando a la baraja en torno de un sarape tendido, que servía de tapete y contenía las

apuestas, los naipes y algunas botellas de aguardiente de caña y vasos. Algunos de los jugadores se hallaban sentados en cuclillas, otros con las piernas cruzadas, otros estaban tendidos boca abajo, unos tarareaban con voz aguda y nasal canciones tabernarias, todos tenían los sombreros puestos y todos estaban armados hasta los dientes. No lejos de ellos se hallaban sus caballos, atados a otros árboles, desembridados, con los cinchos de las sillas flojos y comiendo algunos manojos de zacate de maíz, y por último, trepado en una pared alta, vigilaba otro bandido, pronto a dar la señal de alarma en caso de novedad.

Así, pues, aquellos malvados, aun seguros como se sentían en semejante época, no descuidaban ninguna de las precauciones para evitar ser sorprendidos y sólo así se entregaban con tranquilidad a sus vicios o a la satisfacción de sus necesidades.

Manuela abarcó de una sola mirada aquel espectáculo, y al contemplar aquellas fisonomías de patíbulo, aquellos trajes cuajados de plata, aquellas armas y aquellas precauciones, no pudo menos de estremecerse.

— ¿Quiénes son esos? — preguntó curiosa al Zarco.

— ¡Ah! — contestó éste — , son mis mejores amigos, mis compañeros, los jefes ... Félix Palo Seco, Juan Linares, el Tigre, el Coyote, y ese güerito que se levanta es el principal ... es Salomé.

— ¿Salomé Plasencia? — El mismo.

En efecto, era Salomé, el capataz más famoso de aquellos malvados, una especie de Fra Diávolo de la tierra caliente, el flacucho y audaz bandolero que había logrado, merced a la situación que hemos descrito, establecer una especie de señorío feudal en toda la comarca y hacer inclinar, ante su miserable persona, las frentes más soberbias de los ricos propietarios del rumbo.

Salomé se adelantó a recibir al Zarco y a su comitiva.

— ¿Qué hay, Zarco? — le dijo con voz aflautada y alargándole la mano — .¡Caramba! — añadió mirando a Manuela — , ¡qué bonita muchacha te has sacado! — y luego, tocándose el sombrero y saludando a Manuela le dijo — : ¡Buenos días, güerita ..., bien haya la madre que la parió tan linda! ...

Los otros bandidos se habían levantado también y rodeaban a los recién llegados, saludándolos y dirigiendo requiebros a la joven. El Zarco se apeó, riendo a carcajadas, y fue a bajar a Manuela, que se hallaba aturdida y no acertaba a sonreír ni a responder a aquellos hombres. No estaba acostumbrada a semejante compañía y le era imposible imitar sus modales y su fraseología cínica y brutal.

— ¡Vamos, aquí hay frescos! — dijo uno de los del grupo, trayendo un vaso de aguardiente, de ese aguardiente de caña fuerte, y mordente y desagradable que el vulgo llama chinguirito.

— No — dijo el Zarco, apartando el vaso — , esta niña no toma chinguirito, no está acostumbrada; lo que queremos es almorzar, porque hemos andado casi toda la noche y toda la mañana, y no hemos probado bocado.

— A ver, mujeres — gritó a las gentes que había dentro de la capilla, de la cual se exhalaba, juntamente con el humo de la leña, cierto olor de guisados campesinos — , hágannos de almorzar, y tomen esto — añadió alargando la maleta que contenía la ropilla de Manuela; ésta sólo conservó su saco de cuero, en que guardaba las alhajas, que nunca le parecieron más peligro que en aquel lugar.

Un grupo de mujerzuelas, desarrapadas y sucias, se apresuró a recibir aquellas cosas y los recién llegados penetraron en aquel pandemónium, en que se aglomeraban objetos abigarrados y extraños, y gentes de catadura diversa.

Por acá, y cerca de la puerta, estaba la cocina de humo, es decir, el fogón de leña en que se cocían las tortillas, y junto al cual estaba la molendera con su metate y demás accesorios. Un poco más lejos estaba otro fogón, en el que se preparaban los guisados en ollas o en cazuelas negras. Del otro lado había sillas de montar puestas en palos atravesados, mecates en que se colgaba la ropa, es decir, calzoneras, chaquetas, sarapes, túnicas viejos de percal o de lana; en un rincón se revolcaba un enfermo de fiebre con la cabeza envuelta en un pañolón

desgarrado y sucio; más allá un grupo de mujeres desgredadas remendaban ropa blanca o hacían vendas, y al último, en el fondo de la capilla, junto al altar mayor, convertido en escombros, y dividida de la nave por una cortina hecha de sábanas y de petates, se hallaba la alcoba del Zarco, que contenía un catre de campaña, colchones tirados en el suelo, algunos bancos de madera y algunos baúles de madera forrados de cuero. Tal era el mueblaje que iba a ofrecer aquel galán a la joven dama que acababa de arrebatarse de su hogar tranquilo.

— Manuelita — le dijo, conduciéndola a aquel rincón — , esto, como ves, está muy feo, pero por ahora hay que conformarse, ya tendrás otra cosa mejor. Ahora voy a traerte de almorzar.

La joven se sentó en uno de aquellos bancos y allí cubierta con la cortina, sintiéndose a solas, dejó caer la cabeza entre las manos, desfallecida, abrumada; y oyendo las risotadas de los bandidos ebrios, sus blasfemias, las voces agudas de las mujeres; aspirando aquella atmósfera pesada, pestilente como la de una cárcel, no pudo menos que mesarse los cabellos desesperada, y derramando dos lágrimas que abrasaron sus mejillas como dos gotas de fuego, murmuró con voz enronquecida:

— ¡Jesus! ... ¡lo que he ido a hacer!

XOCHIMANCAS

Hemos introducido al lector en una de las madrigueras de los famosos plateados y que por aquella época nefasta que transcurrió de los últimos meses de 1861 a los últimos de 1862, sirvió de cuartel general a los temibles y espantosos bandidos que fueron la calamidad y la deshonra de nuestro país.

Era Xochimancas, y es todavía, una hacienda arruinada, es decir, una finca de campo, con buenos terrenos propios para el cultivo de la caña de azúcar o del maíz, con abundantes aguas, un clima ardoroso, y en suma, con todos los elementos necesarios para una agricultura tropical, productiva y fecunda. El algodón, el café, el índigo, la caña de azúcar pueden propagarse allí lo mismo que en los más fértiles terrenos de la cañada de Cuernavaca o de los distritos de Tetecala, de Yautepec, de Morelos o de Jonacatepec, rindiendo al agricultor el ciento por uno.

¿Por qué en aquella época no se veían en ese pequeño y ardiente valle las hermosas plantaciones de los ricos ingenios que en las otras comarcas que hemos mencionado?

No lo sabemos a punto fijo. Xochimancas, ya en ese tiempo era una ruina, pero ello revelaba que en épocas pasadas, desde la dominación colonial seguramente, había sido cultivada por los españoles como una buena finca de campo que rendía pingües productos ¿De cuándo databa su decadencia y su ruina? No lo hemos averiguado, aunque hubiera sido fácil, ni importa gran cosa para la narración de estos sucesos.

Pero sí es evidente que el lugar es propio para el cultivo, y que sólo la apatía, la negligencia o circunstancias muy particulares y pasajeras pudieron haberlo convertido en una guarida de malhechores, en vez de haber presentado el aspecto risueño y halagador de un campo de trabajo y de actividad, porque el nombre mismo, de origen náhuatl, indica que desde la época anterior a la conquista española este lugar era fértil y ameno, y tal vez en él tuvo asiento un pueblo de jardineros.

El ilustrado joven ingeniero Vicente Reyes, en su preciosa obra inédita intitulada Onomatología geográfica de Morelos, dice, explicando el jeroglífico correspondiente a Xochimancas:

Xochimancas: Hacienda de la Municipalidad de Tlaltizapan, en el distrito de Cuernavaca. Etimología: Xochimanca, lugar de cuidadores y productores de flores;

de Xochimanqui, el cuidador y productor de flores, y ca. Formamos el nombre pictórico con el grupo que en la colección Ramírez sirve para descifrar la palabra Xochimancas, Xochimanque. Y luego citando al viejo cronista Sahagún, añade: En la fiesta celebrada el tercer mes, Tozostontli, ofrecían las primicias de las flores que aquel año primero nacían en el eu llamado Yopico, y antes que las ofrecieran, nadie osaba oler flor alguna.

Los oficiales de las flores que se llamaban Xochimanqui hacían fiesta a su diosa llamada Coatlycue, y por otro nombre Cuatlanton.

Y el laborioso y erudito anticuario Cecilio A. Robelo, en su Nombres Geográficos Mexicanos del Estado de Morelos, obra apreciableísima, dice, citando a otro antiguo cronista, Torquemada: Xochimancas. ¿Xochimán? Lugar en que se cuidaban o producían las flores que se ofrecían a los dioses. Entre las divinidades de los aztecas se hallaba la Cohuatlicue o Cohuatlantona, culebra resplandeciente, diosa de las flores, a la que ofrecían en el mes Tozostontli ramos de flores formados con precioso artificio. Los oficiales encargados del cultivo de esas flores y de formar los ramos se llamaban Xochimanqui. El lugar que en el Estado lleva el nombre de Xochimancas, estaría tal vez destinado para el jardín de la diosa, o para la morada de los Xochimanqui, y de ahí quizás

tomó el nombre, cuya terminación, como nombre de lugar, no hemos podido encontrar.

Así, pues, parece que, en la antigüedad azteca este lugar, hoy abandonado y yermo, fue un jardín, seguramente un vasto jardín, tal vez una ciudad llena de huertos y de flores, un lugar ameno y delicioso consagrado al culto de la flora azteca, a cuyo pie los inteligentes y bravos tlahuica, habitantes de esta comarca y celebrados floricultores, ofrecían, como homenaje, ricos en aromas y colores los más bellos productos de su tierra, amada del sol, del aire y de las nubes.

Sólo que, como dice nuestro sabio maestro el historiador Orozco y Berra: Por regla general, no siempre es fácil señalar los pueblos actuales correspondientes a los nombrados en las antiguas crónicas, porque si muchos conservan su nombre primitivo, aunque estropeado, otros cambiaron de apelación, se transformaron en haciendas o ranchos o desaparecieron completamente.

Xochimancas se transformó seguramente después de la conquista de Jardín o ciudad de jardines en hacienda, con encomenderos y esclavos; después en ruinas y guaridas de fieras y de reptiles, y al último en guarida de ladrones, y lo que es peor, y como vamos a verlo, en sitio de torturas y de asesinatos.

¡Triste suerte la de un lugar consagrado por los inteligentes y dulces indios a la religión de lo bello!

EL PRIMER DÍA

Manuela pasó los cinco primeros días de su permanencia en Xochimancas, siendo presa de cien emociones diversas, terribles y capaces de quebrantar un organismo más fuerte que el suyo.

El primer día fue horrible para ella. La sorpresa que le causó el espectáculo de aquel campamento de malhechores; la extrañeza que naturalmente le produjeron aquellos hábitos repugnantes que no tenían ni siquiera la novedad de la vida salvaje, la ausencia de los seres que había amado, de su madre, de Pilar, de algunas personas amigas, hasta la falta de esas sensaciones a que se está habituado y que en la vida normal pasan inadvertidas, pero cuando desaparecen producen un vacío inmenso; las faenas del día, los toques de las campanas, el ruido de los animales domésticos, el rumor lejano de las gentes del pueblo, el rezo a ciertas horas, todo todo aquel sistema de vida sencillo, común, poco variable en una población pequeña, pero que podría decirse que amolda el carácter y forma la disciplina de la existencia, todo aquello había desaparecido en pocas horas.

Por resuelta que hubiese estado Manuela a sufrir este cambio, por anticipada que hubiera sido la imaginación de esta vida nueva, en el ánimo de la inexperta joven era imposible que la realidad hubiese dejado de causarle hondísima impresión. Ella, enamorada como estaba del joven bandido, había poetizado aquella vida, aquellos compañeros, aquellos horrores. Hemos dicho que había creado en su fantasía, rústica como era, un tipo especial novelesco y heroico. La joven que ama, por ignorante que sea, aunque se la suponga salvaje, es siempre algo poetisa. Atala es verosímil, Viginia lo es mucho más. Los amantes de los antiguos poemas bárbaros son enteramente reales. ¿Qué mucho que Manuela que había recibido alguna educación y que había vivido en una población culta, y que aun había leído algunos libros romancescos, de esos que penetran hasta en las aldeas y en los campos, se hubiese forjado un ideal extraordinario, revistiendo a su amante bandido con los arreos de una imaginación extraviada?

Pero Manuela, al pensar así, estaba muy lejos de la realidad, y su sueño iba a desvanecerse en el momento en que la palpase de cerca.

En primer lugar, nunca pudo figurarse que el nido a que iba a conducirla aquel milano de las montañas fuese esa galera infecta de presidiarios o de mendigos. Ella suponía que

el Zarco iba a llevarla a alguna cabañita salvaje, escondida entre los bosques, o a alguna gruta abierta entre las rocas que solía divisar a lo lejos entre los picos dentellados de la sierra. Ese, ese escondite era digno de la querida de un bandido, de un enemigo de la sociedad. Allí estarían solos, allí serían felices, allí ocultarían sus amores criminales, pero libres. Allí ella lo esperaría preparando la comida, y palpitante de pasión y de inquietud. Allí en un techo rústico y sentada sobre el musgo, ella acariciaría aquella frente querida que acababa de exponerse al peligro de un combate, besaría aquellos ojos fatigados por la vigilia de la emboscada o del asalto nocturno, o reclinándolo sobre su seno, velaría por su amante mientras dormía. Cuando el peligro fuese terrible, cuando hubiera necesidad de huir por la aproximación de las tropas del gobierno, allí vendría el Zarco a buscarla para ponerla a la grupa de su caballo, y escapar, o le ordenaría ocultarse en lo más escondido del bosque o de las barrancas mientras que podía volver a buscarla. Allí tendría ella también un lugarcito, sólo de ella conocido, para guardar sus valiosas alhajas. Tal era el concepto que se había formado del lugar en que iba a tener que vivir con su amante, mientras que podían alejarse de aquel rumbo e ir a casarse donde no los conocieran.

En vez de encontrar ese retiro misterioso y agreste, el Zarco la llevaba a esa especie de cárcel o de mazmorra para

hacerla vivir mezclada con mujeres ebrias y haraposas, con bandidos osados que no respetaban a las queridas de sus compañeros y que pronto iban a tutearla, a ultrajarla, tal vez a robarla, en alguna ausencia del Zarco y quizás, y eso era lo más horroroso a juzgar por las chanzas amenazadoras de aquellos facinerosos, y por la actitud pasiva y tolerante del Zarco, cansado éste de su amor, iba a abandonarla en manos de uno de aquellos sátiros, vestidos de plata, tal vez de aquel espantoso demonio de mulato gigantesco que la había saludado con una frase sarcástica, cuyo tono le había hecho el efecto de un puñal en el corazón.

Todas estas consideraciones habían hecho sombrío para Manuela aquel primer día, que ella había soñado como un día luminoso alegre, un día nupcial de embriaguez y de deleite.

Con semejante impresión, aun las caricias del Zarco, que naturalmente redoblaron en aquellas horas, en que se encontraban, por fin, unidos, fueron insuficientes para tranquilizarla y devolverle la ilusión perdida.

La verdad es, y este fenómeno aparece con frecuencia en el espíritu de la mujer enamorada, que el amante que en las entrevistas nocturnas aparecía siempre lleno de prestigio, ahora había perdido mucho de él. Ahora le veía de cerca, vulgar, grosero, hasta cobarde, puesto que soportaba riendo las insultantes chanzas de sus compañeros que lastimaban

hondamente a la mujer que amaba. No era, pues, entonces el Zarco el hombre terrible que infundía pavor y respeto a sus secuaces; ella suponía que aun entre los ladrones, la mujer del jefe debía ser un objeto sagrado, algo como la mujer de un general entre los soldados. Lejos de eso, se la trataba como una mujerzuela, como la presa de un asalto, y venía a aumentar el número de las desdichadas criaturas que componían aquella especie de harem nauseabundo que se alojaba, como una tribu de gitanas, en la vieja capilla.

Tal vez a ellas aludía el mulato cuando decía, al entrar Manuela: — ¡Si el Zarco tiene otras! ¿Pa' qué quiere tantas?

Esto era abominable.

Decididamente, Manuela sentía que ya no amaba al Zarco, que se había engañado acerca de los sentimientos que la habían obligado a escapar de su casa.

Pero entonces, examinándose más profundamente, sondeando el abismo oscuro de su conciencia, acababa por comprender con terror que había otra pasión en ella que la había sostenido en este amor malsano, que la había seducido, tanto como el prestigio personal del Zarco, y esa pasión era la codicia, una codicia desenfrenada, loca, verdaderamente absurda, pero irresistible y que había corrompido su carácter.

E irritada por esa consideración, se sublevaba contra ella, negaba, y con una gran apariencia de razón. No podía

ser la codicia, no podían ser las valiosísimas alhajas que el Zarco le llevaba casi todas las noches de sus entrevistas, las que hubieran influido sobre ella para querer al bandido; no podían ser tampoco las esperanzas de obtenerlas todavía mejores por los robos sucesivos; porque, en suma, este tesoro y el que se reuniera después, es decir, el capital ya poseído y el que se esperaba, podían desaparecer en un momento con la muerte del bandido, con su derrota. Nada había más inseguro que este dinero de ladrones.

Por otra parte, la mujer ama las alhajas por el placer de ostentarlas en público, y ella no podía lucirlas delante de nadie, al menos por de pronto. No en las poblaciones, porque no podía bajar a ellas, y tampoco delante de aquellos malhechores, porque les darían tentaciones de arrebataráselas. Además, si hubiera sido el deseo del lujo el que la hubiese guiado en su afición al Zarco, él la habría decidido de preferencia en favor de Nicolás, porque el herrero poseía ya una fortuna regular y saneada, y aunque era económico como todo hombre que tiene moralidad y que gana el dinero con su trabajo difícil, es seguro que, enamorado como estaba de ella, le habría dado cuanto quisiera para verla feliz.

Así, pues, no era la codicia la que la había arrojado en los brazos de aquel amante: era el amor, era la fascinación, era una especie de vértigo, lo que la hizo enloquecer y abandonar

todo, madre, hogar, honor, cuanto hay de respetable y de sagrado, por seguir a aquel hombre sin el cual, todavía hacia dos días, no podía vivir.

¡Y ahora! ...

¡Pero esto era espantoso! Manuela creía salir de un sueño horrible. Habíanle bastado algunas horas para comprender todo lo execrable de su pasión, y todo lo irremediable de su desventura. Y era que, desvaneciéndose su ilusión malsana, y apagándose por eso la llama impura que había abrasado su corazón, iba reapareciendo la luz en su conciencia y palpándose la fría realidad con su cortejo de verdades aterradoras.

A tan dolorosa revolución, que se operaba cada vez más intensa, se agregaban, como es de suponerse, los punzantes recuerdos de la pobre anciana, de la dulce y tierna madre, tan honrada, tan amorosa, a quien había engañado vilmente, a quien había abandonado en el mayor desamparo, a quien había asesinado, porque era seguro que al despertar, al buscarla por todas partes en vano, al saber por su carta que había huido, la desesperación de la infeliz señora no habría tenido límites ... ¡se había enfermado e iba a morir!

Ni quería pensar en ello Manuela; y así, abrumada por tantas emociones, torturada por tantos remordimientos, se apoderaba de ella el desaliento, el tedio de la vida y sentía que su corazón iba a perderse.

El castigo de su falta no se había hecho esperar mucho tiempo.

Entre tanto, el Zarco le prodigaba mil cuidados, la llenaba de atenciones; se esmeraba, acompañado de los bandidos y de las mujeres, en componer el departamento que le estaba destinado en la capilla, trayendo esteras nuevas, tendiendo jorongos, colgando algunas estampas de santos, y sobre todo, mostrándole sus baúles en los que había algunas talegas de pesos, alguna vajilla de plata, mezclada con arreos de caballo, con cortes de vestidos de seda, ropa blanca de hombre y de mujer, y mil otros objetos extraños. Hubiérase dicho que aquellas arcas eran verdaderos nidos de urraca, en los que todo lo robado estaba revuelto confusamente.

— Todo esto es tuyo, Manuelita, tuyo nada más; aquí tienes las llaves y yo te traeré más.

Manuela sonreía tristemente.

El Zarco al verla así, creía que estaba extrañando el cambio de vida; pero ni un momento pudo sospechar qué se había efectuado en el ánimo de su amada de cuya pasión estaba cada vez más seguro.

Así es que previno a aquellas mujeres que la entretuvieran, que la distrajeran elogiándole la existencia que se llevaba allí, las diversiones que se improvisaban y, sobre todo, la fortuna del Zarco en sus asaltos y sus presas.

En la tarde, el Zarco le trajo a dos bandidos que cantaban acompañándose de la guitarra y les encargó que entonaran sus mejores canciones. Manuela los vio con horror; ellos cantaron una larga serie de canciones, de esas canciones fastidiosas, disparatadas, sin sentido alguno, que canta el populacho en los días de embriaguez.

Los bandidos las entonaban con esa voz aguda y destemplada de los campesinos de la tierra caliente, voz de eunuco, chillona y desapacible, parecida al canto de la cigarra, y que no puede oírse mucho tiempo sin un intenso fastidio.

Manuela se sintió fastidiada, y los músicos, conociéndolo, muy contrariados por no haber agradado a la catrina, le dieron las buenas noches y se retiraron.

Llegó la noche, la noche pavorosa y lúgubre de aquel campamento de bandidos. Manuela fue a asomarse a la puerta de la capilla, deseosa de respirar aire puro y de contemplar el aspecto de aquel lugar que comenzaba a parecerle peligrosísimo a pesar de tener por apoyo al Zarco.

La noche era sombría y como la anterior, amenazaba tempestad. Las luces que brillaban por entre las ventanas y las grietas de aquellas ruinas les daban un aspecto todavía más espantoso.

Acá y acullá cruzaban patrullas a caballo que iban de avanzada o que hacían la ronda; reinaba un silencio sepulcral.

La noche es para los malhechores favorable, cuando se emboscan o emprenden un asalto; pero está llena de terrores y de peligros también para ellos, si descansan en la guarida. Así que su sueño nunca es tranquilo y está turbado por cada rumor de la arboleda, por cada galope que se oye a lo lejos, por cada silbido del viento, por todo ruido extraño.

Aún seguros como estaban los plateados en Xochimancas, ya lo hemos dicho, no descuidaban ninguna precaución. Así es que su campo estaba guardado por avanzadas, por escuchas, por rondas, y todavía así, los jefes no dormían sino con un ojo.

Entonces tenían un motivo más para estar alerta. El rapto de Manuelita debía haber causado gran alboroto en Yautepec. El herrero de Atlihuayan, hombre peligroso para los plateados, y que los odiaba de muerte, pretendiente desdeñado de la joven, debía haber puesto en alarma a los vecinos y a sus amigos de aquella hacienda. Era gran conocedor de aquellos terrenos, y muy audaz y muy valiente. Además ese día había llegado a Yautepec la caballería que había ido a perseguir a los asaltantes de Alpuyecá, y aunque los plateados sabían a qué atenerse respecto de la bravura de aquella tropa, nada extraño sería que animada por el odio del herrero y por la resolución de los vecinos, se hubiera determinado a atacarlos.

Ya hemos visto que la previsión de los bandidos no carecía de fundamento, y que lo que ellos temían se intentó

por Nicolás, aunque en vano, a causa de la cobardía del comandante.

Así es que la vigilancia se redobló en Xochimancas.

Salomé, el principal jefe de los plateados, había dicho, al oscurecer, al Zarco:

— Dios quiera, Zarco, que tu güera no nos vaya a traer algún perjuicio. Es necesario estar con cuidado; tú, vete con ella, y estate muy tranquilo, y diviértete, vale — añadió, guiñándole el ojo y riéndose maliciosamente — , que yo quedo velando. He avanzado a los muchachos por todos los caminos, y Félix se ha adelantado hasta cerca de Atlihuayan, por si hay algo. Conque, anda, vete y que duermas bien.

Algunas otras frases le dijo, pero debieron ser tales, que no quiso pronunciarlas sino en voz baja y en el oído del Zarco. El caso es que los dos se separaron riéndose a carcajadas. Salomé montó a caballo y seguido de una veintena de jinetes, se fue a hacer ronda. El Zarco se dirigió a la capilla, donde todos dormían ya, menos Manuela, que lo esperaba sentada en su banco, ceñuda y llorosa.

LA ORGÍA

Pasaron así algunos días que árecieron siglos a Manuela, siglos de aburrimiento y de tristeza. Érale imposible ya habituarse a aquella existencia entre los bandidos, puesto que a medida que el Zarco la trataba con mayor intimidad, siendo ya su querida, sentía mayor despego hacia él, despego complicado con una especie de miedo o de horror al hombre que había podido arrastrarla hasta aquel abismo.

Por una necesidad de su nueva vida, Manuela había tenido que entablar relaciones si no de amistad, al menos de familiaridad con aquellas mujeres que habitaban la capilla con ella, y aun con las queridas de los otros bandidos que vivían en otra parte.

Entre ellas hacía distinción de una, no porque fuese menos perversa, sino porque conocía muy bien Yautepec, donde había residido muchos años, y le hablaba siempre de personas que le eran conocidas, de doña Antonia, de Pilar, de Nicolás, sobre todo de Nicolás, a quien conocía mucho.

— ¡Ay, Manuelita! — le había dicho esta mujer el primer día en que trabaron conversación — , yo me alegro mucho de que esté usted con nosotras, porque es usted tan bonita y tan graciosa, y porque quiero al Zarco y mi hombre lo quiere también, pero no por eso dejaré de decir a usted que ha hecho una gran tontería de venirse aquí con él. Si le hubiera puesto a usted en alguno de los pueblos, o haciendas, o ranchos donde tenemos amigos, habría hecho mejor y estaría usted más segura y más contenta. Pero aquí, mi alma, va usted a padecer mucho. Para nosotras, que hemos seguido a nuestros hombres en todas las guerras, y que hemos corrido con ellos la ceca y la meca, esta vida ya no es pesada, y al contrario, nos gusta, porque, en fin, estamos acostumbradas, y las aventuras que nos suceden son divertidas algunas veces, fuera de que tenemos también nuestro reparto en ocasiones y nos tocan regulares cosas. Es cierto que pasamos también buenos sustos, y que hay días en que no comemos y noches en que no dormimos, y nuestros hombres nos pegan y nos maltratan, pero, ya digo, estamos acostumbradas y nada nos hace. Pero usted, una niña que ha estado tan recogida siempre, tan metidita en su casa, tan cuidada por su mamá, que tiene usted la carita tan fina y el cuerpecito tan delicado y que no está hecha a pasar trabajos, la verdad, mi alma, me temo mucho que se vaya a enfermar o que le suceda alguna

desgracia. Ahora ya lo ve usted, está usted muy triste, se le echa de ver luego en la cara que no está usted contenta, ¿verdad?

Manuela respondió sólo derramando un mar de lágrimas.

— ¡Pobrecita! — continuó aquella mujer— , yo la conocí a usted hace dos años, allá en Yautepec, ¡tan hermosa!, ¡tan decente!, ¡tan bien vestida! Parecía usted una Virgen, y que la querían a usted mucho los gachupines de la tienda y todos los muchachos bien parecidos de la población, aunque le hablaré a usted francamente, ninguno de ellos valía nada en comparación de don Nicolás, el herrero. Él, el pobrecito, es trigueñito, es feo, es desairado, como indio que es, y artesano, pero dicen que es muy trabajador, que tiene ya su dinero y que le quieren mucho. Aquí no hay que hablar bien de él, porque le tienen miedo y es el único a quien no le han podido dar un golpe, porque es muy valiente y no se deja; y como no tiene tierras, ni ganado, ni nada que le puedan coger, sino que tiene su dinero quién sabe dónde, de ahí es que habría necesidad de cogerlo a él para darle tormento y que lo entregara; pero no se ha podido, porque él es muy desconfiado y anda siempre muy bien armado y con otros compañeros, también resueltos. ¡Pero ése sí le habría convenido a usted, niña, y él andaba enamorado desde hacía tiempo de usted, y todos lo sabían! Eso es hablarle a usted la verdad y Dios

me libre de que me oyera el Zarco, porque me sacaba los ojos, pero es la verdad. El Zarco es cierto que es buen mozo y simpático, y bueno para la pelea y tiene mucha fortuna; pero le diré a usted, tiene su mal genio, y si la sigue viendo a usted triste se va a enojar, y puede que ...

— ¡Qué! — interrumpió Manuela con vivacidad — , ¿que me pegue?

— ¡Pues ... oiga usted, Manuelita, no sería difícil! Él la quiere a usted mucho, pero ya le digo a usted, tiene muy mal genio ...

— ¡Pues eso sólo me faltaba! — replicó Manuela. Y luego añadió con amargura — : No, no lo hará, y ¿por qué lo había de hacer?, ¿qué motivo le doy?

— Ya se ve que ninguno, y al contrario, está muy enamorado de usted; pero por eso mismo, él es muy perro, y si la ve a usted triste, va a creer tal vez que usted no le quiere, que está usted arrepentida de haberlo seguido, y sería capaz de matarla de un coraje ... Yo le aconsejo a usted que se muestre más alegre, que se haga la disimulada, que le dé a conocer al Zarco que está usted contenta, que se lleve con nosotras, que aguante las chanzas de los muchachos, que también han advertido ya que no los quiere usted; en fin, que se vaya usted haciendo a nuestra vida, porque al cabo, ya ahora mi alma, es usted del Zarco, y a no ser una desgracia,

como por ejemplo, que lo maten, tiene usted que andar con él siempre, si no es que logra usted con modito que la lleve a otra parte; pero entonces puede que sea peor; porque tendrá usted que lidiar con las gentes, que sospecharían de usted, y además con los celos del Zarco, que estando ausente de usted ha de andar siempre desconfiado, y con el menor chisme que le cuenten, habrá pleitos y muertes, y se arrepentirá de haberse separado de él. Conque es mejor que haga usted lo que le digo, mucho disimulo y granjearse el cariño de todos.

Manuela comprendió fácilmente que aquella mujer tenía razón, y que, aunque amarga y desagradable, le había pintado la existencia que tenía que llevar con la verdad propia de la experiencia. Las razones que le daba no tenían réplica. Todo lo que le pasaba e iba a pasarle todavía no era más que la consecuencia ineludible de su aturdimiento, de su ceguedad, de su insensatez. Precipitada de cabeza en el abismo, no había desviación posible; tenía que caer hasta el fondo. Así pues, no había escapatoria; era como una avecilla presa en las redes, como una mosca envuelta en negra tela de una araña monstruosa, y más envuelta a medida que eran mayores los esfuerzos que hacía para salir de ella. A esta consideración, Manuela sentía circular en su cuerpo un calosfrío de muerte, y se apoderaba de ella un fuerte deseo de escaparse, de volar, al que sucedían luego un desmayo y un desaliento indecibles.

¡Fingir!, ¡disimular! Esto era horroroso, y sin embargo, no le quedaba otro camino. Se propuso pues, seguido, cambiar de conducta enteramente y engañar al Zarco para inspirarle confianza, a fin de aprovechar la primera oportunidad para escaparse de sus garras.

Semejante vida estaba llena de vicisitudes, de aventuras; no siempre estarían en aquella madriguera, no siempre andarían por aquellos vericuetos. Era posible que alguna vez tuviesen que atravesar cerca de alguna ciudad; entonces se refugiaría en ella, apelaría a las autoridades, llamaría en su auxilio; tal vez encontraría a Nicolás, le inspiraría compasión y la salvaría, él a quien los bandidos temían tanto, él que era tan valiente, tan honrado y tan generoso.

Porque, como es de suponerse, dado el cambio de ideas que se había operado en el ánimo de Manuela, a medida que el tipo del Zarco se iba cubriendo con las sombras del miedo, del horror y quizás del odio, el del joven herrero se iba iluminando con nueva y rosada luz.

Nicolás, aun para aquella mujer que no hacía más que hablar la verdad, valía más que el Zarco, más que todos aquellos bandidos que le tenían miedo. No estaba dotado de buena figura, pero en cambio, ¡qué alma tan hermosa tenía! Manuela ya había aprendido en tan pocos días a estimar lo que vale la apariencia cuando se la compara con el fondo.

El Zarco, joven, guapo, agraciado antes para ella, hoy le inspiraba horror.

Nicolás, el obrero rudo, el indio atezado, con las manos negras y gruesas, blandiendo el martillo, junto al yunque, cubierto con su mandil de cuero, iluminado con los fulgores rojizos de la fragua, y ganando la vida con su honradísimo trabajo, le parecía ahora hermoso, lleno de grandeza, amable en comparación con aquellos holgazanes, carcomidos de vicios, cubiertos de plata, que habían arrancado por medio del asesinato y el robo, proscritos de la sociedad, viviendo con zozobra siempre, teniendo por perspectiva el patíbulo, durmiendo con sobresalto, buscando en la embriaguez y en el juego, el olvido de sus remordimientos o los únicos placeres de su vida infame.

¡Qué bella y qué dulce hubiera sido la existencia en la casa de aquel obrero, rodeada por el respeto de las gentes honradas! ¡Qué hogar tan tranquilo, por más que fuese humilde! ¡Qué días tan alegres consagrados desde el amanecer a las santas faenas de la familia! ¡Qué noches tan gratas, después de las fatigas del día, pasadas en suaves conversaciones y en un reposo no turbado por ningún recuerdo amargo! Y luego, la cena sabrosa y bien aderezada, en la mesa pobre, pero limpia, las caricias de los hijos, los consejos de la anciana madre, los proyectos para el futuro, las esperanzas que arraigan en la

economía, en la actividad y en la virtud ... todo un mundo de felicidad y de luz ... ¡Todo desvanecido! ... ¡todo ya imposible!

Y en medio de este cuadro, surgía rápida, pero precisa y clara, una imagen que hacía estremecer a Manuela. ¡Era la imagen de Pilar, de su dulce y buena amiga, que parecía amar a Nicolás en silencio y a quien acostumbraba decírselo en broma, como para humillarla! Y ahora ... esta aparición fugaz, en ese sueño de dicha que se alejaba, producía a Manuela un sentimiento amargo y punzante. ¡Era la envidia! ¡Eran los celos!

Pilar merecía esa dicha, que ella, la insensata había desdeñado; pero, con todo, Manuela sentía un malestar indecible con sólo sospecharlo, y no se tranquilizaba sino pensando que tal unión era imposible, puesto que Nicolás no podía amar a la huérfana, apasionado como estaba de ella, de Manuela, y exacerbada como debía estar esta pasión a consecuencia de la fuga.

Con todo, apenas nacieron estos pensamientos en el espíritu de Manuela, después de la conversación con la mujer a quien había escogido por confidente, cuando se desarrollaron de una manera tenaz e implacable. La imagen de Pilar fue ya la pesadilla constante de Manuela y las sospechas tomaron el carácter de realidades, como sucede siempre en las imágenes vivas.

Y es que Manuela amaba ya a Nicolás y lo amaba con el amor desesperado y violento que lucha con lo imposible. Así es que, aunque se había propuesto seguir los consejos que se le habían dado, y adoptar el camino del disimulo, no pudo hacerlo y se encerró en un silencio y en una tristeza más obstinados todavía que los de los días anteriores.

El Zarco se manifestó enojado, al fin, y le riñó.

— Si sigues triste, vas a hacer que yo cometa una barbaridad — le dijo. Manuela se encogió de hombros.

Pero una tarde llegó el Zarco a caballo y muy contento. Durante el día había hecho una expedición en unión de varios compañeros. Saltó del caballo a la puerta de la capilla y corrió a ver a Manuela, que casi siempre se hallaba encerrada en la especie de alcoba que se le había improvisado.

— Toma — le dijo el bandido — , para que ya no estés triste.

Y puso en sus manos una talega con onzas de oro.

— ¿Qué es esto? — preguntó Manuela con disgusto.

— Mira lo que es — contestó el Zarco, vaciando las onzas en la cama.

— Cien onzas de oro — añadió — , que me acaban de traer, y mañana me traerán otras cien, o le corto el gaznate al francés.

— ¿Qué francés? — preguntó Manuela horrorizada.

— Pues un francés que me fueron a traer los muchachos hasta cerca de Chalco, figúrate, hasta cerca de México. ¡Es

rico y aflojará la mosca o se muere! Ya mandó la familia cien onzas, pero si no manda quinientas la lleva. Por ahí le tengo comiendo una tortilla cada doce horas.

— ¡Jesús! — exclamó Manuela espantada.

— ¡Qué! ¿Te espantas, soflamera? ¡Pues vaya que estás lucida! En lugar de que te alegraras, porque con ese dinero vamos a ser ricos. Yo les daré a los compañeros algo, pero nos cogeremos la mayor parte, y después nos iremos zafando de aquí, poco a poco porque no se puede hacer luego, y nos marcharemos por ahí, para Morelia o para Zacatecas o para en casa de los diablos, donde no sepan quién soy, y pondré un mesón o compraremos un rancho, porque, lo que eres tú, no tienes pinta de querer llevar esta vida, ¡y que me lo habías prometido! ...

Manuela, sin darse por entendida por este reproche, después de haber mirado el dinero con indiferencia, le contestó:

— Oye Zarco, aunque no me traigas más dinero te ruego que sueltes a ese hombre. ¿Dices que está comiendo una tortilla cada veinticuatro horas?

— Sí — replicó el Zarco, sorprendido de la pregunta.

— Pues bien — continuó Manuela — , yo te suplico que le des de comer bien, y que luego lo dejes libre y aunque no te dé más dinero.

— ¿Qué es lo que estás diciendo? — preguntó el Zarco con voz ronca en que se traslucía la cólera más salvaje — . ¿Estás loca, Manuela, para decirme eso? ¿No sabes que cada rico que cae en nuestras manos tiene que comprar su vida pesándose en oro? ¿Conque nada más por ti, por ti nomás, ingrata, he arriesgado a los muchachos para que vayan a traerrne a ese rico, para que nos dé dinero, para que nos replete de onzas, para que te compres alhajas, vestidos de seda, todo lo que quieras, y ahora me sales con esta compasión y con estos ruegos? Pues seguramente tú no has acabado de saber quién soy yo, y de lo que yo soy capaz. Tú eres muy buena, Manuelita, y te has criado entre gente muy escrupulosa y muy santa; pero tú sabías quién era yo, y si no te creías capaz de acomodarte a mi modo, ¿para que te saliste de tu casa? Ya sabías lo que soy, ya sabías de dónde venían las alhajas que te he dado. ¿De qué te espantas ahora? ¿Te has venido aquí para predicamos sermones? Pues pierdes el tiempo y me estás fastidiando, porque, la verdad, ya no aguanto tus gestos y desprecios para mis compañeros y tus lágrimas y tus soflamas. Hace varios días que Salomé, Félix y el Coyote me están diciendo que he hecho mal en traerte aquí con nosotros, y que tú nos vas a causar alguna desgracia, y yo, sólo por el cariño que te tengo, he estado sufriendo sus indirectas y creyendo darte gusto he expuesto la vida de

mis mejores compañeros para que me traigan a un rico y pelarlo y darte dinero, mucho dinero, y ¡que me salgas con esta tontera! ... La verdad, Manuelita, no lo he de aguantar. Si tu modo de pensar era diferente, ¿por qué no te casaste con el indio de Atlihuayan? ¡Ese no es ladrón! Pero conmigo, la bebes o la derramas ... o te conformas con la vida que llevo o te mueres, Manuela — dijo el Zarco arrimándose a la joven abriendo los ojos, apagando el acento y poniendo la mano en el puño de la pistola.

Manuela tembló ante esta explosión de ira.

— Pero yo quería — dijo con timidez — que por causa mía no fueras a matar a ese extranjero ... Era por ti, sólo por ti ... porque tengo miedo de que cometas un crimen ...

— ¡Crimen! — repitió el Zarco, lívido de cólera y con voz nasal, pero ya un poco calmado — . ¡Crimen! ¡Vaya una tonta! ¿Pues tú estás pensando que ésta es la primera zorra que desuello? ¡Vete al demonio con tus escrúpulos! Este francés se irá adonde se han ido los otros, aunque no sea para darte a ti el dinero. ¿No sabes, inocente, que el rico que cae en nuestro poder nos pertenece a todos? Aunque yo quisiera echar libre al francés, ¿piensas que los demás me habían de dejar? Pues ¿y la parte que les toca?

— Bien, no hablemos ya más de eso — dijo Manuela espantada — ; has lo que quieras, Zarco, no te diré más.

— ¡Pues está bueno — replicó el bandido — , y harás bien! Ahora lo que hay que hacer es aprovecharse de la ocasión. Guarda esas onzas sin hacer ruido, y no hables ni me molestes con llantos y con quejumbres.

Acabando de decir esto el Zarco, se oyó un gran ruido de voces, mezclado al rasgueo de guitarras y de jaranitas, y entraron en la capilla Salomé Plasencia, Palo Seco, el Tigre, Linares y otros veinte bandoleros más, que parecían regocijados y estaban ebrios.

— ¡Zarco! — gritaron — ; ahora eres rico, hermano, y vamos a hacer un baile para que se alegre la chata que te has traído de Yautepec y que se está muriendo de tiricia.

— ¡A ver! ¡Sácala, negro, sácala, y que venga a bailar con nosotros el valse y la polka y el chotis!

— Ven Manuelita, y cuidado con disgustar a mis compañeros — dijo el Zarco, tomando de la mano a la joven, que se dejó arrastrar como una víctima y que procuró fingir una sonrisa.

— Aquí estoy, hermanos, y aquí está mi chata para ir al baile.

— Güerita — dijo Salomé que traía una botella en la mano — , nos va a acompañar al baile que vamos a hacer para celebrar las hazañas de su querido, el Zarco; antier le dio el tormento de la caña al francés y escupió luego las oncitas que

debe usted haber guardado, buena moza, y vamos a beber y a gustar ... Véngase para acá y deje de estar allí tan triste como la Virgen de la Soledá en Viernes Santo.

— Bueno, bueno — dijo el Zarco — , vamos a disponer el baile y a preparar los licores, pero ya vendré por Manuela para llevarla. Vístete, mi vida, y componte para el baile, que ya vengo por ti.

— Zarco, tú eres celoso — dijo Salomé, dándole una palmada en el hombro, con tono de burla — ; eres celoso, y tú sabes que entre nosotros eso no se usa. Por ahora te consentimos esas soflamas pero no sigas con ellas mucho tiempo, hermano, porque no convienen.

Manuelita tembló. Todo se convertía en nuevos peligros para ella. Luego que se quedó sola, llamó a su confidente para que la ayudara a vestirse, y en realidad para hablar con ella.

— ¿Quién es ese francés que tienen preso? — le preguntó — . ¿No sabe usted nada?

— ¡Cómo no! — contestó la mujer — , y me extraña mucho que usted no lo sepa. Ahí está el francés en un sótano de la casa de la hacienda, y todos los días le dan tormento para que escupa el dinero de su familia, que está en México. Dicen que ya dio una talega, y que la tiene el Zarco. El Amarillo (se llamaba su hombre) es el que lo cuida ahora, lo mismo que a los demás.

— ¿Pues qué, hay otros? — preguntó curiosamente Manuela.

— Ya se ve que hay otros — respondió la mujer — . Hay un gachupín, hay otro tendero, otro viejo muy tacaño que se queja todo el día, y otros más pelados, pero que pueden dar sus cien o doscientos pesos. ¡Siempre es algo!

— ¿Y podría yo vedas?

— ¡Cómo no! Si el Zarco quiere llevarla a usted, lo más fácil; pero como es usted tan delicada, se va usted a afligir.

— No me afligiré — respondió Manuela, con aire de resolución — ; ya estoy cambiada, ya voy a seguir los consejos de usted.

— ¡Ah, qué gusto! — exclamó la mujer — , entonces va usted a divertirse mucho. ¡Ya verá usted!

Como el Zarco llegaba en ese momento, Manuela le rogó que la condujera a donde estaban los plagiados.

El Zarco la miró con sorpresa.

— ¿Tú? — le dijo — , ¿tú quieres ver a los presos? Pero ¿qué ha sucedido?

— Ha sucedido — contestó Manuela — , que voy a probarte que no estoy triste ni descontenta con esta vida; que no me espanto de nada, y que, cuando me resolví a dejar mi casa y mi familia por ti, es que estaba yo determinada a seguirte a todas partes y a participar tu suerte.

— ¡Bueno, muchacha, eso sí me gusta! Me tenías muy disgustado, pero, puesto que estabas fingiendo, y que eres lo que yo pensaba, ahora sí soy feliz. Vaya llevarte adonde están esos tarugos y no les tengas lástima, porque tienen dinero y no arriesgan la vida como nosotros.

Manuela, ya vestida y compuesta para el baile, y muy bella, a pesar de su palidez y de su demacración, se dejó conducir por el bandido hasta las viejas bóvedas de los purgares, que servían de cárcel a las desdichadas víctimas de los facinerosos.

En la única puerta que había practicable, estaba una guardia de veinte bandidos, armados de mosquetes, pistolas, machetes y puñales. Todos guardaban silencio y tenían cubiertos los rostros con pañuelos.

Aquellos vastos salones abovedados, que habían servido en otro tiempo para guardar los panes de azúcar y que son conocidos en las haciendas con el nombre de purgar, habían estado completamente oscuros si en los ángulos no hubiera alumbrado una lamparilla de manteca, junto a la cual se tendían en petates inmundos cuatro hombres atados de pies y manos, vendados los ojos, y que habrían sido tomados por cadáveres si de cuando en cuando no hubiesen revelado en movimientos de dolor o en apagados sollozos, que eran cuerpos que vivían.

— ¡Mira al francés! — dijo el Zarco a Manuela, llevándola a uno de los rincones y señalando a un hombre anciano, con la cabeza gris, fuertemente vendada y que apenas daba señales de vida.

Junto a él había vigas en cruz, reatas, lanzas y algunos otros objetos de torturas, un jarro de agua y una botella de aguardiente.

— Antier le hemos dado caña a este maldito gabacho y por eso ha dado las onzas, pero si no suelta más dinero le haremos algo peor. No sabe todavía lo que es tener el pescuezo apretado ni que le saquen las uñas de los pies y de las manos. ¡Ya lo sabrá!

A estas últimas palabras dichas en voz alta el pobre francés, que las había oído, trató de incorporarse y con voz débil y suplicante, dijo:

— ¡Oiga, señor, por el amor de Dios, máteme, ya no puedo más, máteme!

— No, todavía no, viejo agarrado; manda traer otras cuatrocientas onzas; si no ya verás lo que te pasa.

— No tengo más onzas — contestó el desdichado —. ¡Soy pobre, tengo familia, tengo hijos, no hay quien me preste! ... ¡No tengo mas! ¿No tengo más! ... ¡matenme! ...

— Vámonos — dijo Manuela, próxima a desmayarse —; si no tiene dinero, mátenlo ...

— No — repuso el Zarco riendo con una risa siniestra y espantosa — ; eso dicen todos: se desesperan, quieren morir, pero como la vida no retoña, acaban por soltar la mosca. Mañana dará éste lo que le pedimos. Ya se avisó a su familia, y ya escribió él diciendo lo que le pasa.

— Bien — dijo Manuela, toda temblando — , ¿pero qué?, ¿el gobierno no mandará tropa a perseguir a ustedes y a libertar a éstos? ¿Sus familias no avisarán?

— ¡Ah, no!, no les conviene, porque tendrán miedo de que los matemos. Además, no puede el gobierno mandar fuerza contra nosotros, y aunque los enviara no nos harían nada; no nos encontrarían aquí. ¡Si tú no sabes, Manuelita; nosotros somos fuertes, estamos seguros y lo que es por ahora, nadie nos ronca! ... ¡Pero vámonos al baile, que ya nos están aguardando! Es preciso que bailes con todos, que estés risueña; no vayan a decir que soy celoso y vayamos a tener una tinga.

Manuela salió del purgar apresuradamente lívida, convulsa, con los ojos fuera de las órbitas, loca de horror y de pavor. Por espantoso que fuera a ser ese baile, no podría producirle el pavor, la inmensa repugnancia que acababa de causarle el cuadro de los plagiados.

Como el baile se daba en las piezas que estaban un poco más enteras en la antigua casa de la hacienda, y junto a las

bóvedas del purgar, la pareja subió las ruinosas escaleras y pronto se presentó en el salón, alumbrado con velas de sebo y lleno de humo en que se habían reunido los bandidos para divertirse.

Resonaban allí algunos bandolones, guitarras y jaranas tocando polkas y valeses, porque es de advertir que esos bandidos eran poco aficionados a los bailes populares, como el jarabe, y sólo como una especie de adorno o de capricho solían usarlos. Los plateados tenían pretensiones, bailaban a lo decente, pero por eso mismo sus bailes tenían todo el aspecto repugnante de la parodia o grotesco de la caricatura.

Al entrar Manuela con el Zarco, se alzó una gritería espantosa: vivas, galanterías, juramentos, blasfemias; todo ello salió de cien bocas torcidas por la embriaguez y la crápula. Todos los bandidos famosos estaban allí, cubiertos de plata, siempre armados, cantando unas canciones obscenas, abrazando otros a las perdidas que les hacían compañía. Manuela se estremeció; apenas acababa de soltarse del brazo del Zarco, cuando se acercó a ella el mulato colosal y horroroso que tanta repugnancia le inspiraba. Traía todavía su venda, que le cubría parte de la cara; pero dejaba ver su enorme boca, armada de dientes agudos y blancos, de los que sobresalían los dos colmillos superiores que parecían hendirle el labio inferior, y venía literalmente forrado en

plata, como si hubiera querido sobrepujar en adornos a sus demás compañeros.

— Ora va usted a bailar conmigo, güerita — dijo a Manuela, cogiendo con una de sus manazas el brazo blanco y delicado de la joven.

Por un movimiento irresistible, Manuela retrocedió asustada y procuró seguir al Zarco para refugiarse con él. Pero el mulato la siguió, riéndose, la ciñó el talle con su brazo nervudo, y dijo al Zarco:

— Mira, Zarco, a tu chata, que corre de mí y no quiere bailar: ¡oblígala!

— Hombre, ¿qué es eso, Manuela? ¿Por qué no quieres bailar con mi amigo el Tigre? Ya te dije que has de bailar con todos, para eso has venido.

Manuela se resignó, y fingiendo una sonrisa lastimosa, se dejó conducir por aquel monstruo de fealdad y de insolencia.

— ¡Ah! — exclamó éste, echándose el gran sombrero para atrás, mientras que seguía ciñendo y apretando convulsivamente la cintura de Manuela — . ¡Bien dije yo que había de tener el gusto de abrazarla a toda mi satisfacción! Por ahora está usted con un hombre y nos vamos a dar gusto bailando este chotis.

Manuela casi cerró los ojos y se dejó llevar por aquella especie de cíclope, que la devoraba con el único ojo que le

quedaba libre y que la bañaba con su resuello, como con un vapor de aguardiente.

Al verlos pasar así, espantoso él como una fiera rabiosa, y débil ella y doblada, como una presa, los demás bandidos le gritaban:

— ¡Ah, Tigre, no te comas a esa venadita!

Después de haber dado algunas vueltas en aquel salón infecto, atropellando y empujando a cincuenta parejas de bandoleros y de mujeres ebrios, el Tigre dejó de bailar, pero inclinándose hacia su compañera le dijo con voz ahogada por los deseos y apretándole brutalmente el brazo.

— Chatita, desde que la vide llegar con el Zarco me gustó y le encargué a la Zona, la mujer del Amarillo, que se lo dijera, no para que usted me correspondiera luego, luego, sino para que lo supiera de una vez; no sé si se lo habrá dicho.

Manuela no contestó.

— Pues si no se lo ha dicho, ahora se lo digo yo francamente; usted me ha de llegar a querer.

— ¿Yo? ... — exclamó la joven asustada.

— ¡Usted! — replicó el Tigre — , ¡ya verá usted! ... El Zarco no es constante y le ha de pagar a usted mal, como le ha pagado a todas ... Pero yo estoy aquí, mi alma, para que cuando le dé el desengaño se acuerde usted de mí, y entonces sabrá usted quién es el Tigre; usted no me conoce y no conoce

todavía al Zarco. No se espante de verme así con la cara vendada, porque precisamente estoy así por causa de usted.

— ¿Por causa mía? — preguntó Manuela con una curiosidad mezclada de pavor.

— Sí, por causa de usted, y se lo voy a explicar. Me hirieron en Alpuyecá los gringos a quienes matamos. Yo los maté, ¡vaya! ... yo fui quien sostuvo la pelea, mientras que el Zarco robaba los baúles; un gringo me dio un balazo con su pistola, que por poco me saca un ojo; pero al fin se murió él y se murieron todos los que lo acompañaban en clase de hombres. Pero el Zarco apenas nos dio la mano en lo fuerte de la pelea, y después de que ya estaban todos caídos y moribundos, fue cuando vino él y los mató cuando estaban rendidos, y mató a las mujeres y a los muchachos. Sí, señor, así fue. El Zarco es un lambrijo y una gallina, pero eso sí, se sacó todas las alhajas para llevárselas a usted y no nos dejó más que la ropa inútil, porque ¿para qué queríamos eso? Levitas, sacos, túnicos viejos, trapos de catrines. Y el Zarco se cogió lo mejor, después que nosotros triunfamos. ¡Está bueno! ¡Los gavilanes no chillan! Pero luego que vide a usted, dije: ¡Ora sí, me emparejé! Que se lleve el Zarco las alhajas, pero que nos deje a la güerita y estamos a mano.

Manuela parecía ser presa de una pesadilla y se sintió desfallecer. Aquellas revelaciones sobre el Zarco, sus asesinatos

de las mujeres, de los moribundos y de los niños, aquellas amenazas del Tigre, todo era superior a sus fuerzas y a su resolución de afrontar semejante vida. ¡Había caído en el infierno! Había creído que aquellos hombres eran simplemente bandidos, y en realidad eran demonios vomitados por el averno. ¡Oh! ¡Si hubiera podido escapar en ese momento; ¡si hubiera podido al menos morir! Quedóse paralizada y muda. Sacóla de aquel estado la voz áspera y ronca del Tigre, que le preguntó:

— ¿Qué es lo que le pasa, linda? ¿Se asusta de lo que le digo? ... ¿No le había contado a usted el Zarco todas sus hazañas y valentías? Apuesto a que no; pues sépalas y váyase conformando con lo que le digo, usted ha de venir a parar a mi poder.

— ¿Pero usted cree que el Zarco se va a dejar? — exclamó al fin Manuela, sofocada de ira y de fastidio.

— ¡Y a mí qué me importa que se deje o no, chata! ¿Pues qué? ¿Usted piensa que yo le tengo miedo a ese collón? Si usted admite mi cariño, ahora mismo, dígame una palabra y mato al Zarco. Con eso, de una vez se queda usted libre ... Si no, esperaré, y ya verá usted lo que pasa.

— ¡Pues yo se lo voy a decir al Zarco para que esté prevenido!

— ¡Pues dígaselo usted, linda, dígaselo usted! — respondió el Tigre, con una risa desdeñosa y siniestra, en que se revelaba una resolución espantosa—. Ya el Zarco me

conoce — añadió— y verá usted si es verdad lo que le digo; el Zarco, de quien se ha enamorado usted porque lo ha creído hombre, no es más que un lambrijo. Conque dígaselo usted, y para que sea pronto, la voy a sentar y me quedo aguardando.

Manuela fue a sentarse aterrada. Seguramente iba a producirse allí una catástrofe; el Tigre deseaba provocarla a toda costa para matar al Zarco, y ella estaba destinada a ser el botín del vencedor. ¡Qué situación tan espantosa! Manuela se sentía agonizar.

Pero cuando ella buscaba con angustia a su amante, a quien, a pesar del horror que ya le inspiraba, creía ser su único apoyo, lo vio dirigirse hacia ella, ceñudo, frío, lívido de cólera. Manuela creyó que estaba celoso del Tigre y pensó que era llegado el momento de la riña que estaba temiendo.

Pero el Zarco, con una sonrisa sarcástica y enronquecido por la ira, le dijo:

— ¡Conque ya sé cuál es el motivo de tus tristezas y de tu aburrimiento en estos días, ya me lo han contado, y no me la volverás a pegar, arrastrada! ...

— Pero, ¿qué es? ¿Qué es? ¿Qué te han contado, Zarco?
— preguntó Manuela, tan asombrada como despavorida al oír esas palabras.

— Sí; ya me dijo la Zorra que lo que hay es ... que te has arrepentido de haberte largado conmigo, que has conocido

que no me querías ... de veras ...; que el único hombre a quien amabas era el indio Nicolás; que sientes haberlo dejado; que la vida con los plateados no te conviene, y que en la primera ocasión que se te ofrezca me has de abandonar.

— ¡Pero yo no he dicho! ... — interrumpió temblando Manuela. El Zarco no la dejó acabar.

— ¡Sí, tú se lo has dicho, falsa y embustera; no quieras negarlo! Yo tengo la culpa por fiarme en una catrina y una santularia como tú, que no quería más que alhajas y dinero ... Pero, mira — añadió cogiéndole un brazo y apretádoselo bestialmente — , lo que es de mí no te burlas, ¿me entiendes? Ya te largaste conmigo y ahora ves para qué naciste. ¡En cuanto al indio herrero, o, yo he de tener el gusto de traerte su cabeza para que te la comas en barbacoa, y después te morirás tú, pero no te has de quedar riendo de mí!

Manuela apenas pudo decir al Zarco en actitud suplicante:

— ¡Zarco, hazme el favor de sacarme de aquí, estoy enferma! ...

— ¡No te saco, muérete! — contestó el bandido en el paroxismo del furor.

No bien acababa de decir estas palabras cuando hubo un gran ruido en la puerta de la sala, y varios bandidos, cubiertos de polvo y con el traje desordenado por una larga caminata,

se precipitaron adentro con aire azorado, y preguntando por Salomé Plasencia, por el Zarco, por el Tigre y por los demás jefes.

Salomé y los otros fueron a su encuentro.

— ¿Qué hay? — preguntó aquél, mientras que todos los plateados iban formando círculo en torno suyo y cesaban, como es de suponerse, la música y la algazara del baile.

— Una novedad — respondió uno de los recién llegados, sofocándose — . Hemos corrido diez leguas para avisarles ... Martín Sánchez Chagollán, el de Ayacapixtla, con una fuerza de cuarenta hombres, ha sorprendido a Juan el Gachupín y a veinte compañeros y los ha colgado en la catzahuatera del Casasano.

— ¿Y cuándo? — preguntaron en coro los bandidos aterrados.

— Anoche, a cosa de las diez los sorprendió. Estaban emboscados esperando un cargamento que iba a pasar, cuando Martín Sánchez les cayó, los acorraló y apenas pudieron escaparse cinco o seis, que vinieron a buscarnos y que se han quedado heridos y no han podido venir hasta acá.

— ¿Pero ... qué? ... ¿no pelearon esos muchachos? — preguntó Salomé.

— Sí, pelearon, pero los otros eran más y traían muy buenas armas.

— ¿Y qué, no tuvieron aviso?

— ¡Eso es lo que extrañamos!, pero creo que la gente comienza a ayudar a Martín Sánchez y a faltamos a nosotros.

— Pues, es preciso vengar a nuestros compañeros y meter miedo a las gentes, para que no se vayan a voltear enteramente contra nosotros. Mañana, amaneciendo, todos vamos a salir de aquí, y que se nos reúnan los demás que andan dispersos, y vamos a buscar a Martín Sánchez y a ver si es tan bueno contra quinientos hombres como contra treinta. Conque alístense para mañana.

— ¿Y qué hacemos con los presos? — preguntó uno.

— Pues esos que se mueran — dijo Salomé — , ¿para qué queremos estorbos? ... Tú, Tigre, anda, y mátalos luego luego.

— Mira, Salomé — dijo el Tigre, adelantándose — , mejor dale esa comisión al Zarco; él sabe bien matar a los muertos — añadió con desprecio.

— ¿Matar a los muertos dices, Tigre?

— ¡Si, matar a los muertos! — replicó el Tigre — ; acuérdate de Alpuyeca.

— ¡Pues ya verás si sé matar también a los vivos! — replicó el Zarco, lívido de cólera.

— ¡Bueno, bueno — dijo Salomé, interponiéndose — ; no queremos disputas; cualquiera es bueno para despachar

a los presos! El caso es que no amanezcan; llévenle la orden al Amarillo y vámonos. Se acabó el baile.

— ¡Ah!, ¡otra noticia! — añadió uno de los recién llegados—. Esta mañana se enterró, en Yautepec, la madre de la muchacha que se trajo el Zarco.

Entonces se oyó un grito agudo que hizo volver la cara a todos aquellos hombres.

— ¡Mi madre! — exclamó Manuela, y se dejó caer desfallecida en el suelo.

— ¡Pobrecita! — dijeron las mujeres, ya vueltas en sí de la embriaguez ante aquella lluvia de malas noticias.

— Levántala, Zarco, y llévatela y que se conforme, porque si no, nos va a estorbar.

El Zarco, ayudado de algunas mujeres levantó a Manuela, la cargó y se la llevó a la capilla, donde la recostó en su cama. La joven estaba moribunda. Tantas emociones seguidas, tantos peligros, tantas amenazas, tantos horrores, habían abatido aquella naturaleza débil y estaban oscureciendo aquel espíritu. Manuela estaba como idiota y no hacía más que llorar en silencio.

El Zarco, preocupado también con mil pensamientos diversos, encolerizado contra el Tigre, celoso de Nicolás, cada vez más enamorado de Manuela, pero contrariado infinitamente por las últimas noticias, y por la necesidad que había de marchar, no sabía qué hacer.

Daba vueltas como una fiera encerrada en su jaula; llamaba a las mujeres para que asistieran a su querida, comunicaba órdenes a los bandidos que lo obedecían y lo servían, preparaba maletas, registraba los baúles, se sentaba unas veces a orillas de la cama en que se reclinaba Manuela, y veía a ésta con miradas en que era difícil distinguir el amor, el odio o las tentaciones de una resolución siniestra; y otras se ponía a pasear a lo largo de la capilla, blasfemando.

Por fin, se acercó a la joven y con acento frío y seco le dijo:

— Ya eso no tiene remedio; deja de llorar, y prepárate para que marchemos mañana de aquí y ayúdame a hacer las maletas. Guarda bien tus alhajas; eso es lo que te importa.

— Entre nosotros — añadió, viendo que Manuela sollozaba con más violencia — , no se usa afligirse tanto ni hacer tanto duelo cuando se nos muere alguno ... ¡para eso nacimos! Además, tu madre ya estaba vieja, y me aborrecía la buena señora, rézale un sudario, y amén ... no vuelvas a acordarte de ella. Tu indio debe haberla enterrado y se cogerá la huerta, y se pagará los gastos; después lo enterrarás a él, no tengas cuidado, y tendrás el gusto de llorar en su sepultura.

Así, pues, aquel bandido, aquel Zarco, a quien Manuela había creído siquiera hombre, siquiera compasivo, no era más que un perverso sin entrañas, que se complacía en

aumentar su tormento, en insultarla en los momentos de mayor pesadumbre, y en calumniar al hombre generoso que, seguramente y ya sin interés de ninguna especie había asistido en sus últimos instantes a la pobre anciana y le había dado sepultura.

¡Nicolás y Pilar! ¡Otra vez esta pareja, que no dejaba de aparecer en su imaginación! Ahora, ¡qué grandes y qué nobles le aparecían estos dos jóvenes! ... Pero, ¡qué desgracia que no se le aparecieran así sino para causarle el horroroso tormento de los celos, y la indecible vergüenza de considerarse como un monstruo de ingratitude y de bajeza en comparación de ellos!

Y, sin embargo, atormentada y degradada, despreciable como era, el sólo pensar en Nicolás le parecía una vislumbre de consuelo en medio de aquella espantosa noche que la rodeaba por todas partes con sus tinieblas, sus terrores y sus peligros, desconocidos pero pavorosos. Por fin se incorporó, y bebiéndose sus lágrimas, se puso a preparar las maletas, sintiendo la muerte en el alma.

MARTÍN SÁNCHEZ CHAGOLLÁN

Ahora bien: ¿Quién era el hombre temerario que se había atrevido a colgar a veinte plateados en los lugares mismos de su dominio, y que así había causado aquel movimiento en el cuartel general de los bandidos?

El nombre de Martín Sánchez Chagollán no era enteramente desconocido en Xochimancas, de modo que no causó sorpresa, pero sí la causó, y muy grande, saber lo que había hecho.

¡Colgar a veinte plateados en los catzahuates de Tetelcingo, es decir, en el corazón mismo de aquella satrapía en que no dominaban más que el crimen y el terror!

Pero, ¿quién era ese hombre? ¿Era acaso un jefe del gobierno, apoyado en la ley y contando con todos los elementos de la fuerza pública, con el dinero del erario y con el concurso de las autoridades y de los pueblos?

Nada de eso. Martín Sánchez Chagollán, personaje rigurosamente histórico, lo mismo que Salomé Plasencia, que

el Zarco y que los bandidos a quienes hemos presentado en esta narración, era un particular, un campesino, sin antecedentes militares de ninguna especie; lejos de eso, había sido un hombre absolutamente pacífico que había rehusado siempre mezclarse en las contiendas civiles que agitaban al país hacía muchos años, y así, retraído, casi tímido, vivía entregado exclusivamente a los trabajos rurales en un pequeño rancho que tenía a poca distancia de Ayacapixtla, cerca de Cuautla de Morelos. Y con todo esto, era un hombre de bien a toda prueba, uno de esos fanáticos de la honradez, que prefieren morir a cometer una acción que pudiera manchar su nombre o hacerlos menos estimables para su familia o para sus amigos.

Con tales principios y en aquella época de revueltas y de corrupción, en que no pocos hombres rústicos y sencillos se vieron obligados a complicarse en las revoluciones o en los crímenes cometidos a la sombra de ellas, Martín Sánchez tuvo que sufrir mucho a fin de substraerse de compromisos y de enredos. Pero a fuerza de habilidad y de energía quedó limpio, y aunque visto con desconfianza y con recelo por todos los partidarios logró quedar tranquilo, viviendo arrinconado y oculto en su ranchito, cuidando sus pequeños intereses y ayudado de sus hijos, ya grandes.

Porque Martín Sánchez era un hombre ya entrado en años. Tenía unos cincuenta; sólo que contaba con una de

esas robustas y vigorosas naturalezas que sólo se ven en el campo y en la montaña, fortificadas por el aire puro, la sana alimentación, el trabajo y las costumbres puras. Así es que, aunque cincuentón, parecía un hombre en toda la fuerza de la virilidad.

De estatura pequeña, de cabeza redonda, y que parecía encajada en los hombros por lo pequeño del cuello, sus anchas espaldas, sus brazos hercúleos y sus piernas torcidas y nervudas, revelaban en él al trabajador infatigable y al consumado jinete.

Sus ojos pequeños, verdosos y vivos, su nariz aguileña, su cara morena y bien colocada, su boca de labios delgados y fruncidos, su barba rasurada siempre juntamente con su frente estrecha y sus cabellos cortados a peine y casi rizados, le daban cierta apariencia felina. Tenía una vaga semejanza con los leopardos.

Tal era el hombre que ejerció una influencia importantísima en esa época en la tierra caliente, y a cuya acción se debió principalmente la extinción de esa plaga espantosa de bandidos que por años enteros asoló aquellas fértiles y ricas comarcas.

Vivía, pues, Martín Sánchez tranquilamente consagrado a sus labores, como lo hemos dicho, cuando estando ausente él y su esposa, cayó a su rancho una gran partida de plateados.

El anciano padre de Martín y sus hijos se defendieron heroicamente, pero fueron dominados por el número, asesinado el anciano, así como uno de los hijos, saqueada la casa e incendiada después, y destruido todo lo que constituía el patrimonio del honrado labrador.

Cuando Martín Sánchez regresó de México, adonde había ido, no encontró en su casa más que cenizas, y entre ellas los cadáveres de su padre y de su hijo, que no habían sido sepultados aún porque los otros hijos, heridos y ocultos en el monte, no habían podido venir al rancho.

En fin, aquello era el horror y la desolación.

La esposa de Martín estuvo enloquecida algún tiempo de dolor y de miedo.

Martín Sánchez no dijo nada. Fue a buscar a sus hijos al monte; con ellos dio sepultura a los cadáveres de su padre y de su hijo, y despidiéndose de su pobre rancho, convertido en escombros, y de sus campos incendiados, se llevó a su mujer y a su familia al pueblo de Ayacapixtla, donde esperaba tener mayor seguridad.

Entonces vendió lo poco que le había quedado, y, con el dinero que reunió compró armas y caballos para equipar una partida de veinte hombres.

Después, ya sanos sus hijos, los armó, habló con algunos parientes y los decidió a acompañarle, pagándoles de su

peculio, y una vez lista esta pequeña fuerza, fue a hablar con el prefecto de Morelos y le comunicó su resolución de lanzarse a perseguir plateados.

El prefecto, alabándole su propósito, le hizo ver, sin embargo, los terribles peligros a que iba a quedar expuesto en medio de aquella situación. Pero como Martín Sánchez le respondió que estaba enteramente decidido a perecer en su empresa, el prefecto en cumplimiento de su deber, le ofreció los auxilios que estaban en su poder, y lo autorizó para perseguir ladrones, en calidad de jefe de seguridad pública, y con la condición de someter a los criminales que aprehendiera al juicio correspondiente.

Así autorizado, Martín Sánchez partió con su pequeña fuerza. Pero comprendiendo bien que con tan débiles elementos no podía hacer frente a las huestes numerosas de plateados que merodeaban en los distritos de Morelos, Yautepec y Jonacatepec, se limitó a una guerra meramente estratégica, procurando combatir a partidas pequeñas con el objeto de aprovecharse de sus armas y caballos para aumentar su fuerza.

Así fue como, huyendo y caminando de noche, y pagando emisarios, y haciendo jornadas fabulosas, poco a poco fue derrotando algunas partidas de bandoleros y proveyéndose de armas, municiones y caballos.

Luchaba con el desaliento general, con el terror a los plateados, con la complicidad de muchas gentes, con la hostilidad de algunas autoridades, meticulosas o complicadas en aquellos crímenes; luchaba, en fin, hasta con la poquedad de ánimo de sus mismos soldados, que no teniendo más aliciente que el de un pequeño sueldo, iban arriesgando la vida, y arriesgándola con los plateados, que daban a los prisioneros y a los plateados una muerte siempre acompañada de espantosas torturas.

Así es que Martín Sánchez tenía que vencer día a día tremendas dificultades, pero su sed de venganza le dio fuerzas superiores.

Esa sed fue su resorte.

Movido por un sentimiento personal, poco a poco, en él, fueron reuniéndose los rencores generales, como en un pecho común; cada venganza por un crimen de los plateados encontraba en su espíritu un eco, cada asesinato cometido por ellos era inscrito en el tremendo libro de su memoria; cada lágrima de viuda, de huérfano, de padre, se depositaba en su corazón como en una urna de hierro. De vengador de su familia se había convertido en vengador social.

Era el representante del pueblo honrado y desamparado, una especie de juez Lynch, rústico y feroz también, e implacable.

Había suprimido en su alma el miedo, había abrazado con fe su causa, esperando que en ella dejaría la vida, y estaba resuelto; pero también había suprimido entre sus sentimientos, el de la piedad para los bandidos.

Ojo por ojo y diente por diente. Tal era su ley penal.

¿Los plateados eran crueles? Él se proponía serlo también.

¿Los plateados causaban horror? Él se había propuesto causar horror.

La lucha iba a ser espantosa, sin tregua, sin compasión.

¿Quién ganaría? ¡Quién sabe, pero Martín Sánchez se lanzaba a ella con los ojos cerrados y con la espada desnuda y con el pecho acorazado por su sed de venganza y de justicia!

Los bandidos debían temblar. ¡Había aparecido por fin el ángel exterminador!

Para aquellas inmundas aves de rapiña no había más que el águila de la montaña, de pico y de garras de acero.

Martín Sánchez era la indignación social hecha hombre.

EL ASALTO

La Calavera era una venta del antiguo camino carretero de México a Cuautla de Morelos, más famosa todavía que por ser paraje de recuas, de diligencias y de viajeros pedestres, por ser lugar de asaltos.

En efecto, no en la venta propiamente, pero sí un poco más acá o un poco más allá, siempre había un asalto por aquella época. Y es que por allí las curvas del camino, lo montuoso de él y la proximidad de los bosques espesos, y de las barrancas ofrecían grandes facilidades a los ladrones para ocultarse, emboscarse o escapar.

Por eso los pasajeros de la diligencia o los arrieros no se acercaban a La Calavera, sino santiguándose y palpitando de terror. El nombre mismo del paraje es lúgubre. Probablemente allí había habido, en los antiguos tiempos, una calavera clavada en los árboles del camino y que pertenecía a algún famoso bandido ajusticiado por las partidas de Acordada en la época colonial; o tal vez había habido muchos cráneos de

ladrones, y el vulgo, como tiene de costumbre en México, había singularizado el nombre para hacerlo más breve.

El caso es que el lugar es siniestro en demasía, y que no se veía antiguamente el caserón oscuro, ruinoso y triste de la venta sin un sentimiento de disgusto y de terror.

Allí, pues, una tarde de otoño, ya declinando el sol, y tres meses después de haberse verificado los sucesos que acabamos de referir, se hallaba delante de la venta una fuerza de caballería formada, y compuesta como de cuarenta hombres.

Estaban éstos uniformados de un modo singular, llevaban chaqueta negra con botones de acero pintados de negro; pantalones negros, con grandes botas fuertes de cuero amarillo, y acicates de acero: sombrero negro de alas muy cortas, sin más adorno que una cinta blanca con este letrero: Seguridad Pública. Y en cuanto a las armas, eran: mosquete terciado a la espalda, sable de fuerte empuñadura negra y cubierta de acero. Cada soldado llevaba una canana llena de cartuchos en la cintura. Los caballos magníficos, casi todos de color oscuro, las sillas y todo el equipo de una extrema sencillez y sin ningún adorno. Los ponchos negros atados en la grupa.

Casi todos estos soldados parecían jóvenes, muy robustos, y tenían un gran aire marcial; pero su uniforme y su equipo les daban un aspecto lúgubre y que infundía pavor. Parecían fantasmas, y en aquella venta de La Calavera,

y a aquella hora, en que los objetos iban tomando formas gigantescas, y cerca de aquellos montes solitarios, semejante fila de jinetes, silenciosos y ceñudos, más que tropa, parecía una aparición sepulcral.

El que seguramente era el jefe se hallaba pie a tierra, teniendo su caballo de la brida, y parecía interrogar el horizonte en que se perdía el camino, en espera seguramente de alguno.

Estaba vestido del mismo modo que sus soldados, sólo que, en lugar de botas, tenía chaparreras de chivo amarillo y se hallaba abrigado con una especie de esclavina oscura.

A pocos momentos salió de la venta un sujeto ya de edad y bien vestido, que, dirigiéndose a este jefe le preguntó: — ¿No aparecen todavía, don Martín? — ¡Nada, ni su luz! — respondió éste.

Así pues, aquel jefe era Martín Sánchez Chagollán, y aquella era su tropa, uniformada, según los propósitos de su jefe, de color oscuro y sin ningún adorno, por odio a los plateados. También por odio a éstos había determinado que los sombreros de sus soldados no tuviesen las faldas anchas, sino al contrario, muy cortas y sin ningún galón.

Martín Sánchez veía con muy mal ojo a todo el que usaba el sombrero adornado de plata, y como sus sospechas iban haciéndose temibles, los sombreros sencillos y oscuros

se estaban poniendo de moda por aquellos rumbos, porque eran una especie de salvaguardia.

Sin embargo, todavía en ese tiempo Martín Sánchez estaba muy lejos de llegar a ser el terror de los bandidos y de sus cómplices. Todavía tomaba mil precauciones para sus marchas y sus expediciones, temeroso de ser derrotado; todavía estaba haciendo pininos, como él decía. Ya había colgado un buen número de plateados, pero ya le habían acusado muchas veces de haber cometido esos abusos para los que no estaba autorizado, pues, como lo hemos dicho, sólo tenía facultades para aprehender a los criminales y consignarlos a los jueces. Pero Martín Sánchez había respondido que no colgaba sino a los que morían peleando, y eso lo hacía para escarmiento.

En esto es muy posible que ocultara algo, y que realmente él fusilara a todo bandido que cogía; pero, como se ve, ni había podido desplegar toda su energía ni tenía los elementos necesarios para hacerlo, pues no contaba más que con aquellos cuarenta hombres y con su resolución.

El sujeto que acababa de dirigirle la palabra y que parecía ser un rico hacendado o comerciante, viendo que no venían las personas a quienes esperaban, dijo:

— Pues, don Martín, supuesto que estos señores no aparecen, si usted no dispone otra cosa, seguiremos nuestra

marcha, porque se nos hace tarde y no llegaremos a Morelos a buena hora. Además, el cargamento se ha adelantado mucho, y podría ocurrirle algún accidente.

— Yo creo — respondió Martín — que no hay cuidado por esa parte. Saben que estoy por aquí, y no se han de atrever. Pero este don Nicolás sí me tiene con inquietud. Algo le ha de haber pasado puesto que no llega. Me escribió que saldría de Chalco a la madrugada, debe haber almorzado en Tenango, y ya era hora de que estuviera con nosotros. Es verdad que viene bien acompañado y que además es muy hombre; pero estos malditos son capaces de haberle puesto una emboscada de Tenango acá, aunque yo no tengo noticia de que haya aparecido ninguna partida ayer ni anteayer. Pero usted sabe que los de Ozumba se ponen de acuerdo con los otros, y así hacen sus combinaciones. ¡Pues de veras sentiría yo que le hubiera pasado algo a tan buen amigo! Debí haberme adelantado hasta Juchi o hasta Tenango, pero él me advirtió que donde necesitaba acompañarse conmigo era aquí, porque desde aquí tenía aviso de que esperaban sus enemigos, que han jurado que han de acabar con él, lo mismo que conmigo. Y figúrese usted que el pobre va a casarse, y que ha ido a México a emplear una buena cantidad de dinero en las donas, de modo que los malditos, además de matarlo, cogerían una buena suma en alhajas. En fin, dejaré a unos

muchachos aquí por si viniere, y nos adelantaremos, porque, en efecto, el cargamento ya ha de ir lejos.

Entonces Martín Sánchez montó a caballo y desfiló con su tropa, acompañado de aquel comerciante y de sus mozos, y dejando unos diez hombres, con orden de acompañar a Nicolás, nuestro conocido, que venía de México.

No bien habían caminado casi una media hora, cuando oyeron tiros, y un arriero corría a escape para encontrarlos, gritándoles que los plateados estaban robando el cargamento.

Martín, a la cabeza de su fuerza se avanzó a escape, y momentos después caía sobre los bandidos, que lo recibieron con una lluvia de balas y con una gritería insolente, diciéndole que ése era su último día.

Los jinetes negros hacían prodigios de valor, lo mismo que su jefe, que se lanzaba a lo más fuerte del combate. Pero los plateados eran numerosos, estaban mandados por los jefes principales; la tropa de Martín estaba literalmente sitiada: ya seis u ocho de aquellos bravos soldados habían caído y otros comenzaban a cejar; se había empeñado la pelea al arma blanca, y Martín, rodeado de enemigos, se defendía herido desesperadamente, y procurando vender cara su vida, cuando un socorro inesperado vino a salvarlo.

Era Nicolás, que con los diez soldados que le había dejado Martín en La Calavera, y con otros diez hombres que traía,

habiendo oído el tiroteo, se adelantó a toda carrera y llegó justamente en los momentos de mayor apuro para Martín Sánchez. Aquel valiente y aquella tropa de refresco, produjeron un momento de confusión entre los plateados, aun así, eran éstos muy superiores en número y siguieron combatiendo.

Pero Nicolás era hombre de un arrojo irresistible, montaba un caballo soberbio y llevaba excelentes armas. Así es que viendo a Martín Sánchez cercado, se lanzó sobre el grupo, repartiendo tajos y reveses. Ya era tiempo, porque el valiente jefe tenía la espada rota y estaba herido.

El Zarco y el Tigre eran de los que rodeaban a Martín, pero al ver a Nicolás retrocedieron y procuraron huir. El herrero, al reconocer al Zarco, no pudo contener un grito de odio y de triunfo: ¡por fin lo tenía enfrente!

Partió sobre él como un rayo; el bandido, perdido de terror, se salió del combate y se dirigió a un bosquecillo, donde estaban algunas mujeres de los bandidos, a caballo, pero ocultas.

Nicolás alcanzó al Zarco, precisamente al acercarse éste al grupo de mujeres, y allí al tiempo en que el bandido disparaba sobre él su mosquete, le abrió la cabeza de un sablazo y lo dejó tendido en el suelo, después de lo cual volvió al lugar de la pelea, no sin gritar:

— ¡Ya está vengada doña Antonia!

Ni oyó siquiera, furioso como estaba, el grito de Manuela, que era una de las mujeres que estaban a caballo, y que le había conocido precisamente en el instante mismo en que hería al Zarco.

La pelea, después de esto, duró poco, porque los bandidos huyeron despavoridos, dejando libre el cargamento.

El sol se había puesto ya enteramente. Avanzaban las sombras, y a la luz crepuscular, Martín Sánchez recogió sus muertos y heridos, lo mismo que los de los plateados, operación que le hizo detenerse algunas horas hasta que anocheció completamente.

Entonces temiendo que los plateados se rehicieran y volvieran sobre él con todas las ventajas que les daban el número y la oscuridad, determinó que alguno se avanzara rápidamente a Morelos, y pidiera a la autoridad el auxilio de fuerza y las camillas que se necesitaban.

La comisión era peligrosísima; los bandidos no debían estar lejos, y era de temerse una emboscada en el camino.

Sólo un hombre podía desempeñarla, y Martín Sánchez, en aquella angustia, no vaciló en pedir tal sacrificio a Nicolás.

— Señor don Nicolás — le dijo — , sólo usted es capaz de exponerse a ese riesgo, pero acabe usted su obra. Ya nos salvó usted hace un rato. Usted conoce los caminos, tiene buen caballo y es hombre como ninguno. Se lo ruego ...

Nicolás partió inmediatamente. Cuando Martín lo vio perderse entre las sombras:

— ¡Yo no he visto nunca — dijo — un hombre tan valiente como éste!

— Pero en un descuido lo van a matar por ahí — dijo el comerciante. — ¡Dios ha de querer que no! — replicó Martín Sánchez — . ¿Pero qué quiere usted que hagamos para salir de aquí? No hay más que este recurso. ¡No le ha de suceder nada, ya verá usted! Don Nicolás tiene fortuna. Y es tan bueno ...; ¡valía más que me mataran a mí y no a él!

Entre tanto, los soldados que observaban las cercanías de aquel lugar para ver si había aún algunos heridos, volvieron diciendo que cerca, en unos matorrales, estaba llorando una mujer junto a un cadáver.

Don Martín fue en persona a reconocer a esa mujer, que no era otra que Manuela, que no había querido huir con sus compañeras, no por amor al Zarco, a quien creyó muerto al principio, sino por miedo al Tigre, que la hubiera tomado por su cuenta.

Martín examinando el cuerpo se cercioró de que aún respiraba. La herida que recibió el Zarco fue terrible, pero no mortal. El bandido estaba bañado en sangre y era difícil reconocerlo, pero por Manuela se supo que era el Zarco.

Martín Sánchez se estremeció de gozo. Aquel bandido temible y renombrado había caído en su poder.

Iba a colgarlo tan pronto como amaneciera. Desgraciadamente, a la madrugada llegó la autoridad de Morelos con la fuerza y las camillas. Martín le entregó a los bandidos prisioneros y heridos, juntamente con aquella mujer. Nicolás apenas los vio, y Manuela por su parte, no quiso dar la cara de vergüenza y se cubrió la cabeza completamente con su rebozo.

Así marcharon a Morelos, Martín para curarse de sus heridas, que eran graves, lo mismo que sus soldados, continuando Nicolás a Yautepec a fin de preparar su matrimonio.

Manuela, como era natural, presa con su amante, permaneció en la cárcel, incomunicada, y viendo en su imaginación la imagen de Nicolás cada vez más bella.

EL PRESIDENTE JUÁREZ

Martín Sánchez estaba indignado. El partido de los bandoleros aún era muy fuerte y contaba con grandes influencias, tanto en México como en la tierra caliente. La desorganización en que se hallaba el país, en aquel tiempo, era causa de que se viese semejante escándalo.

Los plateados contaban con amigos en todas partes, y si un hombre de bien, como lo hemos visto con Nicolás, encontraba difícilmente patrocinio, un bandolero contaba con mil resortes, que ponía en juego tan luego como corría peligro. Y es que, como eran poderosos, y tenían en su mano la vida y los intereses de todos los que poseían algo, se les temía, se les captaba y se conseguía, a cualquier precio, su benevolencia o su amistad.

Mientras que el bravo jefe que exponía su vida en lucha tan desigual, se estaba curando de sus heridas, el Zarco, ya restablecido había logrado por medio de sus protectores, que se le sometiera a juicio y que se le trasladase a Cuernavaca, so pretexto de que en ese distrito había cometido crímenes.

Juzgarlo y trasladarlo era salvarle la vida, encontraría defensores y quizás podría evadirse. Lo mismo se había hecho con los otros bandidos que habían caído heridos o prisioneros en el combate cerca de La Calavera. La población de Morelos estaba escandalizada, pero como hechos de esta naturaleza no habían sido, por desgracia, sino muy frecuentes, no pasó de ahí.

Martín Sánchez reflexionó entonces que mientras no se emprendiese en grande la lucha con los bandidos, éstos, por la mancomunidad de intereses que tenían entre sí, habían de favorecerse siempre; que mientras él, Martín, y otros jefes perseguidores no tuviesen facultades como las que tuvo en otro tiempo el famoso Oliveros, había de ser inútil toda persecución, porque sometidos los bandidos al fuero común, habían de encontrar recursos, influencias y dinero para substraerse al castigo. Que mientras no viesen los pueblos abierta la lucha sin cuartel entre la autoridad y los malhechores no habían de decidirse en favor de la primera.

En ese concepto pensó en dar un paso decisivo para saber a qué atenerse; y resolvió ir a México, para apersonarse con el presidente Juárez, darle cuenta con verdad del estado en que se hallaba la tierra caliente, decidirlo en favor de la buena causa y pedirle facultades, armas y apoyo.

Esa resolución se hizo más urgente aun cuando Martín Sánchez supo que, al ser conducido el Zarco con su querida

y sus compañeros a Cuernavaca escoltado por una fuerza pequeña y mala, los plateados se habían emboscado en el estrecho y escabroso paso llamado Las Tetillas, y atacando a la escolta, la desbarataron y libraron a los presos. Así pues, el Zarco había vuelto con sus antiguos compañeros para sembrar de nuevo el terror con sus crímenes en aquella comarca.

Martín Sánchez se dirigió a México, y aunque no contando con ningún valimiento ni reputación, provisto sólo de algunas cartas de amigos del presidente Juárez, se presentó a éste tan pronto como pudo.

Juárez no era entonces el magistrado de autoridad incontestable y aceptada, ante cuya personalidad se inclinaban todos, como lo fue mucho más tarde.

Por aquella época, aunque acababa de triunfar en la famosa guerra de Reforma, luchaba aún con mil dificultades, con mil adversarios, con mil peligros, de que sólo su energía y su fortuna pudieron sacarlo adelante.

Las fuerzas clericales, acaudilladas por Márquez, Zuloaga y otros, todavía combatían con encarnizamiento y distraían a las tropas del gobierno ocupadas en perseguirlas.

En el partido liberal surgían para el presidente rivalidades poderosas, aunque, a decir verdad, ellas no constituían el mayor peligro.

El erario estaba en bancarrota, y para colmo de desdichas la invasión extranjera había ya profanado el territorio y los adversarios del gobierno liberal, es decir, la facción reaccionaria y clerical, se unía a los invasores.

Juárez, pues se hallaba en los días de mayor conflicto. Y hemos dicho que, merced a estas circunstancias, los bandidos se habían enseñoreado de la tierra caliente.

Martín Sánchez pensó encontrar en el presidente a un hombre ceñudo y tal vez predispuesto contra él, y se encontró con un hombre frío, impasible, pero atento.

El jefe campesino lo abordó con resolución y le presentó las cartas que traía. El presidente las leyó, y fijando una mirada profunda y escrutadora en Martín Sánchez, le dijo:

— Me escriben aquí algunos amigos, que usted es un hombre de bien y el más a propósito para perseguir a esos malvados que infestan el sur del Estado de México, y a quienes el gobierno por sus atenciones, no ha podido destruir. Infórmeme usted acerca de eso.

Martín Sánchez le dio un informe detallado, que el presidente escuchó con su calma ordinaria; pero que interrumpió a veces con señales de indignación. Al concluir Sánchez, Juárez exclamó:

— ¡Eso es un escándalo, y es preciso acabar con él! ¿Qué desea usted para ayudar al gobierno?

Entonces, animado Martín Sánchez por esas frases del presidente, lacónicas como todas las suyas, pero firmes y resueltas, le dijo:

— Lo primero que yo necesito, señor, es que me dé el gobierno facultades para colgar a todos los bandidos que yo coja, y prometo a usted, bajo mi palabra de honor, que no mataré sino a los que lo merecen. Conozco a todos los malhechores, sé quiénes son y los he sentenciado ya, pero después de haber deliberado mucho en mi conciencia. Mi conciencia, señor, es un juez muy justo. No se parece a esos jueces que libran a los malos por dinero o por miedo. Yo ni quiero dinero ni tengo miedo.

Lo segundo que yo necesito, señor, es que usted no dé oídos a ciertas personas que andan por aquí abogando por los plateados y presentándolos como sujetos de mérito que han prestado servicios. Desconfíe usted de esos patrones, señor presidente, porque reciben parte de los robos y se enriquecen con ellos. Por aquí hay un señor que usa peluca güera, que toma polvos en caja de oro, y que recibe cada mes un gran sueldo de los bandidos. Ese da pasaportes a los hacendados para que pasen sus cargamentos de azúcar y de aguardiente sin novedad, pagando por supuesto una fuerte contribución. Ese, con el mismo dinero de los plateados, se procura influencias y nombra autoridades en la tierra caliente,

y liberta a los presos, como liberó al Zarco, el otro día, un ladrón y un asesino que merecía la horca. Ese, por fin, es el verdadero capitán de los plagiarios, que vive de los robos y sin arriesgar nada, y ese, si yo lo viera por mi rumbo, aunque me costara la vida después, iba a dar a la rama de un árbol, amarrados por el pescuezo.

— ¿Quién es ese sujeto? — preguntó Juárez impaciente. Martín Sánchez le alargó unas cartas, y le dijo:

— Ahí está el nombre disfrazado, pero por las señas usted lo conocerá.

— Bueno — replicó Juárez, después de leer las cartas y guardándolas en seguida — , no tenga usted cuidado por él; ya no libertará a ninguno. ¿Qué más desea usted?

— Armas, nada más, armas, porque no tengo sino unas cuantas. No necesito muchas, porque yo se las quitaré a los bandidos, pero para empezar, necesitaré cien más.

— Cuente usted con ellas. Mañana venga usted al Ministerio de la Guerra y tendrá usted todo. Pero usted me limpiará de ladrones ese rumbo.

— Lo dejaré, señor, en orden.

— Bueno, y hará usted un servicio patriótico, porque hoy es necesario que el gobierno no se distraiga para pensar sólo en la guerra extranjera y en salvar la independencia nacional.

— Confíe usted en mí, señor presidente.

— Y mucha conciencia, señor Sánchez; usted lleva facultades extraordinarias pero siempre con la condición de que debe usted obrar con justicia, la justicia ante todo. Sólo la necesidad puede obligarnos a usar de estas facultades, que traen tan grande responsabilidad, pero yo sé a quién se las doy. No haga usted que me arrepienta.

— Me manda usted fusilar si no obro con justicia — dijo Martín; Juárez se levantó y alargó la mano al terrible justiciero.

Al ver a aquellos dos hombres pequeños de estatura, el uno frente al otro, el uno de frac negro, como acostumbraba entonces Juárez, el otro de chaquetón también negro; el uno moreno y con el tino de indio puro, y el otro amarillento, con el tipo del mestizo y del campesino; los dos serios, los dos graves, cualquiera que hubiera leído un poco en lo futuro se habría estremecido. Era la ley de la salud pública armando a la honradez con el rayo de la muerte.

EL ALBAZO

A pocos días de esta entrevista y en una mañana de diciembre, templada y dulce en la tierra caliente como una mañana primaveral, el pueblo de Yautepec se despertaba alborozado y alegre, como para una fiesta.

Y en efecto, esperaba una fiesta; no una fiesta religiosa, ni pública, sino una fiesta de familia, una fiesta íntima, pero en la que tomaba parte la población entera.

Nicolás, el honradísimo herrero de Atlihuahayan, se casaba con la buena y bella Pilar, la perla del pueblo por su carácter, por su hermosura y sus virtudes.

Y como sabemos, estos dos jóvenes eran muy amados por sus compatriotas.

Así es que festejaban su enlace con toda solemnidad. Desde muy temprano, desde que la luz del alba había extendido en el cielo, limpio de nubes, y sobre las montañas, las huertas y el caserío, su manto aperlado y suave, los repiques a vuelo, en el campanario de la iglesia parroquial, habían despertado

a los vecinos; la música del pueblo tocaba alegres sonatas, y los petardos y las cámaras habían anunciado la misa nupcial.

Nicolás era humilde y no había deseado tanto ruido, pero las autoridades, el cura, los vecinos, habían querido demostrar así al estimable obrero y a su bella esposa el amor con que los veían. La iglesia, los altares, y especialmente el altar mayor, en que iba a celebrarse el casamiento, estaban llenos de arcos y de ramilletes de flores. Todos los naranjos y limoneros de Yautepec, y se cuentan por centenares de miles, habían dado su contribución de azahares. Sin exageración podía decirse que ninguna novia en el mundo había contado jamás, en el camino de su casa a la iglesia, en ésta, y en la casita que se le había dispuesto en Atlihuahuan, con un adorno en que se ostentara la flor simbólica con tal riqueza y tal profusión. Era una lluvia de nieve y de aroma que rodeaba a la pareja por todas partes. A las siete de la mañana, ésta apareció radiante en la puerta de la casa de Pilar y se dirigió a la iglesia, acompañada de sus padrinos y de una comitiva numerosa.

Ya la noche anterior se había celebrado el matrimonio civil, delante del juez recién nombrado, porque la ley de Reforma acababa de establecerse, y en Yautepec como en todos los pueblos de la República, estaba siendo una novedad. Nicolás, buen ciudadano, ante todo, se había conformado a ella con sincero acatamiento.

Pero todavía en ese tiempo, como ahora mismo, la fiesta de bodas se reservaba para el matrimonio religioso. Los novios, pues, se presentaron ante el altar.

Nicolás, vestido con esmero, aunque sin ostentación, manifestaba en el semblante una alegría sincera, un sentimiento de felicidad tanto más verdadero, cuanto que se cubría con un exterior grave y dulce. Pilar estaba encantadora: su belleza natural estaba realzada ahora por su traje blanco y elegante, por su peinado de cabellos negros y sedosos, adornados con la corona nupcial, aquella corona que ella se complacía siempre en formar con el mayor gusto, no sabiendo todavía, como decía ella, si le serviría para su tocado de esposa o para su tocado de virgen muerta.

Ya estaba viendo que servía para lo primero, y que un espíritu bueno y protector le había augurado siempre su feliz destino. Apenas lo creía; había en sus ojos dulcísimos y lánguidos, algo como el reflejo de una visión celeste que le daba un aspecto de santa, una mirada angelical.

El rubor natural causado por aquel momento y por ser el objeto de las miradas de todos, la timidez, el amor, aquel concurso, aquel altar lleno de cirios y de flores, la voz del órgano, el murmullo de los rezos, el incienso que llenaba la nave, todo había producido en ella tales y tan diversas

emociones, que parecía como arrebatada a un mundo extraño, al mundo de los sueños y de la dicha.

Con todo, y a pesar del aturdimiento que la embargaba, aquella buena joven tuvo un pensamiento para la pobre anciana a quien había amado como a una madre, para la infeliz mártir cuyo luto acababa de llevar y cuyas bendiciones la protegían. Una lágrima de ternura inundó sus mejillas al recordarla, y al recordar también a la desdichada Manuela, por quien oró en aquel momento en que era tan feliz.

Por fin la misa acabó, y los novios, después de recibir los plácemes de sus amigos y de todo el pueblo, se dispusieron a partir a la hacienda de Atlahuayan, en donde tenían su casa, a la que habían invitado a muchas personas de su estimación para tomar parte en un modesto festín.

Al efecto se dispuso una cabalgata que debía servir de cortejo al guayín en que caminaban los esposos, con el cura y otros amigos.

Y a las ocho de la mañana partieron, y comenzaron a caminar por la carretera que conduce a la hacienda.

Pero poco antes de llegar al lugar en que se alzaba el gran amate en que siempre cantaba el búho, las noches en que pasaba el Zarco, cuando venía a sus entrevistas con Manuela, la comitiva se detuvo estupefacta.

Al pie del corpulento árbol estaba formada una tropa de caballería, vestida de negro y con las armas preparadas.

Nadie esperaba ver allí a esa fuerza, que se aparecía como salida de la tierra. ¿Qué podía ser?

Era la tropa de Martín Sánchez Chagollán, como cien hombres y con el aspecto lúgubre y terrible que les conocemos.

Al descubrir el cortejo nupcial, alegre y acompañado de la música, el comandante, es decir, Martín Sánchez, se adelantó hasta donde venía el guayín de los novios, y quitándose el sombrero respetuosamente, dijo a Nicolás:

— Buenos días, amigo don Nicolás: no esperaba usted verme por aquí ni yo esperaba tener el gusto de saludar a usted y de deseárselo mil felicidades, lo mismo que a la señora, que es un ángel. Ya le explicaré el motivo de mi presencia aquí. Ahora mi tropa va a presentar las armas en señal de respeto y de cariño, y yo le ruego a usted que continúe sin parar hasta la hacienda. Allá iré yo después.

Tenía Martín Sánchez tal aspecto de serenidad y de franqueza que Nicolás no sospechó nada siniestro. Así es que se contentó con darle un apretón de manos, y con presentarle a su esposa y a las demás personas del guayín.

Pero en esto una mujer, una joven en quien todos reconocieron luego a Manuela, se abrió paso entre la fila de

los jinetes y vino corriendo, arrastrándose, desmelenada, desencajada, temblando, pudiendo apenas hablar, yasiéndose de las puertas del guayín, dijo con la voz enronquecida y con palabras entrecortadas:

— ¡Nicolás! ¡Nicolás! ¡Pilar, hermana! ... ¡Socorro! ¡Misericordia! ¡Tengan piedad de mí! ... ¡Perdón! ¡Perdón!

Nicolás y Pilar se quedaron helados de espanto.

— Pero, ¿qué es eso? ... ¿Qué tienes? — gritó Pilar.

— Es que ... — dijo Manuela — es que ... ahorita lo van a fusilar ... al Zarco; allí está amarrado, tapado con los caballos ..., lo van a matar delante de mí! ¡Perdón! ¡Perdón, don Martín! ¡Perdón, Nicolás! ... ¡Ah, me vaya volver loca! ...

En efecto, la fila de jinetes enlutados ocultaba un cuadro estrecho en el centro del cual, y sentados en una piedra y bien amarrados, y lívidos y desfallecidos, estaban el Zarco y el Tigre, próximos a ser ejecutados. Martín Sánchez, al ver la comitiva y previendo que podría ser la comitiva de Nicolás, había querido ocultar a los bandidos para ahorrar este espectáculo a los novios.

— Si yo hubiera sabido que ustedes venían para acá, a esta hora, crea usted, don Nicolás, que me habría yo llevado a estos pícaros para otra parte; pero no lo sabía. Lo que sí sabía yo, y por eso me tiene usted aquí, es que lo esperaban a usted estos malvados con su gente y que se ha escapado usted

de buena. Lo supe a tiempo, anduve dieciséis leguas, y les di un albazo esta mañana, por aquí cerca ...; los he matado a casi todos, pero vengo a colgar a los capitanes en este camino; al Zarco aquí, al Tigre lo voy a colgar en Xochimancas.

— Pero don Martín, yo le ruego a usted por quien es ... que si puede, perdone a ese hombre siquiera por esta pobre mujer.

— Don Nicolás — respondió ceñudo el comandante — , usted es mi señor, usted me manda, por usted doy la vida, pídamela usted y es suya, pero no me pida usted que perdone a ningún bandido y menos a estos dos ... Señor, usted sabe quiénes son ...; asesinos como estos y plagiaros no los hay en toda la tierra. ¡Si no pagan con una vida! ... ¡Y lo iban a matar a usted! ... ¡Lo habían jurado! ¡Y se iban a robar a la señora, a su esposa de usted! Ese era el plan. ¡Conque dígame usted si es posible que yo los deje con vida! Señor don Nicolás, siga usted su camino con todos estos señores, y déjeme que yo haga justicia.

Pilar estaba temblando. En cuanto a Manuela, por un rapto de locura, había corrido ya al lado del Zarco y se había abrazado de él y seguía gritando palabras incoherentes.

— Siquiera nos llevaremos a Manuela — dijo Pilar.

— Si ustedes quieren, pueden llevársela, pero esa muchacha es una malvada; acabo de quitarle un saco en que

tenía las alhajas de los ingleses que mataron en Alpuyeca ..., ¡alhajas muy ricas!, ¡no merece compasión!

Sin embargo, por orden de Martín Sánchez, un soldado procuró arrancar a la joven del lado del Zarco, a quien tenía abrazado estrechamente, pero fue en vano. El Zarco le dijo:

— ¡No me dejes, Manuelita, no me dejes!

— ¡No — respondió Manuela — , moriré contigo! ... Prefiero morir a ver a Pilar con su corona de flor de naranjo al lado de Nicolás, el indio herrero a quien dejé por ti ...

— Vámonos — dijeron el cura y los demás vecinos despavoridos — . Esto no tiene remedio.

Pilar se puso a sollozar amargamente; Nicolás se despidió de Martín Sánchez.

— Señor cura, usted puede quedarse. Éstos han de querer confesarse, tal vez. — Sí, me quedaré — dijo el cura — , es mi deber.

Y la comitiva nupcial, antes tan alegre, partió como una procesión mortuoria y apresuradamente.

Cuando se había perdido a lo lejos, y no había quedado ya ningún rezagado en el camino, Martín Sánchez preguntó al Zarco y al Tigre si querían confesarse.

El Zarco dijo que sí y el cura lo oyó pronto y lo absolvió; pero el Tigre dijo a Martín:

— ¿Pero, yo también voy a morir, don Martín?

— Tú también — respondió éste con terrible tranquilidad.

— ¿Yo? — insistió el Tigre — , ¿yo que le di a usted el aviso para que viniera, y que le dije a usted de las señas del camino que seguíamos, y que le avisé que tendría yo un pañuelo colorado en el sombrero para que me distinguiera?

— Nada tengo que ver con eso — respondió Martín — . Yo nada te prometí; peor para ti si fuiste traidor con los tuyos. Vamos, muchachos, fusilen al Zarco y después cuélguenlo de esa rama ...; véndenlo primero ...

El Zarco apenas podía tenerse en pie; el terror lo había abatido. Con todo, alzó la cara, y viendo la rama de que colgaban ya los soldados una reata, murmuró:

— ¡La rama en que cantaba el tecolote! ... ¡Bien lo decía yo! ... ¡Adiós, Manuelita!

Manuela se cubrió la cara con las manos. Los soldados arrimaron al Zarco junto al tronco y dispararon sobre él cinco tiros, y el de gracia. Humeó un poco la ropa, saltaron los sesos, y el cuerpo del Zarco rodó por el suelo con ligeras convulsiones. Después fue colgado en la rama, y quedó balanceándose allí. Manuela pareció despertar de un sueño. Se levantó, y sin ver el cadáver de su amante, que estaba pendiente, comenzó a gritar como si aún tuviese delante el guayín de los desposados:

— ¡Sí, déjate esa corona, Pilar; tú quieres casarte con el indio herrero; pero yo soy la que tengo la corona de rosas ... ¡yo no quiero casarme, yo quiero ser la querida del Zarco, un ladrón! ...

En esto alzó la cabeza; vio el cuerpo colgado ... después contempló a los soldados, que la veían con lástima, luego a don Martín, luego al Tigre, que estaba inclinado y mudo, y después se llevó las manos al corazón, dio un grito agudo y cayó al suelo.

— ¡Pobre mujer — dijo don Martín — , se ha vuelto loca! Levántenla y la llevaremos a Yautepec.

Dos soldados fueron a levantarla, pero viendo que arrojaba sangre por la boca, y que estaba rígida y que se iba enfriando, dijeron al jefe:

— ¡Don Martín, ya está muerta!

— Pues a enterrarla — dijo Martín con aire sombrío — , y vámonos a concluir la tarea.

Y desfiló la terrible tropa lúgubre.

EL ZARCO

El Zarco	3
Yautepec	5
O Terror	9
Duas Amigas	13
Nicolás	28
El Zarco	38
A Conversa	46
A Espirradeira	58
Quem v El Zarco	64
A Coruja	73
A Fuga	78
Antonia	89
A Carta	96
O Comandante	103
Pilar	118
O Bom Amor	131
Um Anjo	138
A Agonia	144
Entre os Bandidos	149
Xochimancas	168
O Primeiro Dia	173
A Orgia	185
Martín Sánchez	
Chagollán	216
O Assalto	223
O Presidente Juárez	233
A Alvorada	240

El Zarco	253
Yautepec	255
El Terror	259
Las Dos Amigas	263
Nicolás	278
El Zarco	288
La Entrevista	296
La Adelfa	308
Quién era el Zarco	314
El Búho	323
La Fuga	328
Antonia	339
La Carta	346
El comandante	354
Pilar	369
El Amor Bueno	382
Un Ángel	390
La Agonía	396
Entre los bandidos	401
Xochimancas	419
El Primer Día	423
La Orgía	434
Martín Sánchez	
Chagollán	464
El Asalto	471
El Presidente Juárez	481
El Albazo	488
Literatura Livre	501
Ficha técnica	508

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A465 Altamirano, Ignacio Manuel (1834 -1893)
El Zarco / Ignacio Manuel Altamirano. Tradução de Renato Roschel. –
São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre). E-
Book: PDF, ePUB, MOBI; 514 p.
Disponível em:
<https://mojo.org.br>
<https://literaturalivre.sescsp.org.br>

Título Original: El Zarco (1901). Edição bilingue Português / Espanhol.

ISBN 978-85-455108-9-5

1. Literatura Latino-americana. 2. Literatura Mexicana. 3. Romance. 4. México. 5. Conflitos Sociais. I. Título. II. Série. III. Roschel, Renato, Tradutor. III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

CDU 821.13.2(85)

CDD 860

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pela Biblioteca Digital del Instituto Latinoamericano de la Comunicación Educativa:

http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/Colecciones/ObrasClasicas/_docs/Zarco.pdf

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>